

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

BRUNO FONSECA DE OLIVEIRA ANDRADE

**ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL: ENTRE A EQUIVOCIDADE DA LINGUAGEM
E A HIPERTROFIA DO IMAGINÁRIO NAS REDES SOCIAIS**

Vitória, ES

2020

BRUNO FONSECA DE OLIVEIRA ANDRADE

**ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL: ENTRE A EQUIVOCIDADE DA LINGUAGEM
E A HIPERTROFIA DO IMAGINÁRIO NAS REDES SOCIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como grau de requisição parcial para obtenção do Grau de Mestre em Linguística na área de concentração de Estudos sobre Texto e Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Luís Fernando Bulhões Figueira.

Vitória, ES

2020

BRUNO FONSECA DE OLIVEIRA ANDRADE

**ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL: ENTRE A EQUIVOCIDADE DA LINGUAGEM
E A HIPERTROFIA DO IMAGINÁRIO NAS REDES SOCIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como grau de requisição parcial para obtenção do Grau de Mestre em Linguística na área de concentração de Estudos sobre Texto e Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Luís Fernando Bulhões Figueira.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Fernando Bulhões Figueira

Orientador

Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Luciano Novaes Vidon

Membro titular interno da comissão examinadora

Universidade Federal do Espírito Santo

Profa. Dra. Cristiane Pereira Dias

Membro titular externa da comissão examinadora

Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Fábio Luiz Malini da Silva

Membro suplente interno da comissão examinadora

Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Anderson Ferreira

Membro suplente externo da comissão examinadora

Universidade Estadual de Campinas

À minha querida mãe, Elaine, por todo amor e apoio. Pelo seu jeito de ser e olhar únicos, que me ensinam sempre a rever.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família por todo apoio nesses dois anos de muita luta, sempre cuidando de ser mais leve o dia a dia da escrita.

Agradeço, em especial, à minha melhor amiga, meu amor, Arantxa, por ter estado ao meu lado em todos os momentos, dos alegres aos mais difíceis dessa jornada, sempre com amor e paciência. Muito obrigado por cada palavra, cada conversa, cada escuta. Você me inspira sempre a ser humano um pouco mais.

Agradeço aos meus amigos Marta e Arthur, cujas conversas no sebo e, principalmente, o amor pelos livros, também tornaram possível esse trabalho.

Agradeço com muito carinho à minha querida professora Virgínia Abrahão que, com tanta sabedoria, sensibilidade e leveza também tornou esse trabalho possível.

Agradeço de coração cheio à professora Júlia Almeida que, por ter acreditado tanto em nossa turma, dedicou-se por um ano aos nossos projetos de pesquisa durante as aulas, tornando também esse trabalho possível.

Agradeço com enorme carinho e satisfação àquele que tenho mais que como professor e referência, ao meu querido amigo Luís Fernando, que me ensinou nesses 6 anos de caminhada, muito mais que uma teoria, a pensar livre e ao mesmo tempo com método, a exercitar a mais difícil escuta das minhas próprias palavras, a trabalhar com a paixão pela teoria e, principalmente, pela prática que ela demanda.

Agradeço enormemente ao professor Luciano Vidon, que está comigo desde o início da minha jornada na universidade (a primeira aula da graduação marca a gente, ainda mais quando somos jovens alunos de metalurgia da escola técnica que resolveram se perder com poesia).

Agradeço com muita alegria à professora Cristiane Dias e a beleza do seu trabalho que tornou esse texto possível, além da disposição em contribuir pessoalmente com ele, trazendo apontamentos importantes com leveza e muita argúcia.

Agradeço enormemente aos professores Fábio Malini e Anderson Ferreira também pela disposição em contribuir com a leitura e a discussão do presente trabalho, por todas as conversas, dicas e amizade sincera.

Agradeço, por fim, aos que passaram exatamente pelas mesmas agonias que eu, que estavam lá para dividir tudo, das lágrimas aos sorrisos. Não esperava encontrar uma turma tão maravilhosa como essa. Um obrigado especial aos meus queridos amigos, presentes dessa jornada que foi o mestrado, Marina, Amália, Rosana, Tarsila, André, Wemerson, Leonardo, Hellen, Ana e Rafaella. Vocês são maravilhosas(os).

RESUMO

Este trabalho, baseado na Análise materialista do Discurso (PÉCHEUX, 1997c; 2006), tem como objetivo refletir criticamente sobre a relação do sujeito do capitalismo tardio de formação ideológica neoliberal (EVANGELISTA, 2007 e HAN, 2018b) com a tecnologia digital (DIAS, 2018): como essa tecnologia atravessa seu imaginário, sua memória histórica e a sua relação com a linguagem. Nossa hipótese, portanto, é a de que a materialidade digital do discurso coloca o sujeito internauta em uma contradição entre a abertura de sentidos (a desorientação no excesso de informação acelerada, descontextualizada e fragmentária); e a consequente hipertrofia do seu imaginário (a necessidade inflamada de dar sentido ao *real* histórico do capitalismo tardio em crise). Essa contradição, supomos, é complexa e multifacetada, pois mobiliza idealizações e discursos sobre a própria tecnologia e linguagem digitais, atreladas ao político. Para essa empreitada analítica, por sua vez, foram recortados 19 arquivos discursivos das redes sociais por meio de *print screen* da tela de *smartphones* e organizados em um *corpus* no intuito de contribuir com o entendimento sobre os gestos de leitura digitais: uma forma de estar na linguagem que é cada vez menos narrativa e mais quantitativa (HAN, 2018a) e que, segundo o que tentamos sustentar, parece ser a causa latente e estrutural que torna possíveis o discurso da pós-verdade (DUNKER, 2017) e o sucesso na circulação das *fake news* de caráter protofascista, inclusive no Brasil contemporâneo.

Conceitos-chave:

Análise materialista do discurso, materialidade digital, abertura de sentidos, hipertrofia do imaginário, Ideologia, formação ideológica, formação discursiva, equivocidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
Histórico de pesquisa e discussões preliminares	7
Hipótese da hipertrofia do imaginário a partir da interpelação digital: uma contradição sobredeterminada.....	25
Objetivo geral.....	38
Objetivos específicos.....	39
1- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	40
1.1- Análise Materialista do Discurso	40
1.1.1 - Introdução Geral.....	40
1.1.2- Discurso e as formações imaginárias na AAD (1969).....	42
1.1.3 - Semântica e Discurso (1975)	44
1.1.4 - O Discurso: estrutura ou acontecimento? (1983)	48
1.2- Análise do Discurso Digital	60
1.2.1 - Pêcheux e a informática: leitura, arquivo e memória	60
1.2.2 - O processo discursivo da informação na materialidade digital ...	67
1.2.3 – A Análise do discurso digital proposta por Cristiane Dias	71
1.3 – Contribuições teóricas de Dominique Maingueneau (2015)	77
2- CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO NA MATERIALIDADE DIGITAL	80
2.1- Capitalismo Tardio, Pós-modernidade e mercado	80
2.2 – A estética e a imagem na pós-modernidade	82
3- FORMA-SUJEITO DO CAPITALISMO TARDIO E NOVOS PROCESSOS DE ASSUJEITAMENTO	85
4- METODOLOGIA	94
4.1- Metodologia de análise em AD	94
4.2- Recorte e construção do <i>corpus</i>	95

5- ANÁLISES	102
5.1 - Grupo A - A relação do sujeito com o discurso na ordem da materialidade digital.....	102
Primeira análise do grupo A - O <i>12 min app</i> e a ressignificação do gesto de leitura no digital.....	103
Segunda análise grupo A – Chapolin Colorado dando corpo ao discurso do assujeitamento digital	126
Terceira análise grupo A - O “Caso Neymar no digital” a partir de uma análise de <i>Big Data</i>	132
Quarta análise grupo A - Corrente de <i>WhatsApp</i> e o discurso sobre a imagem na materialidade digital	148
Quinta análise grupo A – A CPMI das <i>Fake News</i> e a equivocidade digital	156
5.2 - Grupo B - A Hipertrofia do Imaginário na materialidade digital	170
Primeira análise do grupo B – O peixe Molinésia-Amazona e a hipertrofia do imaginário	170
Segunda análise do grupo B – “Um estudo do datazap” sem “diploma e estatística” e a hipertrofia do imaginário	182
Terceira análise do grupo B – A capa digital da revista Exame e a hipertrofia do imaginário	192
Quarta análise do grupo B – A imagem digital e o acontecimento a partir do imaginário hipertrofiado	200
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS	211
7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	218

*“Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo tempo tempo tempo
Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo tempo tempo tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo tempo tempo tempo”*
(Caetano Veloso)

*“[...] não me obrigo a reduzir um panorama,
sujeitá-lo a dimensões regulares, atender ao
paginador e ao horário do passageiro do bonde.
Posso andar para a direita e para a esquerda
como um vagabundo, deter-me em longas
paradas, saltar passagens desprovidas de
interesse, passear, correr, voltar a lugares
conhecidos. Omitirei acontecimentos essenciais
ou mencioná-los-ei de relance, como se os
enxergasse pelos vidros pequenos de um
binóculo; ampliarei insignificâncias, repeti-las-ei
até cansar, se isto me parecer conveniente.”*
(Graciliano Ramos)

*“A civilização se tornou tão complicada,
Que ficou tão frágil como um computador,
Que se uma criança descobrir o calcanhar de Aquiles,
com um só palito pára o motor.”*
(Raul Seixas)

INTRODUÇÃO

Histórico de pesquisa e discussões preliminares

Nesta primeira parte da introdução, pretendo narrar o meu percurso de pesquisas, leituras e reflexões que me trouxeram à concepção de um objeto de estudo e seus desdobramentos ao longo do mestrado. Em seguida, pretendo expor a hipótese que buscamos formular para analisar o discurso no digital, para então expor os objetivos do trabalho.

A última epígrafe a abrir este texto é o epílogo de um trabalho anterior, o primeiro que marcou meu gesto de pesquisa e reflexão sobre o digital. Trata-se do relatório final da minha primeira iniciação científica, de título *Análise Discursiva de Polêmica Online: um caso de racismo no Burger King*¹, iniciada em 2015 e finalizada no ano seguinte. Esses quatro versos, portanto, significam a retomada da deixa, a *causa daquilo que falha*,² do desejo de continuação para essa pesquisa em Análise do Discurso, que passei a desenvolver a partir de março de 2018.

Desde 2014 venho me incomodando com a *Internet*. Àquela época, a motivação para a pesquisa de iniciação científica veio do contexto das discussões polêmicas que circularam no *Facebook* sobre as então eleições presidenciais (entre o PT e o PSDB) que “dividiram o país”³. Hoje, no *inverno político tupiniquim*, contudo, ao escrever este texto após um golpe/impeachment jurídico-político-midiático, depois da ascensão do populismo de extrema direita a nível mundial, após novas eleições, os debates sobre *fake news* e pós-verdade, discursos de ódio, algoritmos de seleção de mídia, os problemas da *Big Data* e interesses de mercado e vigilância sobre usuários; entendo que há ainda muito mais o que se refletir e discutir sobre o digital.

1 ANEXO I

2 “[...] não há ritual sem falhas; enfraquecimento e brechas [...]”. (PÊCHEUX, 1997c [1975]. p.301)

3 Seria idealista pensar que as redes sociais “dividiram” um país periférico do capitalismo global, cuja formação social, além de já materialmente dividida em classes, é fortemente marcada por um violento passado escravocrata, genocida e espoliador de riquezas naturais pelo imperialismo europeu. Há que se considerar, contudo, que as redes sociais, aos poucos, foram abrindo a caixa de Pandora do ódio político e das diferenças sociais à brasileira, dando maior visibilidade pública aos refluxos cotidianos do nosso passado colonial.

Mas antes, gostaria de me ater um pouco mais às raízes do que me levou a desenvolver o que atualmente é essa pesquisa de pós-graduação sobre o discurso e a linguagem em ambientes eletrônicos com uma breve retomada histórica: a partir de 2010, mais especificamente na Tunísia, passaram a ocorrer grandes manifestações populares organizadas nas redes sociais pelos países do Oriente Médio, as quais ficaram posteriormente conhecidas como a nova “Primavera Árabe”, caracterizadas como insurreições populares contra governos ditatoriais e que foram seguidas das manifestações por toda a Europa e, por fim, dos protestos norte-americanos de 2011, conhecidos como o movimento *Occupy Wall Street*, em Nova York.

Dois anos depois, em 2013, os protestos mediados pelo digital chegaram ao Brasil. Polêmicas até hoje, as *Jornadas de Junho* que começaram reivindicando a revogação do aumento de R\$0,20 no transporte público da cidade de São Paulo com o pequeno coletivo MPL - *Movimento Passe Livre*; logo se disseminaram na imprensa, nas redes sociais e, por fim, nas ruas de todo o país, abarcando várias classes, grupos e movimentos sociais, com reivindicações diversas dos mais variados espectros ideológicos e políticos, desde o conservadorismo ao progressismo.

As interpretações sociológicas, históricas, políticas e discursivas sobre esses fenômenos de retorno das mídias são variadas⁴, mas uma coisa é certa: criou-se de imediato um clima de otimismo narcísico com relação às redes. Como diria Manuel Castells em sua obra *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet*⁵ (2013), as sociedades ocidentais passaram a desenvolver com o acesso ao digital, uma nova forma de *autonomia política*. Era possível averiguar nas redes sociais, dizeres como “agora, graças ao *Facebook*, podemos saber o que de fato

4 Como apontam os trabalhos presentes em MARICATO, E. [et. al] **Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram o Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo : Carta Maior, 2013. (*Coleção Tinta Vermelha*)

5 “A *internet*, que, como todas as tecnologias encarna a cultura material, é uma plataforma privilegiada para a construção social da autonomia.” (p.170); “Autonomia refere-se à capacidade de um ator social tornar-se sujeito ao definir sua ação em torno de projetos elaborados independentemente das instituições da sociedade, segundo seus próprios valores e interesses.” (p.172); “Eu afirmo que a *internet* fornece a plataforma de comunicação organizacional para traduzir a cultura da liberdade na prática da autonomia. Isso porque a tecnologia da *internet* incorpora a cultura da liberdade, como mostra o registro histórico de seu desenvolvimento.” (p.172) In.: CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

está acontecendo na política desse país”; ou então “agora, graças às redes sociais podemos nos manifestar de verdade”; e ainda, o famoso enunciado/slogan político da época: “O gigante acordou”, como se, a partir das organizações virtuais das passeatas nas ruas, a população brasileira houvesse efetivamente amadurecido sua consciência política.

A respeito desses novos movimentos sociais mediados pelo digital, em curso no processo histórico contemporâneo e da característica conservadora e alienada que, mais especificamente, ganharam as manifestações de junho de 2013 após a adesão massiva da população (e em particular, da classe média dos centros urbanos), um comentário de Mauro Luis Iasi (2013) se faz muito oportuno quanto ao *culto fetichizado*⁶ dos meios:

Ao contrário do que alguns pensam, o problema não é somente uma questão de organização e comunicação. **“Ah, se colocarmos as palavras certas que os despertem”⁷**, se marcarmos um horário e um local mais adequado, se encontrarmos a forma de lhes falar diretamente, se eles nos escutassem”, dizemos a nós mesmos *num misto de preocupação política e culpa cristã*. Aqui se localiza o atual **culto fetichizado dos meios**, segundo o qual a atual explosão de insatisfação popular ocorrida no Brasil afora em junho de 2013 teria sido **determinada** pelo uso de novos meios convocativos, como as redes sociais na *internet*. [...] **Evidente que as dimensões da organização, da comunicação e dos meios adequados têm sua importância, mas o problema é de outra natureza.** [...] O que move a classe e seus setores internos de um momento para o outro do processo de consciência não é a propaganda de um setor esclarecido (com o desvelamento de nexos mais particulares ou universais da totalidade) sobre aqueles não esclarecidos, salvando-os das trevas, procedimento agora facilitado por meios digitais de divulgação. Este é um **mito** que herdamos da burguesia e sua fé na educação, agora apenas atualizado ao saltar da prensa de Gutenberg para os ágeis teclados de *smartphones*. (IASI, 2013, p.44. *Grifos nossos*.)

Meu incômodo e desconfiança começaram a partir daí. Motivado pelo meu primeiro contato com a disciplina de Análise do Discurso ofertada à graduação de Letras da Universidade Federal do Espírito Santo no primeiro semestre de 2014, passei a me questionar sobre como uma ferramenta tecnológica tão aclamada, veloz, onipresente, prática, dinâmica, “transparente” (se comparada aos oligopólios

6 Segundo o dicionário eletrônico Michaelis, o verbete *fetich* significa “1- Objeto ao qual se atribui poder mágico ou sobrenatural e a que se presta culto.” Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=fetich>> Acessado em 17 jul. de 2019.

7 Ao longo desses últimos 6 anos, por outro lado, grupos e páginas políticas parecem ter aprendido a “colocar as palavras certas”, a se apropriar da linguagem digital com seu estilo específico e com os temas certos para alimentar o imaginário social nas redes e sua adesão massiva por meio de novos processos de identificação política.

de mídias tradicionais de radiodifusão da época) e até então, supostamente democrática, poderia gerar tanta desinformação, alienação, narcisismo, interações odiosas e rasas. Já havia compreendido que a linguagem humana é naturalmente composta de brechas e desvios e que ela pode se tornar potencialmente perigosa quando adquire ares de infalibilidade utilitária.

Sentindo, portanto, que o digital era mais opaco e menos democrático do que parecia; percebendo que as entrevistas controversas⁸ e as polêmicas entre os deputados Jair Bolsonaro e Jean Wyllys⁹ que circulavam nas redes na primeira metade da década, não refletiam simplesmente o grito de reivindicação de direitos por parte de minorias, mas sim, a ascensão da extrema direita contra o que se consagrou no senso comum como a “geração mimimi”¹⁰ - que teria sido supostamente cooptada pelo “demoníaco projeto comunista do *marxismo cultural*”¹¹; bem como percebendo que as polêmicas inflamadas nos comentários às mais

8 Mônica Iozzi diz que se arrepende de ter entrevistado Bolsonaro no CQC. “Eu mostrava... eu entrevistava o Jair Bolsonaro no CQC [entre 2010 e 2013], num primeiro momento porque ele era de uma incompetência assustadora e depois, por causa dos discursos de ódio que vêm forte há muitos anos, mas a gente mostrava o Jair Bolsonaro pra que as pessoas vissem a... o nível péssimo de parlamentares que a gente tava elegendo e pra ele servir de exemplo, é... pra que as pessoas olhassem e falassem ‘Meu Deus! Como é possível que uma pessoa dessa seja... seja eleita, seja nossa representante.’ **A gente mostrava o Jair Bolsonaro como denúncia, a gente jamais imaginou... que muitas pessoas se identificariam com aquele discurso. Isso é muito triste [...].** Disponível em <https://www.youtube.com/watch?time_continue=28&v=tvIBMYD-N9k> Acessado em 10 dez. de 2018.

9 “Bolsonaro diz que Jean Wyllys trocou de lugar no avião ao saber que sentaria ao lado dele.” Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-diz-que-jean-wyllys-trocou-de-lugar-no-aviao-ao-saber-que-sentaria-ao-lado-dele-15815524>> (08/04/2015). Acessado em 10 dez. de 2018.

10 Geração Mimimi - Luiz Felipe Pondé. “A geração mais jovem, uma geração mimimi... **Acho que o mimimi é generalizado, ele tem a ver com uma certa... um certo ativismo jurídico, um ativismo da publicidade, um ativismo da mídia, que todo mundo resolveu ser bonzinho... e eu sempre digo ‘eu não confio em gente boazinha’, né? É boazinha, é bonzinho e tá querendo salvar o mundo, eu tô me afastando. Mas especificamente em relação aos Milleniuns, os mais jovens, a característica mimimi tem a ver com uma expectativa de que o mundo vai te tratar tão bem quanto os pais e a escola te tratam porque inclusive você veio de uma classe média alta, normalmente, né? [...]** Então acho que há um encontro sim entre a geração mimimi e o comportamento passivo agressivo e esse encontro se dá justamente pela autoimagem de muitos deles que se acham muito legais, muito superiores, muito evoluídos e que na verdade não são, como ninguém é.” Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Q8mvcEAYCHo&t=30s>> Acessado em 10 dez. de 2018.

11 “A ideia de um ‘marxismo cultural’ como conspiração parece nova, mas começou com a reedição de uma teoria da conspiração da década de 1930: a do bolchevismo cultural. Ela carregava a mesma obsessão discursiva com uma suposta erosão dos ‘valores tradicionais’ promovida por uma ‘cabala de intelectuais’. O termo bolchevismo cultural foi usado amplamente pela propaganda do Partido Nazista e por outros governos de extrema-direita europeus para denunciar movimentos modernistas nas artes como parte de uma ‘conspiração bolchevique’ para erodir a arte e a cultura europeias.” (CARAPANÃ, 2018, p.38) In: GALLEGO, E. [et al.] **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil.** São Paulo: Boitempo, 2018. (Coleção Tinta Vermelha)

diversas postagens nas redes entre entusiastas dos presidenciáveis à época (Dilma Rousseff, PT e Aécio Neves, PSDB, em 2014), além de narcisistas e empobrecidas por um maniqueísmo redutor, eram palco de uma argumentação repetitiva, massificada, simplista e muitas vezes emprestada à cópia de outros textos por meio de *links* ou trechos diversos; foi que me dispus em 2015, a fazer essa primeira e breve análise de uma polêmica online, com o intuito de produzir alguma primeira *ferida narcísica* sobre o digital.

O objeto de análise, por sua vez, foi inspirado na verificação empírica e imediata que eu já possuía da minha própria experiência pessoal de navegação pelas redes: selecionei como *corpus* dez comentários em resposta a um relato pessoal original do site *Geledés - Instituto da Mulher Negra*¹² e, então, compartilhado como notícia pelo portal jornalístico *Pragmatismo Político*¹³ a respeito de um caso de racismo ocorrido numa loja Burger King, com o objetivo de mostrar algumas brechas e aberturas de sentido específicas do ato de interação virtual entre internautas.

Foi possível mostrar com a breve análise, que o compartilhamento do relato pessoal em um portal de notícias, a partir do hibridismo genérico (desvio na estrutura do gênero textual) forçado pela nova cena enunciativa de uma notícia (já que o relato pessoal de fato não possuía a estrutura do gênero notícia), gerou certa confusão interpretativa quanto ao seu conteúdo; bem como ficou claro que o primeiro comentário deu início a um gesto de leitura dicotomizado que se desdobrou na discussão polêmica (houve ou não houve racismo?!), uma vez que propunha tratar-se apenas de preconceito de classe o racismo exposto no relato pessoal.

Por fim, foi possível concluir que o único comentário cuja forma textual enunciativa era diferente dos demais — mais longo e com vários temas para além da dicotomia prévia da polêmica ao fazer inclusive, críticas a ela — é que foi capaz de construir um ethos “isentão” e gerar o consenso, mesmo que sustentasse o posicionamento fundador dessa polêmica presente no primeiro comentário, o qual separava o preconceito racial do preconceito de classe, eufemizando o caso de racismo relatado.

12 Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/constrangimento-racista-no-burguer-king/>> (13/04/2015). Acessado em 06 nov. de 2018.

13 Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/04/racismo-no-burger-king-e-se-ele-fosse-loiro-de-olhos-azuis.html>> (15/04/2015). Acessado em: 05 nov. 2018.

Dentre as várias estratégias argumentativas utilizadas pelo autor deste “textão”¹⁴ que não cabem ser expostas aqui, a mais chamativa foi a citação da música *As aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor*¹⁵ como recurso estilístico final: “Compreender as sutilezas das relações sociais e da mente humana, é fundamental para que possamos chegar à raiz do problema, e não permanecermos travando a *‘inútil luta com os galhos’*”, ao qual se respondeu em tom celebrativo por outro internauta no comentário seguinte: “ *‘sem saber que é lá no tronco, que está o coringa do baralho.’* rs. amooooooooo essa música do raulzito! rs”.

Justamente a partir dessa sutileza discursiva analisada na iniciação científica, a partir desse pequeno evento empírico de interação pragmática - o “galho” - em que um preconceito estrutural e historicamente construído - no caso, o racismo à brasileira - é reforçado por um enunciado - o “textão” - que não se assemelha de alguma forma à ordem simbólica do digital (cujos dizeres são em geral, rápidos, fragmentados, irrefletidos e narcísicos), é que se faz necessário pensar, como apontam esses mesmos versos de Raul Seixas que abrem o presente texto da dissertação, essa “civilização” que “se tornou tão complicada” e cujo “motor” econômico parou com o “palito” especulativo da crise financeira de 2008¹⁶, seu

14 O que motiva o aparecimento deste significante no digital para designar textos considerados “longos”? Talvez seja a tônica funcionalizada, rápida e compacta à qual o simbólico está submetido nessa materialidade.

15 Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/raul-seixas/90577/>> Acessado em 30 mar. de 2019. “Tá rebocado meu compadre/ Como os donos do mundo piraram/ Eles já são carrascos e vítimas/ Do próprio mecanismo que criaram// O monstro SIST é retado/ E tá doido pra transar comigo/ E sempre que você dorme de touca/ Ele fatura em cima do inimigo// A arapuca está armada/ E não adianta de fora protestar/ Quando se quer entrar/ Num buraco de rato/ De rato você tem que transar// Buliram muito com o planeta/ E o planeta como um cachorro eu vejo/ Se ele já não aguenta mais as pulgas/ Se livra delas num sacolejo// Hoje a gente já nem sabe/ De que lado estão certos cabeludos/ Tipo estereotipado/ Se é da direita ou dá traseira/ Não se sabe mais lá de que lado// Eu que sou vivo pra cachorro/ No que eu estou longe eu tô perto/ Se eu não estiver com Deus, meu filho/ Eu estou sempre aqui com o olho aberto// **A civilização se tornou complicada/ Que ficou tão frágil como um computador/ Que se uma criança descobrir/ O calcanhar de Aquiles/ Com um só palito pára o motor// Tem gente que passa a vida inteira/ Travando a inútil luta com os galhos/ Sem saber que é lá no tronco/ Que está o coringa do baralho//** Quando eu compus fiz Ouro de Tolo/ Uns imbecis me chamaram de profeta do apocalipse/ Mas eles só vão entender o que eu falei/ No esperado dia do eclipse// Acredite que eu não tenho nada a ver/ Com a linha evolutiva da Música Popular Brasileira/ A única linha que eu conheça/ É a linha de empinar uma bandeira// Eu já passei por todas as religiões/ Filosofias, políticas e lutas/ Aos 11 anos de idade eu já desconfiava/ Da verdade absoluta// Raul Seixas e Raulzito/ Sempre foram o mesmo homem/ Mas pra aprender o jogo dos ratos/ Transou com Deus e com o lobisomem// (grifos nossos).

16 “O crédito fácil e a disseminação de um investimento “podre” pelo mundo todo estão na raiz da crise financeira de 2008. Por volta de 1998, os bancos dos Estados Unidos começaram a emprestar dinheiro a muita gente que não tinha como pagar. Mesmo quem estava desempregado e não tinha renda nem patrimônio conseguia ser aprovado pelo banco para receber um financiamento. E poderia dar a própria casa como garantia para vários empréstimos. Esse tipo de crédito era conhecido como

grande “calcanhar de Aquiles”; além de refletir sobre suas novas formas de “fragilidade” e o que elas têm a ver com o “computador”, para se começar a compreender as novas estruturas que a compõem - o “tronco” onde está “o coringa do baralho”.

O encontro inesperado, por sua vez, tanto com aquele comentário que gerou consenso na situação polêmica, quanto com a música citada, foi uma experiência interessante de aprendizado sobre como um *corpus* de análise é um potencial produtor de acontecimentos e contingências que alteram as expectativas teóricas e metodológicas da análise. Quem dirá no digital, talvez.

Seguindo o raciocínio exposto acima a partir da música de “raulzito”, em outras palavras, quais seriam os fatores discursivos e sociais que motivam tanto desencontro, equívoco, repulsa à alteridade e reprodução de preconceitos em um ambiente tido no imaginário popular como tão livre e autônomo, onde é permitido tudo dizer e pensar? O que essa nova técnica digital, essa nova materialidade discursiva, nos permite enxergar sobre a natureza da linguagem? Em que ela a altera? O que ela esconde sobre as fragilidades do simbólico? Como altera a relação imaginária do sujeito contemporâneo com o real da história (suas contingências)? E com o real da própria língua (seus furos)?

No ano de 2017, por sua vez, ao longo do período de escrita do meu primeiro projeto de pesquisa de mestrado a ser apresentado no processo seletivo do programa de pós-graduação em estudos linguísticos da UFES, tive contato com duas obras que amadureceram muito minha percepção sobre o digital e a elaboração de uma reflexão sobre o mesmo. A primeira leitura foi a do livro *Discurso e Análise do discurso* de Dominique Maingueneau (2015), em que o autor, num

“subprime” (de segunda linha). O volume de financiamentos desse tipo era gigantesco. [...] O problema é que os devedores não pagaram suas dívidas. Como essas dívidas estavam nas mãos de bancos e fundos de investimentos do mundo todo, houve um efeito dominó no mercado. Em 15 setembro de 2008, marco da crise, um dos bancos de investimentos mais tradicionais dos Estados Unidos, o Lehman Brothers, foi à falência, e as Bolsas do mundo todo despencaram. [...] Em seguida, outros bancos anunciam perdas bilionárias. Foram meses de muita instabilidade no mercado. Para tentar evitar quebradeiras em série, governos de vários países anunciam planos de socorro à economia, injetando bilhões em bancos. Mesmo assim, a crise não ficou só no setor financeiro. Os Estados Unidos e outros países, incluindo o Brasil, entraram em recessão. O desemprego disparou, sobretudo entre os mais jovens, e muitas empresas faliram. Os efeitos da crise de 2008 foram sentidos no mundo todo durante anos. Até hoje, oito anos depois, o nível de emprego em vários países não retornou aos patamares anteriores ao colapso.” Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2016/02/27/entenda-o-que-causou-a-crise-financeira-de-2008.htm>> (27/02/2016). Acessado em: 30 mar. de 2019.

gesto de novas reflexões para a atualização da teoria do discurso e das suas categorias de análise, propõe que o desenvolvimento das tecnologias da comunicação “modificou profundamente as unidades fundamentais do exercício do discurso.” (p.159) e conceitua a *Internet* como uma *tecnologia intelectual*, que

é, com efeito, um instrumento ou dispositivo que permite aos humanos incrementarem suas capacidades cognitivas¹⁷. O que implica que essas capacidades dependem em parte das ferramentas de comunicação utilizadas. Nessa perspectiva, as novas tecnologias da comunicação não são apenas instrumentos a serviço de uma comunicação verbal que permaneceria fundamentalmente inalterada: elas modificam a materialidade do que se entende por “discurso”, com tudo o que isso implica em termos de relações sociais e de construção da subjetividade. (MAINGUENEAU, 2015, p.170.)

A segunda leitura desse período foi a da obra *Teoria social pós-moderna: introdução crítica* (2007), do professor e sociólogo marxista João Emanuel Evangelista, na qual o autor busca analisar criticamente a noção de pós-modernidade a partir da perspectiva materialista histórica, refletindo portanto, sobre as materialidades socioeconômicas do neoliberalismo contemporâneo e seus desdobramentos no campo sociocultural. Sua reflexão teórica gira em torno do fato de que a noção de pós-modernidade (que, por sua vez, já é polissêmica e polêmica) é fruto da complexificação da realidade social que ocorreu no século XX sobretudo por conta da aceleração dos modos de produção industrial, do enfraquecimento das relações formais de trabalho e de natureza institucional, do crescimento do mercado financeiro especulativo e global e do desenvolvimento da cultura de massas e da publicidade. Para o sociólogo, portanto, o estado de coisas presente não é a superação da modernidade capitalista, como o prefixo “pós” do termo pode sugerir, mas sim, uma forma de interpretação equivocada do capitalismo avançado, cujas relações sociais são cada vez mais aceleradas por conta de sua estruturação dinâmica nas formas de produção material e simbólica de mercadorias, trocas econômicas e produção de cultura e mídia.

Essa leitura foi de grande importância para que eu pudesse perceber a complexidade da realidade social no contemporâneo, a frustração generalizada

17 A colocação de que a *Internet* e o digital permitem “aos humanos incrementarem suas capacidades cognitivas”, contudo, sempre me gerou estranhamento, no sentido de que a história e a cultura humana não evoluem para um fim de forma teleológica e positiva, mas sim, que elas são constituídas de contingências e rupturas.

quanto à incapacidade de síntese e entendimento do *real* no presente momento histórico, bem como os desdobramentos materiais que esse estado de coisas possui na linguagem humana, na produção de cultura e na relação dos sujeitos com a mídia e o acesso à informação, principalmente através do digital. É disso que Evangelista (2007) trata ao refletir sobre o conceito de *linguagem esquizofrênica*, “que constitui um traço básico da história da pós-modernidade” (p.136), proposto por Fredric Jameson para analisar “a relação de textualidade que o homem contemporâneo estabelece com a temporalidade” (p.136) na cultura cotidiana do capitalismo tardio do final dos anos 1980, tomada pelo utilitarismo e pelo simulacro da publicidade:

Como consequência da quebra da cadeia de significantes, na situação esquizofrênica, tem-se a perda e o enfraquecimento da historicidade, tanto em relação aos processos sociais como em relação às novas formas de temporalidade privada, com a sobreposição do presente sobre o fluxo temporal. Isso se faz acompanhar da emersão de uma nova sensibilidade que é pautada pela intensidade emocional na vivência imediata da estetização da cotidianidade. **Aqui é fundamental o papel das novas tecnologias de comunicação, consubstanciado na telemática - síntese da informática com a comunicação em tempo real -, que invadiram a sociabilidade e matizaram a própria subjetividade contemporânea, favorecendo os mecanismos de reprodução cultural que promovem a onipotência e a onipresença da imagem e do simulacro na pós-modernidade.** Tal estado de coisas é reforçado pela primazia da espacialidade na cena pós-moderna, com a **criação de um hiperespaço que modifica substancialmente a vivência anterior do espaço. O homem ainda não dispõe de instrumental perceptivo e cognitivo adequados para se localizar e transitar no novo meio circundante, numa situação aterradora diante da nossa incapacidade mental de confeccionar um mapa da grande rede comunicacional descentrada, multinacional e global do capitalismo tardio.** (EVANGELISTA, 2007, p.147. *Grifos nossos*)

A partir desse trabalho teórico, foi também possível perceber que as tecnologias digitais e a informática são fruto do capitalismo avançado no sentido de que surgiram e se disseminaram na sociedade civil para dar conta das novas demandas de mercado, da velocidade no giro de produção, das telecomunicações e da velocidade das transações econômicas que o mercado financeiro globalizado demanda. Na esteira desse raciocínio analítico da virtualização da economia e seus impactos sócio-políticos no neoliberalismo, Jessé Souza, em seu livro *A Elite do atraso: da escravidão à Lava jato* (2017) faz um importante apontamento:

Com a dominância crescente do **capitalismo financeiro**, todo o esquema do Estado fiscal cai por terra. Os novos capitalistas financeiros passam a ter um poder de chantagear a política e o Estado

comparativamente muito maior. **Em um átimo, um fundo de investimento pode retirar investimentos bilionários em um país e aplicá-los em outro. Transferir uma planta industrial é bem mais complicado.** (SOUZA, 2017, p.163. *Grifos nossos*)

Já em 2018, meu primeiro ano cursando a pós-graduação, houve encontros e acontecimentos cruciais para o desenvolvimento da pesquisa. O primeiro deles foi com o livro do sociólogo e jornalista Dênis de Moraes, *Crítica da mídia e hegemonia cultural* (2016), em que o autor, baseado no materialismo histórico reinterpretado por Antônio Gramsci, crítico da hegemonia ideológica (neo)liberal, traça as características gerais dos mercados e oligopólios das telecomunicações contemporâneas e, em especial, dos mercados digitais das redes sociais, centros tecnológicos, algoritmos e serviços/entretenimento.

Dessa forma, o digital não apenas é fruto do capitalismo tardio como também o retroalimenta substancialmente, funcionando como técnica na base material desse sistema econômico, tanto na geração quanto no gerenciamento de mercadorias/serviços e capital eletrônicos, bem como no marketing digital, mais capilarizado e assertivo, que funciona por meio de cookies que gerenciam dados e preferências de internautas, além da facilitação e aceleração do consumo por meio de lojas virtuais. O que parecia ser a exceção na *Internet* e o ônus exclusivo do Estado (o mercado e a vigilância) portanto, passa a competir com o que parecia ser a regra (liberdade democrática e troca colaborativa de bens culturais):

A virtualização intensifica e altera os modelos de negócios, a concorrência e a ciranda financeira nas interconexões com os sistemas eletrônicos de bolsas de valores, bancos, corretoras, casas de câmbio, empresas de consultoria, fundos e gestores. Os processos de verificação, intervenção e atualização financeiras passam a ser *anywhere* (utilizados em qualquer lugar), *anytime* (a qualquer tempo) e *nomatter* (**produtos e serviços imateriais, compostos por bits**). **Com isso, movimentações e tendências são captadas em tempo real, ignorando fusos horários entre os mercados globais e deslocando os centros fixos de operações para a extrema fugacidade dos fluxos em rede.** (MORAES, 2016, p.186. *Grifos nossos*)

É interessante refletir sobre o que o autor aponta a respeito da **temporalidade difusa** nas relações econômicas e da fugacidade dos fluxos de informação e como isso impacta o mercado, as relações sociais e de trabalho. E as mercadorias imateriais? Poderiam se resumir apenas aos serviços de *streaming* de empresas como *Netflix* e *Spotify*, ou essa noção de mercadoria digital poderia se

expandir para símbolos culturais que circulam nas redes de forma generalizada? O que ocorre quando a prática comercial coloniza de forma tão profunda a mídia que, por sua vez, colonizou o cotidiano e a opinião pública das sociedades ocidentais contemporâneas? Nesse sentido, até que ponto nossas próprias fotos pessoais do perfil do *Instagram* não são, de certa forma, mercadorias a serem consumidas por terceiros?

Sobre monopólios de mercado e receitas financeiras das grandes empresas digitais, por sua vez, o autor expõe dados de cifras robustas e alto crescimento de receita ao ano, em especial do *Facebook*, desmistificando o “mercado livre e justo” das redes:

A consultoria Strategy Analytics projeta um crescimento significativo da receita publicitária global das redes sociais: de US\$ 19,8 bilhões em 2015, saltará para US\$ 24,1 bilhões em 2016. O *Facebook*, que corresponde a 75% do faturamento total, está empanturrado de anúncios e patrocínios [...]. Em uma década de existência, o *Facebook*, maior rede social do mundo, com mais de 1,5 bilhão de usuários, incorporou a seu patrimônio dezenas de empresas especializadas, *startups* e outras redes, que o credenciam hoje como poderoso grupo de infoentretenimento e tecnologias. Estão entre as aquisições, os aplicativos *WhatsApp* (conversa instantânea) e o *Instagram* (compartilhamento de fotos). **Temos então, na malha descentralizada da internet, a reprodução de uma das características mais tradicionais de mídia: a concentração de meios, ativos de ramos de atividades nas mãos de megagrupos.** (MORAES, 2016, p.198-199. *Grifos nossos*)

Ainda em 2018, durante a reformulação do meu primeiro projeto de pesquisa do mestrado, alguns meses depois, tive contato com a produção acadêmica de Cristiane Dias, analista do discurso e pesquisadora vinculada ao LABEURB-UNICAMP, cujos artigos estão disponíveis na *Internet*¹⁸, além do contato com sua obra *Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo* (2018). O trabalho da autora consiste na filiação e atualização da análise do discurso concebida por Michel Pêcheux entre os anos 1960 e 1980 na França e continuada no Brasil pela professora Eni Orlandi, para sua aplicação à materialidade discursiva digital. A axiologia materialista histórica, o conceito de sujeito oriundo da psicanálise e sua relação com o simbólico atravessada pela materialidade discursiva e histórica, dentre outras coisas abarcadas por essa teoria, foram importantes na opção pela

¹⁸ Disponível em: <<https://www.labeurb.unicamp.br/site/web/pagina/73>>. Acessado em 24 mar. de 2019.

fundamentação teórica e metodológica desta presente pesquisa de mestrado no campo epistemológico da Análise Materialista do Discurso. Segundo a autora:

É preciso compreender [...] a natureza da relação que pela Análise de Discurso podemos estabelecer com as teorias que tratam da informação em seu domínio teórico, como a cibercultura, por exemplo, para compreender a natureza da relação do discurso com as teorias da informação. Como dissemos anteriormente, **não é de uma mera relação de complementaridade que se trata**; é isso, no entanto, o que comumente se tem feito ao tomar os objetos digitais como elementos de análise do discurso, sem, no entanto, levar em conta sua natureza teórica e sócio-histórica. Em suma, é preciso compreender o processo discursivo da informação, uma vez que é ela também matéria significativa. (DIAS, 2018, p.21. *Grifo nosso*)

Ela propõe um apontamento de direção de trabalho que não se prenda meramente à análise quantitativa de conteúdo que se faz hoje nas redes sociais, nem mesmo ao humanismo das máquinas, ou seja, a idealização da técnica digital como evolução e esclarecimento humano, como por exemplo, MAINGUENEAU (2015) e CASTELLS (2013) de certa forma, a encaram:

É preciso, nesse sentido, que nos debruçemos sobre a leitura de discursos digitais, sem cairmos no **objetivismo quantitativo** ou no **humanismo das máquinas**, tão em voga hoje. [...] Ou seja, propor uma leitura materialista dos discursos digitais, levando em conta os “pontos decisivos do materialismo histórico: a questão do Estado, da prática política e da psicanálise.” (ORLANDI *apud* DIAS, 2018, p.22. *Grifos nossos*)

Especificamente sobre a *tecnoutopia* presente no campo do conhecimento científico atual sobre a economia e as ciências sociais, reforçando o paradigma quantitativo e tecnicista de apreensão do mundo para praticamente todas as áreas do saber, é importante trazer aqui uma reflexão crítica de David Harvey, *Loucura da razão econômica: Marx e o capital no século XXI* (2018 [2017]), que corrobora o posicionamento de DIAS (2018), mostrando a importância política e epistemológica de não se cair no “objetivismo quantitativo das máquinas”:

um campo de estudos supostamente científico, altamente matematizado e movido a dados, chamado “ciência econômica”, atingiu um estatuto de ortodoxia, um corpo fechado de conhecimento supostamente racional – uma verdadeira ciência – ao qual ninguém tem acesso, exceto em negócios empresariais ou estatais. Esse campo é alimentado por uma **crença cada vez maior nos poderes da capacidade computacional (que dobra a cada dois anos) de construir, dissecar e analisar enormes conjuntos de dados [Big Data] sobre quase tudo**. Para alguns analistas influentes, patrocinados por grandes corporações, isso

supostamente abre caminho para uma **tecnoutopia de gestão racional (por exemplo, cidades inteligentes)** governada pela inteligência artificial. **Essa fantasia se baseia na suposição de que, se algo não pode ser mensurado e condensado em planilhas de dados, esse algo é irrelevante ou simplesmente inexistente. Não há dúvida de que grandes conjuntos de dados podem ser extremamente úteis, mas eles não esgotam o terreno daquilo que precisa ser conhecido. E certamente não ajudam a resolver os problemas de alienação ou deterioração das relações sociais.** (HARVEY, 2018, p.13. *Grifos nossos*)

Sendo assim, o presente trabalho não visa rechaçar e simplesmente desconsiderar as teorias da comunicação e das redes sobre o digital. Objetiva, contudo, mostrar as especificidades que o olhar da epistemologia materialista do discurso permite mostrar sobre o sujeito, o simbólico e o sentido nessa materialidade, refletindo sobre seu funcionamento, ou seja, sobre sua ordem discursiva dentro do processo histórico que estamos vivendo; o que não nos impede de encararmos tais vertentes de estudo das teorias da comunicação e das redes como complementações teóricas. Como argumenta Orlandi, citada por DIAS (2018), acerca da interdisciplinaridade na Análise do Discurso:

Essa problematização, que concerne à teoria, aos seus procedimentos de análise e ao seu método, não é fruto de voluntarismo, mas de uma necessidade histórica das teorias em geral, a saber, o deslocamento de seus procedimentos de acordo com as formas de pensamento do mundo, com os objetos de análise que demandam que novas questões sejam formuladas ou que velhas questões sejam re-formuladas. A Análise de Discurso, como afirmou Orlandi, não é uma disciplina sedentária, isso não significa, no entanto, que ela não trabalhe sobre “princípios teóricos incontornáveis.” (ORLANDI *apud* DIAS, 2018, p.19)

Por fim, em outubro de 2018, houve as eleições presidenciais que culminaram na vitória da extrema direita brasileira nas urnas de todo o país. É importante lembrar que esse processo político foi marcado por vários escândalos relacionados às redes sociais, tais como correntes de *fake news* geradas por manipulação digital (fotomontagens), postadas em páginas de natureza política e compartilhadas em grupos de *WhatsApp* por meio de investimentos milionários em serviços de disparos de mensagens¹⁹ etc., o que foi decisivo para meu empenho em querer direcionar o

19 Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>> (18/10/2018) Acessado em 19 mai. de 2019

Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/bolsonaro-diz-nao-ter-controle-sobre-acao-de-empresas-no-whatsapp.shtml>> (18/10/2018) Acessado em 19/ mai. de 2019

Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/documento-confirma-oferta-ilegal-de-mensagens-por-whatsapp-na-eleicao.shtml>> (20/10/2018) Acessado em 19 mai. de 2019

acúmulo teórico relatado acima para analisar a construção de um imaginário social no digital e sobre o digital que tenha possibilitado que funcionem tão bem os efeitos de evidência de sentido nessa materialidade no processo histórico em curso. Como disse Michel Pêcheux (2010 [1983]), “lembrando um provérbio chinês: ‘Quando lhe mostramos a lua, o imbecil olha o dedo’. Com efeito, por que não?” (p.54).

Assim sendo, não se trata de um estudo sobre o bolsonarismo em específico, nem da direita brasileira na *Internet*, nem do discurso protofascista que aí circula. Antes de empreender um projeto analítico sobre esses temas, vi a necessidade primeira de perscrutar *como funcionam os pontos de deriva do significante no digital, como o imaginário, os esquecimentos e o fechamento de sentido funcionam nele, como ficam as questões sobre a memória, o arquivo, a textualidade, a circulação, o iconotexto etc. relacionados ao simbólico e ao sujeito no digital*, independentemente das formações ideológicas do campo político, embora ressalvadas as suas particularidades. Nosso recorte, portanto, se dará sobre *o funcionamento da materialidade digital e seus efeitos discursivos e políticos*.

Em resumo, o que começou em 2014 a partir de uma visão minha um tanto ingênua e idealista sobre a polêmica e a política, no sentido de que a primeira seria apenas uma forma de diálogo menor, menos racional e de que a segunda supostamente deveria caminhar para um consenso entre pessoas mais ilustradas, (o que é inviável numa sociedade de classes em que há, naturalmente, conflitos de interesses mediados por um regime democrático); transformou-se ao longo desses últimos quatro anos, num gesto de reflexão sobre o que são o discurso, a política e a memória histórica no contemporâneo mediados pelo digital no capitalismo tardio.

Para dar conta desta empreitada teórico-analítica, portanto, acredito que o olhar deve ser ajustado às sutilezas da linguagem humana, revendo a noção clássica de “comunicação [como] processo de compartilhar significado pela troca de informações” (CASTELLS, 2013, p.15), refletindo sobre as novas textualidades e materialidades significantes da ordem do discurso digital e aprofundando a discussão para além do tema já notório do “direcionamento de conteúdo e controle de dados”, levando em conta a ideologia, o imaginário e a abertura (ou fechamento) de sentidos que a Análise Materialista do Discurso abarca. Até porque, será mesmo que, se por um milagre fosse resolvida a questão corporativa e comercial dos

algoritmos e *cookies* de direcionamento de conteúdo nas redes sociais e sites de busca; e se acabassem os serviços de disparo de mensagens no *WhatsApp*, a “comunicação” digital automaticamente se tornaria transparente, esclarecedora e democrática? Que efeitos tais condições materiais do presente momento histórico e do digital têm sobre a nossa relação com os discursos que aí circulam?

No caso específico de análise das redes sociais, por sua vez, é importante que se coloquem os enunciados concretos que nelas circulam em contraste dialético com as suas condições materiais de produção a fim de refletir sobre as estruturas econômica, política, institucional, histórica, simbólica e tecnológica que perpassam as redes tornando-as uma *materialidade discursiva* singular e regendo-as como uma *ordem discursiva* específica como aponta DIAS (2018). Isso possivelmente implica em novas formas de memória discursiva, novas formas-sujeito, novas relações imaginárias com o real e com o Outro, novas estruturas de interpelações ideológicas, novos gestos de leitura, novas relações do sujeito com as diferentes semioses (em especial com a imagem e o iconotexto), com o tempo e o espaço etc.; sem que isso signifique, por outro lado, uma novíssima e profunda ruptura com o estado do capitalismo tardio, mas sim, um possível sintoma dele.

Como disse Slavoj Žižek²⁰ em sua análise crítica sobre os manifestos do Occupy Wall Street e sobre a experiência cotidiana empírica do cidadão comum:

[Alain] Badiou está certo ao afirmar que hoje o nome do pior inimigo não é capitalismo, império, exploração ou algo similar, mas democracia: é a ‘ilusão democrática’, a aceitação dos mecanismos democráticos como moldura fundamental de uma mudança, que evita a transformação radical das relações capitalistas. (ŽIZEK, 2011, p.23)

Um dos maiores perigos que corremos é o da ilusão que temos de sermos sujeitos políticos autônomos e livres na atual conjuntura histórica, como efeito, dentre outros fatores, reforçado pela ordem do discurso digital, que imaginariamente nos fornece ilimitada “liberdade discursiva”, “informação” e “praticidade”. De acordo ainda com o filósofo esloveno: “Temos a liberdade que desejamos - a única coisa que nos falta é a ‘tinta vermelha’: nós nos ‘sentimos livres’ porque somos

20 ŽIZEK, S. **O violento silêncio de um novo começo**. [p.15-25]. In.: HARVEY, D. [et. al.] **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. - 1ª ed. - São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.

desprovidos da linguagem para articular nossa falta de liberdade”.²¹; ainda mais em tempos de extrema velocidade e fragmentação da experiência do cotidiano.

É, com efeito, de Paul Virilio - filósofo francês contemporâneo que refletiu sobre os desdobramentos sociais e históricos da velocidade nas sociedades da informação, frutos do capitalismo tardio, ao longo dos anos 1980 e 1990 - uma articulação possível e imprescindível, cuja “tinta vermelha” nos permite começar a pensar as novas formas “ditatoriais” com que interagimos no nosso cotidiano empírico a partir do contato com as mídias e, em particular, com o digital:

A velocidade de informação acelera o processo de fragmentação na veiculação e na recepção de imagens e sons que constituem as mensagens eletrônicas. Como vem insistindo Virilio²² em várias de suas obras, a velocidade provoca uma mutação na forma de vivenciar a história: a duração no tempo é substituída na instantaneidade. A intensificação do ritmo de processamento da informação modifica a percepção da realidade como um espaço no tempo, levando a uma confusão mental na apreensão do espaço e do tempo. [...] Fica cada vez mais difícil distinguir entre o próximo e o distante, o presente e o futuro, o real do irreal.[...] Para Virilio, no mundo contemporâneo, a **ditadura da velocidade** não se estabelece sem graves implicações políticas para a democracia. A velocidade absoluta **é a negação da democracia, pois implica a supressão de tempo necessário para a discussão, a reflexão e a tomada de decisões coletivas dos cidadãos. Com mais um agravante: o espaço público é substituído pela imagem pública da televisão ou pelo espaço virtual das redes de computadores.** (EVANGELISTA, 2007, p.85-86. *Grifos nossos*)

Para fechar essa discussão inicial, resgatamos uma citação em nota que Michel Pêcheux fez ao final de seu célebre ensaio *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*²³, de 1978, no qual o autor revisou sua teoria sobre o sujeito do discurso, refletindo sobre o inconsciente lacaniano como sendo uma instância da pulsão e do desejo que perturba e impossibilita, assim, o seu *assujeitamento* de forma mecânica, automatizada e completa. Ou seja, o inconsciente seria, segundo essa reflexão, uma forma de resistência ao assujeitamento puro e simples. No caso citado pelo autor, uma forma de resistência ao assujeitamento gerada pela relação do operário com a máquina:

21 Discurso de Slavoj Žižek aos manifestantes do Occupy Wall Street proferido em 09 out. de 2011. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2011/10/11/a-tinta-vermelha-discurso-de-slavoj-zizek-aos-manifestantes-do-movimento-occupy-wall-street/>> Acessado em 06 nov. de 2018.

22 Cf. Virilio, Paul. *Guerra Pura*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

23 PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997c [1975], (p.293-304).

Esse ponto de realização impossível do assujeitamento “perfeito”, no interior do processo de trabalho imposto pelo modo de produção capitalista, surge nessas poucas linhas, tiradas da narrativa autobiográfica de um militante intelectual empregado durante um ano como OS 2 [sistema computadorizado de produção automatizada]²⁴ em uma das indústrias Citroën; ele fala do trabalho em série:

“E se a gente dissesse que nada tem muita importância, que basta se habituar a fazer os mesmos gestos de uma forma sempre idêntica, aspirando somente à perfeição plácida da máquina? Tentação da morte. Mas a vida se revolta e resiste. O organismo resiste. Algo, no corpo e na cabeça, se fortalece contra a repetição e o nada. A vida: um gesto mais rápido, um braço que pende inoportunamente, um passo mais lento, um sopro de irregularidade, um falso movimento, a “reconstrução”, o “escoamento”, a tática do posto; tudo o que faz com que, nesse irrisório quadrado de resistência contra a eternidade vazia que é o posto de trabalho, haja ainda acontecimentos, mesmo minúsculos, que haja ainda um tempo, mesmo monstruosamente estirado. Esse desajeito, esse deslocamento supérfluo, essa aceleração súbita, essa solda fracassada, essa mão que retoma a vida que se liga. **Tudo o que, em cada um dos homens da cadeia, urra silenciosamente: “Eu não sou uma máquina!”** (LINHART, R. 1978, *apud* PÊCHEUX, M. 1997 [1978]. p.306. *Grifo nosso*).

Resgatamos a citação acima para chegarmos à seguinte reflexão: será que do alto do nosso deslumbramento letárgico e apaixonado pelo que se convencionou chamar “a tecnologia digital”, hoje tão íntima e necessária à nossa vida cotidiana, nos esquecemos da exclamação “Eu não sou uma máquina!”, tão óbvia para um operário dos anos 1970? O que mudou nesses últimos 40 anos, desde quando a informática começou a chegar na linha de produção fabril, além do fato de que ela hoje acompanha o sujeito em praticamente todas as esferas e atividades da sua vida social privada e pública? Como se alterou essa tensão entre a interpelação imaginária do sujeito que busca “somente à perfeição plácida da máquina” (o que hoje é tão forte no discurso do mercado de trabalho) e aquilo que “no organismo resiste” e “urra silenciosamente” para a desidentificação com esse novo estado de coisas hoje abarcado pelo digital? Adaptamos a máquina à nossa vida corrida e dinâmica²⁵, ou fomos domesticados por ela?

É no trabalho do filósofo coreano Byung-Chul Han, *No exame: perspectivas do digital* (2018a [2013]), que encontramos alguns apontamentos e reflexões

24 “OS/2 ou OS/2 Warp foi um [sistema operacional](https://pt.wikipedia.org/wiki/OS/2#Hist%C3%B3ria) da IBM. A sigla significa “*Operating System/2*”.” Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/OS/2#Hist%C3%B3ria>> Acessado em 06 nov. de 2018.

25 “Celular é enquadrado como bem de consumo essencial. O Ministério Público Federal (MPF) apresentou parecer manifestando que o consumidor poderá exigir imediatamente a substituição do telefone celular que apresentar defeito, a restituição da quantia paga ou o abatimento proporcional do preço em caso de vício [...]. O MPF entende que telefone celular é produto essencial. Disponível em: <<https://dp-mt.jusbrasil.com.br/noticias/2764727/celular-e-enquadrado-como-produto-essencial>> (2011). Acessado em: 01 ago. de 2019.

válidos para encerrar essa primeira discussão, a respeito das questões expostas até aqui, quanto ao que o autor chama de um *novo paradigma das sociedades da informação* – o da *linguagem enumerável do desempenho* –, em que temos a falsa noção liberal de liberdade:

Hoje somos, de fato, livres das máquinas da época industrial, que nos escravizavam e nos exploravam, mas os aparatos digitais produzem uma nova coação, uma nova exploração. Eles nos exploram ainda mais eficientemente na medida em que eles, por causa de sua mobilidade, transformam todo lugar em um local de trabalho e todo o tempo em tempo de trabalho. **A liberdade da mobilidade se inverte na coação fatal de ter de trabalhar em todo lugar.** [...]

Dos *smartphones*, que prometem mais liberdade, parte uma coação fatal, a saber, uma coação da comunicação. Com isso se tem uma relação quase obsessiva, compulsória com o aparato digital. *Também aqui a liberdade se inverte em coação.* **As redes sociais fortalecem enormemente essa pressão de comunicação. Ela resulta, em última instância, da lógica do capital. Mais comunicação significa mais capital. A circulação acelerada de comunicação e informação leva à circulação acelerada de capital.**

A palavra “digital” aponta para o dedo (*digitus*) que, antes de tudo, enumera. A cultura digital se baseia no dedo do contador. A história, porém, é uma *narrativa*. Ela não *enumera*. *Enumerar* é uma categoria pós-histórica. **Nem tweets nem informações se reúnem em uma narrativa.** [...] **O homem digital passa os dedos no sentido de que ele enumera e calcula constantemente.** O digital absolutiza o número e o enumerar. Também amigos no *Facebook* são, antes de tudo, *contatos*. A amizade, porém, é uma narrativa. A era digital totaliza o aditivo, o enumerar e o enumerável. Mesmo tendências são contadas na forma de curtidas. **O narrativo perde enormemente em significado.** Hoje tudo é tornado enumerável, a fim de poder ser convertido na **linguagem do desempenho** e da eficiência. (HAN, 2018 [2013], p.65-67. *Grifos nossos*)

Depois de todo o exposto, mais um adendo se faz importante: como ouvi uma vez do meu orientador, “nosso trabalho não está nem para a tecnofobia, nem para a tecnolatria, mas para uma reflexão crítica.” Ou seja, trata-se aqui de produzir uma reflexão sobre o que é o digital e quais são seus desdobramentos sobre o simbólico, o sujeito e a política, desmistificando as possíveis construções imaginárias e ideológicas sobre essa técnica que, não sendo portadora de nenhuma essência moral relacionada à bondade ou à maldade, depende da agência de um ser humano (com tudo o que a nossa natureza implica) para funcionar e retornar dialeticamente seus efeitos materiais enquanto prática, sobre esse sujeito.

Hipótese da hipertrofia do imaginário a partir da interpelação digital: uma contradição sobredeterminada.

A partir de revisão bibliográfica e discussões, nossa hipótese, portanto, é a de que a forma-sujeito do discurso, chamado a sê-lo pelo digital, sofre uma alteração na sua estrutura imaginária²⁶ que, inflamada pelo funcionamento da ordem do discurso digital, se robustece ao passo em que é fragmentada e reestruturada, alterando a relação desse sujeito com a imagem de si (o eu, *moi* lacaniano), bem como alterando sua relação com a linguagem, com a tecnologia e com os discursos que circulam na materialidade digital.

Essa discussão sobre o imaginário em ambientes virtuais, por sua vez, é colocada pelo professor e psicanalista Christian Dunker em seu ensaio *Subjetividade em tempos de pós-verdade*²⁷ (2017), o que o autor faz com o objetivo de refletir sobre esse recente fenômeno. Antes de mais nada, contudo, para o desenvolvimento desse tema é necessário que se teçam algumas palavras sobre o conceito lacaniano de Imaginário. Segundo a definição de Vladimir Safatle (2017) em seu livro *Introdução a Jacques Lacan*, portanto:

O Imaginário é aquilo que o homem tem em comum com o comportamento animal. Trata-se de um conjunto de imagens ideais que guiam tanto o desenvolvimento da personalidade do indivíduo quanto sua *relação com seu meio ambiente próprio*. [...] Os processos perceptivos e cognitivos não são “neutros”, mas dependem do sistema de interesses que temos em relação ao mundo. Isso implica admitir que o desejo é a função intencional determinante na interação do sujeito com seu meio ambiente. [...] O que explica por que o Imaginário em Lacan é fundamentalmente *narcísico*. [...] No entanto, lembremos que, com sua teoria da constituição do Eu [o Estádio do espelho], Lacan demonstrou como é a partir da imagem do outro que oriento meu desejo e minha relação com o mundo social. A imagem mostra como “o desejo do homem é o desejo do outro”. Assim, não se trata simplesmente da projeção do Eu sobre o mundo dos objetos, já que *a imagem do outro é a perspectiva de apreensão dos objetos*. (SAFATLE, 2017, p.35-36. *Grifos do autor*)

26 Para Althusser (2008 [1970]), a Ideologia nada mais é que a relação imaginária do sujeito com suas condições reais de existência, processo natural ao ser humano que adentra o mundo simbólico e que tem necessidade de dar sentido ao real da existência, o que ocorre como um chamamento (interpelação) que forma sua subjetividade e a imagem que esse sujeito projeta de si, inconscientemente (o *moi* lacaniano), como discutiremos na fundamentação teórica.

27 Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>> “Substantivo diz respeito a circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais”. (apud DUNKER, 2017, p.23)

O filósofo então, ao tratar do objetivo da análise lacaniana e sua relação com o Imaginário, finaliza expondo que se trata de

mostrar como tais imagens, às quais o sujeito se vinculou, eram a maneira desesperada de dar forma a um desejo fundamentalmente opaco [...], maneira de se defender dessa indeterminação angustiante fundamental que faz com que **todo vínculo à imagem seja frágil**. [...] Resta saber [...] como reconhecer a si mesmo naquilo que não se conforma à imagem. (SAFATLE, 2017, p.41. *Grifos nossos*)

Retornando então, ao conceito de *Pós-verdade*, Dunker (2017) defende que esse conceito **não** significa “o regime das opiniões desenfreadas e do relativismo niilista, tal como se anuncia no pós-modernismo liberal.” (p.39), de modo que tenhamos perdido as referências do que é a *verdade* num relativismo epistemológico, como o prefixo “pós” pode sugerir:

Alguns consideram que o discurso da pós-verdade corresponde a uma suspensão completa da referência a fatos e verificações objetivas, substituídas por opiniões tornadas verossímeis apenas à base de repetições, sem confirmação de fontes. Penso que o fenômeno é mais complexo que isso, pois ele envolve uma combinação calculada de observações corretas, interpretações plausíveis e fontes confiáveis em uma mistura que é, no conjunto, absolutamente falsa e interesseira. Não se trata de pedir ao interlocutor que acredite em premissas extraordinárias ou contraintuitivas, mas de explorar preconceitos que o destinatário cultiva e que, gradualmente, nos levam a confirmar conclusões tendenciosas. (DUNKER, 2017, p.38)

Nesse sentido, a pós-verdade é uma consequência da *hipertrofia do imaginário* dos sujeitos cada vez mais apegados a verdades estabilizadoras de sentidos e autoritárias, o que o autor chama de “garantia de proteção por identificação” (*Ibidem*, p.35):

Um fato importante na nova cultura da indiferença e do ódio é que nossas respostas não são exatamente concentradas no que o outro diz, mas no ambiente, no contexto, no que se ajusta bem à paisagem. É o que **Lacan chamava de imaginário**, esta inclinação a fechar o sentido cedo demais, a compreender o outro rápido demais, a nos alienarmos em sua imagem e assim nos fecharmos para sua palavra. (DUNKER, 2017, p.35 – grifos nossos)

A relação do imaginário hipertrofiado com a pós-verdade, por sua vez, é atravessada tanto pelo digital quanto pelas demandas aceleradas do atual estado de coisas do neoliberalismo, como coloca o autor:

a principal característica da pós-verdade é que ela requer uma recusa do outro ou ao menos uma cultura da indiferença que, quando se vê ameaçada, reage com ódio ou violência. É cada vez mais difícil escutar o outro, assumir a sua perspectiva, refletir, reposicionar-se e fazer convergir diferenças. Isso se aplica tanto ao espaço público, com suas **novas e inesperadas conformações digitais**, quanto ao espaço privado das relações amorosas ou amistosas, passando pelas relações laborais e institucionalizadas. Uma descrição resumida dessa situação costuma salientar que **nossa vida está cada vez mais acelerada, icônica e funcionalizada**. (DUNKER, C. 2017, p.28. *Grifos nossos*)

Essa hipertrofia, dessa forma, parece ser uma reação sintomática à realidade social do capitalismo tardio, nesse novo contexto geopolítico de crise generalizada, tanto no campo econômico, com a crise financeira de 2008 nos EUA e seus desdobramentos (endividamento, inflação, desemprego, etc.); quanto no campo sócio-cultural, com ódio de classe, novas demandas dos movimentos sociais, corrupção e falência das instituições políticas²⁸ desdobradas do cotidiano social para as “inesperadas conformações digitais” tratadas acima. **A hipertrofia do imaginário, portanto, torna-se um sintoma, uma reação irrefletida e instintiva dos sujeitos que desejam estabilidade semântica para dar sentido a essa realidade social que é cada vez mais complexa na dinâmica socioeconômica acelerada do capitalismo tardio.** É isso o que também sugere o jornalista Matthew D’Ancona em seu livro *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news* (2018 [2017]), ao refletir sobre a eleição de Trump à presidência dos EUA em 2016, os movimentos anti-vacina das duas últimas décadas e o recente movimento de saída da Grã-Bretanha da União Europeia:

No século XXI, a mentalidade conspiratória é, em parte, uma resposta a um mundo de mudanças ocasionalmente atordoantes: a globalização e seus descontentes, a mobilidade populacional sem precedentes, a revolução digital, as formas em rápida mutação do extremismo e do terrorismo, as possibilidades estonteantes da biotecnologia. Aqueles que examinam a fundo esse novo estrato da história humana descobrem mudanças estruturais que estão longe de ser reconhecidas, quanto mais atendidas. (D’ANCONA, 2018 [2017], p.79).

Também HAN (2018a [2013]) corrobora essa tese de que o digital intensifica o imaginário (em sua acepção lacaniana), enriquece o narcisismo e empobrece a alteridade e o diálogo, numa rica descrição do funcionamento dessa interpelação da materialidade digital sobre o sujeito do discurso contemporâneo:

28 Ver GALLEGO, E. [et al.] **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. (*Coleção Tinta Vermelha*)

Por causa da eficiência e da comodidade da comunicação digital, evitamos crescentemente o contato direto com pessoas reais, e mesmo o contato com o real como um todo. [...] O digital submete a tríade lacaniana do real, do imaginário e do simbólico a uma reconstrução radical. Ele desconstrói o real e *totaliza o imaginário*. O *smartphone* funciona como um espelho digital para a nova versão pós-infantil do estádio do espelho. Ele abre um espaço narcísico, uma esfera do imaginário na qual eu me tranco. Por meio do *smartphone* o *outro* não fala. (HAN, 2018a [2013], p.44-45.)

Além disso, a técnica digital permite a captura, a manipulação (no sentido de tratamento e otimização por meio de filtros e aplicativos) e o compartilhamento massivo de imagens, fator crucial para a alimentação dos imaginários sociais nas redes. As imagens, portanto, ganham uma nova dimensão afirmativa na vida cotidiana, uma *inversão icônica*²⁹ no sentido de que “pareçam mais vivas, mais bonitas e melhores que a realidade deficiente percebida” (*Ibidem*, p.53):

Hoje produzimos, com a ajuda da mídia digital, imagens em quantidades gigantescas. Também essa produção massiva de imagens pode ser interpretada como uma reação de proteção e fuga. Hoje a mania de otimização abrange também a produção de imagens. **Em vista da realidade sentida como incompleta, nos refugiamos nas imagens. Não é com a ajuda das religiões, mas sim com técnicas de otimização que nos contrapomos a facticidades como corpo, tempo, morte etc.** (HAN, 2018a [2013], p.57. *Grifos nossos*)

Antes, portanto, de nos espantarmos com fotomontagens mentirosas e grotescas, bem como com a “fraqueza intelectual” do outro em “cair nessas arapucas”, pensemos no quão naturalizada e íntima está nossa relação com a imagem para, quem sabe, descobrimos se também não somos “vítimas” delas, uma vez que, como tentei mostrar até então, nossa relação fetichista e consumista com as imagens/simulacros é um processo que se constrói historicamente ao longo de todo o século XX (com a máquina fotográfica, a mídia televisiva e a publicidade visual) e se intensifica com o uso da tecnologia digital e o surgimento das redes sociais (enfim nos expúnhamos para os outros com 12 fotos no Orkut!) desde a primeira metade da década passada, o que significa dizer que essa discussão vai

29 “Por que o uso de filtros? De acordo com pesquisas as fotos que apresentam filtro têm 21% mais chances de conseguir os esperados ‘likes’ e ainda 45% de chances de receber mais comentários. Essas análises de comportamento de usuários do *Instagram* também apontam que os filtros mais quentes, com um contraste maior (Perpetua, Lo-Fi e o Rise, por exemplo) fazem mais sucesso do que a suavidade e sensação de paz que o Reyes, Brannan e o Slumber podem sugerir.” Disponível em: <<https://belas.art.br/7-filtros-para-publicar-as-melhores-fotos-no-instagram/>> Acessado em: 30 jul. de 2019.

muito além do “bom uso da língua” e da “boa interpretação”, uma vez que sua natureza é de ordem discursiva.

Nossa hipótese em resumo, é a de que essa materialidade discursiva gera uma hipertrofia no imaginário dos sujeitos internautas: por um lado, isso ocorre pelo fato de o digital proporcionar conteúdos que alimentam esse imaginário, saciando o desejo ávido dos sujeitos pragmáticos por sentidos estabilizados, por meio de grupos que geram identificação, curtidas que alimentam o narcisismo e imagens otimizadas por filtros e ferramentas de edição que as tornam muitas vezes, a fuga de um real deficiente percebido (o capitalismo tardio em crise socioeconômica). Por outro lado, essa mesma hipertrofia no imaginário dos sujeitos internautas ocorre justamente pela desestabilização/inflamação dos seus imaginários discursivos/ideológicos no contato fragmentado, efêmero, acelerado (como demanda o atual estado de coisas do capitalismo tardio) e constante com o Outro nas redes sociais, aquele que incomoda, que discorda, que é diferente. Nesse sentido, as classes sociais e seus grupos, segregados e segmentados na materialidade do espaço urbano, das periferias aos centros; bem como as regiões brasileiras com suas culturas e historicidades, estão em confluência contínua na materialidade digital: sujeitos esses interpelados a “exercerem sua liberdade” buscando, *twittando*, *postando*, *compartilhando*, *opinando*, *lendo* (?) e *mostrando-se narcisisticamente* para um público imaginado, ou para seus pares em grupos virtuais.

A noção de contradição sobredeterminada

A hipertrofia do imaginário dos sujeitos internautas, como a entendemos especificamente a partir da análise materialista do discurso, se dá numa dinâmica multifacetada e atravessada por imaginários e fatos linguísticos/discursivos específicos que contribuem na constituição de sujeitos do discurso das mais variadas classes sociais e formações ideológicas na materialidade digital. Trata-se de um processo amplo e dinâmico tal qual a *contradição sobredeterminada* proposta por Louis Althusser, ideia essa que

[...] é desenvolvida a partir da ideia de ‘sobredeterminação’ presente já em Freud, e que é caracterizada nos seguintes termos por Gillot (2009): ‘A teoria da sobredeterminação [...] é uma teoria da contradição não simples, mas complexa, uma teoria das múltiplas instâncias,

encavaladas e não homogêneas, ao princípio da contradição, ou das contradições'. (FIGUEIRA, 2014, p.253)

Em outras palavras, trata-se de vários atravessamentos e sobredeterminações com influência variável na dinâmica de uma estrutura, no sentido de que os elementos contraditórios de um processo variam em sua intensidade e atuação sobre cada caso, formação discursiva e ideológica, hipertrofiando de diferentes formas e em diferentes graus os imaginários de sujeitos internautas, não se tratando, assim, de uma lei universal, nem mesmo homogênea.

Dois imaginários especificamente mobilizados nesse processo que ocorre no digital e que merecem nossa atenção analítica, são os imaginários construídos nessa materialidade sobre a língua e sobre a tecnologia. Contribui igualmente para a produção da hipertrofia do imaginário, o funcionamento textual/simbólico específico (acelerado e fragmentado) ao qual essa materialidade submete a linguagem humana. Vamos expor agora cada uma dessas instâncias da contradição sobredeterminada que propomos.

Imaginário funcionalizado de língua(gem)

Em primeiro lugar, penso que o digital enquanto técnica humana, influenciou e intensificou a relação imaginária (discursiva e ideológica) dos sujeitos contemporâneos com o que é a língua em específico e a linguagem em geral, um processo construído historicamente, que não corresponde, assim, à essência da linguagem humana. É já Pêcheux quem, na introdução de seu livro *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1997c [1975]), faz uma interessante reflexão sobre como a língua está inserida na luta de classes, nos jogos políticos e na materialidade social e econômica, no contexto da revolução francesa de 1789, o que desemboca na construção histórica (e, portanto, ideológica) do francês como língua nacional no início da modernidade:

O primeiro desses processos, contemporâneo à própria Revolução Francesa, consiste em uma uniformização visando, política e ideologicamente, instituir uma **língua nacional** contra os 'patois' e o latim que, sob formas diversas, criam obstáculo à livre comunicação linguística necessária à realização econômica, jurídico-política e ideológica das relações de produção capitalistas. [...] O historicismo evolucionista [...] não leva em conta o fato de que o terreno da luta [política] foi se deslocando progressivamente: no início da revolução

burguesa, tratava-se de uma luta diretamente linguística pela unificação fonológica, morfológica, sintática e lexical da língua inscrita na formação, unificação que o estruturalismo, o funcionalismo, o gerativismo, etc., apreenderão no século XX como a unidade de um sistema. (PÊCHEUX, 1997, p.24-25)

Para fechar, Pêcheux fala das “funções” dessa “língua nacional” na dinâmica da divisão do trabalho das sociedades capitalistas ao longo da modernidade, o que constrói imaginariamente sua característica utilitária “comunicação/não-comunicação” como sendo a única possível:

[...] a questão da divisão discursiva por detrás da unidade da língua é, na realidade, por intermédio da comunicação/não-comunicação o que toma a aparência do par *lógica/retórica*, através das diversas “funções” que essa divisão preenche na formação social capitalista, onde se nota em todo lugar sua presença:

- na base econômica, no próprio interior das condições materiais da produção capitalista: necessidades da organização do trabalho, da mecanização e da estandardização que impõem uma *comunicação* sem equívocos – clareza “lógica” das instruções diretivas, propriedade dos temas utilizados, etc. - comunicação que é, ao mesmo tempo, através da divisão social-técnica do trabalho, uma *não-comunicação* que separa os trabalhadores da organização da produção e os submete à “retórica” do comando;
- encontramos essa divisão nas relações de produção capitalistas, e sob sua forma jurídica, que deve tirar os equívocos nos contratos, trocas comerciais, etc. [...]. (PÊCHEUX, 1997, p.26-27)

Seguindo esse raciocínio que encara a língua enquanto produto de um processo histórico que constrói sobre ela relações imaginárias e ideológicas para os sujeitos falantes - como a ideia de língua nacional, de língua como instrumento de comunicação ou do uso correto X incorreto da norma padrão – e trazendo-o para o contexto histórico do neoliberalismo atual, entendemos que se tenha generalizado uma relação imaginária dos sujeitos com a língua que produz o efeito de sentido de que ela seja uma ferramenta de finalidade meramente utilitária para troca de informações e que, quanto mais sucinta e intensa/impactante for sua forma estética, mais bem-sucedido será seu uso e/ou consumo nas redes digitais. Esse processo de reificação da linguagem, ou seja, a ideia de que ela seja apenas uma mercadoria de troca, é perceptível de forma dispersa e variável nos enunciados que circulam na materialidade digital, como frases de efeito das legendas de fotos do *Instagram*³⁰,

30 “Frases para fotos [+750 legendas]: As frases para fotos perfeitas devem combinar com o momento registrado. Aqui você encontra legenda para foto sozinha, sorrindo, com namorado, tumblr, legendas para fotos com seus amigos e amigas, para fotos masculinas e muito mais.” Disponível em <<https://www.frasesparainsta.com.br/legenda-para-fotos>> Acessado em: 30 jul. de 2019.

tuítes³¹ que alcançam alta circulação nas redes, campanhas publicitárias do *Youtube* e *Facebook*, fotomontagens sobre política³², recorrentes em páginas do *Instagram* e até mesmo a imagem que o sujeito internauta constrói de si nas redes, num processo que Zizek (2011) denominou “*automercadorização*: nas agências de matrimônios ou encontros pela *Internet*, cada possível parceiro se apresenta como mercadoria mostrando fotos e listando qualidades.” (p.11).

Em outras palavras, esse processo histórico parece resultar de uma generalização de traços do discurso publicitário e do utilitarismo das trocas comerciais para a linguagem na vida cotidiana, como mostra Evangelista (2007) sobre o século XX, a partir das reflexões críticas de Terry Eagleton nos anos 1980, sobre o capitalismo de consumo pós-guerra:

No capitalismo de consumo do pós-guerra, “a cultura também foi inteiramente estetizada”. Agora, **“uma forma diferente de estetização viria saturar toda a cultura do capitalismo tardio, com seu fetichismo do estilo e da superfície, seu culto do hedonismo e da técnica, sua reificação do significante e o deslocamento do significado discursivo por intensidades causais”**. Na era do pós-modernismo, o simbólico e o econômico, que foram separados nos primeiros estágios do capitalismo, constituem duas esferas “incongruentemente reunidas, à medida que **o econômico penetra profundamente no reino do simbólico** e o corpo libidinal é atrelado aos imperativos do lucro”³³. (EVANGELISTA, 2007, p.158. *Grifos nossos*)

O digital, nesse sentido, parece estar em simbiose com o capitalismo avançado, cujas transações econômicas e formas de produção e circulação das mercadorias/informações se dão de forma dinâmica e acelerada; onde os dados de usuários viram mercadoria para empresas que atuam com formas sofisticadas de marketing digital e onde a imagem virtual e os enunciados do sujeito passam também por esse processo de reificação (mercantilização) do simbólico, no sentido de que imagens e vídeos de grande circulação e visualização podem ser monetizados e consumidos por olhares vorazes em massa. É isso o que faz dele uma materialidade discursiva.

31 “Como diabos se consegue fazer um tweet viral?” Disponível em <<https://postcron.com/pt/blog/como-fazer-um-tweet-viral/>> Acessado em: 30 jul. de 2019.

32 “Os memes que definiram o 2018 do brasileiro. Quanto pior o ano, melhores os memes.” Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/mbykpy/os-memes-que-definiram-o-2018-do-brasileiro> Acessado em: 30 jul. de 2019.

33 Eagleton, Terry. *A Ideologia da Estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. p.269.

Ocorre que, para além de mera ferramenta de “troca de (in)formações” externa ao sujeito, como, por exemplo, Castells (2013) a conceitua, a linguagem humana é muito mais da ordem da formação de sujeitos, como sustenta a própria análise materialista do discurso, ancorada nos estudos lacanianos em psicanálise. Dessa forma, creio que tal processo de generalização do *consumismo da linguagem*³⁴, como interpreta a professora e filósofa Márcia Tiburi, em sua obra *Como conversar com um fascista* (2018 [2015]); e da conseqüente generalização de uma *corrosão do diálogo*³⁵, como sugere Dunker (2017), ao refletir sobre a *retórica icônica* das redes sociais; seja uma das possíveis causas do extremismo político marcado nas redes, bem como de formas estéticas cada vez mais fragmentadas e impactantes, que parecem alimentar gestos de leitura e interpretação dos sujeitos internautas cada vez mais consumistas, irrefletidos, fetichistas e imediatistas.³⁶

É importante deixar claro que essa reificação (coisificação) profunda da linguagem no digital, embora seja também fruto de interesses econômicos (marketing digital), não se restringe a eles. A forma de alienação é mais profunda, portanto, que somente a não percepção de um interesse monetário por detrás de um anúncio publicitário nas redes sociais. Isso fica claro quando nos debruçamos sobre

34 “Um dos traços da cultura de hoje em dia é a proliferação dos textos, das ideias e das opiniões. Falamos muito, dizemos demais. Emitir informação particular tornou-se um hábito desde a invenção da *internet* e, mais ainda, das redes sociais. Dá para dizer que vivemos hoje nos excessos da linguagem, proliferando e replicando tudo que vem pela frente. Se, como dizia Wittgenstein, os limites do mundo são os limites da minha linguagem, então, acreditamos que, pela quantidade, nos tornamos grandes pessoas vivendo em mundos muito vastos. Nem sempre há critérios na realização de nossos atuais atos de linguagem. Falamos muito e pensamos pouco no que dizemos. Por um lado, talvez estejamos pensando rápido demais, por outro, talvez estejamos confinados demais nos pensamentos prontos que nos vão servindo enquanto não encontramos coisa melhor. No meio dos emaranhados de linguagem nos quais nos enredamos, perdemos a chance de compreender por que pegamos a primeira explicação no mercado das ideias que nos aparecem como que expostas numa prateleira de ofertas. Seguimos deixando a potencialidade de compreender.” (TIBURI, 2018 [2015], p.133)

35 “Cada vez mais lemos a mensagem que o outro nos envia em pacotes de informação, compostos por imagens e textos, que se apresentam como um ‘todo de uma vez’. Isso degrada a narrativa a um percurso sem memória. [...] É preciso rapidamente acolher ou descartar, inibir ou estimular o progresso da comunicação com o outro. É o que alguns teóricos da linguagem chamam de cultura do *connect* e *cut*, na qual há igual facilidade de acesso e de desligamento no contato com o outro. Isso gera um estado de falas interrompidas, demandas cruzadas, palavras sem destinatário, entonações indeterminadas. [...] É preciso saber, e de preferência de modo não ambíguo e rápido, o que o outro quer de nós em determinada situação. É o que se poderia chamar de vida em formato de demanda. Onde há um encontro é preciso decidir rápida e iconicamente o que os envolvidos querem.” (DUNKER, 2017, p.29-30)

36 Embora essa reificação da linguagem seja uma tônica do contemporâneo, não se trata de uma lei universal. Como citado anteriormente, no início deste trabalho: “[...] não há ritual sem falhas; enfraquecimento e brechas [...]”. (PÊCHEUX, 1997 [1975]. p.301). O que interessa aqui, contudo, é mostrar onde esse processo funciona, como e por quê.

a formulação marxista elementar do chamado fetichismo da mercadoria: numa sociedade em que os produtos do trabalho humano adquirem a forma de mercadorias, as relações cruciais entre as pessoas assumem a forma de relação entre coisas, entre mercadorias – em vez de relações imediatas entre pessoas, temos relações sociais entre coisas. (ZIZEK, 1996, p.316)

Nesse sentido, pensando as redes sociais, a alienação parece ocorrer na relação social entre sujeitos internautas pelo fato de que ela justamente não se dá mais entre sujeitos, mas entre enunciados performáticos, curtidas, “textões”, enfim, produtos da linguagem humana que adquirem a forma de coisas a serem meramente consumidas num misto de entretenimento e narcisismo. Essa forma de estar na linguagem é que parece ampliar os efeitos de evidência de sentidos dos discursos que aí circulam, servindo como possível explicação para o crescimento da polarização política (com suas vertentes e particularidades) nas redes³⁷.

A tecnologia digital como panaceia da humanidade

Paralela a esse processo histórico de uma construção imaginária utilitarista sobre a língua, há uma segunda relação imaginária/discursiva e historicamente construída sobre e no digital: a de que essa tecnologia é a grande técnica inovadora da história humana, a qual possibilita um verdadeiro gerenciamento lógico da vida cotidiana, da memória pessoal e das errâncias/lacunas do sujeito:

a utilização cotidiana de sofisticados recursos microeletrônicos e digitais, advindos com a revolução tecnológica contemporânea, abriu possibilidades extraordinárias de inovações culturais e a instauração de novas formas de sociabilidade, criando a **sensação generalizada de que a humanidade encerrou todo um período de sua história**. (EVANGELISTA, 2007, p.95. *Grifos nossos*)

Ou seja, ao longo da consolidação das redes sociais e da web 3.0 (uma rede interativa e incrementada com a inteligência artificial de algoritmos de tratamento de conteúdo), firmou-se de uma vez por todas um discurso narcisista (que vem sendo

³⁷ É importante salientar que, para a Análise Materialista do Discurso, a influência da Ideologia enquanto interpelação sobre os sujeitos que gera a evidência de sentidos, se dá sobre qualquer espectro político e social, haja vista às reflexões críticas que Pêcheux (1997c) fez sobre os exageros políticos de Stalin e a “ideologia stalinista” sobre a “verdadeira” língua russa, que servia de instrumento para suas interpretações distorcidas dos escritos do marxismo-leninismo que, por sua vez, eram usados para justificar seus crimes de Estado. Assim, acreditamos que esse processo de equivocidade e esquecimento intensificados no digital, atravessa quaisquer formações discursivas que circulem nessa materialidade, sem desconsiderar, contudo, suas particularidades.

construído já desde os anos 90) de que a nossa era (a *era digital*) é a verdadeira era tecnológica. Esse discurso apaga a historicidade da noção de tecnologia, no sentido de que cada período histórico possuiu a sua técnica (como as eras da pedra, do ferro e do bronze) e apaga também as contradições ético-políticas entre as inovações tecnológicas e seu uso por seres humanos (como foi a descoberta da energia atômica no séc. XX). Há, portanto, uma “fusão” muitas vezes implícita entre os significantes “tecnologia” e “digital”, por conta dessa construção histórica e imaginária a partir do discurso. De acordo com Cristiane Dias (2018), nesse sentido:

[...] o discurso da tecnologia tem sua materialidade, [e] sua ‘forma material’ deve ser compreendida nesse processo. Comumente o que vemos é a tecnologia compreendida em sua ‘forma empírica’, ou seja, aquela que já corresponde a uma realidade (ORLANDI, 2008), a digital. Diferentemente da forma empírica, a forma material coloca o sentido em relação com a memória, o sujeito e com as condições de produção, nos possibilitando compreender o processo de produção dos sentidos, a significação material do discurso nos dizeres e objetos que compõem o nosso cotidiano. [...] Portanto, **o sentido da tecnologia é efeito do modo como ela é significada politicamente na constituição dos artefatos do mundo numa relação indissociável com a forma das relações sociais, políticas e econômicas, numa determinada formação social.** (DIAS, 2018, p.40. *Grifos nossos*)

Por fim, como coloca a professora Solange Leda Gallo em seu artigo *Discurso e novas tecnologias de informação* (2018), o efeito de tal construção imaginária é o de que “torna-se possível dizer que no *google* tem “tudo”, ou que os amigos estão todos no *Facebook*, ou que qualquer tema poderá ser “conhecido” no *wikipedia*, ou que o *youtube* é um lugar de visibilidade universal, etc” (p.348).

O funcionamento da ordem simbólica na materialidade digital e a equivocidade digital

Essa contradição sobredeterminada é atravessada por um quarto ponto: “Nenhum dizer fica imune à tecnologia que o materializa” (GALLO, 2018, p.346). Ou seja, a forma descentrada, fragmentária e dinâmica com que a ordem do simbólico e da informação se dão na materialidade digital mediatizando o real histórico em curso, também tem grande impacto sobre seus efeitos de sentido:

A aceleração é um fenômeno da cultura da performance generalizada, derivada do universo da produção e da soberania do resultado. [...] **Vivemos hoje com um acervo de instrumentos e meios que**

excedem o limite de nossas faculdades mentais ‘em estado natural’. Isso afeta brutalmente a situação de fala, que de certa forma se torna um pouco anacrônica. (DUNKER, C., 2017, p.29. *Grifos nossos*)

Assim, ao mesmo tempo em que a tecnologia digital, por meio de cookies, aplicativos de planejamento financeiro, calendários etc; promove uma sensação imaginária de organização lógica da vida cotidiana e dos sentidos para sujeitos, essa materialidade esgarça as condições “normais” de organização e circulação do simbólico e da informação. Esse funcionamento específico da linguagem no digital, por sua vez, é muito bem descrito quanto à sua organização textual enunciativa no trabalho de Maingueneau (2015) acerca da *textualidade navegante, da dissolução dos gêneros do discurso* ou *hibridismo genérico* exacerbado no digital, da *cenografia digital, desdiferenciação das cenas de enunciação* nas páginas da web, forte presença do *iconotexto* denso de significações implícitas etc; e quanto à sua ordem discursiva, por Cristiane Dias (2018), a qual é centrada na circulação efêmera e na consequente alteração das noções de arquivo, sujeito e memória. Segundo a autora:

entendo que é pela circulação (compartilhamento, viralização, comentários, postagens, *hashtags*, memes, *links*...) que o digital se formula e se constitui. [...] E isso faz diferença na produção de sentidos. [...] **Olhar o processo de produção dos discursos pela via da circulação tem a ver com um sentido que se produz no efêmero, no agora.** É esse modo de existência dos discursos que se impõe ao pensarmos sua constituição.” (DIAS, 2018, p.29. *Grifos nossos*)

Tal centralidade da circulação e da efemeridade na constituição dos discursos presentes no digital, por sua vez, parece ampliar os **pontos de deriva** do significante (PÊCHEUX, 2006 [1983]), ou seja, aprofunda a equivocidade da língua³⁸ à medida que intensifica os esquecimentos constitutivos do sujeito do discurso e a sensação imaginária de fechamento dos sentidos, hipertrofiando e inflamando, dessa forma, seus imaginários. Em outras palavras, a ampliação da equivocidade da linguagem digital tem a ver com a sensação de não saber, a incerteza, a angústia de não dar conta de tanta informação, tantas fontes diferentes e divergentes, de não conseguir separar o verdadeiro do falso, o real do irreal. À medida que essa

38 “A pesquisa linguística começaria assim a se deslocar da obsessão da ambiguidade (entendida como lógica do ‘ou...ou’) para abordar o próprio da língua através do papel do equívoco, da elipse, da falta, etc... [...] ‘nada na poesia é estranho à língua’. [...] Isso obrigaria a pesquisa linguística a [...] abordar explicitamente o fato linguístico do equívoco como fato estrutural implicado pela ordem do simbólico.” (PÊCHEUX, 2006, p.50-51).

equivocidade se amplia, a relação imaginária/ideológica do sujeito com a linguagem e com a materialidade digital anteriormente discutidas, ampliam seus esquecimentos: a ilusão que esse sujeito tem de ser a fonte de sentido daquilo que enuncia e a ilusão de que a língua é transparente. (PÊCHEUX, 1997c).

Contra essa equivocidade da linguagem digital em excesso, e alimentado por esses esquecimentos do sujeito aprofundados nessa materialidade, o imaginário, por sua vez, (a necessidade de se agarrar a verdades estabilizadoras e a uma unidade perfeita de sentido que não existe), se inflama e irrompe como um “trovão de ordem” (DUNKER, 2017, p.39). Essa é a contradição sobredeterminada que propomos aqui como hipótese: uma tensão complexa e multifacetada entre a angústia de “não saber”, de não conseguir se situar nas redes; e a necessidade do sujeito em se agarrar a verdades estabilizadoras, a hipertrofia do seu imaginário.

Essa discussão, contudo, não pode negligenciar a questão das *fake news* e do direcionamento de conteúdos por meio de cookies nas redes sociais e sites de busca, motivados também por interesses políticos e de mercado nas redes. Ainda assim, acreditamos que esses dois fatores (*fake news* e direcionamento de conteúdo por algoritmos) “funcionem bem” justamente por estarem inseridos nessa matriz de processos discursivos pontuados acima e que calham na hipertrofia do imaginário. A contradição sobredeterminada (entre hipertrofia do imaginário e equivocidade do digital), portanto, parece ser mais generalizada, ampla e latente do que as bolhas ideológicas das redes, as notícias falsas e a mera falta de interpretação de texto, no processo histórico de capitalismo avançado em curso. É esse processo e seus efeitos sobre o sujeito, o que mais interessa investigar neste trabalho.

Objetivo geral

Pretendemos produzir uma análise do **funcionamento** discursivo do simbólico na **materialidade** digital da contemporaneidade e uma conseqüente reflexão crítica sobre os impactos que isso representa na constituição de subjetividades políticas nas redes sociais. Como coloca Cristiane Dias (2018):

É justamente a política do significante “tecnologia digital” que busco compreender: seu funcionamento na sociedade contemporânea, no que diz respeito à língua, ao sujeito e à história. Nesse sentido, interessa-me mostrar a não homogeneidade do sentido de tecnologia. Mostrar que muitas vezes **é pelo equívoco que seu sentido funciona. E essa equivocidade é parte do processo de historicização de tecnologia.** (DIAS, 2018, p.26. *Grifos nossos*)

No caso específico deste trabalho de mestrado, por sua vez, o foco não está apenas nos equívocos do discurso **sobre a tecnologia digital**, (embora reconheçamos a importância de refletir sobre ele), mas efetivamente, o foco reside nos equívocos dos *processos discursivos funcionando dentro da materialidade da tecnologia digital*. Nosso objetivo principal, portanto, não se prende à análise e reflexão teórica sobre a interação pragmático-discursiva de internautas no digital. É claro que a análise precisa se debruçar sobre esse aspecto empírico do discurso, mas ele deve ser pensado em sua materialidade, ou seja, contrastando com suas condições materiais e históricas de produção de modo a refletir sobre regularidades e estruturas para além do empírico. Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho, de forma ampla, é refletir sobre o *modo de estar na linguagem* do sujeito contemporâneo que é mediado, atravessado e construído também pelo **funcionamento discursivo do digital**, e refletir sobre os impactos desse processo na memória histórica e no campo discursivo político do Brasil contemporâneo.

Em termos pêcheutianos, nosso objetivo geral é produzir literalmente um “estranho espelho do discurso” digital, no sentido de causar estranhamento ao “culto fetichizado dos meios” (IASI, 2013) digitais, uma vez que partimos da premissa de que esse culto é generalizado nas mais variadas formações ideológicas do campo discursivo político e social embora, como pretendemos mostrar, seus gestos de leitura se constituam de formas singulares e variadas nessa materialidade.

Objetivos específicos

Os objetivos específicos giram em torno de produzir reflexões e análises pautadas sobre a hipótese desenvolvida anteriormente acerca do discurso digital, a saber: a relação dialética e contraditória entre a abertura de sentidos na materialidade digital e o fechamento imaginário dos mesmos. Desse modo, seguem abaixo como objetivos específicos:

- Analisar a cenografia digital, o hibridismo genérico, a cena enunciativa, a textualidade navegante, a iconotextualidade, propostos por MAINGUENAU (2015);
- Analisar os modos pelos quais a materialidade digital produz alterações na memória discursiva e na intensificação de esquecimentos e equívocos, considerando as especificidades do arquivo, da ordem do discurso e da sua circulação no digital, tal como proposto por DIAS (2018);
- Analisar como o funcionamento textual-discursivo e imagético do digital amplia os pontos de deriva dos significantes ao passo em que hipertrofia o imaginário e o fechamento dos sentidos.

1- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1- Análise Materialista do Discurso

1.1.1- Introdução geral

Como aponta a linguista francesa Denise Maldidier em seu trabalho *A inquietação do discurso* (2017), a Análise do Discurso enquanto disciplina “nasceu na conjuntura dos anos 60, sob o signo da articulação entre a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise”, na França e no auge do estruturalismo enquanto método modelo na produção de conhecimento para as ciências humanas. Nela há, portanto, influência dos trabalhos de Ferdinand Saussure sobre o sistema linguístico, Louis Althusser, sobre o materialismo histórico, Michel Foucault, sobre as relações de saber/poder e transformações epistêmicas ao longo da história por meio de sua teoria do discurso. Há também a influência transversal da psicanálise lacaniana, no sentido de que atravessa essa disciplina, sendo a base da sua noção de sujeito a partir da articulação dos conceitos de *real*, *simbólico* e *imaginário*.

É dado a Michel Pêcheux o crédito de fundador da teoria a partir da publicação do trabalho *Análise automática do Discurso*, de 1969, fortemente marcado pela epistemologia estruturalista da época. De acordo com a autora:

O discurso me parece, em Michel Pêcheux, um verdadeiro nó. Não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico em que se intrincam literalmente todas suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito. A originalidade da aventura teórica do discurso prende-se ao fato de que ela se desenvolve no duplo plano do pensamento teórico e do dispositivo de análise de discurso, que é seu instrumento. Michel Pêcheux esteve ao mesmo tempo do lado da *teoria do discurso* e do lado da *análise do discurso*. (MALDIDIER, 2017, p.16)

Esta primeira obra, como explica Maldidier, é influenciada pela grande

fascinação de Michel Pêcheux pelas máquinas. A elaboração de uma análise *automática*, isto é, de um dispositivo técnico complexo informatizado, se inscreve em sua reflexão de então sobre as práticas e os instrumentos científicos. Para ele, que está então muito próximo de Bachelard e Canguilhem, os instrumentos, antes de se tornarem científicos, podem constituir simples técnicas. Assim, as balanças foram por muito tempo instrumentos de transação comercial, antes de se tornarem, com Galileu, o objeto da teoria das balanças, uma parte integrante da física. Em suma, só há instrumento em relação a uma teoria. (MALDIDIER, 2017, p.20-21)

Contudo, esta “máquina discursiva não tem nada da máquina universal, para analisar discursos, esperada desde sempre pelos tecnocratas” (*ibidem*, p.25), uma vez que “é por uma crítica desses métodos: a contagem da frequência, as variantes da análise de conteúdo, mas também as aplicações estruturalistas aos domínios os mais variados, que se abre a introdução de *Análise Automática do Discurso*.” (*ibidem*, p.21). Dessa forma, trata-se de “mudar de terreno’, apoiando-se sobre a linguística e a informática, sem fazer delas simples ferramentas.” (*ibidem*, p.25).

É importante ressaltar o quão atual e relevante é o posicionamento teórico e epistemológico de Michel Pêcheux desde o início de sua empreitada intelectual ao final dos anos 60. Embora sua primeira obra seja um tanto ingênua em certos pontos e um tanto engessada quanto a certos conceitos, por conta da influência tão marcada do estruturalismo; além de esse sonho “de uma máquina de ler que arrancaria a leitura da subjetividade” (*ibidem*, p.21) ter sido abandonado nos anos 70; a *Análise Automática do Discurso* parece já em 1969, problematiza o que hoje se faz com o *Big Data* e os estudos absolutamente quantitativos dos dados e do digital. Deve-se levar em consideração, portanto, que desde o final dos anos 60 o “essencial já está lá: o discurso não se dá na evidência desses encadeamentos [da superfície textual, nem dos dados quantificados, como se faz atualmente]; é preciso desconstruir a discursividade para tentar apreendê-lo.” (MALDIDIER, 2017, p.25).

O segundo momento da produção teórica de Pêcheux é marcado pela publicação de um livro já mais maduro e ciente das novas teses althusserianas sobre a ideologia (ALTHUSSER, 2008 [1970]), o *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, de 1975, ao qual o autor escreveu um posfácio intitulado *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação* (1978), com o intuito de refletir criticamente sobre o papel da noção de inconsciente lacaniano em sua teoria, reconhecendo a partir dele a possibilidade de desordem/rompimento da interpelação imaginária dos sujeitos (assujeitamento) dentro de uma estrutura ideológica, social e histórica.

Por fim, há a publicação de uma terceira grande obra, fruto de uma conferência feita nos Estados Unidos em 1983, intitulada *O Discurso: estrutura ou acontecimento?* que, como o próprio título sugere, desconstrói de forma mais aprofundada o determinismo da epistemologia estrutural e produz reflexões críticas

ao método materialista histórico do marxismo. Sobre esse processo histórico em curso na segunda metade do século XX, comenta Maldidier (2017):

Seu percurso [de Pêcheux] encontra em cheio a virada da conjuntura teórica que se avoluma na França a partir de 1975. Crítica da teoria e das coerências globalizantes, desestabilização das positivities, de um lado. Retorno do sujeito, derivas na direção do vivido e do indivíduo, de outro. Deslizamento da política para o espetáculo! Era a grande quebra. Deixávamos o tempo da “luta de classes na teoria” para entrar no do “debate”. Nesse contexto, Michel Pêcheux tentou, até o limite do possível, re-pensar tudo o que o discurso, enquanto conceito ligado a um dispositivo, designava para ele. (MALDIDIER, 2017, p.16)

Sobre a entrada do filósofo na vida acadêmica e suas referências quanto à discussão a respeito da ideologia e da psicanálise, Maldidier pontua que:

Althusser é, para Michel Pêcheux, aquele que faz brotar a fagulha teórica, o que faz nascer o projeto de longo curso. A toda uma geração, aliás, ele oferecia a possibilidade de pensar o marxismo fora da vulgata mecanicista. Ele tinha, notadamente, em 1964, em seu artigo “Freud e Lacan” designado aos marxistas inquietos com a psicanálise, esta “ideologia reacionária”, o horizonte de uma aproximação teórica. (MALDIDIER, 2017, p.18)

1.1.2- Discurso e as formações imaginárias na AAD (1969)

Neste trabalho, Michel Pêcheux está a formular a sua noção teórica de discurso a partir da teoria saussuriana sobre a língua e em contraponto às teorias linguísticas da época. Em específico, o filósofo desenvolve o conceito de Discurso e o quadro de formações imaginárias em contraste com duas “famílias de esquemas [...] no que diz respeito à *descrição extrínseca* do comportamento linguístico geral.” Tratam-se de “um esquema ‘racional’, derivado das teorias psicofisiológicas e psicológicas do comportamento” e de “um esquema ‘informacional’ derivado das teorias sociológicas e psicossociológicas da comunicação (esquema ‘emissor-mensagem-receptor’).” (PÊCHEUX, 1997a, p.79).

Ao refletir especificamente sobre a noção da teoria da comunicação de “sequência verbal” (*Ibidem*, p.82) entre dois interlocutores, Pêcheux constata que

este esquema leva a falar de mensagem como transmissão de informação: o que dissemos precedentemente [por outro lado], nos faz preferir aqui o termo *discurso*, que implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B [os interlocutores] mas, de modo mais geral, de um “efeito de sentidos” entre os pontos A e B. (PÊCHEUX, 1997a, p.82. *Grifos em itálico do autor*)

Dessa forma, “os elementos A e B designam algo diferente da presença física de organismos humanos individuais.” Mais especificamente, “A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social”, sendo que “esses lugares estão *representados* nos processos discursivos em que são colocados em jogo.” (*Ibidem*, p.82). Entretanto, ainda nas palavras do autor:

seria ingênuo supor que *o lugar como feixe de traços objetivos* funciona como tal no interior do processo discursivo; ele se encontra aí representado, i.e., *presente, mas transformado*; em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. (PÊCHEUX, 1997a, p.82. *Grifos em itálico do autor*).

Nesse processo, portanto, o autor descreve como a “significação da expressão” é atravessada/constituída pela autoimagem que os sujeitos fazem de seu lugar social - “quem sou eu para lhe falar assim?” e “quem sou eu para que ele me fale assim?” - e pela imagem que os sujeitos fazem um do outro - “quem é ele para que eu lhe fale assim?” e “quem é ele para que me fale assim?” (*Ibidem*, p.83) para que se construam efeitos de sentidos. Além dessas relações que constituem as “condições de produção, convém acrescentar que o ‘referente’ (o ‘contexto’, a ‘situação’) pertence igualmente às condições de produção. Sublinhemos mais uma vez que se trata de um objeto imaginário e não da realidade física.” (*Ibidem*, p.83).

Ao constatar-se a imanente presença do imaginário num processo discursivo, se faz necessário pensar como ele funciona na materialidade digital na interação com o outro, já que não há um contexto pragmático físico entre os interlocutores, nem mesmo uma posição social clara entre os sujeitos, haja vista ao fato de que nas redes constroem-se perfis que não necessariamente condizem com o sujeito enunciador e, mesmo o sendo, muitas vezes não deixam clara tal posição social/institucional. Por fim, há que se levar em conta a presença massiva da própria imagem nas redes (como discutido na hipótese), a qual não corresponde ao sujeito empírico, sendo já um simulacro de representação.

É nesse sentido que Roland Barthes, em seu ensaio *A câmara clara: nota sobre a fotografia* (2017 [1980]), ao refletir sobre a relação dúbia e díspar do sujeito fotografado com a materialidade de sua fotografia, “na angústia de uma filiação

incerta: uma imagem – minha imagem – vai nascer” (p.17); destrincha ironicamente o seguinte desejo:

Eu queria, em suma, que minha imagem, móbil, sacudida entre mil fotos variáveis, ao sabor das situações, das idades, coincidissem sempre com meu “eu” (profundo, como é sabido); mas é o contrário que é preciso dizer: sou “eu” que não coincido jamais com minha imagem; pois **é a imagem que é pesada, imóvel, obstinada (por isso a sociedade se apoia nela)**, e sou “eu” que sou leve, dividido, disperso e que, como um ludião, não fico no lugar, agito-me em meu frasco: ah, se ao menos a Fotografia pudesse me dar um corpo neutro, anatômico, um corpo que nada signifique! Infelizmente, estou condenado pela Fotografia, que pensa agir bem, a ter sempre uma cara. (BARTHES, R., 2017 [1980], p.17-18. *Grifo nosso.*)

1.1.3- Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio (1975)

Michel Pêcheux, nessa obra, lança um olhar materialista histórico sobre as “práticas de linguagem” de uma formação social para se chegar a uma nova concepção de Semântica em linguística e a um novo objeto de estudo, o discurso:

Pensamos que uma referência à História, a propósito das questões de Linguística, só se justifica na perspectiva de uma análise materialista do efeito das relações de classe sobre o que se pode chamar de ‘práticas linguísticas’ inscritas no funcionamento dos aparelhos ideológicos de uma formação econômica e social dada: com essa condição, torna-se possível explicar o que se passa hoje no ‘estudo da linguagem’ e contribuir para transformá-lo, não repetindo as contradições, mas tomando-as como os efeitos derivados da luta de classes hoje em um ‘país ocidental’, sob a dominação da ideologia burguesa. (PÊCHEUX, 1997c [1975], p.24)

A partir dessa perspectiva epistemológica, portanto, o autor sustenta que as condições de produção do discurso sobre os seus efeitos de sentido nunca são literais e transparentes, de modo que a língua seja opaca e equívoca quanto ao sentido do significante:

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe ‘em si mesmo’ (i.e., em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (i.e., reproduzidas). (PÊCHEUX, 1997c [1975], p.160)

O efeito ideológico elementar da evidência do sujeito, proposto pelo autor a partir do trabalho de Althusser (2008 [1970]), serve como ponto inicial para mostrar

como a Ideologia exerce a evidência dos sentidos para os sujeitos, tendo em vista que o sentido não é natural/literal, como exposto acima:

Como todas as evidências, inclusive as que fazem com que uma palavra 'designe uma coisa' ou 'possua um significado' (portanto inclusive as evidências da linguagem), a evidência de que vocês e eu somos sujeitos - e até aí não há problema - é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar. (ALTHUSSER, 1970, apud PÊCHEUX, 1997c, p.31)

Dessa forma, o filósofo visa rechaçar o *mito continuísta empírico-subjetivista* da Filosofia da Linguagem à época, no sentido de que esta se tratava de uma "filosofia espontânea' da ciência linguística", já que essa epistemologia do século XIX "pretende que, a partir do sujeito concreto individual [...] se efetue um apagamento progressivo da situação por uma via que leva diretamente ao sujeito universal, situado em toda parte e em lugar nenhum." (*Ibidem*, p.127). Esse pensamento "idealista [...] 'do concreto ao abstrato'" (*Ibidem*, p.127) parece ser um gesto de interpretação bem estruturado nas redes sociais, haja vista aí o poder da imagem quanto à "questão da simulação" (*Ibidem*, p.128) de uma situação concreta que muitas vezes se generaliza no imaginário das redes sociais. Trata-se de uma forma específica e bem estruturada de alimentar generalizações argumentativas/imaginárias explorada no universo digital por meio de arquivos de imagem/vídeo. Segundo Pêcheux, o processo imaginário que mascara uma falsa generalização a partir de uma experiência empírica se dá pela identificação:

o continuísmo subjacente à oposição situação/propriedade se apoia [...] sobre o processo da *identificação* ("se eu estivesse onde tu(você)/ele/x se encontra, eu veria e pensaria o que tu(você)/ele/x vê e pensa"), acrescentando que o imaginário da identificação mascara radicalmente qualquer diferença epistemológica. (PÊCHEUX, 1997c [1975], p.128)

Os aparelhos ideológicos de Estado, por sua vez, "não são a expressão da dominação da ideologia dominante, i.e., da ideologia da classe dominante, mas sim [...] seu lugar e meio de realização." (*Ibidem*, p.145), no sentido de que "as ideologias não são feitas de ideias, mas de práticas" (*Ibidem*, p.144). Trata-se das instituições não formais do Estado de direito burguês (como a família, a escola, a igreja, a mídia, etc.) que, por suas práticas e simbolizações ideológicas, atuam na reprodução/transformação das relações de produção. Frise-se aí a transformação.

no sentido de que os AIE são palco da luta de classes e não de mera reprodução ideológica e assujeitamento ao poder.

Sobre as formas de ideologia:

[...] enquanto 'as ideologias têm uma história própria', uma vez que elas têm uma existência histórica e concreta, a 'Ideologia em geral não tem história', na medida em que ela se caracteriza por 'uma estrutura e um funcionamento tais que fazem dela uma realidade não histórica. (PÊCHEUX, 1997c, p.151)

Em outras palavras, as ideologias em particular são construções imaginárias sociais e históricas de um momento específico da luta de classes, enquanto que a Ideologia em geral representa a própria condição do ser humano no simbólico, uma vez que a linguagem é opaca, aberta a deslizamentos de sentido, à incompletude e ao imaginário do sujeito, daí seu caráter *omnistórico*, a partir da noção freudiana de que "o inconsciente não tem história". Daí também surge a noção da relação intrínseca entre o sujeito e a ideologia: "1) Só há prática através de e sob uma ideologia; 2) Só há ideologia pelo sujeito e para sujeitos." (*Ibidem*, p.149); e a noção da interpelação do *animal humano em ser social*: "'o não-sujeito' é interpelado-constituído em sujeito pela Ideologia." (*Ibidem*, p.155).

Sendo assim, a ideologia possui íntima relação com a evidência do sentido na linguagem, mascarando seu caráter material, discursivo, uma vez que, na teoria psicanalítica, o *real* é inalcançável em sua completude pelo *simbólico* e que, portanto, o sujeito necessita do *imaginário* para completar essa falta, escamoteando o *caráter material do sentido*:

É a ideologia que fornece as evidências [...] que fazem com que uma palavra ou um enunciado 'queiram dizer o que realmente dizem' e que mascaram, assim, sob a 'transparência da linguagem', aquilo que chamaremos o *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, 1997c, p.160)

O conceito de formação discursiva, segundo Pêcheux (*Ibidem*, p.160), é "aquilo que, numa formação ideológica dada, i.e., a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o *que pode e deve ser dito*.", considerando-se que há sempre restrições e jogos de poder institucionais e de classe sobre os enunciados e os sentidos que se pode lhes atribuir. Esse conceito é central, pois "os indivíduos são 'interpelados' em sujeitos-

falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes.” (*Ibidem*, p.161). Além disso, é essencial para se compreender (interpretar/analisar) o efeito de sentido de enunciados no intradiscurso, uma vez que o sentido desses enunciados “se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva.” (*Ibidem* p.161).

Os enunciados, contudo, não estão fechados numa única formação discursiva, uma vez que

Toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao “todo complexo com dominante” das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas definido mais acima. (PÊCHEUX, 1997c, p.162)

Isso significa que o processo de significação e interpretação sempre tem a presença do Outro, de algo para além de si. Assim sendo, segundo o filósofo: “propomos chamar interdiscurso a esse ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas.” (*Ibidem*, p.162), as quais, é importante ressaltar, estão sempre inter-relacionadas no processo de produção de sentidos, em relações de subordinação, desigualdade, contrariedade, polêmica, paráfrase, metáfora, citação, complementação, etc.

Esse sujeito do discurso, a *forma-sujeito*, por sua vez, é interpelado, ou seja, chamado por ele “efeito ideológico elementar” por meio do discurso jurídico que regula as formas de vida da sociedade burguesa moderna, categorizando-o como *sujeito de direito*:

[...] o funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas. Ao dizer que o EGO, i.e., o imaginário no sujeito (lá onde se constitui para o sujeito a relação imaginária com a realidade), não pode reconhecer sua subordinação, seu assujeitamento ao Outro, ou ao Sujeito, já que essa subordinação-assujeitamento se realiza precisamente no sujeito sob a forma da autonomia [...]; estamos, simplesmente, retomando a designação que Lacan³⁹ e Althusser – cada um a seu modo – deram do

39 N.F. “A expressão ‘forma-sujeito’ é introduzida por L. Althusser (‘Resposta a John Lewis’, 1973, p.67): ‘Todo indivíduo humano, i.e., social, só pode ser agente de uma prática se se revestir da *forma*

processo natural e sócio-histórico pelo qual se constitui-reproduz o efeito sujeito. (PÊCHEUX, 1997c, p.162-163)

É a partir do conceito de interdiscurso, por sua vez, que Pêcheux elabora as duas formas de esquecimento/desconhecimento do sujeito: “o esquecimento nº 1, que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina.” (*Ibidem*, p.173), o que faz com que o sujeito acredite que seu dizer é literal e não opaco e aberto a efeitos de sentidos no jogo do interdiscurso. Já “o esquecimento nº 2 cobre exatamente o funcionamento do sujeito do discurso na formação discursiva que o domina, e que é aí, precisamente, que se apoia sua ‘liberdade’ de sujeito-falante.” (*Ibidem*, p.175), o que lhe dá a impressão de autonomia e originalidade no seu dizer.

Estão até aqui, lançadas as bases da teoria Materialista do Discurso formuladas por Michel Pêcheux em meados dos anos 70, com o intuito de aprimorar o trabalho que havia iniciado em 1969 com a *Análise Automática do Discurso*, adicionando à sua produção teórica, os trabalhos de Althusser sobre a ideologia e Foucault sobre o discurso. Nos interessa, a partir disso, refletir sobre como esses conceitos, em especial os de Ideologia (imaginário) e dos esquecimentos do sujeito, se desdobram na materialidade digital, como discutiremos mais à frente.

1.1.4- O Discurso: estrutura ou acontecimento? (1983)

Fruto de uma palestra feita nos Estados Unidos poucos meses antes do falecimento do autor, *O discurso: estrutura ou acontecimento?* é um dos últimos registros escritos do pensamento de Michel Pêcheux. Como bem sintetiza Eni Orlandi no prefácio à obra:

Nesse presente trabalho, Michel Pêcheux fala da relação entre os universos logicamente estabilizados e o das formulações irremediavelmente equívocas, investigando as relações do descritível e do interpretável ao mesmo tempo em que percorre as formas de se fazer ciência. (ORLANDI, 1990, In.: PÊCHEUX, 2006, p.8)

Ou seja, trata-se, como já aparece no título, da relação de tensão dialética entre aquilo que é dado, repetível, estruturado; e aquilo que é o novo, inesperado, contingencial: eis a relação que o autor propõe, em termos discursivos, entre uma sujeito. A ‘forma-sujeito’, de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente de práticas sociais.’ (PÊCHEUX, 1997c, p.183).

memória, um sentido estabilizado, um discurso que se repete numa formação discursiva dada; e a possibilidade do novo e inesperado, o *acontecimento* que é inerente a todo e qualquer ato de enunciação. A partir disso é que o filósofo reflete sobre “as formas de se fazer ciência”, desde o racionalismo cartesiano à “insurreição estruturalista” que se põe contra essa obviedade matemática do real, embora tenha ele próprio (o estruturalismo) caído no mito de “ciência régia” que tentou desconstruir, apegando-se demais (os seus intelectuais) à noção de *estrutura* como ordenadora e senhora desse real⁴⁰, como Pêcheux mesmo pontua.

Sobre a questão do par “descritível/interpretável”, Eni Orlandi explica a perspectiva específica que Michel Pêcheux quer estabelecer sobre a história como disciplina de interpretação, para além da mera constatação factual e documental: “A história ‘aparenta’ o movimento da interpretação do homem diante dos ‘fatos’. Por isto a história está ‘colocada’. E a análise do discurso trabalha justamente no lugar desse ‘aparentar’.” (ORLANDI, 1990, In.: PÊCHEUX, 2006, p.9).

O texto, por sua vez, se divide em três capítulos que delineiam os três caminhos que Pêcheux propõe para refletir com riqueza “sobre o discurso como estrutura e como acontecimento.” (PÊCHEUX, 2006, p.16). O primeiro capítulo, portanto, trata de “um primeiro caminho [que] seria tomar como tema um *enunciado* e trabalhar a partir dele [...] (o *acontecimento*, no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória).” (*Ibidem* p.17).

Esse *acontecimento* de que o autor trata, refere-se à frase “On a gagné” [ganhamos], pronunciada a partir da vitória eleitoral de François Mitterand ao cargo de presidente da República Francesa, por grupos de seus eleitores nas praças e vias públicas de várias cidades do país em 1981. Pêcheux mostra como esse enunciado, que esteticamente se assemelha aos cantos de torcida organizada de jogos futebolísticos, filiando-se aí a essa memória discursiva, é opaco e equívoco tanto em sua instância sintática e formal quanto em sua instância histórica e discursiva, uma vez que a lógica do esporte, tão presente até hoje no imaginário social e alimentada por “estimativas calculadas por várias equipes de informática

40 O “real” na teoria lacaniana, é o conceito que abarca tudo aquilo que não é passível de ser colonizado pela linguagem (simbólico). Trata-se, por exemplo, do trauma (a morte, um desastre natural) ou, muitas vezes, do desejo e das contingências históricas (por quê se elegem fascistas em regimes democráticos?) ou seja, daquilo que não está acessível (recalcado no inconsciente) ao sujeito ou aquilo que não possui uma explicação lógica ou simples e objetiva.

eleitoral” (*Ibidem*, p.19), não é a mesma lógica do funcionamento material da história e da política:

Em todo caso, o que podemos dizer é que este jogo metafórico em torno do enunciado “On a gagné” [“ganhamos”] veio sobredeterminar o acontecimento, sublinhando sua equivocidade: no domínio esportivo, a evidência dos resultados é sustentada pela sua apresentação em um quadro lógico (a equipe X, classificada na enésima divisão, derrotou a equipe Y; a equipe X está, pois, qualificada para confrontar com a equipe Z, etc). O “resultado” de um jogo é, evidentemente, objeto de comentários e reflexões estratégicas posteriores [...], pois sempre há outros jogos no horizonte..., mas enquanto tal, seu resultado deriva de um universo logicamente estabilizado (construído por um conjunto relativamente simples de argumentos, de predicados e de relações) que se pode descrever exaustivamente através de uma série de respostas unívocas a questões factuais (sendo a principal, evidentemente: “de fato, quem ganhou, X ou Y?”). Questões do tipo “quem ganhou na verdade? Em realidade? Além das aparências? Face à história?”, etc aparecem como questões que não seriam pertinentes, e, no limite, até absurdas, a propósito de um resultado esportivo.” (PÊCHEUX, 2006, p.22)

O filósofo mostra como a cultura do dado e da linguagem numérica, muito legitimada já na época (anos 1980) por seu caráter “técnico”, alimenta um imaginário social dicotômico, imediato e óbvio sobre os resultados de uma eleição presidencial. Pêcheux aprofunda-se na forma, na materialidade da apresentação midiática desse resultado eleitoral (um presidente de esquerda elege-se pela primeira vez no país: o acontecimento na história), para pensar o enunciado coletivo “ganhamos” (o acontecimento discursivo) e, por fim, para mostrar toda a rede discursiva midiática que se estrutura para ordenar, domesticar e significar esse real:

Tomados pelo ângulo em que aparecem através da mídia, os resultados eleitorais apresentam a mesma **univocidade lógica**. O universo das percentagens de resultados, munidos de regras para determinar o vencedor é ele próprio um espaço de predicados, de argumentos e relações logicamente estabilizado: desse ponto de vista, dir-se-á que no dia 10 de maio, depois de 20 horas, a proposição “F. Mitterand foi eleito presidente da República” tornou-se uma proposição verdadeira; ponto final⁴¹. (PÊCHEUX, 2006, p.23. *Grifo nosso.*)

41 Aqui se faz necessário pontuar uma questão teórica muito importante que Pêcheux nos ensina: como se dão hoje, na materialidade discursiva digital, nesse novo universo tecnológico, essas estruturas discursivas e estéticas que tratam de ordenar e significar o real para o sujeito contemporâneo? O digital, com sua “univocidade lógica”, acabou com essa opacidade de representação ou a aprofundou? Sua estrutura significante baseada na lógica quantitativa, na multimídia, na informação descentrada etc torna nossa experiência discursiva colada ao real?

Ainda assim, resistindo a toda essa rede logicamente estabilizada construída pela mídia televisiva com “tabelas de porcentagens que se põem a desfilar” (*Ibidem*, p.19), “o enunciado ‘On a gagné’ [‘ganhamos’] é profundamente opaco.” (*Ibidem*, p.23), já que sua forma sintática o coloca “em uma rede de relações associativas implícitas – paráfrases, implicações, comentários, alusões, etc – i.e., em uma série heterogênea de enunciados, funcionando sob diferentes registros discursivos.” (*Ibidem*, p.23). Após analisar a equívocidade léxico-sintática dessa fórmula discursiva, refletindo sobre “quem ganhou?” (*Ibidem*, p.24) e “ganhou o quê, como, por quê?” (*Ibidem*, p.25), Pêcheux chega à conclusão do que almeja propor com a exposição dessas duas discursividades tão diferentes (o grito “futebolístico” de rua X as tabelas técnicas da TV):

a questão teórica que coloco é, pois, a do estatuto das **discursividades que trabalham um acontecimento**, entrecruzando proposições de aparência logicamente estável, suscetíveis de resposta unívoca (é sim ou não, é x ou y, etc) e formulações irremediavelmente equívocas. [...]
- **uns devem ser declarados mais reais que outros?**
- há um espaço subjacente comum ao desdobramento de objetos tão dessemelhantes? (PÉCHEUX, 2006, p.28. *Grifos nossos*)

Permanece a atualidade da questão feita por Pêcheux: como o digital e as redes sociais funcionam enquanto “discursividades que trabalham um acontecimento”? Talvez o digital justamente aprofunde o entrecruzamento de proposições logicamente estáveis que são, ao mesmo tempo, irremediavelmente equívocas pelo seu próprio funcionamento técnico, como postagens do *Facebook*, *tweets*, fotomontagens, número de curtidas, etc. Essa questão teórica é importantíssima para entendermos como o sujeito contemporâneo vive e significa o estado de coisas presente por meio dessas novas formas discursivas que geram novos gestos de leitura, alterando o acontecimento do discurso (o embate entre um enunciado e uma memória).

É notório na atualidade, que a materialidade digital, por meio de aplicativos das redes sociais, trabalha acontecimentos históricos com avalanches discursivas que têm pouca concordância ideológica, diferente do que acontecia na mídia de radiofusão, mais monopolizada e centralizada. Mas, para além disso, dois outros detalhes menos perceptíveis na experiência empírica das redes se abrem para reflexão: primeiro, há o fato de que o digital também gera acontecimentos históricos

que partem de sua própria materialidade (como crimes virtuais, hackers, ativismo virtual, escândalos virtuais, serviços e monopólios de mercado, etc) no sentido de que ele é efetivamente uma *materialidade* que, além de simplesmente funcionar como uma representação distorcida da realidade, ou um universo simbólico ideal (um mundo das ideias platônico), o digital também compõe materialmente esse real histórico em curso com mercados, transações, crimes, ativismos e toda uma rede de práticas que são por natureza, digitais, o que rompe a dicotomia simplista do real X virtual, semelhante à dicotomia já superada entre ideologia X verdade.

Segundo, por conta da velocidade na dispersão da informação e na capacidade múltipla e transtemporal de consumo dessa informação no digital (diferente do telejornal ou da própria mídia impressa, como o tabloide, que estão constitutivamente amarrados a uma linearidade espacial e temporal, com um assunto de cada vez e, de preferência do dia ou da semana), parece haver, com o consumo da mídia digital, a sensação por parte dos sujeitos, de que recebemos uma torrente não só de discursos que se estruturam para “trabalhar um acontecimento histórico” (como notícias, postagens, comentários, vídeos, etc), mas também uma torrente constante de banalidades que ganham status de acontecimento, colocando esse sujeito num estado de confusão um pouco letárgico de embate constante com formas de memória que discutiremos mais à frente. Isso reverbera os conceitos de Fredric Jameson, *linguagem esquizofrênica*, Paul Virílio, a *ditadura da velocidade*, e Byung-Chul Han, sobre a *perda de significado do narrativo* como paradigma de linguagem que estrutura a relação do sujeito com o real no contemporâneo.

Retomando a exposição do texto de Pêcheux, o segundo caminho teórico a ser percorrido sobre a relação sobre o discurso como estrutura e como acontecimento “consistiria em partir de uma questão filosófica; por exemplo, a da relação entre Marx e Aristóteles, a propósito da ideia de uma ciência da estrutura.” (PÊCHEUX, 2006, p.17). Nesse capítulo, Pêcheux tratará das formas epistemológicas (científicas) de lidar com o real: “isto é, pontos de impossível, [... de forma que] o real é o impossível [...]. Não descobrimos, pois, o real: a gente se depara com ele, dá de encontro com ele, o encontra.” (*ibidem*, p.29).

As ciências naturais são a forma de encontrar as soluções, fórmulas e cálculos para lidar objetivamente com as lacunas e enigmas desse real da natureza.

Sobre esses procedimentos científicos, o autor pontua como sua transposição política para o campo social produz equívocos que, na sua aparência, assemelham-se à tão almejada objetividade lógica das ciências naturais e exatas:

A esta série vem se juntar a multiplicidade das “técnicas” de gestão social dos indivíduos: marcá-los, identificá-los, classificá-los, compará-los, colocá-los em ordem, em colunas, em tabelas, reuni-los e separá-los segundo critérios definidos, a fim de colocá-los no trabalho, a fim de instruí-los, de fazê-los sonhar ou delirar, de protegê-los e de vigiá-los, de levá-los à guerra e de lhes fazer filhos... Este espaço administrativo (jurídico, econômico e político) apresenta as aparências da coerção lógica⁴². (PÊCHEUX, 2006, p.30)

Trata-se, portanto, da generalização do cientificismo, do saber técnico e prático na sociedade ocidental do século XX, no sentido de que a memória discursiva de proposições lógicas e objetivas, útil ao “real” natural, se sobrepõe ao “real” social, histórico e político como uma forma autorizada a construir verdades:

Nesses espaços discursivos (que mais acima designamos como logicamente estabilizados) supõe-se que todo sujeito falante sabe do que fala, porque todo enunciado produzido nesses espaços reflete propriedades estruturais independentes de sua enunciação: essas propriedades se inscrevem, transparentemente, em uma descrição adequada do universo (tal qual este universo é tomado discursivamente nesses espaços). (PÊCHEUX, 2006, p.31)

Pêcheux objetiva aqui, trazer os equívocos dessa sobreposição de “espaços discursivos” de homogeneidade lógica científica para tratar do “real” da cultura humana, equívocos esses escondidos sob “termos como lei, rigor, ordem, princípio, etc que ‘cobrem’ ao mesmo tempo, como um patchwork heteróclito, o domínio das ciências exatas, o das tecnologias e o das administrações.”; e ressaltar o quão encrustada de modo “maciço e sistemático” está essa “cobertura lógica de regiões heterogêneas do real” (*Ibidem*, p.32) no imaginário das sociedades contemporâneas. Com o digital, essa fantasia do saber prático, objetivo e lógico parece ter se aprofundado ainda mais no contemporâneo, recalçando assim, ainda mais esse “real” da cultura humana que é estranho à lógica das ciências naturais e aprofundando o apego generalizado a uma linguagem prática e funcionalizada:

42 Essa reflexão crítica acerca da sobredeterminação da sociedade pelo saber instrumental e objetivo se encaixa perfeitamente às recentes discussões sobre algoritmos, inteligência artificial, *Big Data*, novas formas de vigilância de indivíduos que, embora pareçam ser uma grande novidade, ou ainda, estar na sua forma mais acabada e perfeita, são técnicas que fazem parte de um processo histórico e epistemológico há muito já discutido, como prova o texto de Pêcheux, de 1983.

O sujeito pragmático – isto é, cada um de nós, os “simples particulares” face às diversas urgências de sua vida – tem por si mesmo uma imperiosa necessidade de homogeneidade lógica: isto se marca pela existência dessa multiplicidade de pequenos sistemas lógicos portáteis que vão da gestão cotidiana da existência (por exemplo, em nossa civilização, o porta-notas, as chaves, a agenda, os papéis, etc) até as “grandes decisões” da vida social e afetiva (eu decido fazer isto e não aquilo, de responder a X e não a Y, etc...) passando por todo o contexto sócio-técnico dos “aparelhos domésticos” (isto é, a série dos objetos que adquirimos e que aprendemos a fazer funcionar, que jogamos e que perdemos, que quebramos, que consertamos e que substituímos)... (PÊCHEUX, 2006, p.33)

Aqui, portanto, estamos diante de uma discussão importantíssima acerca da natureza humana levantada por Pêcheux: o ser humano possui demandas e necessidades pragmáticas cotidianas que a filosofia, a poesia e a reflexão crítica não são capazes de resolver. No caso do digital, por exemplo, quem não concorda que é extremamente útil encontrar um endereço no Google Maps, pedir um almoço em menos de 5 minutos no Ifood, aprender a concertar um aparelho doméstico em menos de 10 minutos pelo Youtube, fazer compras com altos descontos no conforto do próprio sofá pela Amazon ou pelo Submarino em períodos de Black Friday; ou ainda descobrir a bula de um remédio no buscador do Google, chamar uma carona de “preço acessível e bom atendimento” em menos de 3 minutos pela Uber e ainda saber como está o trânsito pelo Waze para não se atrasar para o trabalho?

De nada serve negar essa necessidade (desejo) de aparência, veículo de disjunções e categorizações lógicas: essa necessidade universal de um “mundo semanticamente normal”, isto é, normatizado, começa com a relação de cada um com seu próprio corpo e seus arredores imediatos. (PÊCHEUX, 2006, p.34)

A questão central aqui é a de que, embora seja unânime que a ferramenta digital traz extrema praticidade para a vida cotidiana, cria-se sobre ela o “humanismo das máquinas”, a ideia fantasiosa de que essa técnica irá miraculosamente resolver os problemas e as lacunas do “real” da cultura, da política, do que é, enfim, humano, e, portanto, está inserido numa lógica diferente da quantitativa:

Nesse espaço de necessidade equívoca, misturando coisas e pessoas, processos técnicos e decisões morais, modo de emprego e escolhas políticas, toda conversa (desde o simples pedido de informação até a discussão, o de bate, o confronto) é suscetível de colocar em jogo uma bipolarização lógica das proposições enunciáveis – com, de vez em

quando, o sentimento insidioso de uma simplificação unívoca, eventualmente mortal. (PÊCHEUX, 2006, p.33)

Em outras palavras, essa demanda fetichista de uma resposta perfeita, lógica e objetiva para as questões humanas de ordem própria (o “real” da cultura, da política, da comunicação/linguagem, etc) é uma busca constante na história humana, sendo as ciências naturais sua forma moderna:

O projeto de um saber que unificaria esta multiplicidade heteróclita de coisas-a-saber em uma estrutura representável homogênea, a ideia de uma possível ciência da estrutura desse real, capaz de explicitá-lo fora de toda falsa-aparência e de lhe assegurar o controle sem risco de interpretação (logo uma auto-leitura científica, sem falha, do real) responde, com toda evidência, a uma urgência tão viva, tão universalmente “humana”, ele amarra tão bem, em torno do mesmo jogo dominação/resistência, os interesses dos sucessivos mestres desse mundo e os de todos os condenados da terra... que o fantasma desse saber, eficaz, administrável e transmissível, não podia deixar de tender historicamente a se materializar por todos os meios. (PÊCHEUX, 2006, p.35)

E o digital, com todo o seu saber e funcionamento lógico-técnico parece ser mais uma ferramenta do curso da nossa história colocada nessa posição de uma “ciência régia conceptualmente tão rigorosa quanto as matemáticas, concretamente tão eficaz quanto as tecnologias materiais, e tão onipresente quanto a filosofia e a política!... como a humanidade poderia ter resistido a semelhante pechincha?” (PÊCHEUX, 2006, p.35)

Há um impossível específico à história, marcando estruturalmente o que constituiria o real? Há uma relação regulada entre a formulação de conceitos e a montagem de instrumentos suscetíveis de aprisionarem esse real [da história]? E podemos discernir, com o advento do pensamento de Marx, uma *descontinuidade* tal que o real histórico deixasse de ser objeto de interpretações divergentes, ou contraditórias, para ser constituído, por sua vez, em processo [lógico e autônomo como os das ciências naturais] (por exemplo, em “processo sem sujeito nem fim(ns), segundo a célebre fórmula de L. Althusser)? (PÊCHEUX, 2006, p.38-39)

Sobre tais questões, o filósofo argumenta que a história é, antes de tudo, uma ciência da interpretação que nunca será um processo estrutural lógico e autônomo, apreensível objetivamente por uma ciência, além de que o perigo epistêmico está justamente na negação dessa sua natureza interpretativa e equívoca (que seria o “real” da história), negação essa já viciada no próprio marxismo:

Vamos parar de proteger Marx e de nos proteger nele. Vamos parar de supor que as coisas-a-saber que concernem o real sócio-histórico formam um sistema estrutural, análogo à coerência conceptual-experimental galileana. E procuremos medir o que este fantasma sistêmico implica, o tipo de ligação face aos “especialistas” de todas as espécies e instituições e aparelhos de Estado que os empregam, não para se colocar a si mesmo fora do jogo ou fora do Estado (!), mas para tentar pensar os problemas fora da negação marxista da interpretação: isto é, encarando o fato de que a história é uma disciplina de interpretação e não uma física de tipo novo. (PÊCHEUX, 2006, p.42)

No terceiro e último capítulo, Pêcheux levanta “o [problema] da relação entre a análise como *descrição* e a análise como *interpretação*” (*Ibidem*, p.17) para a Análise do Discurso, com o intuito de “interrogar-se sobre a existência de um real próprio às disciplinas de interpretação [em] que o não logicamente-estável não seja considerado *a priori* como um defeito, um simples furo no real” (*Ibidem*, p.43). Segundo o autor, o estruturalismo iniciado na França dos anos 1960 em torno das ciências humanas, é que se dispôs a essa militância teórica de colocar em questão as interpretações lógicas e objetivas “das evidências da ordem humana como estritamente bio-social”, questionamento que surgiu como “efeito subversivo da trilogia Marx-Freud-Saussure.” (*Ibidem*, p.45). Segundo ele:

Colocando que “todo fato já é uma interpretação” (referência antipositivista a Nietzsche), as abordagens estruturalistas tomavam o partido de descrever os arranjos textuais discursivos na sua intrincação material e, paradoxalmente, colocavam assim em suspenso a produção de interpretações (de representações de conteúdos) em proveito de uma pura descrição desses arranjos. As abordagens estruturalistas manifestavam assim sua recusa de se constituir em “ciência régia” da estrutura do real. (PÊCHEUX, 2006, p.44)

O filósofo deixa claro que o foco do estruturalismo foi, antes de tudo, rever o papel do signo na construção do conhecimento, ou seja, tratava-se de uma virada epistemológica sobre a própria representação filosófica, documental ou científica dos objetos estudados em ciências humanas, corroborando o que acontecia já nessa época em filosofia, quanto à Virada Linguística proposta, sobretudo, por Wittgenstein. Dessa forma, a linguagem passa a ser o objeto central das ciências humanas a partir de meados do século XX, fruto de uma “suspeita absolutamente explícita sobre o ‘sujeito epistêmico’” (*Ibidem*, p.46):

Restituir algo do trabalho específico da letra, do símbolo, do vestígio, era começar a abrir uma falha no bloco compacto das pedagogias, das tecnologias (industriais e bio-médicas), dos humanismos moralizantes ou religiosos: era colocar em questão essa articulação dual do biológico com o social (excluindo o simbólico e o significante). Era um ataque dando um golpe no narcisismo (individual e coletivo) da consciência humana. (PÉCHEUX, 2006, p.45)

Contudo, nem mesmo o estruturalismo resistiu ao “narcisismo da ciência régia”, no sentido de que “esse movimento anti-narcísico (cujos efeitos políticos e culturais não estão, visivelmente, esgotados) balançava em uma nova forma de narcisismo teórico. Digamos: em um narcisismo da estrutura.” (*Ibidem*, p.46) com “seus ares de discurso sem sujeito, simulando os processos matemáticos, que conferiu às abordagens estruturais esta aparência de nova ‘ciência régia’, negando como de hábito sua própria posição de interpretação” (*Ibidem*, p.47). Esse narcisismo da estrutura gerou, no início dos anos 80, o crescente abandono da epistemologia estrutural num gesto de “covarde alívio de numerosos intelectuais franceses que reagem descobrindo, afinal, que a ‘Teoria’ os havia ‘intimidado!’” (*Ibidem*, p.48), enquanto os grandes teóricos estruturalistas (Lacan, Foucault, Derrida, Barthes) começavam a serem lidos na América Latina.

Esse movimento de abandono do estruturalismo, por sua vez, “obriga os olhares a se voltarem para o que se passa realmente ‘em baixo’, [...] o ordinário das massas, especialmente em período de crise” (*Ibidem*, p.48). Sobre a questão da análise cotidiana, trata-se exatamente do que este presente trabalho objetiva fazer no digital: analisar e refletir o “olhar cotidiano” do internauta sobre a tela do *smartfone* ou computador, a relação, de certa forma, das massas digitais com essa materialidade, não nos prendendo a um discurso bem demarcado e institucionalizado de páginas ou grupos de natureza política.

As propostas do autor, por sua vez, para que a Análise de Discurso não caia nessa cilada narcísica do conhecimento “colado ao real” são duas:

“A primeira exigência consiste em dar o primado aos gestos de descrição das materialidades discursivas. Uma descrição, nesta perspectiva, não é uma apreensão fenomenológica ou hermenêutica na qual *descrever* se torna indiscernível de *argumentar*: essa concepção da descrição supõe ao contrário o reconhecimento de um real específico sobre o qual ela se instala: o real da língua. [...] Eu disse bem: a língua. Isto é, nem a linguagem, nem a fala, nem o discurso, nem texto, nem interação conversacional, mas aquilo que é colocado pelos linguistas como

condição de existência (de princípio), sob a forma da existência do simbólico, no sentido de Jakobson e de Lacan. (PÊCHEUX, 2006, p.50)

Nesse sentido “a pesquisa linguística começaria assim a se deslocar da obsessão da ambiguidade (entendida como lógica do ‘ou...ou’) para abordar o próprio da língua através do papel do equívoco, da elipse, da falta, etc...” (*Ibidem*, p.50), ou seja, é preciso levar a sério a descrição dos funcionamentos da língua que dão abertura para pontos de deriva como sendo um fenômeno constitutivo da sua estrutura mais profunda (o sistema linguístico que dá base aos demais) e não um pequeno “desvio do bom uso da norma padrão”.

Pêcheux propõe então, um segundo gesto teórico:

A consequência do que precede é que toda descrição – quer se trate da descrição de objetos ou de acontecimentos ou de um arranjo discursivo-textual não muda nada, a partir do momento em que nos prendemos firmemente ao fato de que “não há metalinguagem” - está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso. (PÊCHEUX, 2006, p.53)

É nesse ponto, portanto, que a descrição passa a oscilar para a interpretação. A máxima lacaniana de que “não há metalinguagem” se dá justamente no sentido de que todo dizer já é um gesto simbólico sobre outros símbolos, ou seja, todo dizer é constitutivamente metalinguístico, todo efeito de sentido de um significante é constituído por outros significantes, o que desconstrói o imaginário gramatical e lógico de descrição e entendimento objetivo das línguas. Em outras palavras, não há descrição objetiva (morfossintática) do sentido por excelência que estanque o sentido. Baseado também na teoria lacaniana e no trabalho de Authier-Revuz, Pêcheux associa essa abertura do simbólico à existência do *outro*, daquilo que é estranho ao sujeito, está sempre em aberto, em troca, aquilo de que o sujeito busca se distanciar para parecer uno, centrado e acabado, o que, em outras palavras, é o primado do interdiscurso que o autor já havia trazido em 1975:

é porque há um outro nas sociedades e na história, correspondente a esse outro próprio do linguageiro discursivo, que aí pode haver ligação,

identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. É porque há essa ligação que as filiações históricas podem-se organizar em memórias, e as relações sociais em redes de significantes. (PÊCHEUX, 2006, p.54)

Talvez um dos maiores impactos da tecnologia digital na cultura humana seja justamente a alteração na forma de lidar com esse *outro*. Acredito que as redes sociais, em específico, operam num jogo dialético de alteridade: permitem tanto acontecimentos de encontro, entendimento, descoberta do *outro* quanto o fechamento e o reforço imaginário de proteção a isso que é “estranho” a mim e me “incomoda”. A relação do sujeito com esse *outro*, portanto, é o ponto central da especificidade das ciências humanas e das ciências da interpretação. Ele é, em outras palavras, a base do que Pêcheux coloca como o real da história (o fato de ela não ser uma ciência objetiva, mas contingencial e constitutivamente aberta à interpretação) e como o real da língua (a abertura constitutiva de qualquer enunciado linguístico) sem que isso signifique uma anarquia completa, a libertinagem do método e do sentido, o relativismo absoluto. Trata-se, sim, de reconhecer essa “falha” (termo um tanto viciado do sonho científico moderno) constitutiva da construção do conhecimento humano sobre o “real” da cultura:

Esse discurso-outro, enquanto presença virtual na materialidade descritível da sequência, marca, do interior dessa materialidade, a insistência do outro como lei do espaço social e da memória histórica, logo como o próprio princípio do real sócio-histórico. (PÊCHEUX, 2006, p.55)

Por fim, Pêcheux alerta sobre mais um perigo da “sobreinterpretação antecipadora” com ares de “ciência régia”: o da construção de uma série de enunciados regulares, um *corpus*, que pode, muitas vezes, apagar um acontecimento e mostrá-lo como mera repetição e continuidade dentro de uma estrutura. Além do cuidado, portanto, com a construção do *corpus*, há que se ter o mesmo cuidado com a noção estrutural de formação discursiva, no sentido de que ela também pode vir a escamotear o acontecimento de um discurso dada a sua lógica da repetição da memória discursiva e do sentido, o que marca a posição plenamente pós-estruturalista do autor, sem que se deixem de lado materialismo histórico e a psicanálise:

Este ponto desemboca sobre a questão final da discursividade como estrutura ou como acontecimento. A partir do que precede, diremos que o gesto que consiste em inscrever tal discurso dado em tal série, a incorporá-lo a um “*corpus*”, corre sempre o risco de absorver o acontecimento desse discurso na estrutura da série na medida em que esta tende a funcionar como transcendental histórico, grade de leitura ou memória antecipadora do discurso em questão. A noção de “formação discursiva” emprestada a Foucault pela Análise de Discurso derivou muitas vezes para a ideia de uma máquina discursiva de assujeitamento dotada de uma estrutura semiótica interna e por isso mesmo voltada à repetição: no limite, esta concepção estrutural da discursividade desembocaria em um apagamento do acontecimento, através de sua absorção em uma sobre-interpretação antecipadora. [...] Todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes). (PÊCHEUX, 2006, p.56)

Por fim, o autor dá seu posicionamento sobre a postura do analista de discurso quanto à sua prática: “Face às interpretações sem margens nas quais o intérprete se coloca como um ponto absoluto, sem outro nem real, trata-se aí, para mim, de uma questão de ética e política: uma questão de responsabilidade.” (*Ibidem*, p.57).

1.2- Análise do Discurso Digital

1.2.1- Michel Pêcheux e a informática: leitura, arquivo e memória

Michel Pêcheux, em seu artigo *Ler o arquivo hoje* (1997b [1982]) atentou já para o perigo de se idealizar que, com a linguagem da lógica informática, baseada na matemática de algoritmos, as línguas humanas teriam seu caráter material (histórico, de equívocos e polissemia) apagado. O autor faz essa reflexão num momento em que a informática ainda estava restrita a círculos acadêmicos de tratamento de dados e pesquisa, os quais, contudo, começaram já nessa época a *informatizar* textos escritos transformando-os em *dados* e a seu conteúdo, em informação, o que, segundo ele, representava um perigo à memória histórica e aos gestos de leitura de arquivos.

O filósofo coloca que as diferenças teóricas e analíticas dos “profissionais da leitura de arquivos” que são “‘literatos’ (historiadores, filósofos, pessoas de letras)”

(*Ibidem*, p.56); são causadas pelas diferenças na seleção e leitura/tratamento desses arquivos, o que o autor chama de “clivagens subterrâneas diferentes, ou mesmo contraditórias, de *ler o arquivo* (entendido no sentido amplo de ‘campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão’).” (*Ibidem*, p.57). Ou seja, a relação do sujeito com a materialidade do texto e a própria natureza dessa materialidade, alteram tanto os gestos de leitura quanto os efeitos de sentido dos discursos aí presentes:

Seria do maior interesse reconstruir a história deste sistema diferencial dos *gestos de leitura* subjacentes, na construção do arquivo, no acesso aos documentos e a maneira de apreendê-los, nas práticas silenciosas da leitura “espontânea” reconstituíveis a partir de seus efeitos na escritura: consistiria em marcar e reconhecer as evidências práticas que organizam estas leituras, mergulhando a “leitura literal” (enquanto apreensão-do-documento) numa leitura interpretativa – que já é uma escritura. Assim começaria a se constituir um *espaço polêmico das maneiras de ler*, uma descrição do “**trabalho do arquivo enquanto relação do arquivo com ele mesmo**, em uma série de conjunturas, trabalho da memória histórica em perpétuo confronto consigo mesma”. (PÊCHEUX, 1997b, p.57. Grifo nosso.)

Aqui fica claro, quando dizemos que o objetivo de nosso presente trabalho é o de analisar os gestos de leitura de arquivos digitais na materialidade digital, que se trata de buscar entender como o digital em sua especificidade influencia no gesto de leitura de um sujeito internauta e contribui na construção de uma nova forma de memória (ou desmemória) histórica, cujo caráter de “leitura literal” e “espontânea” precisa ser discutido.

Pêcheux então, aponta para “a outra vertente de leitura de arquivo” que, ao contrário da anterior, é a do “enorme trabalho anônimo, fastidioso mas necessário, através do qual os aparelhos do poder de nossas sociedades gerem a memória coletiva.” (*Ibidem*, p.57). Trata-se, portanto, das estruturas logicamente estabilizadas do sentido, que trabalham acontecimentos e constroem a memória histórica de uma formação social, tal qual aparece no texto supracitado de 1983, *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Nesse sentido, “desenvolver socialmente tais *métodos de tratamento em massa* do arquivo textual, com fins estatais ou comerciais, supunha torná-los **facilmente comunicáveis, transmissíveis e reproduzíveis.**” (*Ibidem*, p.57. Grifo em negrito nosso).

Aqui, baseada na reflexão do autor, vem a questão crucial de como o digital serve a esse controle da memória coletiva e estabilização de sentidos em contraponto à liberdade de pensamento e de autonomia das redes. Segue a relação entre a informática e os processos logicamente estabilizados de leitura:

As necessidades da gestão administrativa dos documentos textuais de todos os tipos fizeram, assim, na primeira metade do século XX, sua junção histórica com os projetos científicos visando a construção de línguas lógicas artificiais [...]. A primeira onda do desenvolvimento informático das décadas de 1950 a 1970 veio confirmar esta união. Os diferentes métodos mais ou menos sofisticados de análise textual (desde a análise de conteúdo até os atuais sistemas de interrogação de dados) resultaram dessa convergência, que não parou, desde então, de despertar o interesse dos “cientistas” pelos materiais discursivos-textuais. (PÊCHEUX, 1997b, [1982], p.58)

Pêcheux parece, aqui, estar falando dos primórdios do que é hoje o *Big Data*: essa grande massa de dados gerados a cada segundo na *Internet* por meio de aparelhos digitais sobre interações nas redes, preferências de compra, tendências de curtidas, etc. que tem alto valor de mercado e grande espectro de aplicação social, atendendo a interesses políticos, de Estado, econômicos, sociais, publicitários, etc. e que estrutura hoje um mercado de serviços digitais com agências e profissionais especializados em “mineração de dados”.

O autor conclui que a separação entre essas duas formas de leitura, entre “o ‘literário’ e o ‘científico’” não é mero fruto do acaso, mas sim, efeito do processo de “divisão social do trabalho de leitura, inscrevendo-se numa relação de dominação política: a alguns, o direito de produzir leituras originais, [...] a outros a tarefa subalterna de [...] sustentar [...] as ditas ‘interpretações’”. (*Ibidem*, p.58). Pêcheux então, coloca que com o advento da informática e dos métodos informáticos

esta divisão social do *trabalho da leitura* está atualmente se reorganizando totalmente, **aprofundando-se**: compreende-se que, de diversos lados, **os poderes “interessam-se” pelas ciências do tratamento de textos**. Sublinhar até que ponto os procedimentos “objetivos” destas se inscrevem tão facilmente numa série de efeitos burocráticos não é senão denegrir exageradamente a situação. A lógica das classificações autoriza o desvio da atividade matemática pela gestão administrativa, ou seja, **pelo funcionamento de “máquinas” cuja memória é constituída exclusivamente de lembranças, listas e quadros**: a palavra “IBM” está aí para nos lembrar que a informática tem, espontaneamente, parte ligada à burocracia administrativa. (PÊCHEUX, 1997b, [1982], p.58-59. Grifos nossos.)

O que o autor critica aqui é a postura aristocrática e defensiva dos profissionais da leitura das ciências humanas ao ignorarem o vertiginoso crescimento dessas técnicas “científicas” lógico-matemáticas do tratamento de textos influenciado pelo interesse utilitário da burocracia e administração:

No contexto da Europa dos anos 1980, a tradição dos grandes praticantes do arquivo vai se encontrar numa posição cada vez mais delicada, face à proliferação previsível dos “métodos de tratamentos de textos” induzidos pela **desordem informática** que se prepara em nossas sociedades. A arrogância e a condescendência fóbicas dos “literatos” ameaça isolá-los mais e mais (cultural e politicamente) face à **paciente e mordaz modéstia “utilitária” dos cientistas de arquivo, que têm o futuro diante deles.** (PÊCHEUX, 1997b, [1982], p.59. Grifos nossos.)

Michel Pêcheux, já no início dos anos 1980, parecia prever o perigo e a força da lógica utilitária da técnica informática na administração do saber e da sociedade, que era já uma profunda “reorganização social do trabalho intelectual, cujas consequências **repercutirão diretamente sobre a relação de nossa sociedade com sua própria memória histórica.**” (*Ibidem*, p.59. Grifo nosso). A preocupação epistemológica do autor, que tanto nos interessa, é a de que essa expansão da informática e do dado algorítmico colonize “amplos setores (discursos políticos de uma parte, publicitários de outra,) onde a prática da ‘leitura literal’ se mostra **perfeitamente insuficiente.**” (*Ibidem*, p.59-60. Grifo nosso). Nas palavras do autor:

Não considerar os procedimentos de interrogação de arquivo como um instrumento neutro e independente (um aperfeiçoamento das técnicas documentais) é se iludir sobre o efeito político e cultural que não pode deixar de resultar de uma expansão da influência das *línguas lógicas de referentes unívocos*, inscritos em novas **práticas intelectuais de massa**. Não faltam boas almas se dando como missão livrar o discurso de suas ambiguidades, por um tipo de “terapêutica da linguagem” que fixaria enfim o sentido legítimo das palavras, das expressões e dos enunciados. É uma das significações políticas do desígnio neopositivista esta de visar construir logicamente, com a benção de certos linguistas, uma **semântica universal suscetível de regulamentar** não somente a produção e a interpretação dos enunciados científicos, tecnológicos, administrativos... mas também (um dia, por que não?) dos **enunciados políticos.** (PÊCHEUX, 1997b, [1982], p.60. Grifos em negrito nossos.)

O filósofo insiste em que se atente justamente ao apagamento do caráter material constitutivo da língua/simbólico no seu tratamento informático do cálculo, da lógica e da sintaxe, apagando-se as questões semânticas colocadas pela AD:

A materialidade da sintaxe é realmente o objeto possível de um cálculo – e nesta medida os objetos linguísticos e discursivos se submetem a algoritmos eventualmente informatizáveis – mas simultaneamente ela escapa daí, na medida em que, o deslize, a falha e a ambiguidade são constitutivos da língua, e é por aí que a questão do sentido surge do interior da sintaxe. (PÊCHEUX, 1997b, [1982], p.62.)

Desse modo, contra a quantificação lógica da língua por algoritmos informatizados: “É a relação entre *língua* como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo, e a *discursividade* como inscrição de efeitos linguísticos materiais na história, que constitui o nó central de um trabalho de leitura de arquivo.” (*Ibidem*, p.63). Mais que um procedimento metodológico de leitura de arquivos, contudo, Pêcheux deixa claro que tal posicionamento epistemológico da análise do discurso quanto à leitura e a interpretação de arquivos é uma posição política:

Logo: nem ceder às facilidades verbais da pura denúncia humanista do “computador”, nem se contra-identificar ao campo da informática (o que tornaria a reforçar o projeto desta), mas tomar concretamente partido, *no nível dos conceitos e dos procedimentos*, por este trabalho do pensamento em combate com sua própria memória, que caracteriza a leitura-escritura do arquivo, sob diferentes modalidades ideológicas e culturais, contra tudo que tende hoje a apagar este trabalho. Isto supõe *também* construir procedimentos algoritmos informatizados, traduzindo, tão fielmente quanto possível, a pluralidade dos *gestos de leitura* que possam ser marcados e reconhecidos no espaço polêmico das leituras de arquivos. (PÊCHEUX, 1997b, [1982], p.63-64.)

Infelizmente parece ter ocorrido o contrário: os algoritmos de seleção e direcionamento de dados, *links* e conteúdos nas redes sociais, ao invés de trabalharem o caráter material do sentido, ou seja, a “pluralidade dos gestos de leitura”, parecem reforçar leituras pré-determinadas dos sujeitos internautas, o que discutiremos com calma mais adiante. Resta aqui, contudo, a posição política do trabalho teórico de mostrar os efeitos políticos desse apagamento do “espaço polêmico das leituras de arquivo” por meio da análise do discurso. Na esteira dessa reflexão de Michel Pêcheux, explorar um conceito recorrente até aqui se faz necessário: o de memória discursiva ou, como o autor coloca, memória histórica. Pois vamos a ele.

Fruto de um colóquio ocorrido em Paris no ano de 1983, o texto *O papel da memória*, de Michel Pêcheux, é o balanço final que o filósofo fez das discussões entre historiadores e linguistas ocorridas neste evento. O autor começa reconhecendo que “a questão do papel da memória permitiu um encontro efetivo

entre temas a princípio bastante diferentes”, a saber, o da memória a partir de “textos e discursos, e outra sobre a imagem.” (PÊCHEUX, 2010 [1983], p.49). O reconhecimento da “eficácia simbólica ou ‘significante’ da imagem” (*Ibidem*, p.51) na construção social de uma memória histórica é imprescindível para se pensar o digital e a intensa circulação de imagens e fotomontagens que ele torna possível.

O autor então propõe o conceito de memória em Análise do discurso: “Memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador.” (*Ibidem*, p.50), com o intuito de realçar seu caráter coletivo, estrutural, latente e interdiscursivo. Em outras palavras:

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 2010 [1983], p.52)

Pensando então, a tensão dialética entre um acontecimento discursivo e uma memória, Pêcheux se coloca agora a refletir especificamente sobre o papel da imagem nesse processo:

Essa negociação entre o choque de um acontecimento histórico singular e o dispositivo complexo de uma memória poderia bem, com efeito, colocar em jogo a nível crucial uma passagem do *visível* ao *nomeado*, na qual a imagem seria um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar: tocamos aqui o efeito de representação e de reconhecimento que faz da imagem como que a recitação de um mito. Na transparência de sua compreensão, a imagem mostraria como ela se lê, quer dizer, como ela funciona enquanto diagrama⁴³, esquema ou trajeto enumerativo. (PÊCHEUX, 2010 [1983], p.51)

Essa reflexão do autor sobre a imagem é rica no sentido de mostrar um processo duplo: primeiro, o fato de que a imagem parece fazer funcionar com muito

43 “O **diagrama** é uma representação visual estruturada e simplificada de um determinado conceito ou ideia, um esquema. Relaciona-se frequentemente à ciência e à arte.” Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Diagrama>> Acessado em: 01/08/2019. Esse gênero textual, se é que se pode assim dizer, se relaciona com o que se discutiu anteriormente sobre os “*métodos de tratamento em massa* do arquivo textual, com fins estatais ou comerciais, supunha torná-los facilmente comunicáveis, transmissíveis e reproduzíveis.” (PÊCHEUX, 1997b, [1982], p.57). Nesse sentido, pensando aqui o digital, que gêneros iconotextuais podem vir a descender desse arquétipo textual que acompanha as sociedades modernas desde “O Homem Virtuviano” de Da Vinci?

mais força do que o verbal, o peso de sua aparente “literalidade” e “transparência” de sentido óbvio quanto a um referente “objetivo”. O segundo processo é o fato de que esse “programa de leitura” que a imagem impõe para a “transparência de sua compreensão” é fruto sempre de **“um percurso escrito discursivamente em outro lugar”**. Em outras palavras, a imagem não se separa do verbal, superando-o com sua verdade incontestável (o que para o senso comum tem dois pesos e duas medidas, haja vista ao ditado popular “uma imagem vale mais que mil palavras”, uma memória discursiva sobre a própria imagem), mas filia-se a ele numa troca mútua de interpretação e legitimação/deslegitimação dos seus gestos de leitura.

Agora sobre a questão da repetição e regularização de um mesmo sentido que alimenta uma memória, há uma analogia com a natureza da série matemática que se faz pertinente para pensarmos a materialidade digital:

haveria, sob a repetição, a formação de um efeito de série pelo qual uma “regularização” [...] se iniciaria, e seria nessa própria regularização que residiriam os implícitos, sob a forma de remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrase (que podem a meu ver conduzir à questão da construção de estereótipos). Mas, [...] essa regularização discursiva, que tende assim a formar a lei da série do legível, é sempre suscetível de ruir sob o peso do acontecimento discursivo novo, que vem perturbar a memória: a memória tende a absorver o acontecimento, como uma série matemática prolonga-se conjeturando o termo seguinte em vista do começo da série, mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa “regularização” e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior. (PÊCHEUX, 2010 [1983], p.52)

O processo de “regularização”, segundo o autor, é o estabelecimento de uma memória discursiva a partir da “repetição” de um discurso. Se levarmos em consideração que no digital há justamente o funcionamento desta “série matemática [que] prolonga-se conjeturando o termo seguinte” num processo (quase) infinito de repetição por meio de algoritmos de seleção de conteúdo, fica um pouco mais esclarecido como a lógica matemática (como técnica pura, antes mesmo de se considerarem interesses políticos, se é que isso é possível) interfere na memória discursiva escamoteando a força constitutiva presente em qualquer enunciado, do acontecimento e da ressignificação.

Adiante, por outro lado, Pêcheux insiste no fato constitutivo da língua e do discurso potencialmente poderem transformar-se em algo novo, retrabalhado pela metáfora e opacidade da língua que sempre está ali como “risco” de alteração do “mesmo”: “esse efeito de opacidade (correspondente ao ponto de divisão do mesmo e da metáfora), [é] que marca o momento em que os ‘implícitos’ não são mais reconstituíveis.” (*Ibidem*, p.53), uma vez que a “questão da interpretação é incontornável e retornará sempre.” (*Ibidem*, p.54).

Acerca do peso constitutivo do acontecimento sobre qualquer enunciado/imagem, Pêcheux alerta para algo que parece recorrente na materialidade digital: a generalização da “informação” instantânea que, por isso mesmo, acaba não inscrevendo um acontecimento discursivo numa memória, uma vez que trata-se quase sempre de um “acontecimento sem profundidade”. O autor faz essa reflexão a partir da imagem da TV:

O choque opaco do acontecimento televisual é também algo que não se inscreve, na medida em que está sempre “já lá”, no retorno de um paradigma pesado que se repete no interior de sua aparição instantânea: por exemplo [...], a história do submarino soviético perdido no Báltico, quando este vem à superfície da tela de TV; o submarino está sempre lá, não necessariamente no fundo do mar, mas nas profundezas de um paradigma que estrutura o retorno do acontecimento sem profundidade. (PÊCHEUX, 2010 [1983], p.55)

Por fim, pensando a heterogeneidade e o interdiscurso, Pêcheux conclui que

uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos. (PÊCHEUX, 2010 [1983], p.56)

Esses conflitos, por fim, são também visíveis, gritantes nas redes sociais, tanto pelos embates polêmicos quanto (e talvez, principalmente) pela capacidade técnica de alteração/edição de arquivos digitais, como as fotomontagens.

1.2.2 – O processo discursivo da informação na materialidade digital

A professora Solange Leda Gallo, em seu artigo *Discurso e novas tecnologias de informação* (2018), faz uma importante reflexão sobre o processo discursivo da

“informação” na materialidade digital, pois “a própria tecnologia confere uma certa materialidade ao dizer. [...] ou seja, todo dizer é afetado em seus possíveis efeitos de sentido por essa materialidade própria da tecnologia.” (*Ibidem*, p.346).

Há, segundo a autora, uma “aparente discrepância na concepção de linguagem desses dois campos, o campo do discurso e o da chamada cibercultura.” (*Ibidem*, p.345). Segundo ela, a partir do trabalho teórico de “Pierre Levy [...] *Cibercultura*, de 2000, [...] foi possível se considerar a linguagem virtual como sendo desterritorializada”, o que, nos seus termos, significa dizer que a cibercultura não reconhece no discurso, “sua materialidade, que tem dimensão histórica, social e ideológica.” (*Ibidem*, p.345). É preciso então, “compreender o gesto de interpretação dos sujeitos inscritos na discursividade digital, pois é esse gesto de interpretação que produz o efeito de sentido de desterritorialização.” (*Ibidem*, p.346).

Sobre a linguagem digital, por sua vez, a autora faz uma importante descrição da sua distinção e especificidade quanto à linguagem “natural”, considerando-se que ambas são atravessadas por e materializam discursos:

a informática se constitui no desenvolvimento da linguagem algorítmica, de modo a aproximá-la a uma linguagem “natural”. Isso se dá por meio de índices, ícones, símbolos imagéticos, e da própria língua verbal, nos espaços de interface. Assim, por mais “natural” que nos pareça essa linguagem, é preciso considerar que ela foi desde sempre trabalhada discursivamente para produzir esse efeito de sentido. Em outras palavras, é preciso dizer que a linguagem digital produzida pela ciência da informação, só é reconhecível e interpretável, na exata medida do seu uso por sujeitos. Assim como se fala em letramento como condição necessária para que se apreenda a escrita, também a linguagem digital necessita [...] de um certo letramento. Em termos discursivos, diremos que o sujeito precisa mobilizar determinados saberes (uma memória específica) para interpretar um enunciado digital. E nesse caso, quanto maior for o contato com essa linguagem, mais “naturais” serão seus efeitos de sentido para o sujeito. Em síntese, não se trata de um sentido imanente, [...] mas de uma construção social, histórica e ideologicamente determinada. (GALLO, 2018, p.347)

É essa memória específica da relação do sujeito com a materialidade digital que a professora denominará, usando o termo de Pêcheux (1997b [1982]), como sendo “clivagens subterrâneas” (p.57), discutido no tópico anterior. “Ou seja, há um gesto de interpretação da realidade materializada pela linguagem digital.” (GALLO, 2018, p.348). O que, segundo a autora, se naturaliza para o sujeito é a ideia de infalibilidade do digital, uma construção ideológica e histórica, por meio de práticas

digitais (postar, compartilhar, recortar, colar, deletar, curtir, seguir, etc.) e demandas utilitárias do cotidiano. “Na verdade, esses espaços espelham a própria relação que os sujeitos têm com eles, o que significa que eles oferecem, em grande medida, não outra coisa, senão o resultado desse espelhamento.” (GALLO, 2018, p.348).

Seguindo seu raciocínio, essas “clivagens”, ou seja, essa relação específica dos sujeitos internautas com os gestos de leitura sobre o arquivo digital que circula nas redes, são em parte construídas por “tecnólogos da informação”, os profissionais da área de tecnologia responsáveis pelo design gráfico das interfaces de aplicativos e sites e pelo desenvolvimento de algoritmos de direcionamento de conteúdo nas redes sociais. Contudo, “essas possibilidades são, a princípio, redutoras. O que faz com que elas expandam, é trazido pelos interlocutores desse espaço.” Em outras palavras, “a eficácia do ciberespaço resulta da coletividade que nele está inscrita” (GALLO, 2018, p.348).

A noção de informação, por sua vez, parece ser uma forma específica de circulação de um enunciado pelo interdiscurso, o que explica, por sua vez, a expressão “tecnologias de informação”. Segundo a autora:

Tenho pensado a informação como um dizer que se produz em uma determinada discursividade, e que dela é retirado para ser transportado para outra discursividade, perdendo, nesse movimento, sentidos pré-construídos. [...] Assim, por exemplo, um enunciado que é produzido no discurso científico, ao ser inserido no discurso jornalístico, produz aí o sentido de “informação científica” [...] quando o sujeito não compartilha esses saberes [...]. Retomando, então, a expressão “novas tecnologias de informação”, é possível compreender que há enunciados que são transpostos para o ciberespaço, vindos de diferentes discursividades, e que aí perdem os sentidos relacionados à memória discursiva que os tornavam interpretáveis em determinada formação discursiva, e ganham, nesse novo espaço (o ciberespaço), a dimensão de “informação”, resultante de um novo gesto de interpretação. (GALLO, 2018, p.349)

A *memória metálica*: “que segundo Orlandi (2005, p.182) funciona apagando a memória histórica e substituindo a relação vertical e metafórica do sentido, por uma combinatória infindável de sinais à qual o sujeito se liga metonimicamente.” (GALLO, 2018, p.350), por sua vez, “é constituída exclusivamente de lembranças, listas e quadros” (PÊCHEUX, 1997b, p.58), e apaga a profundidade das relações metafóricas de um enunciado/discurso à sua memória discursiva pelo peso mesmo de sua efemeridade e fragmentação textual-discursiva, o que resulta nessa ligação metonímica, empobrecida e esparsa que o sujeito faz com a memória discursiva.

Sobre sua organização simbólica e interativa, as redes sociais “materializam de uma forma específica a língua, pois pressupõem formas polêmicas, diferente das que predominam nas tecnologias de informação ‘tradicionais’”. (GALLO, 2018, p.351). Nesse sentido, o digital enquanto dispositivo languageiro, permite a polifonia enunciativa de uma forma única e diferente de todas as materialidades discursivas e tecnologias enunciativas já desenvolvidas, o que motiva a marcação significativa de “novas” tecnologias da informação às plataformas digitais. O diferencial é a “multiplicidade, ou seja, a constituição de muitos e simultâneos diálogos em rede.” (*Ibidem*, p.352), o que demanda uma nova inscrição do sujeito no discurso:

o ciberespaço comporta muitos indivíduos em conexão, simultaneamente, ou quase simultaneamente, sem que para isso seja necessária a presença física (além disso, esses indivíduos podem valer-se de um vasto arquivo digital). Estamos falando de coletividades em contato nas chamadas redes, o que requer uma forma específica de sujeito. Esse funcionamento do ciberespaço me parece ser, de fato, algo novo nas chamadas “novas tecnologias”, a saber, um modo novo de inscrição dos sujeitos. (GALLO, 2018, p.352)

Essa nova inscrição do sujeito do discurso na materialidade digital se dá, segundo a autora, por conta de uma relação dinâmica entre a Oralidade, “em interlocuções instantâneas, provisórias, com múltiplos interlocutores, sem fecho, sem efeito de autoria” e da Escrita, “com uma certa unidade e legitimidade” (*Ibidem*, p.352), misturando, portanto, a um dizer espontâneo e anônimo, o caráter legitimador e regulador da escrita, o que calha na *Escritorialidade* em rede:

um discurso sem as margens estabilizadas, um discurso ele próprio desestabilizador, na medida em que produz efeito de autoria sobre sujeitos não alinhados às conhecidas instâncias do poder, que são próprias dos processos discursivos identificados ao Discurso de Escrita. (GALLO, 2018, p.418)

Já apagamento da interpelação ideológica no digital, segundo a autora, é aprofundado pelo funcionamento da memória metálica:

apesar dos sujeitos que estão “conectados” na rede só produzirem sentido na medida em que mobilizam uma memória discursiva, isso fica invisível para os sujeitos, que têm a ilusão de estarem constituindo sentido no interior da rede, ou seja, a partir da memória metálica, deslizando nos infindáveis fios de “informação” lá disponíveis. Isso produz uma certa cegueira em relação às condições materiais que estão na sustentação desses movimentos – condições invisíveis, mas

inexoráveis. Essa cegueira, no entanto, não atinge o mercado, que está de olhos bem abertos. (GALLO, 2018, p.354)

Sobre o *Big Data*, por sua vez, Gallo reforça que “é necessário salientar, imediatamente, a relação que esse enorme banco de dados (que não é nada sem a nossa adesão diária) tem com o capital”, já que “esses instrumentos tecnológicos armazenam mais informações sobre o sujeitos do que jamais se conseguiu em toda história da humanidade, e isso tem valor de mercado.” (*Ibidem*, p.354). Por fim, é deixada uma importante reflexão epistemológica sobre a relação do sujeito com a informação na atualidade: “para produzir conhecimento é necessário relacionar diferentes memórias e compreender a relação delas com os diferentes efeitos de sentido produzidos.” (*Ibidem*, p.356), o que fica apagado, muitas vezes, no digital.

1.2.3 – A Análise do discurso digital proposta por Cristiane Dias

Filiada à teoria materialista do discurso, Cristiane Dias (2018) coloca dessa forma o objetivo de seu empreendimento teórico com relação ao discurso na materialidade digital:

compreender no modo de historicização da tecnologia, ou seja, no modo como todos os recursos tecnológicos disponíveis na virada do século e que produziam para o novo milênio todo um imaginário futurista (finalmente o futuro havia chegado!), foram significando a relação do sujeito com o sentido, com o pensamento e com o mundo, através do discurso digital.” (DIAS, 2018, p.47)

Fica claro, na exposição da autora, que um dos aspectos primordiais da evidência ideológica do sentido intensificada no digital, são os discursos sobre a “era tecnológica” em que vivemos, que a exaltam como a única, verdadeira e superior técnica humana. Nesse sentido, Dias (2018) também reflete sobre a busca do sujeito pela organização dos sentidos e a sua centralidade no digital e nas redes sociais, aos quais “recorrem cotidianamente para se sentirem parte do mundo semanticamente normal.” (DIAS, 2018, p.60), o que intensifica seu imaginário de completude e certezas:

Podemos dizer que esses sistemas lógico-portáteis são aquilo que produz uma unidade imaginária de nossa existência como algo que podemos regular, decidir, gerir, por meio de objetos e também regras sociais, impostas do exterior por um saber paradigmático e discursivo, com dimensão moral. Ainda em outros termos, podemos dizer que os

sistemas lógico-portáteis produzem a ilusão necessária da centralidade do sujeito em relação a sua existência, a saber, às suas relações, sua memória, à história mesma de sua vida, seus bens materiais etc.” (DIAS, 2018, p.59)

Ainda sobre as ilusões imaginárias da relação do sujeito com a tecnologia, ela aponta que, “ao contrário do que se costuma acreditar, que com a *Internet* o sujeito tem tudo à sua disposição, poderíamos dizer que pelos dispositivos panspectrais, o sujeito tem cada vez menos de tudo a sua disposição e mais de si mesmo.” (DIAS, 2018, p.193) num processo de alimentação narcísica e reforço do imaginário (Ideologia) e sentidos pré-construídos. A autora retoma a noção do panóptico para aprofundar a reflexão sobre as novas formas de vigilância e assujeitamento:

Diferentemente do panóptico, dispositivo de vigilância criado por Jeremy Bentham (2000 - [1787]), o *panspectron* não opera a partir de uma centralidade, que tudo vê, mas de uma multiplicidade de dispositivos, como os satélites e as redes que coletam e compilam informações, como filtros, produzindo padrões e, conseqüentemente, silenciando aquilo que não cabe nesses ‘padrões’. O *panspectron* é uma forma de vigilância eletrônica ou ‘vigilância panspectrica’, conforme intitula Palmas (2011). Como esse autor mostra, é um sistema muito utilizado pelas grandes corporações contemporâneas, através da ‘mineração de dados’. Essa forma de vigilância panspectral e produção de padrões e tendências, não diz respeito ao mercado, mas de modo mais drástico, diz respeito à constituição de sujeitos e à produção dos sentidos.” (DIAS, 2018, p.192)

Nesse sentido, “somos cada vez mais lembrados do que devemos lembrar.” (*Ibidem*, p.190) por meio de cookies e algoritmos de seleção de informação nos aplicativos digitais. Esse fenômeno discursivo, que naturalmente é afetado pela ideologia, funcionando como uma “contenção dos sentidos e de asfixia do sujeito porque é um modo de não permitir que o sujeito circule pelas diferentes formações discursivas” (*Ibidem*, p.193) passa, portanto, a ter outra dimensão no digital.

Um novo paradigma comunicacional e discursivo, por sua vez, a ser explorado por Dias (2018), é a questão da relação do sujeito internauta com a própria escrita, ou seja, a produção de enunciados verbais na técnica digital:

“O que é postagem? Se teclar parece ficar entre a oralidade e a escrita, o postar estaria entre a escrita e o meio. O postar inclui o percurso, o envio, a espera, a chegada, a saber, o meio, é uma forma de escritura que implica o compartilhamento, a **viralização**, mas também o textão ou as hashtags ou as imagens, os memes, vídeos, etc. O teclar é com alguém, o postar é para alguém. São formas distintas de subjetivação pelo digital.” (DIAS, 2018, p.158. Grifo nosso)

Ainda dentro desse novo paradigma comunicacional, há uma segunda mudança profunda: a questão da viralização dos discursos na materialidade digital, ficando eles presos ao agora e à desistoricização dos sentidos, num perpétuo presente. Segundo a autora:

É pela circulação que se dá sua eficácia tecnológica, sendo a viralização o grau máximo dessa eficácia. O viral é a atestação da circulação, mas não é garantia de historicização do sentido. Pela característica do viral que é a replicação ao excesso do dito, é justamente esse retorno do mesmo que o impede de significar na história. (DIAS, 2018, p.158)

Tal fenômeno já era apontado nos anos 80 pelo crítico de arte e marxista Fredric Jameson, ao constatar que, no capitalismo tardio da publicidade e cultura de massas, há “uma experiência muito mais intensa do tempo presente, que não é relativizado na sua articulação a um conjunto mais amplo de acontecimentos do passado e a projetos do futuro.” (EVANGELISTA, 2007, p.138); o que parece ter se intensificado com a assimilação do digital em praticamente todas as esferas da vida contemporânea.

Retomando as discussões teóricas de Dias (2018), dentro ainda da questão da circulação, a linguista também discute a autoria na materialidade digital levando em consideração a dispersão extremada dos discursos aí presentes:

como nos mostrou Orlandi (1998), a noção de autoria é determinada pela relação com a exterioridade (regras, instituições, etc.), hoje, essa determinação passa pela tecnologia digital. A questão da autoria diz respeito, portanto, às formas de existência do sujeito nas condições de produção da sociedade digital, nas quais, muitas vezes, não importa ‘quem fala’. Fala-se. A escrituração e comentarização dos dizeres *ad infinitum* produz uma forma de autoria determinada pelo digital e, cada vez mais, como preconiza Orlandi (2001), ‘o que há são versões’. Desaparecimento do sujeito da escrita ou uma segunda morte do autor? (DIAS, 2018, p.49)

A noção de *memória discursiva*, a partir dessa nova forma de circulação, portanto, é também alterada no digital. Apoiada, assim, no conceito de *memória metálica*⁴⁴ (ORLANDI 2006 *apud* DIAS, 2018), a analista cunha a noção de *memória*

44 “Segundo Orlandi (2006) a memória metálica está ligada à noção de arquivo, no sentido do acúmulo de dados. Para a autora é a memória produzida pelos autônomos, pelas máquinas, pela informatização da linguagem, distinta da memória discursiva, que se constitui pelo esquecimento. Nas palavras da autora: ‘a memória metálica funciona algorítmicamente, eu diria, ela vai se bifurcando. Então é um dizer presentificado continuamente que funciona como se fosse uma memória, quando na verdade, ele não é uma memória, ele é o dizer repetidamente re-atualizado.’(idem).” (*Ibidem*, p.77).

digital para entender o funcionamento discursivo dos movimentos políticos das redes sociais, a qual é atravessada pela dispersão e velocidade:

o que está em jogo nessa análise é o modo como numa sociedade do digital, conectada, as lutas empreendidas por emancipação, reivindicações ou direitos sociais se organizam na mesma relação de urgência e velocidade das redes digitais, de maneira ubíqua e atravessadas por uma relação contraditória entre a memória histórica e a memória metálica (efeito de memória), o que estou chamando de memória digital. A memória digital seria, pois, o lugar da contradição, onde a memória escapa à estrutura totalizante da máquina (memória metálica), saindo do espaço da repetição formal e se inscreve no funcionamento do interdiscurso (memória discursiva). (DIAS, 2018, p.105)

Sobre o arquivo na materialidade digital, por sua vez, há um deslocamento no seu caráter institucional (sua relação direta com instituições voltadas para a memória/conhecimento social, como museus, arquivos públicos, igrejas e universidades), bem como seu excesso quantitativo, já que “nunca se arquivou tanto” (*ibidem*, p.67); além de mudanças no seu gesto de leitura e, conseqüentemente, na memória discursiva que esse tipo de arquivo compõe:

[...] essa unidade totalizante da memória, produzida por distintos meios, se constrói, hoje, por um certo movimento de ‘desvinculação’ da memória de sua relação com as instituições, sejam universitárias, públicas, e mesmo privadas, e uma aproximação com as corporações, como o *Google*, *Facebook* e, também, organizações sem fins lucrativos, ou ainda iniciativas pessoais. Através de seus algoritmos ou softwares, essas grandes corporações ou empresas de TI regulam a relação com a memória, com o arquivo e com a leitura. (DIAS, 2018, p.69)

Em outros termos, a memória social passa, segundo a análise da analista, das instituições sociais (aparelhos ideológicos do Estado) para corporações privadas de mercado, o que explica uma certa hegemonia do discurso neoliberal, fragmentário, individualista e utilitarista nas redes sociais (*Facebook*, *Instagram* e *Youtube* com suas publicações patrocinadas), o qual condiz com o modo de operação dessas corporações, sua natureza jurídica e formação ideológica. Trata-se de mais um processo de encolhimento do Estado na constituição da forma-sujeito contemporânea, interpelada cada vez mais pelo mercado e pela falsa sensação de autonomia e independência no estado de coisas do capitalismo tardio:

[...] os processos de homogeneização que temos hoje produzem um sujeito universal personalizado, para o qual o princípio da não

contradição é sustentado pela produção de pequenos sistemas lógico-digitais universalizantes. Esses sistemas têm efeitos sobre o funcionamento das instituições, das formas de administração dos sujeitos, dos discursos a saber, dos processos de individuação na sociedade. (DIAS, 2018, p.55)

Ainda sobre o arquivo discursivo de natureza digital, é importante refletir acerca das alterações em sua materialidade quanto às outras formas de arquivo, como expõe Cristiane Dias em seu artigo *Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus* (2015). Suas particularidades desconstruem quase tudo o que havia no arquivo tradicional (materialidade escrita) para estabilizar seus sentidos e a memória histórica e discursiva que compunha: sua **temporalidade** não é mais definida, perdendo-se muitas vezes a cronologia do arquivo digital; sua **estabilidade** não é mais garantida, uma vez que sua existência é provisória e sempre passível de ser deletada instantaneamente; sua **homogeneidade** textual se perde no hipertexto/hipermídia, assim como sua **autoria** se dissolve em meio a compartilhamentos anônimos ou produções coletivas e, por fim, sua **leitura** é cognitivamente dispersa por conta do design digital da hipermídia. Me parece haver mais uma particularidade: sua **legitimidade** parece deixar de ser prioritariamente institucional e/ou autoral e passa a depender principalmente da sua amplitude de circulação/compartilhamentos nas redes, ou seja, de sua capacidade de viralizar-se no ciberespaço, seja pela natureza polêmica do acontecimento que ele registra, seja pela estética muitas vezes performática e impactante que o constitui.

Sobre a materialidade discursiva, que relaciona dialeticamente o processo abstrato de produção histórica de efeitos de sentido do discurso, a um suporte físico, a uma prática material e a efeitos materiais sobre a vida social. A materialidade discursiva, portanto, pressupõe uma relação dialética entre um fora e um dentro, entre o conteúdo que materializa e seus efeitos materiais. Segundo Dias (2018):

A materialidade digital é, no meu entender, 'o processo de significação que se dá pela emergência da discursividade digital na forma material do discurso (texto, imagem, cena urbana, etc.), e em certo *meio material* (aplicativo, outdoor, rede social, cidade, etc.)' (DIAS, 2016). Insisto, ainda, que a materialidade digital não é redutível ao digital ou ao online, o que caracteriza a materialidade digital é sua discursividade. (DIAS, 2018, p.189).

Ainda sobre essa materialidade, é importante que se trace a linearidade do que se conhece como “as três fases da *Internet*”, as quais foram se desenvolvendo à medida que a tecnologia (o acúmulo de conhecimento teórico e prático/técnico) foi se desenvolvendo, tanto na questão da qualidade da conexão e processamento de dados (*hardware*), quanto no desenvolvimento de programas, aplicativos e algoritmos de inteligência artificial (*software*). Nesse sentido, segundo a autora:

Especialistas em *internet* costumam dividi-la em três fases: a primeira seria a rede de computadores, a segunda, a rede de pessoas e comunidades, e a terceira, que seria *internet* das coisas. Todas elas convivem, uma seria, de fato, o aperfeiçoamento da anterior. (DIAS, 2018, p.129)

A esse respeito, dois comentários se fazem importantes: primeiro, é o fato de o paradigma de classificação dessas três fases ser comunicacional (a rede de relações que a técnica é capaz de conceber) antes de ser meramente tecnológico (relacionado ao mero acúmulo de conhecimento técnico com o passar do tempo). Segundo, é o fato de que “todas elas convivem”, ou seja, o desenvolvimento de uma nova rede de relações (por exemplo, entre objetos, por meio de algoritmos de inteligência artificial), não “deleta” as redes anteriores. Assim, não há simplesmente uma mudança de paradigma de comunicação, mas um desdobramento das formas de rede de relações anteriores.

Por fim, interessa ressaltar a distinção entre objeto teórico e objeto de análise. Em outras palavras, embora nosso objeto de análise seja a materialidade digital e tudo o que ela abarca em termos de especificidade histórica e discursiva, nosso objeto teórico mantém-se como discurso:

Essa distinção entre objeto teórico e objeto de análise é apontada por Orlandi (2012, p.42). Para a autora, ‘muitos ainda se prendem a um equívoco teórico: falam em objetos novos para a análise do discurso, porque não distinguem entre objeto teórico (o discurso) e objetos de análise (que são muitos e de muitas naturezas)’. (DIAS, 2018, p.159).

Ou seja, para desenvolvermos uma análise

que envolve o processo discursivo instalado historicamente na contemporaneidade, não podemos desconhecer a mundialização, as novas tecnologias da linguagem, as guerras ideológicas contundentes, as formas sociais, o ecologismo, a xenofobia, o racismo, a relação ressignificada do Estado com o Mercado, **a reorganização de uma direita letal**. (ORLANDI, 2012, apud DIAS, 2018, p.160. Grifo nosso)

1.3- Contribuições teóricas de Dominique Maingueneau

O trabalho de Maingueneau, *Discurso e Análise do Discurso* (2015), por sua vez, relaciona os conceitos da AD francesa com a questão da *Internet*, a qual põe em xeque, segundo o autor, certas ferramentas de análise da disciplina, forçando-as a reinventarem-se face a esse novo objeto:

O desenvolvimento, no final do século XX, das novas tecnologias da comunicação fez aparecerem novas práticas, específicas do universo digital, mas também modificou profundamente as unidades fundamentais do exercício do discurso. Os analistas do discurso são agora levados a se interrogarem sobre a pertinência das categorias que utilizam, a se perguntarem se elas ainda não estão à altura dessa nova distribuição das cartas em jogo. (MAINGUENEAU, 2015, p.159)

O autor conceitua o digital na perspectiva da AD, baseando-se em M.-A. Paveau, que “fala, assim, de ‘tecnologia discursiva’ para designar ‘um dispositivo no seio do qual a produção linguageira e discursiva está intrinsecamente ligada a ferramentas tecnológicas (aparelhos, *softwares*, aplicativos, plataformas) (2012:106)”. (*ibidem*, p.170), de modo que o texto virtual não é a simples transposição da escrita para o computador. Assim, os *gêneros do discurso*, que são categorias discursivas estabelecidas de acordo com o lugar social em que o discurso ocorre, por onde ele circula, pela relação social entre os interlocutores e o momento histórico que o envolve, têm uma profunda mudança na sua valência genérica - “os modos de existência comunicacional de um texto” (*ibidem*, p.71):

O surgimento da *Internet* modificou profundamente as modalidades de valência genérica interna, já que desde então, qualquer texto escrito ou oral produzido em uma situação informal pode vir a figurar, no todo ou em parte, na Web e ser redistribuído em seguida na mídia para ser comentado, como se se tratasse de um enunciado originalmente destinado ao público. (MAINGUENEAU, 2015, p.72)

Seguindo esse raciocínio, Maingueneau (2015) aponta a dificuldade aprofundada em se delimitar a classificação dos gêneros discursivos no virtual:

Com a evolução das tecnologias da comunicação, as situações se tornam cada vez mais difíceis de classificar, tal é a mistura entre atividades verbais e não verbais. A presença crescente das novas tecnologias na vida moderna torna possíveis formas de interação que se deixam prender cada vez menos em uma oposição elementar entre atividade verbal e não-verbal. Depois delas, torna-se mais difícil associar

um gênero de discurso a *uma* situação de comunicação: o hibridismo torna-se a regra. (MAINGUENEAU, 2015, p.116)

O *hipergênero*, por sua vez, “não é um gênero de discurso, mas uma formatação com restrições fracas que pode recobrir gêneros muito diferentes.” (MAINGUENEAU, 2015, p.130). A Web dissolve tanto a noção de gêneros do discurso quanto a relevância da ideia de hipergênero discursivo:

Enquanto a genericidade clássica se apoia em uma cartografia das atividades verbais (a tipos de discursos e, no interior destes, instituições de fala bem diferenciadas), a lógica da Web é a de uma desdiferenciação dos múltiplos domínios da fala por uma exacerbação da cenografia e do hipergênero. (MAINGUENEAU, 2015, p.167)

Já a *cena enunciativa* é a situação de interação social entre os papéis dos interlocutores no ato de comunicação. Dentro desse conceito há a *cena englobante*, a qual se trata de um “‘tipo de discurso’, que resulta do recorte de um setor da atividade social caracterizável por uma rede de gêneros do discurso.” (*ibidem*, p.118); a *cena genérica*, que são as normas específicas que envolvem a enunciação material de um gênero do discurso e a *cenografia*, a adequação desse discurso às normas da sua cena genérica e formação discursiva a fim de legitimá-lo. A *cenografia* constrói-se, portanto, no decorrer da própria enunciação e é hipertrofiada no digital porque a cena genérica é enfraquecida na Web:

As unidades de comunicação são, de fato, da mesma natureza: trata-se de sites da Web, submetidos, enquanto tais, às mesmas restrições técnicas. Esta homogeneização é reforçada pela necessidade de poder circular por *hyperlinks* de um *site* a outro. Produz-se, assim, uma aplainação das diferenças entre as cenas genéricas. Doravante, é a cenografia, a encenação da informação, que tem o papel chave. [...] esse enfraquecimento da cena genérica e da cena englobante (onde se distingue o político, o religioso, o publicitário...) acompanha uma hipertrofia da cenografia digital, que tem pouco em comum com a cenografia estritamente verbal. (MAINGUENEAU, 2015, p.162)

A *multimodalidade discursiva*, por sua vez, presente no digital “mobiliza simultaneamente diversos canais” (*ibidem*, p.159); ou seja, textualmente recorre à linguagem verbal e suas manifestações não verbais, como imagem, vídeo, som, cores, ícones, *emoticons* etc, gerando o “‘iconotexto’ para designar as produções semióticas em que imagem e fala são indissociáveis”. (*ibidem*, p.160). Dessa forma, a Web coloca em xeque a noção tradicional de textualidade e de hipertexto, uma vez

que é um novo tipo de comunicação verbal (o digital), distinto dos outros dois tradicionais - oral e impresso. O autor estabelece então, as *três formas de textualidade*, sendo elas a *textualidade imersa*, que trata da conversação oral em que os interlocutores estão submersos na sua espontaneidade; a *textualidade planejada*, que é regida pela linguagem verbal escrita e previamente elaborada e, por fim, a *textualidade navegante* da Web,

[...] que implica uma transformação da própria noção de “leitura”: é cada internauta que, pelas escolhas que efetua durante sua navegação, fabrica o hipertexto que “lê”⁴⁵. Assim, é questionado um pressuposto que está no núcleo do humanismo tradicional: a relação entre *um* Sujeito, autor e/ou leitor, e *um* texto *dado*. A relação imaginária que liga um texto a seu ou a seus autores é substituída por uma relação generalizada, num espaço aberto, constituído de *sites* que são agenciamentos coletivos. [...] É preciso reconhecer que a concepção usual que temos de textualidade repousa implicitamente sobre a textualidade “planejada”. [...] nem a textualidade conversacional nem a Web estão submetidas a essa lógica. (MAINGUENEAU, 2015, p.166-167)

Por fim, é importante nos debruçarmos sobre os conceitos de Ethos que Maingueneau (2004) toma de Roland Barthes,

são os traços de caráter que o orador deve *mostrar* ao auditório (pouco importa sua sinceridade) para causar boa impressão: são os ares que assume ao se apresentar. [...] O orador enuncia uma informação, e ao mesmo tempo diz: eu sou isto, eu não sou aquilo. (BARTHES, *apud* MAINGUENEAU, 2004, p.98).

A noção de locutores coletivos, por sua vez, derivada da de *ethos*, remete a enunciados atribuídos a “*instituições*, como ministérios, os conselhos de administração, as direções de empresas, os serviços, os partidos políticos, as associações de todos os tipos...” (MAINGUENEAU, 2015, p.75). O autor pontua, contudo, que

A noção de locutor coletivo não se aplica apenas às instituições de tipo clássico. Outras entidades podem ser relacionadas a essa problemática. Por exemplo, os locutores que formam um *grupo conjuntural* (como uma multidão de manifestantes gritando *slogans* ou as torcidas em um estádio de futebol)⁴⁶. Podem-se também evocar esses locutores de estatuto bem singular: as *marcas*⁴⁷ (Apple, Renault...), que procuram dotar-se de atributos antropomórficos. (MAINGUENEAU, 2015, p.75-76)

45 Será que o internauta tem total autonomia e controle sobre o conteúdo digital que seleciona? Até que ponto o internauta não constrói para si uma bolha, um simulacro do real nas redes?

46 E por que também não um grupo digital?

47 E por que também não *marcas* cujo ethos institucional é construído no digital?

2- CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO NA MATERIALIDADE DIGITAL

“A célebre frase de Marx sobre os moinhos de água é passível de duas leituras ‘em espelho’, uma em relação à outra: o moinho de água produziu a sociedade feudal/ a sociedade feudal exige o moinho de água.”
(Thomas Herbert, [Michel Pêcheux])

2.1- Capitalismo Tardio, Pós-modernidade e mercado

O cotidiano veloz e fragmentário do capitalismo tardio contemporâneo pode ser sintetizado numa certa agnosia por parte do sujeito imerso em imagens e simulacros a partir das análises de Evangelista (2007):

[O] cotidiano constitui o espaço onde se encontram condensados esses traços definidores da pós-modernidade. Atualmente, a cotidianidade está atravessada pela individualização, pelo consumismo e pelo predomínio da informação fugaz. Através da publicidade, que invadiu todas as brechas da vida do homem - no trabalho, na escola, no lazer, nas ruas, nos transportes ou em casa -, ocorreram a estetização dos objetos de consumo e a erotização e a personalização das mercadorias. As vitrines e o vídeo passaram a ser dimensões indispensáveis para a existência de todas as coisas do mundo. A realidade social se desmaterializou e passou a ser o domínio do signo, que transformou o cotidiano na vivência imediata de simulacros, instaurando-se a hiperrealidade pela generalização da informação e da simulação na sociedade informatizada de massas. (EVANGELISTA, 2007, p.78)

Essa vivência do cotidiano se explica na base material (econômica) das sociedades de consumo do capitalismo tardio, a partir da sua necessidade estrutural de aceleração crescente na circulação de mercadorias e capital ao longo processo produtivo, como explica David Harvey (2018):

Somos apresentados ao capital com diferentes períodos de trabalho (o tempo necessário para fabricar mercadorias diferentes como um carro *versus* um par de sapatos), diferentes tempos de circulação (o tempo médio que um produto permanece no mercado antes de ser vendido) e uma medida geral do tempo médio de rotação do capital empregado. A concorrência intercapitalista dá ênfase considerável à **aceleração dos tempos de rotação**, e muita inovação é orientada para esse fim. Tempos de rotação mais rápidos aumentam os lucros gerais. **A tendência de aceleração transborda das esferas da produção e da comercialização e altera fundamentalmente os ritmos da vida cotidiana.** Aceleração na produção em determinado momento exige aceleração no consumo (daí a importância da moda e da obsolescência programada). (HARVEY, 2018, p.41, *grifos nossos*)

É nesse sentido que o digital, com a aceleração no acesso a serviços, nas transações de capital, nas formas de compra e venda de mercadorias e nas novas formas de mercadorias digitais de consumo (como músicas e filmes) que são reproduzíveis instantaneamente gerando valor e capital; tem papel fundamental no funcionamento estrutural do sistema econômico vigente na contemporaneidade. Já os impactos desse processo histórico nas relações sociais, por sua vez, são os de que “os indivíduos são atomizados e ficam expostos a novas formas de poder, pois estão juntos diante de uma imagem pública, mas separados cada qual em sua casa.” (EVANGELISTA, 2007, p.87): trata-se das formas de vida compartimentada, segregada e ao mesmo tempo densa e concentrada dos centros urbanos. É nesse sentido que as relações de classe e ação política se alteram profundamente nas democracias liberais contemporâneas:

Apesar de as determinações de classe continuarem operantes e fundamentais para se apreender a dinâmica da sociedade capitalista contemporânea, a sua estrutura de classes experimentou uma “verdadeira eversão, até mesmo com o desaparecimento de antigas classes sociais, como é o caso do campesinato”. Ocorreram “alterações profundas, quer no plano econômico-objetivo da produção/reprodução das classes e suas relações, quer no plano ídeo-subjetivo do reconhecimento da pertença de classe.” Houve uma grande complexificação da estrutura de classes de modo que tais determinações devem ser mediatizadas, respeitando-se determinações de outra natureza, como gênero, etnia, grupos geracionais, nacionalidade, religiosidade, etc. (EVANGELISTA, 2007, p.88)

O autor então, alerta para a perda/enfraquecimento de relações institucionais coletivas e ou comunitárias, como por exemplo, os sindicatos e instituições de base que perdem seu poder representativo face a essas novas formas de identificação da forma-sujeito contemporânea por novos meios de cultura de massas, processo histórico em curso no neoliberalismo atual cuja política é a da dissolução dessas instituições representativas principalmente nas relações de trabalho, bem como nos deveres constitucionais do Estado em planos infundáveis de austeridade.

Nessa esteira, Jessé Souza (2017) comenta a desestabilização dos sindicatos e a reorganização das formas de trabalho para uma produção flexível e a constituição de um novo *preariado*⁴⁸ na sociedade brasileira contemporânea:

48 “Num plano sociológico, o precariado como *camada social* média do proletariado urbano precarizado seria constituído, por exemplo, por um conjunto de *categorias sociais* imersas na condição de proletariado como, por exemplo, jovens empregados do novo (e precário) mundo do trabalho no Brasil, jovens empregados ou operários altamente escolarizados, principalmente no setor

Toda semântica da luta expressivista dirigida contra um capitalismo fordista do trabalho repetitivo e alienador para os trabalhadores será utilizada segundo os interesses do capitalismo financeiro e seu novo discurso, que associa trabalho superexplorado a empreendedorismo, liberdade e criatividade. Essa “antropofagia” é sempre um desafio – ou seja, é um risco e pode falhar – e requer enorme coordenação de interesses em todas as esferas sociais para vencer resistências e criar um imaginário social favorável, ou, em outros termos, uma violência simbólica bem construída e aceita por todos como autoevidente. (SOUZA, 2017, p.159)

Os impactos sociais mais visíveis no mundo do trabalho são a maior demanda de profissionais com formação universitária e o conseqüente crescimento do nível exigido de formação e especialização educacional para inserção no mercado informatizado, em que o julgamento de decisões e ações passam a ser computados e efetivados por algoritmos e máquinas, gerando

[...] uma *intelligentsia* técnica, na qual os cientistas e os economistas têm, cada vez mais, funções decisivas no processo político. Isso, portanto, representa o “fim das ideologias” e o advento do pensamento tecnocrático, pois a elaboração técnica de decisões é “diametralmente oposta à ideologia: uma é calculadora e instrumental, e a outra emocional e expressiva”.⁴⁹ (EVANGELISTA, 2007, p.102-103.)

2.2 – A estética e a imagem na pós-modernidade

Teórico norte-americano da arte assumidamente marxista, Fredric Jameson vê “o pós-modernismo como forma ideológica dominante do capitalismo contemporâneo e procura submetê-lo a uma crítica que forneça subsídios para a elaboração de uma política de contestação radical da atual ordem social capitalista.” (EVANGELISTA, 2007, p.134). Para ele, Evangelista aponta que:

A característica mais visível do pós-modernismo é a dissolução de algumas fronteiras que eram fundamentais para a estética modernista, a exemplo da distinção entre cultura erudita e cultura popular ou cultura de massa. As obras pós-modernistas revelam um deslumbramento com o universo da publicidade e seus recursos de sedução, tornando cada vez mais difícil distinguir entre a arte erudita e as formas comerciais de cultura. (EVANGELISTA, 2007, p.134).

de serviços e comércio, precarizados nas suas condições de vida e trabalho, frustrados nas suas expectativas profissionais.” Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2013/07/22/o-que-e-o-preariado/>> (22/07/2013). Acessado em 5 ago. de 2019.

49 Bell, Daniel. *O Advento da Sociedade Pós-Industrial: uma tentativa de previsão social*. São Paulo: Cultrix, 1977, p.49.

Diante da indistinção entre cultura erudita e de massas, bem como do esgotamento do estilo individual e inovador da estética modernista, além da confusão entre o espaço público (o virtual, o das redes e telecomunicações) e o privado, Evangelista (2007) aponta citando Jameson, que o “pastiche é o ‘sintoma alarmante e patológico’ de uma sociedade em que se tornou impossível o reconhecimento de sua historicidade.” (*Ibidem*, p.136). Em outras palavras:

Na sociedade atual, vive-se uma encruzilhada produzida pela inexistência de um mundo privado e único pela impossibilidade de um estilo que possa exprimi-lo. Todos os estilos ‘já foram inventados; o número de combinações possíveis é restrito; os estilos mais singulares já foram concebidos’. A arte e a cultura contemporâneas vivem num beco sem saídas, pois tudo já foi criado e não há mais nada que se possa inventar. O pastiche surge como a solução estilística possível para o problema estético da contemporaneidade, porque ‘no mundo em que a inovação estilística não é mais possível, tudo o que restou é imitar os estilos mortos, falar através de máscaras e com vozes dos estilos do museu imaginário’⁵⁰. (EVANGELISTA, 2007, p.136)

Nesse sentido, segundo o autor, vive-se no contemporâneo uma forma de estar na linguagem intensamente voltada para a reprodução e para o instantâneo, o que se expressa na “esquizofrenia” como forma de vivência histórica discutida na introdução. A presença intensa de imagens e a capacidade técnica de sua reprodução a partir das mídias digitais são as grandes tônicas para as quais o autor chama a atenção:

O império da imagem é a expressão de uma sociedade em que a lógica capitalista atingiu tamanho desenvolvimento que a forma mercadoria chegou a um ponto de exasperação. A conversão da imagem na forma final de reificação mercantil, como formula Guy Debord no seu livro *A sociedade do espetáculo*⁵¹, engendrou a cultura do simulacro. A hipostasia produzida pela reificação faz com que o mundo seja convertido em simples imagem de si mesmo, onde apenas há lugar para os pseudo-acontecimentos e os *espetáculos*, numa situação em que proliferam as cópias sem a existência de originais e se generaliza um sentimento de irrealidade. A cultura do simulacro opera sob o predomínio da lógica espacial e da superficialidade das imagens, que eclipsam as dimensões da profundidade e da historicidade na representação do mundo e na produção cultural. (EVANGELISTA, 2007, p.143)

Em uma crítica ao pensamento utilitarista e imediatista hegemônico do contemporâneo, o sociólogo realça, a partir do pensamento de Jameson, a

50 Jameson, Fredric. *Pós-modernidade e Sociedade de Consumo*. In *Novos Estudos CEBRAP*, nº 12, São Paulo, junho de 1985. p.19.

51 Debord, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Lisboa: Mobilis in Mobile, 1991.

necessidade do trabalho teórico com o significante e a interpretação aprofundada, para além da aparência e da forma:

Na cultura pós-moderna, toda a produção estética foi colonizada pelo capital e integrada à produção de mercadorias em geral. Tanto na teoria contemporânea como na cultura do simulacro, impôs-se uma nova superficialidade e a recusa de modelos representacionais de profundidade, como, por exemplo, são a hermenêutica, a dialética, a psicanálise, o existencialismo e a semiótica, que estão fundados, respectivamente, por relações entre interior e exterior, entre essência e aparência, entre latente e manifesto, entre autenticidade e inautenticidade, e entre significante e significado. Tudo isso estaria orientado para a busca ou o desvelamento da verdade, que não passaria de um componente metafísico que deveria ser de uma vez por todas abandonado. (EVANGELISTA, 2007, p.146)

Na esteira das reflexões de Fredric Jameson, Terry Eagleton, também crítico de arte e marxista, faz uma interessante reflexão crítica sobre em que se transforma a arte no contemporâneo e os impactos disso na construção do conhecimento, e na estruturação dos costumes morais no consumo de cultura de massas, o que parece explicar bem o que na atualidade se concebe como a Pós-verdade:

A estética parece ter a capacidade de reverter a divisão entre as três regiões constitutivas da cultura moderna [de acordo com o modelo weberiano de modernidade, a qual possui autonomia entre suas esferas *estética, cognitiva e ético-política*], restabelecendo suas mútuas relações e determinações. Essa “generosidade tem um alto preço”, pois a estética “articulará os três discursos engolindo os outros dois. Tudo agora deve se tornar estético”. A estetização significa a colonização da arte sobre o cognitivo, o ético e o ético-político. A partir de então, o cognitivo “torna-se aquilo que satisfaz a mente, ou o que nos permite nos movimentar por aí de modo mais conveniente. A moral é convertida numa questão de estilo, de prazer ou de intuição”⁵². (EVANGELISTA, 2007, p.157)

Eagleton então, faz uma importante e atual análise crítica dessa estetização cotidiana da cultura nas sociedades ocidentais, no sentido de que isso traz impactos na forma de se vivenciar e significar o político, tendo sido, segundo ele, uma das bases do surgimento de regimes fascistas pela Europa dos anos 1930:

A plena estetização da sociedade atingiu, antes, no fascismo “uma apoteose grotesca, [...] com sua coorte de mitos, símbolos e espetáculos orgiásticos, sua expressividade repressiva, seus apelos à paixão, à intuição racial, ao julgamento instintivo, à sublimidade do auto-sacrifício e à pulsação do sangue”⁵³. (EVANGELISTA, 2007, p.158)

52 Eagleton, Terry. *A Ideologia da Estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. p.266.

53 *Ibidem*, p.269.

3 – A FORMA-SUJEITO DO NEOLIBERALISMO CONTEMPORÂNEO E SEU ATRAVESSAMENTO PELA MATERIALIDADE DIGITAL

“Ser sujeito significa estar submetido.”
(Byung-Chul Han)

“A arte de anestesiar as resistências, de absorver as revoltas no consenso e de fazer abortar as revoluções fez certamente grandes progressos. Mas tudo isto não deixa de trabalhar menos sob o assujeitamento: é antes a capacidade de ouvi-lo que persiste em fazer falta politicamente.”
(Michel Pêcheux)

Expostas o que entendemos serem as condições de produção do discurso no contemporâneo, pretendemos agora desenvolver a noção da forma-sujeito colocada na fundamentação teórica (p.47). Ao final de seu ensaio *Foi “propaganda” mesmo que você disse?* (2015 [1979]), Michel Pêcheux faz esse importante alerta trazido aqui para abrir esse capítulo, sobre “ouvir-se” com mais atenção o processo de assujeitamento cujo “progresso” se dá justamente num estado de coisas em que cada vez mais, aspiram-se ares de liberdade individual. Essa aspiração, contudo, é histórica, ideológica e, por isso, também discursiva:

“O ‘liberalismo totalitário’ (segundo a expressão de Chomsky) soube colocar no ponto uma nova gestão da subjetividade na qual **o sujeito contribui ativamente para seu assujeitamento**, através de um sinistro jogo de palavras sobre o termo *liberdade*, tal como ele surgiu, por exemplo, no contorno desta advertência de Henry Ford: ‘Nós liberamos ao cliente o carro na cor de sua escolha... com a condição que ele a queira preta.’” (PÊCHEUX, 2015, p.88. *Grifo nosso*.)

Esse jogo cínico de palavras, segundo Pêcheux, denota um certo totalitarismo adaptado pelo liberalismo porque, por regra, esse regime socioeconômico tem como base a liberdade jurídica de escolha, ação, expressão etc. de sua forma-sujeito. Todavia, essa liberdade formal, paradoxalmente, entra em contradição com o mercado e seu discurso, materializado aqui por Henry Ford, pela forma com que ele está organizado neste estado de coisas, havendo, portanto, uma profunda contradição no liberalismo, entre sua “liberdade” jurídica e sua estrutura econômica.

O que interessa para o filósofo nesse texto, dessa forma, é **discutir “as formas históricas de assujeitamento do indivíduo, que se desenvolveram com o próprio capitalismo”** (*Ibidem*, p.80), ou seja, mostrar como a organização

estrutural desse estado de coisas chegou a essa contradição cínica entre liberdade e assujeitamento. Ele reflete com crítica sobre “a ideia subjacente [de] que é preciso responder por uma contra-propaganda ainda mais eficaz” na “guerra ideológica” de disputa por espaço contra “as diversas operações midiáticas de massa desenvolvidas (em média de maneira eficaz) pela grande burguesia multinacional contra tudo o que resiste a sua política”, estratégia à qual o “movimento operário” se prende numa idealização de que “todos os meios são bons” (*Ibidem*, p.73).

Sua reflexão histórica sobre a forma-sujeito, dessa maneira, não está presa a “considerações morais ou técnicas sobre o procedimento da propaganda” (*Ibidem*, p.73), mas sim, parte do pressuposto marxista de que há “duas vias do capitalismo” (*Ibidem*, p.80), sendo a primeira “a via dita ‘americana’, na qual o produtor independente torna-se ele próprio progressivamente comerciante e capitalista” e a segunda, a “via dita prussiana [europeia], na qual a exploração feudal se transforma lentamente em exploração capitalista” (*Ibidem*, p.80).

O que nos interessa aprofundar aqui, por sua vez, é o desenvolvimento histórico do modo de produção capitalista americano e os imaginários de “sujeito” e “liberdade” que se constroem em seu curso:

“A via número 1 do MPC (modo de produção capitalista) se apresenta sob os traços de uma democracia burguesa exemplar, fundada na *ideologia jurídica do contrato livre e igual* que constitui, através da forma econômica das ‘leis de mercado’, a mola essencial da divisão de classes entre trabalhadores ‘livres’ e os proprietários da ‘livre empresa’. Nesse universo, o MPC engendra as formas de assujeitamento que lhe são necessárias ao mesmo tempo em que se engendra a si mesmo.” (PÊCHEUX, 2015, p.80-81)

Essas “formas de assujeitamento” necessárias e específicas do modo de produção capitalista americano, por sua vez, estão relacionadas ao fato de que

a dominação da ideologia jurídica própria à via 1 traz certas consequências em seu funcionamento material, por exemplo, à ligação entre o aparelho político e o aparelho escolar; as formas “americanas” de liberdade individual e do *self-government* vão juntas com as da educação, pondo em funcionamento certa concepção do iluminismo ao contato com a vida, os fatos de experiência, aos quais a razão aplica suas regras de procedimentos; produzindo ao mesmo tempo este espaço da objetividade prática a que os Europeus têm o hábito de referir pelo duplo termo de liberalismo e de pragmatismo. (PÊCHEUX, 2015, p.81)

É justamente essa tônica do “pragmatismo”, do racionalismo e de “certa concepção do iluminismo ao contato com a vida aos quais a razão aplica suas regras de procedimentos”, hegemônicos na “virada do outro lado da propaganda liberal burguesa” (*Ibidem*, p.82) que, talvez por ingenuidade,

conduzirá o movimento operário a seguir à risca o juridismo parlamentar e a desenvolver uma propaganda educativa fundada na tomada de consciência, uma espécie de política proletária da difusão do Iluminismo e da Verdade, aderindo ao juridismo burguês, mais ainda do que a própria burguesia, e veículo de muitas ilusões...” (PÊCHEUX, 2015, p.82)

Se a esquerda, de um lado, aderiu ao “apegamento ao literal em que o proletariado se aprisiona ele próprio” (*Ibidem*, p.83); as “condições de assujeitamento do capitalismo do após-guerra” (*Ibidem*, p.87), de outro,

se encontravam profundamente modificadas; uma nova articulação se instituía entre o ‘racional’ e o ‘irracional’, entre a objetividade dos fatos, dos dados empíricos, etc, e a subjetividade das experiências e dos testemunhos, entre o sério das discussões entre experts e o imediatismo das ‘informações’ distribuídas ao homem da rua, entre os mecanismos impessoais da administração capitalista moderna, e a personalização da vida política pelas “mass-médias”.

O conjunto desse dispositivo terminou por constituir um sistema ‘panóptico’ invisível, **mil vezes mais eficaz que o assujeitamento repressivo à la prussiana**. Quanto a este ponto, os americanos se fizeram muito discretamente os discípulos dos nazistas, tirando inteligentemente partido de suas experiências, retificando seus erros e levando ainda mais longe certas vias de pesquisa experimental, [...] experimentando o ponto limite em que duas vias [dos MPC] fazem apenas uma. (PÊCHEUX, 2015, p.87. *Grifo nosso*)

Essa modificação profunda das condições de assujeitamento ideológico do capitalismo, que, tocada à tônica do imediatismo, mistura o racional e o irracional, a objetividade e a subjetividade, fatos e testemunhos, discussões e informações imediatas etc; foi uma das grandes responsáveis por esse assujeitamento ensurdecedor e ao mesmo tempo silencioso do neoliberalismo, o qual nem mesmo a esquerda (o movimento operário) é capaz de ouvir e responder à altura, ficando presa a uma idealização da literalidade do significante e dos efeitos de sentido de um discurso muitas vezes pedagógico.

Mas que assujeitamento é exatamente esse? Pêcheux tenta deixar claro aqui, que não é mais pela repressão que o assujeitamento ideológico ocorre na sociedade burguesa do pós-guerra, mas sim **pelo chamamento a um exercício ininterrupto**

de “compra”, “ação política”, ou ainda de “liberdade”, à forma-sujeito. A esses elementos da interpelação ideológica neoliberal anteriormente listados, é reunido o traço discursivo diferencial do “liberalismo totalitário”: aquele que toca na “pulsão afetiva, agressiva, combativa, desembocando em uma propaganda militar de reflexos e de emoções, apoiada em uma liturgia estético-religiosa dos signos e gestos.” (*Ibidem*, p.78). Eis o que Pêcheux nos aponta sobre isso:

A propaganda política do tipo WASP⁵⁴ entrou na escola das estratégias publicitárias: ela joga sobre os pressupostos e produz novos tipos de performativos interpelando o sujeito a partir de seu próprio narcisismo. Da hipnose hitlerista ao sonho acordado da rádio-telê, do meio às mídias, a relação com o corpo, ao audível e ao visível se reorganizou. A gestão política da sexualidade, no cotidiano da publicidade, da propaganda e da produção cultural, constitui um ponto privilegiado desta reorganização. (PÊCHEUX, 2015, p.88)

Pêcheux está preocupado em realçar esse tipo de assujeitamento pelo fato de “o processo objetivo dessas pulsões, seu jogo no cerne da natureza humana, poder, desde que é conhecido pela ciência moderna, ser controlado, instrumentalizado e colocado a serviço de qualquer política: as ‘técnicas de propaganda’ são armas” (p.78). Em outras palavras, o autor busca realçar as sutilezas pulsionais e irracionais da interpelação ideológica neoliberal que a esquerda política, segundo ele, muito apegada ao racionalismo e ao pedagogismo, é incapaz de perceber.

Até aqui, portanto, fica esclarecido que **o chamamento à (falsa) liberdade** (por exemplo, de compra, como na citação a Chomsky) **e a administração das pulsões da forma-sujeito** são os traços do assujeitamento desapercibidos que “persistem em fazer falta politicamente” e que **possuem íntima relação com a hipótese por nós levantada da hipertrofia do imaginário na materialidade digital**: o desejo de fechamento de sentidos e a falsa noção de completude.

Precisamos agora, então, esclarecer a relação desse processo com a materialidade digital: é isso o que nos mostra Cristiane Dias (2018) sobre as novas formas de assujeitamento na sociedade contemporânea de formação ideológica

54 “A sociedade norte-americana tinha como característica o preconceito contra quem não pertencesse ao grupo White, Anglo-Saxon, Protestant (essa adjetivação foi popularizada sob a sigla WASP), principalmente contra latino-americanos, orientais e negros. Tal fator, somado ao intensivo trabalho de desumanização do inimigo oriental, elaborado pelos responsáveis pela propaganda de guerra e pela imprensa, fez com que a sociedade visse no ódio aos japoneses o motivo principal da guerra.” (HEEN, 2012, p.671 *apud* FORNER e SILVA, 2017, p.10) **A mídia como arma de guerra durante a Segunda Guerra Mundial**. Ano XIII, n. 07. Julho/2017. NAMID/UFPB – Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>> Acessado em 22 jan. 2020.

hegemônica neoliberal. Recorrendo ao trabalho de Claudine Haroche⁵⁵ sobre o processo histórico de subjetivação da idade média à moderna, Cristiane aponta como ocorre o processo de subjetivação na passagem do século XX para o XXI:

Se “a ordem religiosa, no século XIII se apoia assim tradicionalmente sobre o direito das pessoas mais do que sobre o direito centrado nos problemas estritamente econômicos” (HAROCHE, 1992, p.57), esse é, segundo Haroche (idem.), um princípio do aparecimento do sujeito-de-direito abstrato [no Estado de direito moderno capitalista]. Esse aspecto é central para minha análise, para pensar mais especificamente no que estou chamando provisoriamente de *desaparecimento do sujeito*, na passagem do século XX para o XXI, centrada sobre uma relação invertida entre o jurídico e o econômico ou entre o Estado de direito e o Estado econômico, como reguladores da vida. Vale dizer que essa passagem é fortemente significada pela informação. Se na análise que propõe Haroche (idem) fala-se do progresso do jurídico sobre o religioso, aqui, tratarei do progresso do digital (no qual o econômico está embutido) sobre o jurídico. Não porque o jurídico não tenha função, mas porque há um des-arranjo da função do jurídico como mediador da relação do sujeito com a sociedade, na forma da lei, já que a própria lei precisa criar outros parâmetros para enquadrar aquilo que não cabe em seus artigos e códigos. Já o econômico encontra um re-arranjo com as tecnologias digitais, pela coleta e capitalização de enormes quantidades de dados, produzindo, com isso, uma personalização do “consumidor de tipo novo”. A informação sobre os sujeitos passa a ter um valor econômico concreto mais do que um valor simbólico. (DIAS, 2018, p.54)

Cristiane Dias nos deixa claro que a forma-sujeito contemporânea é rearranjada pelo assujeitamento à materialidade digital, o que significa um aprimoramento do econômico sobre o tradicional sujeito-de-direito moderno. Esse assujeitamento contemporâneo ao digital se dá porque, nessa materialidade, o sujeito busca alimentar uma “unidade imaginária” (DIAS, 2018, p.59) de si mesmo, de modo que essa tecnologia, mais que um mero suporte de discursos, é “aquilo através do que o sujeito imagina realizar aquilo que nele falta.” (DIAS, 2018, p.74), que no caso, são a exatidão e a velocidade da memória metálica e a “perfeição plácida da máquina” (PÊCHEUX, 1997c [1978]):

Nesse sentido, a compreensão das formas de identificação dos sujeitos pelo discurso das tecnologias e dispositivos digitais e de conectividade, dizem respeito aos efeitos que esse discurso produz na constituição dos sujeitos sócio-políticos, seja por meio da relação do sujeito com dispositivos no seu dia-a-dia, como as redes sociais, por exemplo, mas também o simples uso de um smartphone.” (DIAS, 2018, p.56)

55 HAROCHE, Claudine. *Fazer dizer, querer dizer*. Trad. Eni Orlandi. São Paulo: Hucitec, 1992.

Aqui, mais uma vez, fica claro que esse tipo de “constituição dos sujeitos” não está relacionado ao “assujeitamento repressivo à la prussiana” (Pêcheux, 2015, p.87), mas sim, a um assujeitamento que se dá pela identificação com a completude, com a perfeição, com o aprimoramento e com a produtividade rearranjados pela nova configuração do econômico, calhando no *sujeito de dados*:

O percurso analítico que propus me permitiu até agora apontar para o aparecimento de um sujeito de dados, centrado sobre o princípio tecnológico de uma sociedade digital, na qual sujeito e sentidos se constituem em seu cotidiano por uma capitalização constante dos dados que ele fornece ao utilizar dispositivos e sistemas digitais universalizantes. Esses sistemas são determinantes do processo de individualização dos sujeitos por um Estado econômico-tecnológico.” (DIAS, 2018, p.168).

Esse sujeito de direito “livre”, “trabalhador”, “proprietário” e “pragmático” apontado por Pêcheux (2015) está, na atualidade, assujeitado à materialidade digital e à estrutura econômica que ela reorganiza, como o *sujeito de dados*, tal qual aponta Cristiane Dias (2018), podendo estar também sujeito a novas formas de controle e instrumentalização de suas pulsões irracionais.

É no trabalho de Byung-Chul Han, *Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder* (2018b, [2014]), que entendemos haver mais um fator crucial a complementar o caminho teórico traçado até aqui: trata-se da relação desse processo de assujeitamento com o neoliberalismo, com a noção de liberdade e com a tecnologia digital. Han (2018b), inicia seu livro dissertando sobre o que considera ser a “crise da liberdade” no contemporâneo:

Hoje, acreditamos que não somos *sujeitos* submissos, mas *projetos* livres, que se esboçam e se reinventam incessantemente. A passagem do sujeito ao projeto é acompanhada pelo sentimento de liberdade. E esse mesmo projeto já não se mostra tanto como uma figura de coerção, mas sim como uma *forma mais eficiente de subjetivação e sujeição*. (HAN, 2018b, p.9)

Para o filósofo, a “liberdade de *poder*” aventada pelo neoliberalismo “produz até mais coações que o *dever* disciplinar, que expressa regras e interditos. O *dever* tem um limite; o *poder* não.” (*Ibidem*, p.9-10). É nesse sentido que o autor entende a liberdade como uma forma de poder inteligente e eficiente, tal qual apontou Pêcheux em 1979, “mil vezes mais eficaz que o assujeitamento repressivo” (PÊCHEUX, 2015, p.87). Han descreve da seguinte maneira esse *poder inteligente*:

Muito mais eficiente é a técnica de poder que faz com que as pessoas se submetam ao contexto de dominação *por si mesmas*. Essa técnica busca ativar, motivar e otimizar, não obstruir ou oprimir. A particularidade da sua eficiência está no fato de que não age através da proibição e da suspensão, mas através do agrado e da satisfação. (HAN, 2018b, p.26)

Essa relação paradoxal entre liberdade e sujeição é fruto do aprofundamento do capitalismo, o que Han conceitua como uma *ditadura do capital*, na qual a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção do capitalismo industrial, diferente da suposição de Marx, não calhou no fim desse sistema econômico, mas sim, “se mutacionou em neoliberalismo e em capitalismo financeiro com modos de produção imateriais e pós-industriais” (HAN, 2018b, p.14):

O regime neoliberal transforma a exploração imposta por outros em uma autoexploração que atinge todas as “classes”. Essa autoexploração sem classes é completamente estranha a Marx [...], já que é baseada na distinção entre exploradores e explorados. E, por causa do isolamento do **sujeito de desempenho** explorador de si mesmo, não forma um *Nós político* capaz de um agir comum. Quem fracassa na sociedade neoliberal de desempenho, em vez de questionar a sociedade ou o sistema, considera a si mesmo como responsável e se envergonha por isso. Aí está a inteligência peculiar do regime neoliberal: não permite que emerja qualquer resistência ao sistema. No regime de exploração imposta por outros, ao contrário, é possível que os explorados se solidarizem e juntos se ergam contra o explorador. Essa é a lógica que fundamenta a ideia marxista da “ditadura do proletariado”, que pressupõe, porém, relações repressivas de dominação. Já no regime neoliberal de autoexploração, a agressão é dirigida contra nós mesmos. **Ela não transforma os explorados em revolucionários, mas sim em depressivos.** (HAN, 2018b, p.16. *Grifos nossos.*)

Vamos agora discutir como esse tipo de assujeitamento possui profunda relação com a materialidade digital. Em certa altura de seu texto, Han (2018a) desenvolve o conceito de *Quantified Self*, que se aproxima do *Sujeito de Dados* proposto por Cristiane Dias (2018) aqui citado. O desejo de otimização e desempenho da vida é o que alimenta seu assujeitamento à tecnologia digital:

A crença na mensurabilidade e na quantificabilidade da vida domina toda a era digital. O *quantified self* também reverencia essa crença. O corpo é equipado com sensores que registram dados automaticamente. São medidos a temperatura corporal, os níveis de glicose no sangue, a ingestão e o consumo de calorias, os deslocamentos ou os níveis de gordura corporal. Durante a meditação os batimentos cardíacos são medidos. Até mesmo nos momentos de repouso o desempenho e a eficiência têm importância. Estados de ânimo, sensações e atividades cotidianas também são registrados. O desempenho corporal e mental deve ser melhorado através da autoafirmação e do autocontrole. No

entanto, o puro acúmulo de dados não responde à pergunta *quem sou eu?* (HAN, 2018b, p.84)

A partir dessa mania de otimização da vida, na qual até “o ócio, que possibilitaria uma atividade casual e sem finalidade, é tomado pelo capital” (HAN, 2018b, p.71); é que “o pan-óptico digital faz uso de uma revelação voluntária por parte de seus internos” (HAN, 2018b, p.57). É pois, a partir dessa “autoexposição” e dessa “autoexploração” da forma-sujeito do neoliberalismo, que “a liberdade é sempre explorada” (HAN, 2018b, p.57), sobretudo pela tecnologia digital, calhando na *psicopolítica digital*:

Hoje, caminhamos para a era da psicopolítica digital, que avança da vigilância passiva para o controle ativo, empurrando-nos, assim, para uma nova crise de liberdade: até a vontade própria é atingida. Os *Big Data* são um instrumento psicopolítico muito eficiente, que permite alcançar um conhecimento abrangente sobre as dinâmicas da comunicação social. Trata-se de um conhecimento de dominação que permite intervir na psique e que pode influenciá-la em um nível pré-reflexivo. (HAN, 2018b, p.23)

O que nos interessa realçar aqui é que esse *sujeito do desempenho* de Han (2018b), assujeitado ao neoliberalismo, é fruto dessa “nova gestão da subjetividade na qual o sujeito contribui ativamente para seu assujeitamento através de um sinistro jogo de palavras sobre o termo *liberdade*” como comenta Pêcheux (2015 [1979]). A partir disso, é por conta da mania de otimização e autoexploração desse sujeito que se vê como um *projeto livre* (HAN, 2018b), que ele busca, na tecnologia digital, “realizar aquilo que nele falta” (DIAS, 2018).

Esse assujeitamento ao digital e à sua ordem discursiva, por sua vez, é que calha no *Sujeito de dados* (DIAS, 2018) e no *Quantified self* (HAN, 2018b) que, por meio da “crença na mensurabilidade e quantificabilidade da vida” (HAN, 2018b), acaba se tornando ele também uma mercadoria através das informações que fornece com o uso do digital (DIAS, 2018). Mais que tornar-se mercadoria, contudo, esse sujeito está também sujeito, na materialidade digital, ao controle e à instrumentalização de sua “pulsão afetiva, agressiva, combativa, desembocando em uma propaganda militar de reflexos e de emoções, apoiada em uma liturgia estético-religiosa dos signos e gestos.” (PÊCHEUX, 2015).

A instrumentalização dessas pulsões irracionais levantadas por Pêcheux (2015), por sua vez, na materialidade digital, é o que calha na *psicopolítica digital* de

Han (2018b), cuja principal ferramenta é o *Big Data*, “que permite intervir na psique e que pode influenciá-la em um nível pré-reflexivo.” (HAN, 2018b). Nesse sentido, à medida em que o sujeito internauta alimenta com o uso do digital, uma “unidade imaginária” (DIAS, 2018) e livre sobre si mesmo, contribui para o seu assujeitamento a novas formas de dominação ideológica, econômica, pulsional etc, possibilitadas pela ordem do discurso na materialidade digital.

Por fim, diante de todo o exposto, não podemos deixar de lado uma passagem do texto *Só há causa daquilo que falha* de Pêcheux (1997c [1978]) sobre a forma-sujeito: “Apreender até seu limite máximo a interpelação ideológica como *ritual* supõe reconhecer que não há ritual sem falhas; enfraquecimento e brechas” (p.300-1). A importância desse excerto para a teoria do discurso é a consideração de que não há assujeitamento ideológico perfeito, completo e homogêneo porque o sujeito não é composto unicamente pelo imaginário (e seu *eu imaginário*, o *ego*⁵⁶): o sujeito é dividido⁵⁷, cindido, entre consciente e inconsciente, constituído pela instância do desejo e da pulsão que a interpelação ideológica nem sempre alcança.

Dessa maneira, por mais que a formação ideológica hegemônica da atualidade seja o neoliberalismo e suas novas formas de assujeitamento, assim como o assujeitamento ao digital e às suas formas de dominação e linguagem seja uma tônica do contemporâneo, precisamos ressaltar que a forma-sujeito que buscamos conceituar aqui teoricamente não é uma lei universal e homogênea, embora possa ser considerada como hegemônica ou dominante.

56“Tudo se passa em *Les Verités de La Palice*, como se o que foi dito do *sujeito* se confundisse tendencialmente com o que foi posto relativamente ao *ego* como “forma-sujeito” da ideologia jurídica [...] sob a forma de uma espécie de gênese do ego; à força de levar exageradamente a sério as ilusões do poder unificador da consciência. (PÊCHEUX, 1997c, p.299)

57“Cf. P. Henry, *Le mauvais outil*, p.144. “[...] o sujeito não pode ser pensado com base no modelo da unidade de uma interioridade, como uno. Ele é dividido.” N.F. (PÊCHEUX, 1997c, p.306)

4- METODOLOGIA

4.1- Metodologia de análise em AD

Essa pesquisa de mestrado é de natureza qualitativa, no sentido que tem para a análise do discurso. Assim, a construção do *corpus* da materialidade digital a ser analisado, se dará a partir do que Cristiane Dias (2018) coloca sobre a compreensão da ordem do discurso digital, a qual vai além da mera descrição:

Uma vez que a análise de discurso visa a compreensão do real do sentido [a polissemia], **nosso objetivo não é o de descrever a organização da discursividade digital em algoritmos, mas sim o de compreender a ordem do discurso digital**, ou seja, entender como o simbólico em sua relação com o político determina sentidos, mas também os sujeitos. Em suma, procurando compreender a ordem do discurso digital, a questão que colocamos é: como o digital significa? (DIAS, 2018, p.63. *Grifo nosso*)

A metodologia de análise, seguindo essa dimensão das relações semânticas entre os enunciados a serem analisados, é tratada por Orlandi (1984) como “recorte”: “O recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva, entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva.” (ORLANDI, 1984, p.14) cujas relações de sentido cabem ao analista desenvolver. A autora defende ainda que a relação entre os enunciados recortados para a formulação do *corpus* “remeta à [noção] de polissemia e não à de informação [...], aí compreendido um contexto menos imediato: o da ideologia.” (ORLANDI, 1984, p.14), não se tratando, assim, de uma relação baseada em regras lógico-formais, como as da descrição/análise da estrutura linguística:

“No caso da segmentação, o linguista visa a relação entre unidades dispostas linearmente. A hierarquização dos níveis de análise, nesse caso, se faz mecanicamente. O que não é o caso, quando se trata dos recortes, já que não há uma passagem automática entre as unidades (os recortes) e o todo que elas constituem.” (ORLANDI, 1984, p.14)

Esse caminho metodológico descontínuo se dá por uma postura epistêmica específica de renúncia da *metalinguagem*, como coloca Pêcheux (2006), no sentido de que, para o autor, no ato de análise dos discursos qualquer enunciado ou sequência de enunciados é “linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à

interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise do discurso.” (p.53). Em outras palavras, não há descrição do sentido que seja totalizante e objetiva, logo, descrever e interpretar o discurso são fenômenos em interação dinâmica:

[...] o problema principal é determinar nas práticas de análise de discurso o lugar e o momento da interpretação, em relação aos da descrição: dizer que não se trata de duas fases sucessivas, mas de uma alternância ou de um batimento, não implica que a descrição e a interpretação sejam condenadas a se entremisturar no indiscernível. (PÊCHEUX, 2006, p.54)

O filósofo defende ainda que o caráter de acontecimento do discurso, sua singularidade de condições de produção históricas e a abertura a novos efeitos de sentido, não pode ser apagado pela “ideia de uma máquina discursiva de assujeitamento dotada de uma estrutura semiótica interna e por isso mesmo voltada à repetição” a partir de uma “sobre-interpretação antecipadora.” (*Ibidem*, p.56), ou seja, não pretendemos aqui uma concepção fechada da formação discursiva, desconsiderando-se o interdiscurso e a abertura de sentidos:

[...] todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é um índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes). (PÊCHEUX, 2006, p.56)

4.2- Recorte e construção do *corpus*

O que é um corpus?

J. J. Courtine em sua tese de doutorado intitulada *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos* (2014 [1980]), define da seguinte maneira o conceito de um *corpus* discursivo:

conjunto de sequências discursivas, estruturado segundo um plano definido em relação a um certo estado das CP do discurso. A constituição de um *corpus* discursivo é, de fato, uma operação que consiste em realizar, por meio de um dispositivo material de uma certa forma (isto é, estruturado conforme um certo plano), hipóteses emitidas na definição dos objetivos de uma pesquisa.” (COURTINE, 2014, p.54)

O processo de construção, por sua vez, desse *corpus* de análise do discurso a partir do recorte de arquivos é sempre um desafio teórico e prático:

[...] como limitar um espaço discursivo? Como decidir sobre o fechamento de um *corpus* discursivo, sobre o pertencimento deste ou daquele texto a um *corpus*? Que forma atribuir a um *corpus* de discurso que não faça deste um simples *corpus* de língua? Qual a especificidade de um *corpus* discursivo que o distingue dos conjuntos de objetos empíricos que o fonólogo ou o gramático manipulam em sua descrição da língua?” (COURTINE, 2014, p.28)

Sobre essas questões, que perpassam a linguística e a AD, Courtine (2014) comenta que os princípios básicos de um *corpus* de análise importados da linguística são ressignificados na Análise do Discurso, sendo eles a “exaustividade”, a “homogeneidade” e a “representatividade” relacionados aos objetivos da pesquisa. (p.28). Essa ressignificação conceitual ocorre porque há uma mudança no objeto estudado, que não é mais a língua, mas o discurso:

[...] é sob a forma de uma *inversão de dominância* que os analistas de discurso geralmente representam o processo de autonomia do domínio da AD sobre o da Linguística: substituir o formal pelo empírico, o sincrônico e o estrutural pelo social e histórico, substituir Saussure por Volochinov.” (COURTINE, 2014, p.42)

No caso do presente trabalho, trata-se de um “*Corpus* constituído a partir de arquivos (ou ‘*corpora* pré-existentes’, conforme o termo de Gardin & Marcellesi, 1974, p.241)” (COURTINE, 2014, p.58). Ou seja, trata-se de materialidades do discurso já existentes coletadas da materialidade digital a partir do recorte metodológico descrito anteriormente, para análise.

Os arquivos discursivos recortados para o presente corpus

Os arquivos discursivos da materialidade digital, por sua vez, foram selecionados para as análises e *printados* no período de 2018 até fins de 2019, levando-se em consideração a corrida eleitoral à presidência da república, ao legislativo federal do Brasil e seus resultados nas urnas e nas redes sociais como condição histórica de produção de sentidos desses arquivos. Nosso objetivo, por outro lado, é analisar a relação do sujeito com a materialidade digital, sem que o foco de recorte e análise se dê apenas no discurso político, uma vez que o que buscamos são as formas específicas de o digital produzir “evidências” de sentido.

O *print screen*, por sua vez, significa a ação técnica de se registrar o conteúdo que aparece na tela de um dispositivo eletrônico, resultando no *screenshot*, de modo a congelar o “olhar” de um internauta sobre o digital. Assim, essa cenografia dinâmica pode ser captada em um instante, congelando o *screen roll* (ato de passar as informações pela tela do *smartphone*) pelas redes sociais. O *print* é, assim, o congelamento do fio contínuo do interdiscurso nas redes que transforma essa imagem da tela (*screenshot*) em um arquivo discursivo da materialidade digital com as especificidades sobre sua temporalidade, estabilidade, homogeneidade, autoria e leitura, tal qual as descreve Cristiane Dias (2015).

Ainda sobre os arquivos discursivos provenientes de *print screens*, preservaram-se seus nomes técnicos dados automaticamente pelo sistema de arquivamento do *smartphone*, a fim de recuperar a data do seu registro e, a partir dela, as condições de produção do objeto analisado, quando necessário. Há ainda que se observar o fato de que a data de registro do *print screen* nem sempre coincide com a data de publicação/circulação do objeto pelas redes o qual, por sua vez, às vezes não coincide com a data do tema sobre o qual esse objeto digital produz discursos. Esses desdobramentos são importantes porque, conforme defendemos, também incidem sobre os efeitos de sentido nos gestos de leitura digital, na confusão temporal/narrativa e na conseqüente reestruturação da memória discursiva em ambientes digitais.

Por fim, alguns arquivos discursivos de análise são compilados de dois a até 4 *print screens* da tela digital. A técnica de compilação dessas imagens em um único arquivo de análise discursiva se fez necessária por dois motivos ao longo da construção do *corpus*. Em alguns casos, essa compilação se deu por conta da limitação espacial da tela do celular em captar todo o conteúdo a ser recortado para análise de uma página de rede social de uma única vez. Nesse sentido, para que a postagem inicial apareça junto dos comentários que vêm “abaixo” dela, foi necessário compilar os *prints* numa única imagem para facilitar as análises.

Essa limitação da tela do celular (uma área restrita a poucas polegadas) em contraste com a quantidade de informações presentes na *Internet* é já um indicativo da desorientação do sujeito no hiperespaço. A espacialidade nesse meio não é tátil, física ou mensurável, como num livro ou num calendário em que se passam as

páginas, mas meramente quantificável ou nomeável. O espaço digital, portanto, passa a depender de sua cenografia para ser identificado pelo usuário. Talvez isso explique a dificuldade recorrente de muitos usuários dessa tecnologia em se orientarem no hiperespaço digital por meio de *smartphones*, uma vez que sua estrutura de percepção e orientação cognitiva sempre se deu com dispositivos de informação e arquivos físicos, palpáveis, com páginas que se passam no espaço.

Em outros casos, por fim, a compilação de mais de um *screenshot* em um único arquivo de análise discursiva da materialidade digital se deu pelo fato de que ambos possuem relações de sentido e/ou fenômenos discursivos em comum a serem analisados. Nesse sentido, a técnica de compilação dessas imagens em um único arquivo digital serviu como auxílio no recorte de fenômenos discursivos comuns a serem postos em análise.

A hipótese da contradição sobredeterminada e a organização do corpus

Os arquivos discursivos recortados da materialidade digital e gerados a partir dos *print screens*, foram separados em dois grupos temáticos a fim de se extrair estruturas discursivas e redes de sentido por trás de fenômenos empíricos às vezes imperceptíveis à primeira vista. O objetivo desse procedimento é o de congelar para análise o que, cotidianamente, se dá de forma rápida e irrefletida no contato com a cenografia digital densa de significações.

Considerando o que foi colocado anteriormente na hipótese do trabalho, por se tratar de uma *Contradição Sobredeterminada*, ou seja, por se tratar de uma estrutura complexa de vários fenômenos imbricados do universo discursivo, a qual sintetizamos entre a abertura e o fechamento imaginário de sentidos no digital; entendemos que a separação do *corpus* em dois grupos de análise é formal e metodológica.

Por um lado essa separação é formal porque são perceptíveis vários processos concorrendo num mesmo objeto analisado comuns a outros arquivos. Por outro lado, essa separação é metodológica no sentido de que temos como objetivo marcar os dois momentos de um mesmo processo dialético contraditório entre abertura e fechamento de sentidos, seguindo uma progressão contínua de análise e

interpretação. Essa busca analítica pelo contraditório, por sua vez, está na gênese epistemológica da análise materialista do discurso, como coloca Courtine (2014):

Se a análise do discurso está ligada a objetos atravessados pela luta de classes, se, em Análise do discurso político, todo discurso concreto remete a uma posição determinada na luta ideológica de classes, então é bem possível que o sentido primeiro de uma intervenção do materialismo histórico nesse campo teórico-prático seja o de lhe devolver os princípios, esquecidos de maneira diferente pelo sociologismo ou pelo teorismo, da *primazia da contradição sobre os contrários*, bem como do *caráter desigual da contradição sobre os contrários* [...]. (COURTINE, 2014, p.35)

O objetivo da separação entre os dois grupos de análise, sendo o primeiro (grupo A), sobre a relação do sujeito com a ordem do discurso no digital e o segundo (grupo B), sobre a hipertrofia do imaginário ocorrendo nessa materialidade; portanto, é o de organizar os fenômenos discursivos a serem discutidos, construindo um caminho mais ou menos lógico e progressivo de reflexão sobre a materialidade digital no presente trabalho, tais como: a ressignificação da leitura no digital, a velocidade da relação do sujeito com o simbólico, as alterações da cenografia digital e do iconotexto, a generalização da formação ideológica neoliberal nas práticas digitais, a equivocidade da informação em contraste com gestos de leitura fechados a evidências escandalosas de sentido como efeito da hipertrofia do imaginário e os efeitos subjetivos do contato com o digital e sua temporalidade específica.

O trabalho analítico de recorte e organização de arquivos discursivos do digital para a construção deste presente *corpus*, dessa maneira, foi um grande desafio. Isso se deu principalmente porque nosso objetivo ao recortar arquivos para análise não era o de pôr em evidência apenas as contradições de posições ideológicas e discursivas do campo político, realçadas por Courtine (2014). No intuito de responder à questão “como o digital significa?” (DIAS, 2018, p.63), portanto, buscamos a contradição entre dois processos discursivos que possuem um funcionamento específico no digital, sendo eles a abertura de sentidos (a ampliação dos pontos de deriva do discurso e a equivocidade da língua e da informação na materialidade digital); contra a necessidade de fechamento imaginário do sentido por parte do sujeito do discurso.

O desafio na construção de um corpus não-tópico

O desafio de recortar arquivos discursivos com temas tão abrangentes e aparentemente desconexos, como os que serão vistos no próximo capítulo, é muito bem explicado por Maingueneau em seu ensaio *Michel Pêcheux: três figuras* (2008). O linguista está preocupado em refletir sobre como a postura epistemológica de Michel Pêcheux interferiu na sua metodologia de pesquisa. Ele explica que para a análise materialista do discurso é preciso desconstruir a unidade imaginária de um texto que é dissimulada pela ideologia, para alcançar esse “outro texto” profundo que a impõe como evidência de sentido: “O resultado é uma metodologia que desconfia profundamente das formas de totalidade e de continuidade, e que busca apanhá-las em sua falta.” (p.81)

Dessa maneira, o que importa para a análise materialista do discurso é “extrair redes significativas” a partir de um recorte de arquivos, conforme explicamos na seção anterior:

Se Pêcheux não levou em conta as estruturas textuais, os dispositivos dos gêneros ou a dimensão interacional, não é tanto porque ele não dispunha dos recursos metodológicos necessários, mas porque sua concepção própria de análise do discurso as excluía. Com efeito, sua atividade, que fragmenta o texto para dele extrair redes significativas, que faz imergir o discurso no interdiscurso, é indissociável da ideia de um Sujeito ‘assujeitado’, concebido em uma ilusão constitutiva, o qual não pode ser o centro em torno do qual se organiza o sentido de um texto. Dessa perspectiva, qualquer forma de pragmática ou de interacionismo é *a priori* suspeita de revelar uma recaída pela concepção idealista da subjetividade, que ele não deixou de denunciar. (MAINGUENEAU, 2008, p.86)

Para que isso fique claro na prática metodológica da construção de um *corpus*, o autor desenvolve dois conceitos: o de unidades discursivas *tópicas* e *não-tópicas*. As unidades tópicas são as que possuem um lugar social bem determinado a partir de um campo de atividade (publicitário, literário, político) o qual é estruturado por instituições que funcionam com seus gêneros do discurso específicos “compreendidos como dispositivos sócio-históricos de comunicação” (MAINGUENEAU, 2008, p.86), como o anúncio publicitário, o manifesto literário, ou o debate político, por exemplo. As unidades tópicas podem ser “definidas com base em critérios puramente linguísticos ou com base em uma combinação de traços linguísticos e comunicacionais (‘discurso cômico’, ‘discurso de divulgação’, ‘discurso didático’ ...)” (MAINGUENEAU, 2008, p.87).

Já as unidades *não-tópicas*, por outro lado,

não são estabilizadas por propriedades que definem fronteiras *pré-formatadas* (qualquer que seja a origem dessa formatação); o princípio que as reagrupa é necessariamente de responsabilidade do analista. São construídas pelos pesquisadores independentemente das fronteiras estabelecidas e reagrupam enunciados marcadamente inscritos na história. Assim, unidades como ‘o discurso racista’ ou ‘o discurso colonial’, por exemplo, apenas podem ser delimitadas pelas outras fronteiras impostas pelo pesquisador. Os *corpora* aos quais correspondem podem conter um conjunto aberto de tipos e de gêneros de discurso, de campos e de posicionamentos, de registros enunciativos ou comunicacionais. [...] É para esse tipo de unidade que propus reservar o termo ‘*formação discursiva*’. (MAINGUENEAU, 2008, p.87)

É pelo fato de o nosso *corpus* conter “um conjunto aberto de tipos e de gêneros de discurso, de campos e de posicionamentos” ideológicos, e de processos discursivos, sem “fronteiras pré-formatadas”, que o entendemos como uma *unidade não-tópica*, ou uma *formação discursiva* por nós construída sem o intuito de “construir espaços de coerência, construir totalidades” (MAINGUENEAU, 2008, p.87); e sim, com o objetivo de contribuir com a questão “como o digital significa?” (DIAS, 2018, p.63). Para isso, durante a construção desse *corpus*, nosso planejamento foi o de “desestruturar as unidades instituídas com a definição de *percursos* inesperados: a interpretação apoia-se, assim, na descoberta de relações até então desconhecidas no interior do interdiscurso.” (MAINGUENEAU, 2008, p.88).

Por fim, queremos esclarecer que embora nosso *corpus* não possua parâmetros temáticos, linguísticos ou lógico-formais (cronologia, gênero discursivo, instituição, etc) de organização, nem por isso ele resume-se à balbúrdia da metodologia científica ou à ausência completa de uma fundamentação linguística. Ele se constitui dessa maneira específica porque sua unidade de organização reflete as características da ordem do discurso digital que pretendemos analisar:

Hoje, a maior parte dos analistas do discurso é seduzida a se restringir às unidades tópicas; outros, ao contrário, se voltam exclusivamente para as ‘não-tópicas’. Observa-se, por exemplo, as duas tendências na atual ‘Análise Crítica do Discurso’. De fato, parece-me que não pode haver análise do discurso, no sentido de uma disciplina associada a informantes empíricos e oriunda das ciências humanas, se não trabalhamos com unidades tópicas, essas que se inscrevem nas cartografias dos usos languageiros. Entretanto, tampouco pode haver análise do discurso se não forem construídos *corpus* que violem fronteiras preestabelecidas. (MAINGUENEAU, 2008, p.88)

5- ANÁLISES

Neste capítulo, levando em consideração a discussão levantada na introdução do trabalho, a forma-sujeito contemporânea e suas constituições imaginárias, bem como as condições de produção do discurso no capitalismo tardio e, em específico, na materialidade digital, pretendemos analisar, a partir da teoria materialista do discurso e sua metodologia de organização dos arquivos discursivos, como se constrói a relação do sujeito contemporâneo com essa tecnologia e como a mesma impacta a constituição de sua estrutura imaginário-ideológica.

Para tanto, dividiremos as análises em dois grupos. O primeiro (grupo A), é destinado a organizar um *corpus* de arquivos discursivos do digital que materializam alguns aspectos que constroem a relação do sujeito do discurso com essa tecnologia e, conseqüentemente, com a linguagem em ambientes digitais. O segundo (grupo B), por sua vez, é destinado a organizar um *corpus* de arquivos discursivos do digital que materializam o processo de hipertrofia do imaginário de sujeitos internautas, o que surge, de acordo com nossa hipótese, como sintoma, dentre outras coisas, da configuração simbólica da ordem do discurso no digital.

Essa divisão de grupos, portanto, parte da hipótese de que, no digital, a abertura e o fechamento demasiados de sentidos estão em um processo dialético de contradição sobredeterminada, ou seja, uma contradição complexa, constituída de várias instâncias encavaladas, as quais pretendemos analisar progressivamente ao longo deste capítulo, cujo *corpus*, ao todo, reúne 19 arquivos discursivos da materialidade digital organizados em 9 análises. A divisão desse *corpus* em dois grupos, portanto, é meramente formal, uma vez que o entendemos como um caminho contínuo e progressivo de análises e reflexões.

5.1 – Grupo A – A relação do sujeito com o discurso na ordem da materialidade digital:

Nesse grupo pretendemos analisar 10 arquivos discursivos recortados da materialidade digital e organizados em 5 seções, para compreender como se dá a relação da forma sujeito contemporânea com a ordem discursiva que funciona nessa tecnologia em rede. Para tanto, pretendemos analisar os imaginários de linguagem e

tecnologia que circulam nos discursos materializados nas redes sociais e como eles constroem essa relação do sujeito internauta com a informação e o dado no digital. Pretendemos analisar como essa relação construída entre sujeito e máquina afeta a equivocidade da língua, o acontecimento, a memória digital e a autoria, que calha numa abertura demasiada de sentidos, como supomos na nossa hipótese.

Primeira análise do grupo A – O 12 min app e a ressignificação do gesto de leitura no digital

Nessa primeira análise, sobre um aplicativo de leitura ofertado no *Instagram*, pretendemos analisar como os imaginários de linguagem e tecnologia, atravessados pela formação ideológica neoliberal, ressignificam a relação do sujeito internauta com a leitura e com o digital. Velocidade, produtividade e otimização, portanto, são significantes discursivos que buscamos explorar. De forma igual, pretendemos fazer uma descrição mais aprofundada que as demais (por se tratar da primeira análise), da organização visual e iconotextual da cena genérica digital, à luz do que reflete MAINGUENEAU (2015), uma vez que essa organização também afeta os efeitos de sentido do discurso no digital.

Arquivo 1 - “300 páginas em 12 min”



O arquivo digital 1 foi registrado a partir de *print screen* (*Screenshot_20191117-210506*, conforme o registro automático de armazenamento do *smartphone*) da tela de celular na materialidade da rede social *Instagram* no dia 17 de novembro de 2019, como consta no registro automático do arquivo a ser analisado. A cena genérica do *feed* de publicações do aplicativo é um vasto hipergênero pelo fato de possibilitar o aparecimento de diversos gêneros discursivos dentro de sua estrutura regular, a qual merece uma descrição atenta antes de seguirmos para a análise da publicação propriamente dita, presente nesse arquivo.

Análise da cena genérica do Feed do Instagram

Análise do layout – barra superior

Na cena genérica do *feed* (o “alimentador”, em tradução literal do inglês, de conteúdos novos), vemos o cabeçalho superior com o ícone de uma câmera fotográfica para postagem de imagens nos *stories* seguido do nome do *app* (*Instagram*), seguido, por sua vez, de um ícone que faz referência ao IGTV (um dispositivo do aplicativo que suporta vídeos mais longos, superiores a um minuto e que, por isso, são alocados à parte da linha do tempo principal, possibilitando gêneros discursivos específicos e ressaltando a tônica rápida e funcionalizada em que funciona o *feed* de publicações principal do aplicativo, sendo elas majoritariamente imagens e vídeos de até 1 minuto); seguido por sua vez, de um ícone que assemelha-se a uma ponta de flecha que remete ao ato de enviar/disparar, o qual, no contexto do aplicativo, refere-se ao envio de mensagens de texto, as quais somam 4 não lidas.

Sobre o número 4 adicionado à ponta superior da flecha e destacado por um fundo redondo vermelho, contrastando de toda a estrutura visual do layout do aplicativo que se dá em escala de cinza, é importante notar que o mesmo é programado para quantificar instantaneamente a quantidade de mensagens “novas” ou “não lidas” que chegam até o usuário: trata-se da tecnologia digital sempre alertando/lembrando ao sujeito de que há algo por fazer, interpelando-o a “saber” que há sempre uma quantidade de tarefas a serem cumpridas, na leitura cognitivamente dispersa que é feita sobre a tela no momento em que interagimos com os *apps* de redes sociais. Nesse sentido, tudo na cena genérica da materialidade digital significa em confluência num gesto de leitura, resultando num compósito iconotextual cuja leitura não se dá de forma linear e progressiva.

Análise do layout – barra inferior

Seguindo para o rodapé, o mesmo representa um índice, um “localizador espacial” para navegarmos no aplicativo. Trata-se da materialidade digital que, prescindindo de uma espacialidade, a simula, para que o sujeito possa interagir com a mesma sem se “perder”, por meio de uma barra com 5 ícones dispostos linearmente. O primeiro ícone à esquerda lembra uma casa e está destacado em

preto com relação aos demais: ele designa o menu principal, o *feed* no qual se encontra o aplicativo no momento do registro dessa imagem de tela, daí o seu destaque em cor preta. É importante refletir sobre os efeitos de sentido desse ícone para representar o que seria a “tela principal” do aplicativo. Primeiro precisamos refletir se há de fato uma tela principal, um menu inicial.

Nosso entendimento é o de que há sim uma tela inicial do aplicativo, mas não pelo fato de ela ser a primeira da esquerda para a direita a aparecer no rodapé, nem mesmo pelo fato de ela ser representada pelo ícone de uma casa, que seria o lugar primordial de referência do sujeito, nem pelo fato de essa tela possuir o título do aplicativo (*Instagram*) no seu cabeçalho. Na nossa reflexão, essa tela é a principal por conta da ordem discursiva específica que a constitui: trata-se do dispositivo/função do aplicativo de caráter público, em que as imagens, vídeos, comentários e interações são vistos publicamente, o que se diferencia dos recursos de mensagens e vídeos longos que ficam em segundo plano no aplicativo. Trata-se também da tela/recurso na qual há efetivamente a torrente de informações novas a serem consumidas, sejam elas notícias, relatos, denúncias, registros pessoais, opiniões polêmicas, anúncios publicitários, curiosidades, divulgação científica, panfletagem política, etc. É esse seu funcionamento específico, é essa sua ordem discursiva que faz com que ela seja a tela principal, o ponto de referência, a “morada” do sujeito e seu ponto de orientação no aplicativo.

Após esse primeiro ícone, há o segundo que refere-se à lupa, ao ato de “pesquisar”. É interessante refletir sobre a necessidade discursiva de remeter a tecnologias “arcaicas” como a lupa, para fazer referência ao ato de pesquisar. A lupa era a ferramenta tecnológica do olhar minucioso e ampliado, assim como as lentes, de modo geral, ao longo da história, são a tecnologia da otimização ótica, desde os óculos aos binóculos e ao telescópio. Essa metáfora das lentes como a otimização do olhar se consagrou na tecnologia digital, materializada pelos ícones de aplicativos digitais que, de modo geral, remetem ao significante “pesquisar”.

Contudo, o que se perde nessa metáfora? Qual é a diferença entre o olhar possibilitado pela lupa e o olhar do dispositivo digital de busca de palavras-chave metaforizado por ela? Enquanto a lupa é utilizada para focar, ampliar um único ponto, minuciar o olhar atento a uma coisa de cada vez, o que a tecnologia digital

amplia, pelo contrário, não é o olhar minucioso, mas sim, a quantidade de informação filtrada e a velocidade com que se dá esse processo. Essa metáfora, portanto, se mostra extremamente equívoca e dá a ilusão ao sujeito de fazer uma busca atenta e otimizada, quando na verdade, o mesmo é, muitas vezes, bombardeado superficialmente por uma torrente enorme de informações. É certo que a praticidade dessas novas “lentes” digitais é muito útil aos sujeitos pragmáticos. Mas é também nessa praticidade em que reside seu perigo.

Seguindo a análise do rodapé da cena genérica do *feed* de notícias, há o ícone central (não por acaso) composto de um quadrado contendo o símbolo matemático de soma, o “mais” no seu centro. Aqui a iconicidade digital se imbrica novamente com a linguagem quantitativa que se tonifica nessa materialidade, como nos lembra HAN (2018a). Nesse sentido, o “mais”, o “a mais” é a representação da lógica digital e do seu chamamento ao sujeito do discurso por ele interpelado: esse ícone representa a ferramenta de postagem de novas publicações para o usuário. E esse “+” representa, por outro lado, muito mais do que apenas a adição de novas publicações na rede social *Instagram*, uma vez que nesse recurso específico há as ferramentas de edição de imagens e de sua consequente otimização, desde filtros de cores a iluminação, recorte, nitidez, sombras, etc. É aqui, portanto, que o sujeito pode afirmar-se “positivamente”, mostrar-se sempre como mais e melhor e alimentar seu eu imaginário e otimizado.

Assim, se a página principal/inicial, por um lado parece ser a do *feed* de publicações do aplicativo representada pela casa icônica do rodapé, a ideia espacialmente e literalmente central do aplicativo parece ser esse chamamento, essa interpelação da materialidade digital (o Sujeito produtivo e otimizado) sobre o sujeito internauta por meio desse “mais” a ser feito e publicado de inúmeras formas.

O quarto ícone é um coração que remete à página “atividade”. Nela há uma descrição temporal detalhada de atividades de interação do sujeito internauta com publicações e com outros usuários dessa rede, bem como com conteúdos semânticos específicos: essa função é capaz de mostrar ao sujeito a quantidade de “curtidas” feitas por ele em publicações que possuem uma mesma *hashtag*, num balanço que pode ser semanal ou mensal, o que nos dá uma pequena mostra de como funcionam os *Big Data* e a minúcia com que leem e calculam as preferências e

comportamentos do sujeito internauta, possibilitados pelo não esquecimento da memória metálica (afinal, quem se lembra do que curtiu na semana passada?).

É interessante também notar seu caráter “positivo” análogo ao ícone “+” analisado anteriormente: esse ícone do coração aqui analisado é o mesmo utilizado para a ação de “curtir” (na nomenclatura oficial do *app*) o que pressupõe que as “atividades” (nome dado à página do aplicativo representada por esse mesmo ícone no seu rodapé) do internauta são sempre positivas, relacionadas a preferências e a curtidas, como se não houvesse desafetos e polêmicas nas suas interações. Esse recurso, portanto, metaforiza um retorno de interesses do sujeito, fechando-o numa bolha que retroalimenta seus temas de desejo e seu imaginário, por meio de algoritmos de direcionamento de conteúdos, o que também é reforçado pelas sugestões de conteúdo mostradas no recurso “pesquisar”, anteriormente analisado.

Mais uma reflexão se faz importante sobre o ícone do coração presente no rodapé do aplicativo e que significa tanto “atividades” quanto “curtidas”: o efeito de sentido que ele carrega ao considerarmos a noção de afeto. Ao fundir os significantes “atividades” e “curtidas”, esse coração parece, se não ressignificar por completo, ao menos agir com novos efeitos de sentido sobre a noção imaginária que o sujeito internauta tem com o seu gesto de leitura de conteúdos no *Instagram*. O que queremos dizer é: o que significa “curtir” algo? É o mesmo que ler? Que aprender?

Segundo HAN (2018b), o afeto se distingue do sentimento pelo fato de ser efêmero, imediato e apenas descarregável, diferente do segundo, que demanda significação e por consequência, tempo por parte do sujeito:

O sentimento tem uma narração: tem uma duração ou uma profundidade narrativa. Nem o afeto nem a emoção são *narráveis*. [...] Por falta de narrativa, uma massa de afetos é levada ao palco. Ao contrário do sentimento, o afeto não abre nenhum *espaço*. Ele procura uma *via* linear para ser descarregado. O *medium* digital também é o meio do afeto. A comunicação digital favorece uma descarga *imediata* de afeto. Já por causa da sua temporalidade, a comunicação digital transporta mais afetos do que sentimentos. (HAN, 2018b, p.60)

Nesse sentido, a relação do sujeito com a informação que ele consome, que “curte”, perde muito em significado. O reforço do “curtir” como afeto, portanto,

alimenta um gesto de leitura performático e funcionalizado que não abre espaço para a interpretação, para o interdiscurso:

O sentimento é constatativo. Por isso se diz: “tenho o sentimento de que...”. Não existe, por sua vez, um construto análogo para “afeto” ou “emoção”. A emoção é [...] *performativa*, remetendo a ações. Também é intencional e finalista. O sentimento não tem necessariamente uma estrutura intencional. (HAN, 2018b, p.60)

O ícone do coração, portanto, parece metaforizar essa forma finalista, ou seja, utilitária, voltada à saciedade de um desejo do sujeito pragmático de consumir informação, carregando também o efeito de sentido de “positividade” discutido anteriormente. Essa parece ser a carga semântica afetiva do “curtir”.

Por fim, o quinto ícone remete à imagem do perfil de uma pessoa, um boneco simples, tendo representados seu rosto e seu busto. Esse ícone remete à página da conta do sujeito usuário do *Instagram*. Ele leva o sujeito a ver o resultado primoroso do seu eu idealizado e imaginário, como um espelho mágico que apresenta, em ordem cronológica, registros em foto e vídeo otimizados de momentos escolhidos para serem mostrados/lembrados, o que relaciona-se ao processo descrito por Han (2018a) sobre o *smartphone* funcionar como um espelho digital no qual o sujeito se tranca narcisticamente.

O que pretendemos mostrar até aqui, com a descrição/análise da cena genérica do layout da página inicial do aplicativo *Instagram* é que, além de ela ser extremamente importante sobre os gestos de leitura do sujeito internauta agindo como um compósito iconotextual sobre as publicações que esse sujeito lê, há o fato de que os ícones, muitas vezes tidos como metáforas óbvias, coladas a um significado, carregam equívocos e usos discursivos complexos que passam despercebidos pelos olhares rápidos desses internautas.

Análise da publicação

Debrucemo-nos, então, sobre a publicação propriamente dita em sua cenografia, ou seja, a maneira com que adequa-se à cena genérica do *feed* do *Instagram*. Essa materialidade inserida no hipergênero que é essa rede social, é um gênero discursivo de anúncio publicitário do aplicativo “12minapp”, o que é perceptível pela palavra “patrocinado” logo abaixo da identidade da página autora da

publicação; embora a mesma não possua as características básicas dos gêneros publicitários tradicionais, como a oferta, o preço, ou ainda a narrativa de uma situação que contextualiza o produto/serviço ofertado.

É essa desdiferenciação entre os gêneros do discurso presentes no digital que Maingueneau (2015) conceituou como uma *hipertrofia da cenografia digital*, ou seja, se o sujeito não possui conhecimento sobre a cartografia de gêneros discursivos tradicionais ou híbridos (dos mais variados campos de atividade social) que circulam pelas redes sociais, bem como se esse sujeito não tem muito conhecimento sobre o funcionamento específico desses aplicativos digitais, a possibilidade de não se perceber o que é uma notícia, um artigo de opinião, um anúncio publicitário ou um relato pessoal, aumenta sensivelmente, tendo em vista que todos esses gêneros aparecem numa mesma cena genérica (a publicação) presente num mesmo hipergênero (o *layout* do aplicativo analisado acima).

Dessa forma, a diferenciação entre os gêneros discursivos se dará muito mais nas sutilezas formais e semânticas da performance de um gênero discursivo (sua cenografia), uma vez que seu “suporte” e suas características formais (formatação, texto, imagem, etc) são regularizadas e padronizadas num nível maior se comparado a outras materialidades, bem como o espaço em que se dão esses gêneros discursivos é o mesmo (sua valência genérica), no sentido de que o digital e as suas redes sociais abarcam os mais variados campos de atividade social.

A publicação em si, por sua vez, o arquivo digital publicado pela página “12minapp” é uma fotomontagem digital que coloca em plano de fundo a imagem desfocada e escurecida de uma larga avenida engarrafada, contextualizando o ambiente urbano de grande concentração de pessoas e a contradição entre a pressa dessa forma de vida e as dificuldades da mobilidade nesse espaço. Soma-se a essa pressa o ícone que compõe a imagem de perfil da “12minapp”: um relógio circular em fundo azul marcando exatos 12 minutos com uma fatia branca dentro de sua circunferência. Não se trata de um ponteiro, ele não aponta as horas, simplesmente: soa muito mais como um *timer*, uma contagem regressiva representada no ícone, o que pode também metaforizar a pressa e a demanda por atividades funcionalizadas em períodos de tempo cada vez mais curtos.

Em primeiro plano, por sua vez, há dois quadros divididos simetricamente. Neles constam dois enunciados, mais especificamente, duas frases nominais: “300 páginas em alguns dias” acima de um livro, e “300 páginas em 12 min” acima de um smartfone, da esquerda para a direita, respectivamente. O caráter nominal desses dois enunciados discursivos, ao suprimir o verbo implícito presente nos mesmos, “leia” por exemplo, reforça a tônica acelerada e de impacto com que a informação é planejada para ser consumida no digital, além de que, dessa forma, sem o verbo, tais enunciados soam muito mais como constatações objetivas do que como a garantia tradicional de uma vantagem veiculada em anúncios publicitários, havendo aí um apagamento desse tipo de pré-construído sintático: “leia/aprenda 300 páginas em 12 minutos com nosso aplicativo!”.

De forma igual, podemos questionar o efeito de evidência sustentado pelo enunciado colado ao livro “300 páginas em alguns dias”: ele parece pressupor a normalidade de se ler essa quantidade de páginas nesse período de tempo. Isso condiz com a realidade? As pessoas de modo geral leem 300 páginas em alguns dias, ou trata-se de um efeito de sustentação ideológica sobre a leitura?

Da maneira como é construída, portanto, a fotomontagem analisada parece colar, por conta de seu estilo icônico e sucinto o significante verbal ao significante visual, de modo que só a quantidade (de páginas e de tempo) é efetivamente realçada, sendo apagado o que se fará com isso (leitura, aprendizado etc). Esse gesto de leitura encaixa-se exatamente à descrição de Dunker (2017) sobre a “vida em formato de demanda. Onde há um encontro é preciso decidir rápida e iconicamente o que os envolvidos querem.” (p.30)

Dessa forma, a construção narrativa de um contexto de necessidade sobre o produto ofertado, bem como a maneira como funciona esse produto ficam implícitos, compactados, demandando do sujeito leitor o preenchimento imaginário dessas questões no seu cotidiano. O que se exacerba é simplesmente a “vantagem quantitativa” de tempo e páginas e a situação é planificada, simplificada ao máximo em duas constatações “objetivas”, atemporais e sem ordem cronológica.

Outro traço imagético-discursivo que merece nossa atenção é a maneira com que a materialidade “livro” e a materialidade “smartfone” são representadas: o celular é representado de forma muito mais anatômica ao encaixe da mão (aspecto

montado digitalmente) e funcional na leitura, de modo que o sujeito leitor se vê, na publicidade, segurando e interagindo com essas duas materialidades e avalia qual “adequa-se” imaginariamente melhor às suas necessidades cotidianas.

Logo abaixo da imagem publicada há uma tarja azul escura com o enunciado “Instalar agora” com uma seta em sua ponta direita. Esse enunciado é sintomático do digital e remete a uma memória discursiva muito própria dessa materialidade: o efeito de sentido do advérbio “agora” é literal e, por isso, exaustivamente reforçado pelo discurso publicitário e por sites de venda na *Internet*. Dessa forma, é comum depararmos-nos com *links* contendo enunciados como “comprar agora”⁵⁸ ou ainda “comprar agora com 1-clique”, como no site da Amazon. Trata-se de uma estrutura sintática que reforça o comportamento impulsivo e irrefletido de consumo instantâneo, seja ele monetário ou não, seja de mercadorias ou informações.

Análise da cena genérica II

Abaixo da fotomontagem, há ícones referentes a ações que o leitor pode tomar ao interagir com a publicação, exercendo sua liberdade empírica e, ao mesmo tempo imaginária nas redes sociais: curtir, comentar, enviar para alguém por meio de *direct* (mensagem), ou ainda salvar a publicação, como sugere o ícone do canto direito, de forma que o sujeito possa, de algum modo, administrar as publicações às quais deseja retornar diante da torrente de informações que passa pela tela do smartphone. Ao centro, por fim, há seis pequenas esferas sugerindo que a publicação possui outras imagens a serem vistas.

Análise do comentário

Na descrição da publicação, por sua vez, há o enunciado “Google Play” seguido de cinco estrelas, referentes à avaliação de internautas sobre aplicativos na plataforma da referida empresa, sendo a quantia de cinco estrelas a nota máxima.

58 Disponível em <https://www.amazon.com.br/dp/B07GT3QKKQ/ref=s9_acsd_hps_bw_r2_topstelle_4_i?pf_rd_m=A3RN7G7QC5MWSZ&pf_rd_s=merchandised-search-6&pf_rd_r=EXXJS18K5YR60BYWN35E&pf_rd_t=101&pf_rd_p=499bfbf6-f971-4167-bdde-111d49e980d3&pf_rd_i=17124733011> Acessado em: 27 dez. 2019. O que ocorre efetivamente, por outro lado, é apenas a aceleração/facilitação do ato de compra e pagamento (por cartão de crédito ou boleto, sem filas de caixas e sem burocracia), uma vez que a mercadoria em si, não sendo um arquivo ou serviço digital, depende de deslocamento físico até o endereço do comprador.

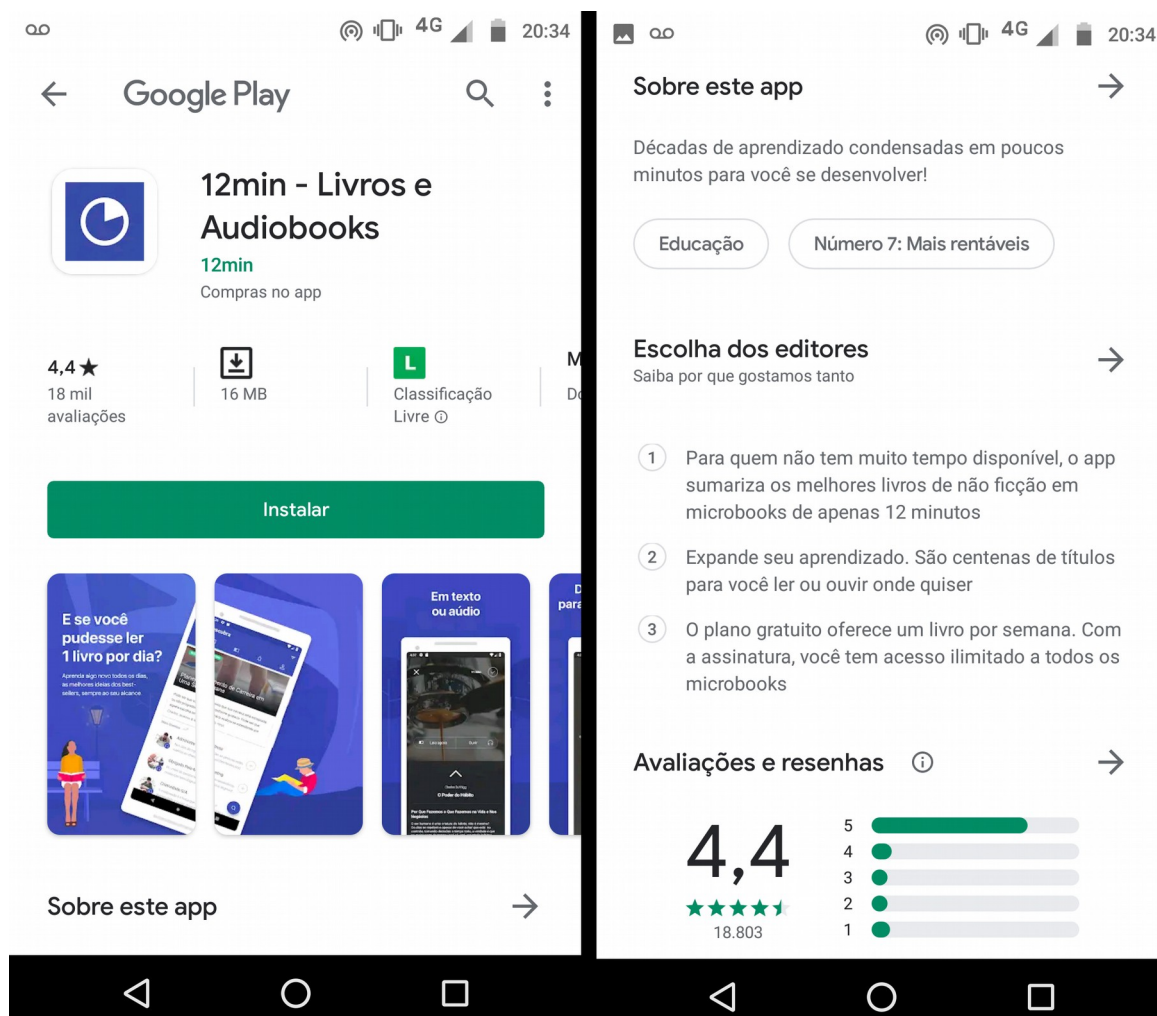
Logo abaixo, há o enunciado: “Com o 12min app você pode aprender qualquer coisa, de qualquer lugar, até no Uber. Baixe Grátis!”

Esse enunciado se inscreve no imaginário ideológico e discursivo de que a tecnologia digital dá conta de resolver e otimizar “qualquer coisa” em “qualquer lugar” na vida cotidiana do sujeito pragmático. Ele remete ao pré-construído de que a tecnologia digital possui aprimoramentos e soluções ilimitados para o sujeito, como se fosse a tecnologia intelectual por excelência que tende sempre a aprimorar as capacidades cognitivas desse sujeito. O significante “aprender”, por outro lado, se mostra equívoco e opaco: o que é um processo de aprendizado?

A parte final do enunciado, por sua vez, “até no uber”, expõe como é forte a presença dos serviços digitais de otimização de tempo e locomoção na vida urbana contemporânea. Ela também possui o efeito de sentido de que a interação com o aplicativo 12minapp é tão fácil e intuitiva que, além de acelerar o “aprender” de “alguns dias” para “12 minutos”, pode ser usado até mesmo no trânsito (como sugere a imagem contextual ao fundo). Em outras palavras, essa composição iconotextual (a imagem do trânsito engarrafado relacionada ao enunciado “até no uber”) inscreve-se numa formação discursiva neoliberal que encara todo tempo e todo lugar como um tempo e um lugar de otimização, no sentido de que é proibido e ainda, talvez, insuportável, “perder tempo”, numa mania constante de produtividade da vida, como coloca HAN (2018a).

Os quatro emoticons dispostos ao final do comentário, sendo eles a pilha de três livros, seguida da seta vermelha que liga a anterior ao celular e ao fone de ouvido, sugere o modo de funcionamento do aplicativo dando uma sinalização de como funciona esse “serviço digital”. Os livros, passados da materialidade escrita para a digital, tornam-se audiobooks para serem ouvidos em 12 minutos. O *link* “Instalar agora”, por fim, direciona o internauta à plataforma da *Google Play*.

Arquivo 2 - “Décadas de aprendizado condensadas”



O arquivo digital 2, que é um compilado de dois prints feitos em 27 de dezembro de 2019, materializa a apresentação do aplicativo *12minapp* no servidor da *Google Play* para smartphones. Nele é possível constatar que o *app* possui 4,4 estrelas contando com mais de 18 mil avaliações.

O primeiro enunciado sintomático que merece atenção é a pergunta presente na primeira imagem azul à esquerda, “E se você pudesse ler 1 livro por dia?” Seguida do enunciado logo abaixo: “Aprenda algo novo todos os dias, as melhores ideias dos best-sellers, sempre ao seu alcance.” Esse questionamento direcionado à segunda pessoa do discurso acontece também como uma interpelação à aceleração do processo de “leitura” e de “aprendizado” propostos pelo aplicativo para o sujeito internauta. Essa interpelação, da maneira como a entendemos, ocorre num processo multifacetado: esse chamamento à eficiência e aceleração se dá tanto pelo discurso publicitário propriamente dito, presente na imagem que expõe a

vantagem de se ter acesso a esse serviço digital; quanto se dá pela materialidade digital, que, sendo mais que um suporte de discursos, é esse Sujeito imaginário ideal e otimizado, (mobilizando o imaginário humanista e tecnocrata sobre essa técnica, discursivamente sedimentado no contemporâneo); quanto ainda, é um chamamento feito, em última instância, pelo neoliberalismo como formação ideológica dominante no contemporâneo, o qual demanda sempre o aperfeiçoamento cognitivo e individual para o mercado de trabalho e, mais ainda, para a vida do sujeito como um todo.

Sobre a escolha lexical desses enunciados destacados, há algumas considerações a serem feitas: a primeira, é a presença do significante “livro”, que aparece tanto na fotomontagem do *Instagram* quanto na página do *Google Play*, seja de forma visual e icônica ou verbal. A materialidade impressa parece ser colocada em contraste e competição com a materialidade digital nessas duas cenas discursivas, sendo superada pelo digital, que é mais “rápido” e “prático”.

Esse efeito de sentido de obsoletização da materialidade impressa parece se confirmar com o enunciado “as melhores ideias dos best-sellers, sempre ao seu alcance.” O livro e a leitura são ressignificados: não interessam mais como processo, mas como finalidade. O que interessa são as “melhores ideias” rediscursivizadas, parafraseadas e pasteurizadas dos “campeões de vendas” (da tradução do inglês) nas livrarias. Se a reificação do livro e da leitura já ocorria com a noção de “best-sellers”, ela parece entrar em um novo patamar. Agora não se consome mais como mercadoria o texto integral do grande “campeão de vendas”, mas sim, o serviço de otimização e aceleração da leitura, que parece ser esse trabalho de rediscursivização (paráfrase) das “principais ideias” dos “best-sellers”.

Se pensamos contudo, como foi discutido nas hipóteses e na revisão bibliográfica, que a tecnologia, assim como a história e a cultura humana não seguem simplesmente um desenvolvimento contínuo e teleológico e que, portanto, não há parâmetros universais para estabelecer qual técnica/tecnologia de organização simbólica é a melhor, (uma vez que ela envolve sempre um sujeito, demandas ético-políticas contraditórias e uma historicidade) entre as materialidades escrita e digital, (consideramos que o livro é também uma tecnologia que tem sua historicidade própria, a qual provém do códex antigo e se expande na modernidade com a prensa de Gutemberg), os parâmetros para sua comparação são históricos e

construídos discursivamente, sendo eles, mais uma vez, a tônica de otimização e aceleração da vida promovida pelo neoliberalismo enquanto formação ideológica dominante no capitalismo tardio.

Ainda sobre o léxico, os significantes “aprenda” e “alcance” merecem nossa reflexão. Qual é o efeito de sentido construído na relação entre ambos? O que significa “aprender” na formação discursiva construída por esse serviço/aplicativo digital? E o alcance? Trata-se do alcance espacial/físico das mãos, ou do alcance cognitivo/metafísico que o desenvolvimento humano pode ter? A tecnologia digital altera os efeitos de sentido desses significantes adicionando a eles utilitarismo e aceleração como vantagens e o imaginário de desenvolvimento contínuo do sujeito.

O enunciado “Décadas de aprendizado condensadas em poucos minutos para você se desenvolver!” reforça o efeito de sentido levantado anteriormente sobre o imaginário de “desenvolvimento” ilimitado. Seu caráter temporal, contudo, é o que mais chama a atenção, pois essa escala de “décadas” para “minutos” é que é sintomática de uma forma de aceleração e de representação da história pelo simbólico. No presente estado de coisas, é comum a constatação da velocidade de mudanças tecnológicas e sociais em ritmo acelerado, mudanças que antes se davam em “décadas” agora ocorrem em poucos anos. De forma igual, a “condensação” na representação de longos períodos históricos em vídeos ou textos compactos, bem como do cotidiano, é recorrente no digital.

O verbo “condensar”, por sua vez, segundo o dicionário online Michaelis⁵⁹, pode significar tanto o processo físico de “1. Tornar-se denso, mais espesso”, quanto o ato de “3. Resumir algo ao indispensável, sintetizar”, quanto ainda a atitude pragmática de “4. Unir ou concentrar algo para determinado fim”, além de significar o processo estético e tipográfico de “5. Comprimir os caracteres de uma composição, com a redução dos claros entre as letras”. Todos esses efeitos de sentido, equívocos e imaginários sobre o simbólico funcionando na materialidade digital, parecem se condensar nessa formação discursiva, o que talvez seja melhor sintetizado com “2. Tornar-se líquido (gases ou vapor), liquefazer”, ou seja, tornar-se volátil e disforme, mas com aspecto “condensado”, imaginariamente coeso e coerente.

59Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=E17G>> Acessado em 28 dez. 2019.

Logo abaixo há duas caixas que classificam o *app* e seu serviço ofertado: a primeira possui o significante “educação”, que parece relacionar-se à natureza da sua atividade. A segunda caixa, por sua vez, traz o enunciado “Número 7: Mais rentáveis” referindo-se ao ranking dos *apps* que mais rendem lucro na plataforma *Google Play*, na categoria “educação”. Esses significantes se relacionam na formação discursiva do 12minapp: “ranking”, “educação” e “rentáveis” mobilizam sentidos do mercado privado e competitivo com a educação, ressignificando-a em sua forma neoliberal e privada, voltada para resultados e objetivos, precarizando, acelerando e digitalizando seus processos de ensino e aprendizagem.

Dirijamos o olhar, agora, para os três tópicos descritivos do app:

1. “Para quem não tem muito tempo disponível, o app sumariza os melhores livros de não ficção em microbooks de apenas 12 minutos.”
2. “Expande seu aprendizado. São centenas de títulos para você ler ou ouvir onde quiser.”
3. “O plano gratuito oferece um livro por semana. Com a assinatura, você tem acesso ilimitado a todos os microbooks.”

Primeiro tópico

No primeiro tópico, há a referência ao “sujeito ideal”, ao consumidor em potencial desse serviço digital ofertado pelo aplicativo. Trata-se de “quem não tem muito tempo disponível”, o que talvez seja a tônica da forma de vida contemporânea no neoliberalismo e a forma com que se dão nele as relações sociais, de trabalho e mobilidade urbana. Logo em seguida, o que antes era a ação de “condensar”, agora parafrasea-se em “sumarizar”: segundo, novamente, o dicionário online Michaelis, “sumarizar” ou “sumariar”⁶⁰ refere-se ao ato de “1. Fazer sumário de, reduzir a suma ou sumário; resumir, sintetizar.” O vocábulo “sumário”⁶¹, do qual o verbo deriva, por sua vez, pode pertencer às classes gramaticais dos adjetivos e dos substantivos.

60 Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=sumariar>> Acessado em 28 dez. 2019.

61 Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=sum%C3%A1rio>> Acessado em 28 dez. 2019.

Quando funcionando como adjetivo, o significante tende a referir-se à qualidade de algo “1. Feito resumidamente, breve, resumido”; “2. Feito sem formalidades, **rápido, simples**”; “3. Que é de proporções muito **reduzidas, que mal cobre (algo)**”. Quando funciona como substantivo, refere-se ao “1. Resumo dos pontos principais de uma matéria; recapitulação, **suma.**” O radical “suma”⁶², por sua vez, provém etimologicamente da palavra latina *summa*, da qual deriva tanto a noção de “resumo”, de “essência”, quanto a noção quantitativa, matemática de “soma”, a qual, por coincidência etimológica ou não, parece ser a que melhor se encaixa à formação discursiva na qual o 12minapp se inscreve, já que seu argumento principal são “300 páginas em 12 minutos” e não em “alguns dias”. O aprendizado, o conhecimento e o desenvolvimento humano, nesse sentido, ganham ares aritméticos e quantificáveis, simplesmente.

Agora detenhamo-nos, ainda no tópico 1, ao processo de referência do “livro” por meio das escolhas lexicais no enunciado “o app sumariza os melhores livros de não ficção em microbooks de apenas 12 minutos.” A categorização específica dos livros de “não ficção” ofertados pelo *app* pressupõe que o sujeito pragmático está interessado em ler a “não ficção” para viver a ficção imaginária de rendimento, produtividade e mérito construída pela ideologia neoliberal. O realce dessa categoria (se é que se pode dividir dessa forma e sem equívocos uma leitura ficcional e outra não ficcional) de gêneros de livros, tem como efeito de sentido nessa F.D., o reforço da noção utilitarista de leitura, aquela que se dá pensando numa finalidade.

Sobre a relação entre “livros” que são sumarizados em “microbooks”, é interessante notar a presença do prefixo “micro” e do estrangeirismo “*book*” (equivalente a livro em língua inglesa). Essa escolha lexical parece soar como uma transformação tecnológica e moderna do livro, no sentido de que o prefixo “micro”, originário da matemática para referir números e quantias pequenas, decimais, é difundido nos usos sintagmáticos da informática, como “microcomputador” e “microchip”: seu efeito de sentido é o de que a progressão tecnológica é proporcional à diminuição das dimensões de aparelhos digitais ao passo em que sua capacidade de processamento aumenta. O estrangeirismo, por sua vez, denota algo

62 Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=suma>> Acessado em 28 dez. 2019.

de maior qualidade e sofisticação, dado o nosso assujeitamento ideológico à dominação cultural da língua inglesa, da qual, importam-se muitos vocábulos dos campos discursivos informático, digital, afetivo, teórico, mercadológico etc.

Por fim, uma última construção sintático-discursiva chama atenção no tópico 1: na lógica da língua, o natural é que “livros” sejam compostos de páginas, não de “12 minutos”. Mas aqui, o absurdo aparente está longe de ser um erro gramatical: ele tem a ver também com a materialidade digital, que reorganiza o espaço e o tempo. Provavelmente um livro de “12 minutos” é um arquivo digital em formato de *audiobook*, o que ressignifica a experiência da leitura que antes era espacial para algo apenas, agora, temporal. Esse absurdo aparente nos traz a reflexão sobre a dificuldade da língua e da percepção humana em mensurar as medidas do digital.

Segundo tópico

No tópico 2 temos novamente o imaginário humanista sobre a tecnologia digital funcionando como aparente evidência do enunciado “Expande seu aprendizado”. Logo em seguida, há novamente o apelo ao excesso numérico com as “centenas de títulos” e o diálogo com o sujeito internauta interpelando-o a exercer sua liberdade e sua vontade “onde quiser” de forma prática e otimizada e sem que esse sujeito perceba o processo do seu assujeitamento ao digital e à vida funcionalizada do neoliberalismo.

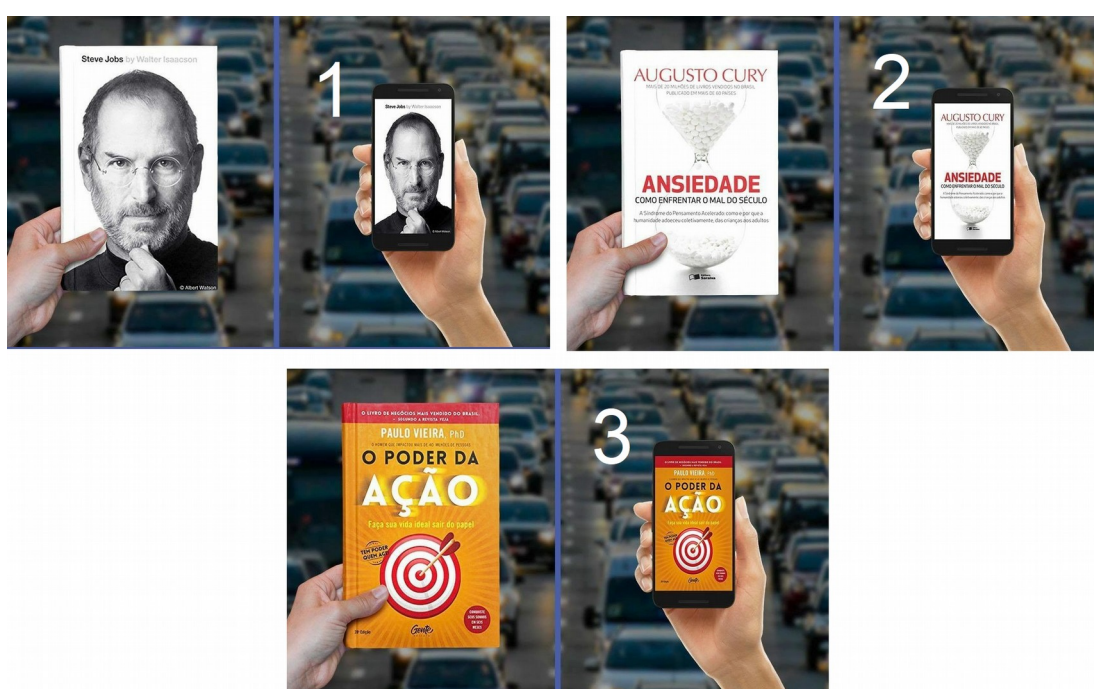
Terceiro tópico

No terceiro tópico, por sua vez, parece haver uma ressignificação do significante “livro”, que agora não é mais a obsoleta materialidade impressa exposta no anúncio publicitário, a qual demora-se “alguns dias” para ler: o “livro” aqui oferecido “por semana” cola-se ao “microbook”, num processo de metonímia que, nessa formação discursiva, não remete mais à materialidade impressa, mas à materialidade digital “sumarizada” e “condensada”.

Por fim, no último período do terceiro tópico há uma retomada do discurso publicitário da venda e neoliberal da otimização e aceleração que só se torna possível a partir da tecnologia digital: o chamamento do sujeito a pagar para ter “acesso ilimitado a todos os microbooks”. Isso só é possível graças à capacidade de

reprodução infinita e do acesso remoto instantâneo a um arquivo digital que se torna um serviço a ser consumido, uma mercadoria. As questões que ficam sobre esse efeito de sentido são: qual é a desvantagem em ter um livro por semana? O que o sujeito realmente ganha com “acesso ilimitado” e “todos os microbooks” de uma vez? O que parece ser ofertado aqui é um excesso possibilitado pelo funcionamento da materialidade digital pelo qual o sujeito é chamado a pagar para se autoexplorar e assujeitar-se de diversas formas, a esse excesso.

Arquivo 3 - “Os melhores livros de não ficção”



O arquivo discursivo digital 3 tem compiladas algumas imagens selecionadas para análise a partir da publicação patrocinada, coletadas também por *print screen* em 17 de novembro de 2019. Nessa disposição, é possível perceber algumas regularidades ideológicas e discursivas selecionadas para serem aqui discutidas.

Imagem 1

O quadro 1, portanto, traz a capa do livro “Steve Jobs por Walter Isaacson” em tradução livre do inglês. O texto de apresentação do livro, de título “Steve Jobs:

A biografia” por sua vez, presente no site de vendas da Amazon⁶³, a gigante de vendas online norte-americana, se estrutura da seguinte maneira:

O livro, baseado em mais de quarenta entrevistas com Jobs ao longo de dois anos - e entrevistas com mais de cem familiares, amigos, colegas, adversários e concorrentes -, narra a vida atribulada do empresário extremamente inventivo e de personalidade forte e polêmica, cuja paixão pela perfeição e cuja energia indomável revolucionaram seis grandes indústrias: a computação pessoal, o cinema de animação, a música, a telefonia celular, a computação em tablet e a edição digital. Numa época em que as sociedades de todo o mundo tentam construir uma economia da era digital, Jobs se destaca como o símbolo máximo da criatividade e da imaginação aplicada à prática. [...]

Jobs é capaz de levar à fúria e ao desespero quem está perto dele. Mas a personalidade e os produtos, assim como um hardware e um software da Apple, estão unidos num mesmo sistema integrado. Sua história é ao mesmo tempo uma lição e uma advertência, e ilustra a capacidade de inovação e de liderança, o caráter e os valores de um homem que ajudou a construir o futuro.

Steve Jobs, portanto, essa imagem que aparece em escala de cinza na capa do volume com expressão séria e decidida, somada a um leve sorriso perspicaz e a elementos de intelectualidade, como os óculos e a postura da mão encaixada sob seu queixo; é representado no texto como um “empresário extremamente inventivo e de personalidade forte e polêmica”, com uma “energia indomável”, cuja obra de vida foi “revolucionar seis grandes indústrias”. Trata-se de um homem de mercado, de um Sujeito do neoliberalismo que serve de “lição” (de interpelação ideológica) quanto à “personalidade”, “inovação”, “liderança”, “valores” “criatividade” e “imaginação aplicada à prática”, Sujeito esse que parece ser, “assim como um hardware e um software da Apple”, a conexão significativa entre a formação ideológica neoliberal como colocada por Han (2018b) e a materialidade digital em sua gênese, já que ele foi um dos idealizadores do *Iphone*, a primeira linha de *smartphones* que “revolucionou”, ou seja, transformou profundamente a maneira com que o sujeito contemporâneo passou a interagir discursivamente com a

63 Disponível em: < [121](https://www.amazon.com.br/Steve-Jobs-biografia-Walter-Isaacson-ebook/dp/B009WW831A/ref=sr_1_1adgrpid=84021089511&gclid=Cj0KCQi_AxrbwBR_CoARIsABEc9shk_7f3CSuskKS8-PD6sJSZLnROZorMVHRRPAHjMGqZN82p5Fwu-D6waAsrOEALw_____wcB&hvadid=39291324832_____8&hvdev=c&hvlocphy=1001634&hvnetw=g&hvpos=1t1&hvqmt=e&hvrnd=303385469920327482&hvtargid=kwd-500884138992&hydadcr=5654_10696958&keywords=biografia+de+steve+jobs&qid=157798_0130&sr=8-1> Acessado em 02 de jan. 2020.</p></div><div data-bbox=)

informação, com o trabalho e com suas relações sociais, “ajudando a construir” nosso presente. E que presente é esse?

Imagem 2

O quadro 2, por sua vez, traz o título “Ansiedade: como enfrentar o mal do século” do psiquiatra, psicoterapeuta e autor de vários livros de autoajuda, Augusto Cury. A imagem da capa chama a atenção já de início: a ampulheta de vidro, símbolo alegórico na representação do tempo de modo geral, é uma tecnologia que cronometra regressivamente um período de tempo. Na aqui representada, por sua vez, não há areia como a matéria-prima tradicional dessa ferramenta que passa pelo seu funil simbolizando a passagem de tempo, mas sim, comprimidos brancos que combinam com a tonalidade branca e clara do layout da capa.

Essa representação alegórica, aberta em efeitos de sentido, produz, contudo, o possível efeito de que o sujeito contemporâneo possui uma outra forma de lidar com a temporalidade, uma forma medicalizada. Tempo acelerado e medicalização da vida parecem ser as duas faces de uma mesma moeda, como é apresentado, em paráfrase à imagem, no subtítulo da capa: “A Síndrome do Pensamento Acelerado: como e por que a humanidade adoeceu coletivamente, das crianças aos adultos.”

O texto de apresentação⁶⁴ do *best-seller*, por sua vez, apresenta o seguinte:

Vivemos em uma sociedade de excessos. Somos bombardeados por informações que, na maior parte das vezes, não conseguimos absorver. Somos cobrados, pressionados, nos tornamos reféns da nossa mente. Essa situação alterou algo que deveria ser inviolável - o ritmo de construção de pensamentos -, gerando consequências seríssimas para a saúde emocional, o prazer de viver, a inteligência, a criatividade. Pensar é bom, pensar com consciência crítica é melhor ainda, mas pensar excessivamente é uma bomba contra a qualidade de vida e um intelecto criativo e produtivo. Em *Ansiedade: como enfrentar o mal do século*, o conceituado psiquiatra e psicoterapeuta Augusto Cury apresenta a Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA), uma das doenças mais penetrantes da atualidade. Ainda pouco conhecida por psicólogos e psicopedagogos, não raro a SPA é confundida com hiperatividade ou transtorno do déficit de atenção. Neste livro, você conhecerá os sintomas e as consequências desse mal, bem como as técnicas para enfrentá-lo e recuperar sua tranquilidade, emocional e mental.

64 Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Ansiedade-Como-Enfrentar-Mal-S%C3%A9culo/dp/8502218484/ref=sr_1_1?_mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91_&keywords=ansiedade&qid=1577981256&sr=8-1> Acessado em 02 jan. 2020.

O “sucesso” desse *best-seller* de autoajuda e a sua seleção com a publicidade patrocinada do *Instagram* é interessante e apresenta uma contradição curiosa: seu título, a arte da capa e o início do seu texto de apresentação soam como denúncias de uma “sociedade de excessos” e de adoecimento mental. O “bombardeamento” de informações que “não conseguimos absorver”, gerando a “Síndrome do Pensamento Acelerado” apontada pelo texto, é uma tônica sintomática da materialidade digital. É interessante a reunião, na mesma formação discursiva do anúncio publicitário do *12minapp* do *Instagram*, de um livro que, aparentemente, tece críticas a esse estado de coisas e indiretamente, ao serviço oferecido pelo *app* ao mesmo tempo em que é ofertado como mais um livro de “300 páginas em 12 min”.

Mas essa contradição não se dá por acaso: o livro de autoajuda de Cury se inscreve, ele também, na formação ideológica neoliberal por conta de alguns traços discursivos que merecem nossa atenção analítica. O primeiro deles é a gradação discursiva feita, da crítica que vai da estrutura ao sujeito: se, por um lado, somos “pressionados” e “cobrados” enquanto vivemos numa “sociedade de excessos”, por outro, tornamo-nos reféns, segundo o texto, “da nossa mente”. Se a crítica parece ser estrutural (econômica, histórica, social, tecnológica), por sua vez, ela fecha-se no sujeito individualizando-se e fragmentando-se, como apontado na resolução do problema: “Neste livro, você conhecerá os sintomas e as consequências desse mal, bem como as técnicas para enfrentá-lo e recuperar sua tranquilidade, emocional e mental.” É comum, assim, nesse “gênero” discursivo de livros de autoajuda, ser apresentado um problema para ser vendida, com ele, uma solução prática que o sujeito empírico é chamado a se apropriar para resolver sua vida de forma prática.

Dessa forma, “uma das doenças mais penetrantes da atualidade” somente é um transtorno enquanto gera “consequências seríssimas” para “o prazer de viver”, a “inteligência” e a “criatividade”. A SPA é apenas um problema quando afeta “a qualidade de vida e um intelecto criativo e **produtivo**.” Portanto, o que esse livro parece ensinar, é como o sujeito pode ser “cobrado” e “pressionado” para “pensar excessivamente” utilizando “técnicas” que permitam que esse “excesso” se dê sem que haja “consequências seríssimas para a vida emocional” e para o “intelecto criativo e produtivo”. A SPA, portanto, é um problema que precisa ser discutido

“criticamente” à medida que atrapalha o ânimo de consumismo e produtivismo construídos historicamente na formação ideológica neoliberal.

Imagem 3

O quadro 3 apresenta a capa do livro “O poder da ação: faça sua vida ideal sair do papel.”, de Paulo Vieira, “o homem que impactou mais de 40 milhões de pessoas”, como consta em tipo pequeno sobre o título. A flecha estacada no centro de um alvo em tons de branco e vermelho sobre um fundo alaranjado circundado por finos radiais de sombra, além de gerar excitação com o espectro de cores quentes, é a alegoria do acerto certo, perfeito. A estrutura tipográfica da palavra “ação” em branco na capa, também é icônica: a sombra escura à esquerda das letras e a iluminação à direita das mesmas, em amarelo claro, dá o especto de movimento rápido. O significante “ação”, portanto, parece fundir-se iconicamente e discursivamente às ideias de rapidez, dinâmica, acerto, impacto e alta performance, o que metaforiza-se como algo positivo sobre as facilidades do digital e, mais especificamente, do 12minapp.

O texto de apresentação⁶⁵ do volume, por sua vez, enuncia-se assim:

Acorde para os objetivos que quer conquistar. Já aconteceu a você de se olhar no espelho e não gostar daqueles quilos a mais? De observar seu momento profissional somente com frustração? De se sentir desconectado dos seus familiares, dos seus amigos? Se você acha que essas são situações normais, pense de novo! Só porque isso acontece com várias pessoas não quer dizer que a vida deva ser assim. Só porque algo se torna comum, não significa que seja normal! Neste livro, Paulo Vieira lhe convida a quebrar o ciclo vicioso e iniciar um caminho de realização. Para isso, ele apresenta o método responsável por impactar 250 mil pessoas ao longo de sua carreira - e que pode ser a chave para o que você tanto procura. No decorrer destas páginas, o autor lhe entrega uma bússola. E para conseguir se guiar por ela você terá de assumir um compromisso com a mudança. Preparado? Aproveite todas as provocações e os desafios propostos nesta obra para conseguir, de fato, fazer o check-up completo sobre si mesmo. Acorde, creia, comunique, tenha foco, AJA! Pare de adiar sua vida e seja quem quer ser a partir de agora. Não existe outra opção. E está em suas mãos reescrever seu futuro.

65 Disponível em <https://www.amazon.com.br/poder-a%C3%A7%C3%A3o-Paulo-Vieira/_dp/854520034X/ref=sr_1_2?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85C5%BD%C3%95%C3%91&crd=EYS608_E SA1KW&keywords=o+poder+da+autorresponsabilidade&qid=1577981213&srefix=o+poder+da+auto res%2Caps%2C290&sr=8-2> Acessado em 02 de jan. 2020.

Aqui apresenta-se o imaginário de ação e de sujeito do neoliberalismo que liga-se discursivamente aos dois outros *best-sellers* analisados anteriormente. Mais uma vez, como é comum da formação discursiva de livros de autoajuda, há a apresentação de um problema e a oferta da venda de uma solução rápida e prática. O problema, que tanto parece ser sintoma da “sociedade de excessos de informação”, quanto da “revolução de grandes indústrias”, quanto ainda de “quem não tem muito tempo disponível”, que ligam-se à materialidade digital; é descrito da seguinte forma: “Já aconteceu a você de se olhar no espelho e não gostar daqueles quilos a mais? De observar seu momento profissional somente com frustração? De se sentir desconectado dos seus familiares, dos seus amigos?”.

Essas frustrações, que se tornam insuportáveis ao sujeito contemporâneo, cuja tônica ideológica da vida privada deve ser sempre “feliz”, são ressignificadas pelo texto como algo que, embora pareça normal, já que é inerente à vida humana, é apenas um “ciclo vicioso”, que precisa ser “quebrado” para iniciar-se um “caminho de realização.” Essas frustrações são perspicazmente elencadas pelo enunciado (com a aparência física, com a vida profissional e com a “conexão”), porque o sujeito pragmático busca, muitas vezes, tamponar essas faltas por meio de livros de autoajuda e também nas redes sociais, utilizando filtros de otimização da sua imagem, “ganhando dinheiro” em novas configurações de trabalho, “sem chefe”, “sem horários” (e também sem direitos e garantias); e “conectando-se” com o Outro virtual em busca de afeto, identificação e um reconhecimento muitas vezes narcísico. Esse comportamento do sujeito pragmático nas redes sociais tem, portanto, relação com o discurso da autoajuda voltada para a “superação pessoal”.

Aqui, mais uma vez, o sujeito é interpelado a ser senhor de sua própria sorte, um universal particular detentor de todo o poder sobre o seu futuro, como consta na formação ideológica liberal clássica. Essa interpelação discursiva se dá pelos enunciados: “o método [...] que pode ser a chave para o que você tanto procura”; “você terá de assumir um compromisso com a mudança”; “acorde, creia, comunique, tenha foco, AJA!” e “está em suas mãos reescrever seu futuro.”

Um balanço do que analisamos até aqui

Entendemos que essa interpelação ideológica, portanto, não se dá somente a partir da formação discursiva dos livros de autoajuda e nem apenas pela formação discursiva publicitária do 12minapp. Ela está atravessada pela formação ideológica neoliberal dominante no capitalismo tardio, a do sujeito pragmático, voltado para a ação, bem como cola-se também à materialidade digital, uma vez que, tendo agora acesso facilitado, prático e gratuito a um *audiobook* de “12 min”, o sujeito não tem mais “desculpas” para ser “quem quer ser a partir de agora”. São essas formações imaginárias sobre a tecnologia, a leitura, a ação e a forma-sujeito do neoliberalismo contemporâneo construídas no digital, que, formando um chamamento dinâmico e multifacetado, parecem ressignificar a relação do sujeito com o discurso.

Segunda análise do grupo A – Chapolin Colorado dando corpo ao discurso do assujeitamento digital

Nessa segunda análise pretendemos avançar na discussão desse processo discursivo e discutir como se dá o assujeitamento da forma sujeito contemporânea à materialidade digital e à sua “pressão de comunicação” (HAN, 2018a).

Arquivo 4 - “A vida flui maravilhosamente bem”



O arquivo discursivo digital 4 é um compilado de dois *screenshots* da tela de *smartphone*, sendo o da esquerda *Screenshot_20190622-153431* e o da direita *Screenshot_20190622-152925*, ambos registrados no dia 22 de junho de 2019. Esses registros são da mesma página do *Instagram*, @chapolinsincero, cujos conteúdos, em geral, são *frames* de vídeo com expressões faciais do referido personagem do seriado latino-americano, os quais são rediscursivizados em fotomontagens com os comentários mais diversificados sobre experiências da vida cotidiana. A reunião dessas duas publicações em um mesmo arquivo a ser analisado se dá pela sua relação discursiva: o assujeitamento ao digital.

O personagem latino-americano

Antes de mais nada, contudo, é oportuno levantar o pré-construído relacionado ao personagem mexicano e latino-americano. Segundo a enciclopédia online Wikipédia:

Chapolin Colorado surgiu para satirizar os heróis [norte-americanos](#) com seus "superpoderes" e fazer uma crítica social em relação à [América Latina](#). É um herói "sem dinheiro, sem recursos, sem inventos sensacionais, débil e tonto". O personagem surgiu em um momento de grande visibilidade para a América Latina. A estreia da série, foi em 1970, ano da [Copa do Mundo de Futebol](#), realizada no México. E, logo após a Olimpíada, sediada também na capital mexicana em 1968, a região foi palco de movimentos estudantis em protesto à Guerra Fria, disputa ideológica, militar e espacial, entre Estados Unidos e [União Soviética](#). A influência estrangeira nos países latinos foi tema recorrente em "El Chapulín Colorado".

Chapolin se enche de patriotismo ao declarar que seus defendidos não precisam de "heróis importados". O "polegar vermelho" surgiu quando o povo da América Latina se deu conta a urgência de se ter um herói local. Na série, a hegemonia dos países industrializados no mundo subdesenvolvido é simbolizada por meio de "Super Sam". O personagem é o paradigma do poderio norte-americano e usa um uniforme semelhante ao do [Superman](#) – com direito ao famoso símbolo no peito do traje azul – e cartola com as cores da bandeira norte-americana. Como nunca fora chamado para ajudar alguém, suas aparições eram fruto da intromissão nas ações do Chapolin. As referências históricas nos episódios de "El Chapulín Colorado", como a alusão à Guerra Fria ("De los metiches líbranos señor") e à relação entre norte-americanos e latino-americanos ("Todos caben en un cuartito, sabiéndolos acomodar"), permeiam o trabalho de Roberto Gómez Bolaños em "El Chapulín Colorado", buscando satirizar uma época conturbada no mundo dos

[anos 60](#) e [70](#) e a fraqueza latino-americana, em contraposição ao individualismo estadunidense.⁶⁶

Se, por um lado, os temas geopolíticos aos quais o seriado mexicano fazia alusões críticas estão apagados das fotomontagens presentes na página @chapolinsincero, por outro, parece ser esse pré-construído passível de ser esquecido pela memória discursiva⁶⁷, de um “herói ‘sem dinheiro, sem recursos, sem inventos sensacionais” e que, ao mesmo tempo, “se enche de patriotismo ao declarar que seus defendidos não precisam de ‘heróis importados””, que gera a identificação dos sujeitos internautas com a formação imaginária d’ “El Chapulín”, tomado para dar corpo e expressão a comentários sobre o cotidiano do sujeito contemporâneo no Brasil, habituado a conviver/resistir a essas contradições tratadas acima e comuns a toda América Latina, que o seriado mexicano abordava.

Análise da primeira publicação

Seguindo para as publicações, vemos que a fotomontagem da esquerda traz na imagem a expressão de, ao mesmo tempo, desânimo, desalento e surpresa do herói mexicano que, com a boca levemente aberta, as sobrancelhas levemente levantadas e os olhos mirando um ponto distante, funde-se ao verbal tornando-se, possivelmente, seu enunciador: “eu sou formado em silenciar grupos”. A frase, em tom irônico, coloca que a “formação”, a especialidade desse sujeito é silenciar grupos, tamanha a sua familiaridade com isso: soa metaforicamente, assim, como se fosse a sua profissão verbalizada em uma constatação levemente epifânica.

A palavra “grupos” aqui presente, por sua vez, parece relacionar-se aos grupos de conversa do *WhatsApp*. Segundo o artigo “Como desativar notificações de grupos no *WhatsApp*”⁶⁸ de “um dos maiores e mais respeitados sites de tecnologia do Brasil”, o Tecnoblog⁶⁹:

66 Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/El_Chapul%C3%ADn_Colorado> Acessado em 06 jan. 2020.

67 “a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.” (PÊCHEUX, 2010 [1983], p.52)

68 Disponível em <<https://tecnoblog.net/229036/desativar-silenciar-notificacao-whatsapp/>> Acessado em 06 jan. 2020.

69 Disponível em <<https://tecnoblog.net/sobre/>> Acessado em 06 jan. 2020.

“Sobre o Tecnoblog: O Tecnoblog nasceu em 2005, entre o Natal e o Ano Novo. Na época Thiago Mobilon tinha 19 anos e trabalhava com manutenção de computadores e design, e era um usuário ativo de fóruns de tecnologia, onde compartilhava as suas experiências tecnológicas e tirava dúvidas

Nem sempre é conveniente receber notificações de grupos do *WhatsApp*; aqui, desativo todos. Quando preciso ver o que algum grupo está falando, prefiro abrir o *WhatsApp* e não ser interrompido por mensagens aleatórias.

Normalmente, um grupo tem muitas mensagens por dia e isso pode atrapalhar a sua produtividade e concentração — ou, apenas, lotar a sua barra de notificações sem necessidade. Veja, então, como desativar as notificações de grupos.

Aqui se esclarece um pouco melhor o que é essa atividade de “silenciar grupos”, tão corriqueira na vida cotidiana do sujeito internauta a ponto de transformar-se, metaforicamente, em uma “formação (profissional)” e a ponto de alcançar quase 132 mil curtidas no *Instagram* que, pela lógica quantitativa do digital, expressam a amplitude da identificação que essa fotomontagem gera. Essa atitude de resistência diante da comunicação digital, portanto, parece advir do fato de “um grupo [ter] muitas mensagens por dia”, o que é colocado como algo inconveniente, uma vez que não é sempre “preciso ver o que algum grupo está falando”. A inconveniência, por sua vez, tem a ver com o fato de o sujeito internauta ser constantemente “interrompido por mensagens **aleatórias**.”

O significante “aleatórias” usado para qualificar as mensagens recebidas pelo sujeito parece significar mensagens descontextualizadas, entrecortadas, de temas que não possuem relevância ou interesse imediato e cujo sentido muitas vezes parece vir em partes, picotado, o que demanda tempo para a sua construção no processo de leitura, bem como “desconcentra” e “lota” de informação o sujeito, num processo que parece ser exatamente o que Han (2018a) descreve como uma “pressão de comunicação”, ou o que Dunker (2017) descreve como o excedimento das condições “normais” de funcionamento cognitivo do sujeito.

Por outro lado, esse excesso do digital só é “inconveniente” na medida em que atinge a “produtividade” do sujeito, segundo o artigo do Tecnoblog. Mais uma vez, assim como no caso analisado anteriormente sobre o livro de Augusto Cury a

com outros usuários. Um dia, da ânsia de aprender mais sobre programação, comprou um domínio e colocou o site no ar. **O crescimento foi consistente, se transformando em uma empresa de mídia dois anos depois.**

Hoje o TB é um dos maiores e mais respeitados sites de tecnologia do Brasil. Com uma equipe de quase 20 pessoas que se esforça para publicar diariamente as notícias mais importantes, cobrir lançamentos nacionais e no exterior, dar dicas e publicar análises dos produtos mais desejados.” (*Grifo nosso*).

respeito da ansiedade, os excessos do digital apenas são problemas que precisam ser discutidos e tratados quando geram perda de rendimento, foco e trabalho, de modo que o assujeitamento generalizado à otimização e aceleração do tempo promovidas pela formação ideológica neoliberal e facilitadas pela materialidade digital (como mostra HAN, 2019b) parece ser tão profundo, que não fica claro o ciclo vicioso em que o sintoma se confunde com sua causa.

Análise da segunda publicação

Já a publicação da direita traz uma imagem com o rosto de Chapolin levemente inclinado para o lado e o queixo um pouco levantado, a boca cerrada, as pálpebras suavemente abaixadas e sobrancelhas alinhadas, o que parece ter o efeito de sentido de certa desconfiança e, ao mesmo tempo, reflexão e leve resistência. O enunciado ao qual a imagem se funde, por sua vez, diz: “Madrugada é a melhor hora pra responder mensagem acumulada no *WhatsApp*. Ninguém te responde de volta, a vida flui maravilhosamente bem.” Esse enunciado mostra, ao mesmo tempo, na forma de uma contradição dialética, uma resistência e um assujeitamento à materialidade digital. Por um lado, há aquilo que Linhart, citado por Pêcheux (1997c) ao argumentar sobre a impossibilidade do “assujeitamento ‘perfeito’”; diz sobre “tudo o que, em cada um dos homens da cadeia, urra silenciosamente: ‘Eu não sou uma máquina!’” (p.306).

Dessa forma, o sujeito, resistindo à obrigação de dar respostas instantâneas às mensagens que recebe do *WhatsApp*, como na publicação anteriormente analisada, separa a “madrugada”, ou seja, o momento no qual subentende-se que os contatos digitais estão dormindo, sendo portanto, o único período dos seus dias em que estão desconectadas do *WhatsApp* e não irão “te responder de volta”, para cumprir com essa tarefa de modo que a vida possa “fluir maravilhosamente bem”. Pelo não-dito, esse enunciado materializa a queixa implícita de que a vida não flui bem justamente com os excessos da materialidade digital, que, contraditoriamente, promete justamente maior praticidade e economia de tempo e deslocamento para resolverem-se demandas cotidianas do sujeito pragmático. O excesso de fluidez da materialidade digital, portanto, parece ser o que impede a vida de fluir “marvilhosamente bem”, como é possível retomar do artigo do site de notícias G1,

“Como ficar '24h de plantão' para responder mensagens no celular pode afetar sua saúde mental”⁷⁰, que parece funcionar como um pré-construído dessa mesma formação discursiva:

Estresse causado pela conexão ininterrupta e pela espera de uma resposta pode desencadear ansiedade e até depressão, alertam especialistas brasileiros.

Quantas vezes você pega o celular para checar mensagens por dia? Com quantos grupos de amigos, familiares e colegas de trabalho conversa diariamente? Qual é a sua tolerância na espera para receber uma resposta? As mensagens acumuladas esperando resposta no seu celular te deixam angustiado?

Aplicativos de mensagens instantâneas se disseminaram rapidamente no Brasil e no mundo, em nome da velocidade, custos mais baixos e praticidade na comunicação - mas o outro lado da moeda na crescente dependência social desses apps é a ansiedade produzida pela sensação de estar ligado, e em dívida, o tempo todo, alertam especialistas.

“O que está acontecendo basicamente é que as pessoas ficam de plantão o dia inteiro, e claro que isso é maléfico. Elas não descansam, não têm um momento de parar. Isso gera estresse, que pode desencadear quadros como depressão e ansiedade”, adverte o psiquiatra Antônio Geraldo da Silva, presidente eleito da Associação Psiquiátrica da América Latina (Apal).

Segundo um estudo feito pelo Datafolha em 2017, o *WhatsApp* é o aplicativo de mensagem preferido por 89% dos brasileiros. A empresa, que pertence ao *Facebook*, tem 120 milhões de usuários no Brasil. O número equivale a mais da metade da população do país, e corresponde a 10% do 1,2 bilhão de usuários globais do app.

Ou seja, os efeitos de sentido do termo discursivo implícito, recuperado pelo não-dito, de que a “vida não flui bem”, estão relacionados à “depressão”, “estresse”, “angústia” e à “ansiedade produzida pela sensação de estar ligado, e em dívida, o tempo todo”, graças à popularização do *app* que conta com “120 milhões de usuários no Brasil”, sendo o “aplicativo de mensagem preferido por 89% dos brasileiros” graças à “velocidade, custos mais baixos e praticidade na comunicação.”

Se por um lado, portanto, o sujeito enunciador dessa fotomontagem resiste em aspirar “somente à perfeição plácida da máquina” não se “deixando angustiar” e aparentemente, não se sentindo “em dívida, o tempo todo” para responder instantaneamente as mensagens que recebe do *WhatsApp*; por outro lado, esse mesmo enunciador separa, contraditoriamente, as horas de sono da madrugada para fazê-lo. Que “vida” é essa, portanto, a que “flui maravilhosamente bem”? Novamente, parece ser a vida que dá conta do excesso da comunicação digital sem

70 Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/como-ficar-24h-de-plantao-para-responder-mensagens-no-celular-pode-afetar-sua-saude-mental.ghtml>> Acessado em 06 Jan. 2020.

se deixar afetar pelos seus efeitos colaterais, o que evidencia o assujeitamento desse enunciador à materialidade discursiva digital, a partir da qual esse sujeito reorganiza a temporalidade da sua vida privada.

Dessa forma, assim como “Chapolin Colorado surgiu para satirizar os heróis **norte-americanos** com seus ‘superpoderes’ e fazer uma crítica social em relação à **América Latina**”, essas fotomontagens aparecem publicadas nas redes sociais para, com seu humor singelo, talvez causar uma breve reflexão crítica sobre como nos relacionamos com a tecnologia digital; muito embora, assim como havia na série as intromissões do “Super Sam”, personagem que simbolizava “a hegemonia dos países industrializados no mundo subdesenvolvido”, (o Sujeito ideológico do “individualismo estadunidense”) de cuja aparição incômoda Chapolin não conseguia se livrar, há o assujeitamento à materialidade digital e à mania de produtividade do neoliberalismo, dos quais o sujeito não consegue livrar-se, mesmo tendo a ilusão imaginária de liberdade e autonomia alimentada pelo próprio uso do digital.

Terceira análise do grupo A – O “Caso Neymar no digital” a partir de uma análise de *Big Data*

Após termos explorado a relação do sujeito internauta com a materialidade digital e seu assujeitamento à sua ordem discursiva, vamos agora analisar como essa relação age produzindo efeitos no gesto de leitura de “dados” e “informações” digitais sobre polêmicas e temas políticos que circulam nas redes.

Arquivo 5 - “São dados reais!”



O arquivo discursivo digital 4, proveniente de *print screen* (*Screenshot_20190608-150524* de 08 de Junho de 2019) refere-se a um tema de grande ressonância nas redes sociais ocorrido naquele mês, por conta de sua natureza polêmica. Trata-se de uma acusação de crime de estupro movida contra o jogador de futebol Neymar Jr, o que gerou muita discussão nas redes sociais.

É preciso esclarecer que o objetivo desta análise não é descreditar a vítima do caso, nem a realidade da cultura do estupro estrutural e histórica na sociedade patriarcal brasileira, nem mesmo a importância de grupos e páginas feministas das redes ao discutir e esclarecer questões das relações de gênero para o senso comum. Nesse sentido, as redes sociais prestam um importante papel no empoderamento coletivo de grupos que se utilizam de delas para compartilhar experiências, criar vínculos gerar conteúdo de politização e conscientização.

Também não se trata aqui de colocar em cheque a ética e a seriedade do trabalho de profissionais de análise de redes, também chamados de *Head of Research* (o “cabeça”, o “líder” de pesquisas), mas sim produzir uma reflexão epistemológica sobre o método hermenêutico que leva à geração de tais dados estatísticos, bem como os efeitos de sentido desses infográficos sucintos para as massas digitais, além dos discursos que circulam por trás dessa atividade técnica. Trata-se, dessa forma, de refletir sobre discursos tecnocratas que soam um tanto perigosos quanto a suas propostas políticas e epistemológicas, *colando* o digital ao real, como neste trecho do artigo de uma revista norte-americana de tecnologia, datado de 2008 e resgatado por Han (2018a [2013]), que segue abaixo:

Há algum tempo, Chris Anderson, redator-chefe da *Wired*⁷¹, publicou, sob o título de “The End of Theory” [“O fim da teoria”], um artigo bastante digno de nota. Ele afirma que a quantidade inimaginavelmente grande de informações tornaria modelos teóricos completamente superficiais: “Hoje, empresas como o Google, que cresceram em uma era de massas gigantescas de dados, não precisam se decidir a favor de modelos falsos. Elas não precisam nem mesmo mais se decidir a favor de nenhum modelo”⁷². A análise do *Big Data* dá a conhecer modelos de comportamento que também tornam prognósticos possíveis. No lugar de modelos teóricos hipotéticos, entra uma comparação direta de dados. A correlação substitui a causalidade, a questão do *por que é assim* se torna supérflua em vista do *é assim que é*: “Chegou ao fim o tempo de toda a teoria do comportamento humano, desde a linguística até a sociologia. Esqueça a taxonomia, a ontologia e também a psicologia. Quem pode dizer por que o ser humano faz o que faz? Ele o faz simplesmente, e nós podemos medir e rastrear isso com uma exatidão sem igual. Quando há dados o suficiente, os números falam por si”. A teoria é um construto, um meio de auxílio, que compensa a falta de dados. Se há dados o suficiente, ela é, então, superficial. (HAN, 2018, [2013], p.131-132)

71 “Revista de publicação mensal norte-americana de tecnologia, ciência, entretenimento, design e negócios [N.T.]” (*apud* Han, 2018a, [2013]).

72 “*Wired Magazine* de 16/07/2008” (*apud* Han, 2018, [2013]).

Contextualizando do caso polêmico

Atenhamo-nos agora às condições de produção do “Caso Neymar no Digital”. Segundo reportagem publicada pela revista eletrônica *Veja*⁷³, no dia 31 de maio foi feito um boletim de ocorrência contra o jogador, acusando-o de crime de estupro, numa delegacia de São Paulo. A acusação formal foi movida no dia seguinte (01 de junho). No dia 02, o jogador liberou na sua conta do *Instagram* um vídeo em que narra sua versão da relação íntima que teve com a modelo brasileira Nájila Trindade em Paris e expõe conversas privadas com a mesma que ocorreram no *Instagram*, junto de fotos que expunham seu corpo nu. No dia 03, a plataforma retira do ar a publicação que Neymar fez em sua página por “violar as Diretrizes da Comunidade”.

A polêmica pública, por sua vez, se instaurou a partir daí: as opiniões se dividiram de modo geral, entre a hipótese de o jogador ter sido vítima de golpe de uma “maria chuteira” e a hipótese de ele realmente ter sido abusivo por conta de seu histórico de “comportamentos inconsequentes”. Além dessa polêmica principal, houve também discussões sobre a atitude do jogador de ter exposto materiais tão íntimos a milhões de internautas (sua conta na plataforma possui 121 milhões de seguidores⁷⁴), o que se configura como crime digital. Por fim, também houve discussões polêmicas sobre a exposição midiática da vítima, de sua identidade e da forma pejorativa como ela foi apresentada em entrevistas a programas televisivos.

Devemos ressaltar a importância de pensarem-se esses desdobramentos polêmicos dos temas do caso nas suas condições de produção, para ter-se a noção de que uma polêmica pública nas redes sociais não gira em torno simplesmente de uma tese e uma antítese, podendo ter várias formas de identificação dos internautas com as personagens da mesma, bem como várias estruturas diferentes de argumentação e divisão de posicionamentos no desdobramento do assunto público. É importante também ter-se a dimensão narrativa do caso analisado (construção do *ethos* dos personagens envolvidos ao longo da cronologia temporal e

73 “O caso de acusação de estupro do atacante Neymar feito pela modelo Najila Trindade mobilizou as atenções neste mês de junho. Muitos fatos, fotos, trocas de mensagens e acusações foram surgindo na história. **Veja, dia a dia, os acontecimentos do caso Neymar.**” Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/placar/tudo-sobre-o-caso-neymar-sexo-mensagens-e-acusacoes/>> Acessado em 24 jun. de 2019. (É interessante perceber a necessidade da estruturação textual narrativa sobre o “caso” em questão para organizar temporal e factualmente os “muitos” que “foram surgindo na história” em contraste com a materialidade digital a ser analisada na imagem B1).

74 <<https://www.instagram.com/neymarjr/?hl=pt-br>> Acessado em 24 jun. de 2019.

desenvolvimento/desencadeamento dos fatos) para poder-se mensurar os desdobramentos de temas polêmicos que surgem e como desdobram posicionamentos e identificações imaginárias com o caso na materialidade digital. Isso é possível de ser recuperado em parte pela reportagem da revista *Veja* e sua estrutura textual-discursiva que é narrativa, ou seja, possui tempo, espaço, fatos dispostos cronologicamente e personagens.

Nosso foco aqui, por outro lado, não é o de analisar a fundo interações polêmicas entre internautas em sua instância pragmática⁷⁵ nas redes, mas apenas ressaltar o quão dinâmico é o seu funcionamento e o quanto variam seus temas e identificações dos sujeitos internautas com o caso e suas personagens, indo muito além de um maniqueísmo dicotomizado.

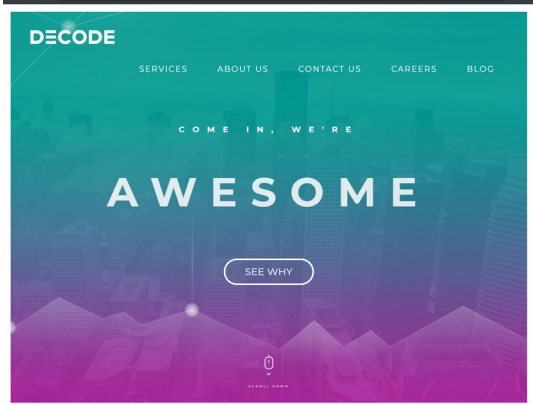
A empresa DECODE

Antes, contudo, é importante refletir sobre a empresa que fez a análise de rede em questão (DECODE) e a página que a compartilhou no *Instagram* (*marketingcomcafe*). Começamos com uma breve análise do *ethos* institucional da empresa texana *DECODE* a partir de uma visita ao seu *website*⁷⁶ arquivada em *print screen*:

Arquivo 6 – Ethos institucional do website da empresa DECODE

75 Para tanto, ver AMOSSY, Ruth (2017): *Apologia da polêmica*. E em específico, *As “discussões inflamadas” nas conversações digitais* (p.167-196).

76 <<https://decodedigital.co/>> Acessado em 24 jun. de 2019.



DIGITAL MARKETING EXPERTS

DE-CODE / DĒ'KŌD /
An award-winning digital marketing agency in Houston that breaks down the ever-changing digital space to develop original strategies that complement your vision and goals.

THE DECODE DIFFERENCE

We're a team of digital marketing experts, always perfecting our individual talents and staying ahead of the game to get you ahead of the competition. Discover what Decode can do for you.

INDUSTRIES SERVED

HEALTHCARE	FINANCE	RETAIL	LEGAL	RESTAURANT	NON-PROFIT

OH, SO SHINY!

2013 Digital Advertising & Media Campaign	2016 Mervick Marketing, B2C	2014 Online Marketing Campaign (Healthcare)	2016 Online Social Media Campaign, B2C	2016 Online Social Media Campaign, Non-Profit

(WE WON DEEZ!)

Would you like to **collaborate**, start your new **job** here, or just say **hello?**

LIKE WHAT YOU SEE?
GET IN TOUCH!

3815 Montrose Blvd
Houston, TX 77006
(713) 352-8440

Privacy Policy | Careers | Site Map
Copyright © 2017 Decode Digital

O cabeçalho da página

Na primeira arte de design gráfico, temos a logo da empresa no canto superior direito e, logo abaixo, um menu de opções: “serviços”, “sobre nós”, “entre em contato”, “carreiras” e “blog”; em tradução livre. Ao centro, há em caixa pequena o enunciado “venha, nós somos...” e destacada em caixa alta e tipo aumentado, a palavra “MARAVILHOSOS”, enunciado esse seguido de um singelo “veja por quê”, logo abaixo, em tradução livre.

O gradiente de cores da imagem ao fundo da arte gráfica chama atenção pelo uso que faz de duas cores frias. O azul-piscina que se transforma suavemente em roxo, dão a impressão de um ambiente frio e calmo, o que não se encaixa com o *ethos* despojado que começa a construir-se desde o topo da página. O diferencial aqui é que essas duas cores frias, da forma como são combinadas, dão a leve impressão de uma flama, de chamas brandas, construindo um ambiente estético que não impacta o primeiro olhar, mas prende a atenção pela brandura que ao mesmo tempo é dinâmica e intensa. Também é perceptível que a sua perspectiva é a do topo de um edifício alto, do qual é possível visualizar um grande centro urbano cheio de prédios comerciais. Isso cria implicitamente a sensação imaginária de se estar no topo do mercado digital (representado pela cena urbana), mostrando uma posição de dominância e destaque da empresa nesse meio, a partir da fotografia apagada sob a parte textual.

Digital Marketing Experts

Na segunda etapa da página, respeitando a paleta de cores, há o enunciado “Especialistas em marketing digital”, seguido de duas exposições do nome da empresa: uma primeira exposição morfológica “de-codificar”, que separa o prefixo “de”, o qual, nesse caso, significa a reversão do processo de codificação informática e digital; e uma segunda exposição fonética “/DÊ ‘ KÕD/”, que separa as duas sílabas do vocábulo reforçando a pronúncia dos seus respectivos fones. Essa exposição metalinguística parece explorar as instâncias semântica e estético-acústica do nome da marca apresentada, no sentido de que ele começa a se tornar um conceito a ser conhecido. Nesse caso, o “conceito” do nome da marca revela

seu entendimento de linguagem: algo a ser “de-co-di-fi-ca-do” pelos algoritmos e ferramentas de mineração de dados dos *Big Data*, o que parece retroceder todo o desenvolvimento teórico da linguística durante o século XX, de Saussure a Bakhtin e Pêcheux, retornando a uma epistemologia linguística do século XIX, que encara a linguagem como uma estrutura puramente lógica e decodificável.

Esse processo de produção de sentidos dentro da formação discursiva da empresa, é desenvolvido no enunciado que vem logo em seguida: “Uma agência vencedora de prêmios de marketing digital em Houston que acaba com os desafios complexos do espaço digital para desenvolver estratégias originais que complementam seus horizontes e objetivos.” (em tradução livre). À formação discursiva da marca/conceito “DECODE”, assim, adicionam-se os significantes “agência vencedora de prêmios” (da cidade local); “*break-down*”, relacionado, em inglês, às noções de “quebrar”, “derrubar”, “explicar em detalhes”; “*ever-changing*”, relacionado às noções de “dinâmico”, “mutável”, “efêmero”; “estratégias originais” e “*vision and goals*”, relacionado às noções de “horizonte”, “objetivos” pessoais de carreira; que inserem essa formação discursiva numa formação ideológica liberal e competitiva de mercado, bem como racionalista e matemática e “eficiente”.

Soa portanto, como o conceito de uma empresa de serviços digitais inovadora, personalizada, dinâmica, de linguajar jovem que se apresenta com alta autoestima e trata de grandiosidades, de horizontes a serem alcançados e conquistados, para muito além de dados e algoritmos.

The Decode Difference

Abaixo, em fundo preto e sobre triângulos cujos pontos de encontro são marcados por pequenas esferas (lembram os mapas de análise de redes e seus nós de interação); temos o enunciado: “O diferencial da DECODE” em caixa alta e tipo destacado em tamanho; seguido do período que o desenvolve em caixa menor: “Nós somos um time de especialistas em marketing digital, sempre aperfeiçoando nossos talentos individuais e ficando à frente do jogo para te colocar à frente da competição. Descubra o que a DECODE pode fazer por você.” (em tradução livre).

Chamam atenção aqui alguns significantes da formação discursiva do marketing neoliberal voltado para a competição de mercado e personalização de

serviços: “time de especialistas”, “talentos individuais”; “à frente do jogo” e “à frente da competição”. O diálogo com o interlocutor internauta também soa bastante personalizado, pois refere-se implicitamente a “objetivos”, “horizontes” e “necessidades” específicas e individuais. Portanto, especiais, únicos.

Industries Served

Dando continuidade à análise da página, temos logo abaixo o enunciado “Indústrias beneficiadas”, ou “Ramos beneficiados”, ou “Negócios beneficiados” ou “Áreas beneficiadas”; em que fica implícita a estrutura sintática agente da passiva: “pelos nossos serviços”. Os beneficiados são “saúde”; “finanças”; “varejo”; “jurídico”; “alimentação” e “não-lucrativo”, em tradução livre. Essa associação de campos sociais ao significante “*industries*” (por mais que na língua inglesa ele não seja específico para atividades comerciais), é sintomática do capitalismo tardio baseado em serviços (ultrapassando a produção industrial e fordista dos séculos XIX e XX) que expande a lógica da mercadoria para quase todas as atividades do cotidiano.

Oh, so shiny!

Seguindo nossa análise, chegamos a um quadro de cor azul-piscina com o enunciado “Oh, tão brilhantes!”, que faz referência aos troféus em textura de 8 *bits*, alinhados abaixo. O estilo do enunciado reforça um *ethos* jovem, despojado e bem-humorado, relacionado a “nós somos MARAVILHOSOS!”.

A textura dos ícones que representam os troféus, por sua vez, é um recurso estético interessante da metalinguagem digital: faz menção aos primórdios da mídia digital, da imagem de baixa resolução, daquilo que é antigo, memorável, como troféus em um museu ou galeria. A empresa, com esses requintes estéticos (a paleta de cores uniforme, o desenho do gráfico de redes, a textura de 8 *bits* e a disposição do texto com variações de tipo e tamanho), também adiciona ao conceito do seu nome, ao seu *ethos* institucional, a constatação de que “nós entendemos de *design* gráfico!”; um conhecimento importante no *marketing* digital: a estética de impacto sobre o olhar rápido direcionado às telas.

Abaixo dos troféus, há legendas que indicam o ano e o nome do prêmio. Eles somam 39 prêmios e correspondem ao período de 2014 a 2018. Os temas variam

entre concursos lucrativos e não lucrativos, relacionados a marketing, propaganda em geral, propaganda de *apps* pagos, propaganda de redes sociais pagas, campanhas publicitárias televisivas, comunicações por *e-mail*, *single* de rádio, vídeos comerciais *online*, *podcast*, dentre outros.

O enunciado que segue abaixo entre parênteses diz: “(we won deez!)”, que em tradução livre fica “(nós ganhamos esses aí!)”. A escolha da variante “*deez*”, uma gíria informal, ao invés do pronome demonstrativo “*these*” tradicional da língua inglesa, tem relação com a expressão “*deez nuts*”, gíria que “parece ter virado febre em vídeos do *Vine* e *YouTube*, além de milhares de memes pela *Internet*” além de “indicar uma maneira sarcástica de rebater o que alguém acabou de falar. Ou seja, tirar onda com alguém. A ideia é dar brecha para que a outra pessoa diga algo que permita usar o termo”⁷⁷, que, em tradução livre, seria algo como “que doideira!” Esse jogo estilístico, por sua vez, só reforça o *ethos* jovem, dinâmico e bem inteirado do universo digital por trás do conceito/marca DECODE construído até aqui.

Would you like to collaborate?

Logo abaixo, em letras garrafais de um cinza suave, há a chamada final da página da empresa: “Você gostaria de colaborar, começar seu novo trabalho aqui, ou só dizer um oi?” (em tradução livre). As palavras sublinhadas correspondem aos *links* do texto original que levam ao endereço “contact us” (entre em contato conosco), um exemplo do que é a textualidade navegante (MAINGUENEAU, 2015), em que vocábulos desdobram-se em novos textos/espacos digitais. Nessa chamada final não há nada relacionado a “faça um orçamento” ou “contrate nossos serviços”. Há apenas as noções de “colaboração”, “trabalho” no sentido de oferta de posto de emprego e “dizer um oi” despretensioso. Há, portanto, um apagamento da noção de transação comercial e de venda de serviços. A oferta final é a de um “oi” fático, que deseja o contato e a interação antes do interesse mercadológico. Trata-se de uma forma sofisticada de criar vínculos afetivos de identificação com o consumidor em potencial e encorajá-lo a clicar em um dos três *links* objetivos e descomplicados.

Aqui cabe o conceito de cenografia proposto por Maingueneau (2015), funcionando de modo que, embora a cena genérica seja a da página de uma

⁷⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/528816223836742/posts/1021934061191620/>> “Street Lingo: o inglês das ruas”. Post original de 15/01/2016. Acessado em 25 jun. de 2019.

empresa privada que oferece serviços para um vasto mercado publicitário, a maneira como ela se enuncia é muito mais afetiva e descontraída do que propriamente publicitária ou institucional.

O rodapé da página

Por fim, no rodapé em cinza escuro da página, que, iconicamente, lembra a superfície de um planeta a ser desbravado no espaço graças a elementos como um foguete, um satélite, estrelas, um veículo-robô e linhas sinuosas de um terreno acidentado, há à esquerda um troféu em 8 *bits* sobre o endereço físico da empresa em letras pequenas (dada a sua “importância” em tempos de serviços em rede); ao centro, um enunciado em letras brancas pequenas “gosta do que vê?” seguido do imperativo “ENTRE EM CONTATO!”, em letras roxas garrafais. À direita, por fim, há as logos das empresas *Instagram, Facebook, Twitter e LinkedIn* que funcionam também como *links* para as respectivas páginas nas redes sociais da DECODE, seguidos de *links* que vão para “Políticas de privacidade”; “carreiras” e “mapa do site”, seguidos, por sua vez, do *copyright (2017)* da empresa, ou seja, seus direitos autorais dobre a propriedade intelectual que compõe a página aqui analisada.

A análise breve da página inicial do *website* da empresa DECODE serviu aqui como caminho interpretativo para se perceber a formação discursiva neoliberal de mercado e marketing na qual se inscreve o fazer técnico de análise de redes e mineração de dados. Embora haja o apagamento constante disso ao longo da apresentação da página, esse serviço é uma mercadoria apresentada com estilo jovial e despojado, que passa autoconfiança e não está preocupado com assuntos burocráticos e explicações matemáticas complexas.

Tendo-se em vista que se trata de uma empresa jovem do marketing digital norte-americano, que efeitos de sentido para seu *ethos* e que ganhos no seu capital simbólico ela adquire ao fazer um estudo sobre um caso polêmico nas redes sociais brasileiras? Nesse sentido, o infográfico sobre “o caso Neymar no digital” compartilhado nas redes seria mais uma campanha combativa e de esclarecimento, cuja natureza seria apenas política, ou trata-se de uma campanha de marketing para angariar novos clientes do mercado brasileiro por meio de vínculos afetivos de identificação? Que diferenças isso faz no modo de construir e interpretar um

infográfico como esse do arquivo 5? O que queremos pontuar aqui com esses questionamentos retóricos, é o fato de, no digital, temas políticos e ou polêmicos se misturarem a serviços e mercadorias, ou seja, ao mercado, à troca comercial.

Análise da publicação do infográfico sobre o “Caso Neymar” no Instagram

Seguindo nossa análise, detenhamo-nos à cena genérica da publicação presente no arquivo 5. A página do *Instagram* que compartilhou o infográfico, @marketingcomcafe⁷⁸, consta como uma das “principais publicações” relacionadas à hashtag #decode no *Instagram* e sua descrição se dá da seguinte maneira: “Marketing/ Publicidade/ Design/ Mídias sociais”. A imagem publicada no dia 06 de Junho de 2019, por sua vez, é o infográfico feito a partir do trabalho da empresa Decode, cujo título é “Caso Neymar no digital”. Sua composição visual e estética segue a mesma paleta de cores que a cena genérica da página institucional da empresa Decode, o que de certa forma, confere identidade visual à marca. Além disso, a disposição iconotextual do infográfico se dá de forma simétrica: a parte textual está disposta de forma equilibrada nas laterais e a imagem do jogador em marca d’água ao centro, tudo para “facilitar” a leitura desse diagrama.

Alcance

Dos 6 tópicos, o primeiro do lado esquerdo, parte superior, “Alcance”, já inicia a reflexão sobre a opacidade desse gênero textual/discursivo informativo. A palavra “alcance” é um substantivo masculino que deriva do verbo “alcançar” e que, por sua vez, pressupõe um sujeito que alcança e um objeto alcançado. No caso, esse alcance é o da pesquisa da empresa Decode sobre as “Menções relacionadas a Neymar”, ou trata-se do alcance do “caso Neymar” sobre o público? Parece haver aí uma sobreposição imaginária que amarra as duas situações anteriores: o infográfico parece sugerir que o “caso Neymar no digital” alcançou “92 milhões de pessoas” que, por sua vez, foram alcançadas pela pesquisa de análise de redes.

Menções relacionadas a Neymar

⁷⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/marketingcomcafe/>> Acessado em 25 jun. de 2019.

O segundo tópico, “Menções relacionadas a Neymar”, traz o número percentual “+782%” que parece significar o fato “lógico-matemático” de que postagens nas redes sociais com a palavra “Neymar” aumentaram quase 8 vezes (7,82 vezes), com base numa quantia inicial datada em “25/05” (que não é mencionada), quando somadas até o dia “02/06”. Esses dados se mostram também opacos no sentido de que não sabemos como o cálculo de crescimento percentual dessas menções se deu: esse resultado é baseado no montante simples de menções no recorte temporal de 8 dias, ou foi feita uma média diária no crescimento das postagens com base nos dias anteriores? Essa disposição entre as datas “de 25/05 a 02/06” abre muitas interpretações distintas sobre um método que não fica claro. Nem mesmo a data inicial do recorte temporal se esclarece: se o caso tem início no dia 01 de Junho com a notícia da acusação formal de estupro movida contra o jogador, o que justifica a data inicial da pesquisa ser do dia 25/05?

Essas questões são retóricas e metodológicas por um motivo duplo: primeiro porque não entendemos que há falta de método, maquiagem de dados ou resultados injustificáveis. Segundo porque não pretendemos desvendar os complexos métodos de análise de redes sociais e *Big Data*. Essas perguntas são retóricas no sentido de mostrarem quantas amarrações imaginárias são possíveis (e necessárias) para a apreensão dos efeitos de sentido do infográfico e, portanto, metodológicas por mostrarem os equívocos linguísticos e a opacidade semântica de um gênero textual (o “diagrama” infográfico), surgido do interesse em “desenvolver socialmente tais *métodos de tratamento em massa* do arquivo textual, com fins estatais ou comerciais, de torná-los **facilmente comunicáveis, transmissíveis e reproduzíveis.**” (1997b, p.57. Grifo em negrito nosso).

Nesses dois primeiros tópicos, dois objetos distintos de análise quantitativa parecem ter sido expostos até então: o primeiro são as “pessoas”, cujo número correspondente é o de 92 milhões. O segundo, são as “menções” que não necessariamente correspondem ao número de “pessoas” (tendo em vista o simples fato de que um internauta pode produzir/ter várias publicações/interações com um mesmo assunto) e cujo número correspondente não consta, há apenas um dado percentual de crescimento.

No terceiro tópico “Brasil x Mundo – Média de interações”, as constatações lógicas que se podem fazer com os dados percentuais apresentados são duas: 1- nas redes sociais brasileiras se falava menos sobre o jogador Neymar do que no restante do mundo “antes do evento”; 2- passou-se a falar mais sobre o jogador Neymar nas redes sociais brasileiras do que no restante do mundo “após o evento”. Não há a possibilidade de mais constatações por não haver os dados numéricos que dão base às porcentagens.

Até aqui, dois significantes chamam a atenção por construir um referente opaco, de significância implícita: o que é exatamente esse “caso”, esse “evento” específico? Parece tratar-se da publicação em vídeo feita pelo jogador no dia 02 de junho e excluída pelo *Instagram* no dia seguinte. A partir disso supõe-se que as “92 milhões de pessoas” alcançadas referem-se especificamente aos internautas que tiveram acesso a esse vídeo. Contudo, como se trata de um caso de viralização, esse alcance específico refere-se às pessoas que assistiram efetivamente ao vídeo ou a todos os internautas aos quais esse “caso” chegou por meio de postagens e compartilhamentos? Essas questões metodológicas também ficam em aberto.

Os três tópicos seguintes a serem analisados têm algo em comum que os diferem dos tópicos à esquerda: tratam-se de análises mais complexas, embora maniqueístas, de interpretações dos dados coletados. Essas exposições, diferente das anteriores, possuem estruturas verbais como “foram brincadeiras”, “defenderam” e “criticaram” e estimam posicionamentos subjetivos como “favoráveis” e “contra”.

“O país da zueira”

O quarto tópico, “O ‘país da zueira””, chama a atenção já no título, que parece fazer referência a uma memória discursiva relacionada ao “jogador Neymar”, considerado um dos melhores do mundo: trata-se do “Brasil, o país do futebol.” O enunciado em questão, por sua vez, parece se utilizar desse pré-construído para retrabalhá-lo na noção também consagrada de que culturalmente o brasileiro não leva nada a sério. Esse tópico indica que “69% dos comentários no *Facebook* e *Twitter* foram brincadeiras sobre o caso.” Aqui surge uma questão efetivamente epistemológica sobre a veracidade dessa análise: como é possível, em um “caso digital” da magnitude de “milhões de pessoas”, calcular a postura de todos esses

enunciadores diante do “caso”? Além da própria equivocidade do digital discutida até aqui, a quantidade por si só (desconhecida em seu número real) de “comentários no *Facebook* e *Twitter*” é grande demais para se constatar a posição pragmática, as ironias, cinismos, metáforas e os efeitos de sentido dos mesmos, a não ser que se acredite em métodos “perfeitos” de análise quantitativa de conteúdo, “esperada desde sempre pelos tecnocratas” (MALDIDIER, 2017, p.25).

Sentimento geral

O quinto tópico, por sua vez, trata do “sentimento geral” e indica que “58% defenderam o jogador. 42% o criticaram.” Mais uma vez, um enunciado repleto de equívocos: as estruturas verbais estão na terceira pessoa do plural, dando ao sujeito da oração um caráter indeterminado. Quem são esses que “defenderam” e “criticaram” o jogador? Trata-se dos internautas (“92 milhões de pessoas”)? Ou dos “comentários no *Facebook* e *Twitter*”? Esses dois referentes (comentários x pessoas) equivalem-se numericamente?

Além da equivocidade formal e sintática desses enunciados, a própria carga de significação desses termos “defender” e “criticar” é muito simplista e maniqueísta quando contrastada com a rede de identificações e significações (portanto, de diversos posicionamentos específicos) que as massas digitais podem desenvolver com o “caso Neymar”, como discutido anteriormente. Logo, passamos a refletir sobre a opacidade desses objetos verbais: o quê exatamente esses sujeitos indefinidos defenderam ou criticaram nas atitudes do jogador? Poderia ser a exposição das fotos íntimas, ou da identidade (rosto e nome) de Nájila, ou ainda o fato de Neymar não ter respondido formalmente à acusação e ter se utilizado de um perfil público e de influência midiática para dar uma resposta, etc. Enfim, haveria parâmetros objetivos para isso em se tratando de identificação e produção de sentidos quanto a temas que envolvem o corpo e a sexualidade?

Não se trata aqui, por outro lado, de uma relativização da discussão de gênero sobre o machismo e a exposição e objetificação da mulher, mas sim das várias relações de afeto, sentido e posicionamento que podem se desenvolver a partir desses temas e que não se reduzem a um dualismo polarizado, tal qual apresentado pelo infográfico.

Sentimento por gênero

Por fim, há o “sentimento por gênero: (Mulheres?) 36% favoráveis; 64% contra. (Homens?) 83% favoráveis; 17% contra.” Aqui, mais uma vez, há a fusão do verbal com o icônico, resultando no iconotexto concebido por Maingueneau (2015). Trata-se de um método por um lado estético e, por outro, utilitário no sentido de se comunicar um dado da forma mais prática, dinâmica e “visualmente limpa” possível. Esses ícones da imagem, portanto, tratam-se de significantes de fácil assimilação, embora sua significação seja redutora e maniqueísta, como no tópico anterior.

Mais uma vez a equivocidade da língua se faz presente aqui no sentido de que a preposição “contra” e o adjetivo “favoráveis” pressupõem um núcleo verbal que está elíptico aí: “64% das mulheres foram contra”; “83% dos homens foram favoráveis”. Isso exposto, temos novamente a questão do complemento verbal: contrários e favoráveis a quê exatamente? Ao caso, ao jogador...?

Por fim, a análise dessa forma textual-discursiva é importante para pensarmos no seu contraste com a estrutura narrativa colocada pela revista eletrônica *Veja* sobre o “caso Neymar no digital”, que traz os fatos do caso ao longo do tempo e do espaço, construindo um ethos sobre as personagens e complexificando algo que, num primeiro momento, parece simples. Por mais que a análise de redes seja uma atividade muito técnica e específica, é preciso que fique clara a diferença material e epistemológica entre os “dados” e a sua construção discursiva por meio da língua, o que estará sempre amarrado a pontos de deriva que serão preenchidos pelos pré-construídos das formações imaginárias das massas digitais. Logo, se trata de um idealismo e também de um perigo, como aponta Han (2018a) pensar que “se há dados o suficiente, então ela [a teoria em geral e, em específico, as teorias das ciências humanas] é, então, superficial.” (p.132).

O comentário à publicação sobre o “Caso Neymar no digital”

Por fim, há o comentário à publicação: “não é *fake News*, são dados reais!!”, o qual filia-se ao discurso epistemológico colocado em questão por Han (2018a), no sentido de “colar” os “dados” coletados por uma empresa publicitária através de uma metodologia de tratamento de dados e análise de redes, ao “real”. Ademais, em

tempos de “fake news”, de indefinição da verdade e dos fatos, a necessidade de reforçar o caráter “real” do que o sujeito consome visualmente no digital parece aumentar, numa via dupla de abertura de sentidos e necessidade de fechamento dos mesmos. Já o “real da história” (PÊCHEUX, 2006) não se dá dessa maneira.

Quarta análise do grupo A – Corrente de WhatsApp e o discurso sobre a imagem no digital

Nessa análise pretendemos refletir sobre a relação naturalizada desse sujeito internauta com imagens digitais e sua manipulação, gerando muitas vezes, gestos de leitura “óbvios” a partir do efeito de sustentação ideológica “que faz da imagem como que a recitação de um mito. Na transparência de sua compreensão, a imagem mostraria como ela se lê, quer dizer, como ela funciona enquanto diagrama” (PÊCHEUX, 2010 [1983], p.51). Não é, portanto, simples e clara a diferença entre imagens “reais” e “manipuladas”, como no caso aqui analisado. Para isso, recortamos uma mensagem que circulou no *WhatsApp* em junho de 2018.

Arquivo 6- “Esta foto é real”



O arquivo discursivo digital 6, registrado por meio de *print screen* (IMG-20181206-WA0001) em 12 de Junho de 2018, da cena genérica do *WhatsApp*, é uma mensagem multimídia de uma foto e um texto vinculado a ela. Tomando a data do arquivo como base para levantarmos sucintamente suas condições de produção, é de notável destaque a época da corrida eleitoral para a presidência do Brasil, período marcado pelas discussões sobre *fake news* e fotomontagens na *Internet*.

A cena genérica do WhatsApp

Ambas as mensagens digitais que o arquivo contém (a imagem e o texto) foram encaminhadas num grupo de família, uma prática comum de compartilhamento semi-automático (rápido e prático) de mensagens (o “encaminhar” ocorre com a reprodução de texto e imagem de um para outros *chats* de conversação) nessa rede social. A construção da cena enunciativa familiar, por sua vez, se constata no título do grupo, na na barra superior do *layout* do *app*: “Mães que oram pelos filho” e, logo abaixo, na descrição dos participantes, os sintagmas nominais “Cris do Leo” e “Erica Prima”, que descrevem as formas de relação de parentesco entre os mesmos.

A mensagem do WhatsApp

A foto digital em questão, por sua vez, causa estranhamento à primeira vista, por conta da cena sobrenatural representada: há no centro da imagem uma pedra flutuando no ar, fotografada de sua perspectiva inferior. O cenário da primeira impressão captada do olhar, ilustra o céu e árvores ao fundo na parte superior da imagem, a qual é dividida ao meio pelo que parece ser a linha verde do solo.

Vamos agora analisar o enunciado verbal que circulou junto à imagem seguindo sua progressão intradiscursiva. Optamos por esse caminho analítico que, a princípio soa estranho à AD por seu caráter de segmentação textual (ORLANDI, 1984), porque nos interessa acompanhar sua progressão argumentativa para que, a partir desse recorte específico, possamos compreender e discutir os efeitos de sentido que se inscrevem nessa formação discursiva.

“Esta foto é real e não foi manipulada com recursos digitais”

O enunciado verbal vinculado à imagem começa assertivo. Há nele o dêitico “esta” referindo-se ao tópico central do enunciado (“a foto”) que liga o imagético ao verbal, constituindo o *iconotexto* concebido por Maingueneau (2015), não no sentido tradicional de que o verbal está fundido ao imagético (cor, tipo, ícone e forma), mas sim, nesse caso, no sentido de que o verbal está colado em bloco à imagem circulando juntos e interferindo-se mutuamente nos seus gestos de leitura, o que é muito comum na materialidade digital.

É importante ressaltar que o vocábulo escolhido foi “foto” e não “imagem”, “ilustração”, ou outro que esteja relacionado à criação humana e imaginária. O referente “foto” é construído como algo “real”, que captura de forma técnica e mecânica a imagem, correspondendo diretamente à realidade de seu conteúdo. Há a ideia, portanto, de um objeto “real” construído em oposição a algo que pode vir a ser “irreal”, que aparece pelo não-dito. Aqui já se podem elaborar algumas questões, furos dessa dicotomia: o que é uma foto real? E o que é o *real* representado numa foto, tendo em vista que ela já é, por si só, simulacro de representação?

A essa pergunta - o que é uma foto real? - o enunciado responde: “não foi manipulada com recursos digitais.”, o que constrói uma segunda dicotomia a partir do não-dito: há fotos reais sem manipulação digital em contraste com fotos irreais que passam por manipulação digital, o que remete a um pré-construído simplista da relação irrefletida do sujeito internauta com as imagens digitais, sejam elas “manipuladas” ou não, habituado que está a olhar para elas na tela digital.

Ainda assim, ficam as questões: toda foto que não passa por “manipulação digital”, representa o real? Que afetações nos efeitos de sentido da imagem possuem o ângulo, a disposição dos elementos, a perspectiva, etc.? Não seria preciso considerar o que há de subjetivo na produção de uma foto, como as escolhas do fotógrafo na ação de um registro fotográfico? Por fim, haveria a possibilidade do registro de uma imagem sem a manipulação (mesmo que remota ou pré-programada) de um sujeito?

Além do pré-construído discursivo sobre as imagens digitais, chama a atenção também o uso do conectivo aditivo “e” entre as orações “Esta foto é real” e “[esta foto] não foi manipulada com recursos digitais”, em vez de uma estrutura

sintática causal ou ainda, explicativa – *porque, já que, tendo em vista que* etc. - que proporia uma amarração lógica de causa e consequência entre os dois fatos:

(1) Esta foto é real **e** não foi manipulada com recursos digitais.

(2) Esta foto é real **já que** não foi manipulada com recursos digitais.

A construção (1) pode ser sintoma da escrita (e leitura) digital, cada vez mais veloz e funcionalizada, que condiciona a mera adição de informações nas suas construções sintáticas, de modo que exija o mínimo possível de operações interpretativas complexas demandadas por estruturas subordinativas, como é o caso das subordinadas causais. Assim, as orações são coordenadas sintaticamente para facilitar e objetivar a leitura do enunciado; o que faz com que a amarração lógica de causa e consequência entre tais orações fique implícita e a cargo do sujeito leitor, de forma que se abram cada vez mais brechas sintáticas a serem amarradas/preenchidas pelo imaginário do sujeito no seu gesto de leitura do digital.

Para além disso, essa construção sintática parece abrir precedentes para a interpretação de que o fato de a foto ser real e o fato de ela não ter sido manipulada por recursos digitais não são dependentes um do outro para que esse enunciado faça sentido, se considerarmos a possibilidade de ela ser interpretada como uma estrutura meramente aditiva, sem relação direta de causa e consequência:

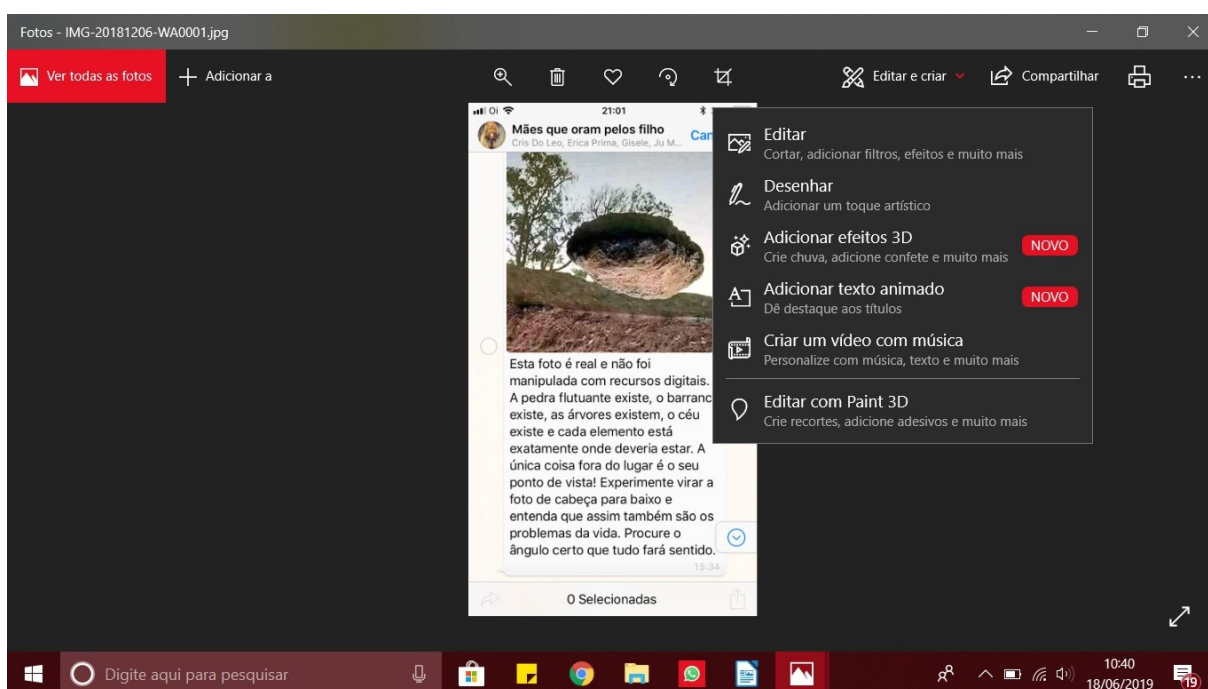
(3) Esta foto é real **e** Ø foi manipulada com recursos digitais.

Tal enunciado é perfeitamente aceitável na ordem do discurso digital se levamos em consideração as opções de manipulação digital de “imagens reais” que o próprio sujeito internauta tem à sua disposição ao compartilhar fotos em suas redes. Aplicativos como *Instagram*, *WhatsApp* e *Facebook* permitem a seleção de filtros para a personalização de paleta de cores e iluminação, foco, corte, perspectiva etc. Nesse sentido, se já convivíamos intensamente com uma grande quantidade de imagens “reais” e manipuladas desde a fusão do campo estético com o campo publicitário, mais intensamente agora, convivemos com um universo de imagens “reais e manipuladas” que compartilhamos nas redes sociais.

O que significa, então, uma foto ser “manipulada com recursos digitais”? Essa oração se mostra equívoca e opaca uma vez que ignora/esquece que o suporte que

a materializa é já um recurso digital que permite a manipulação de imagens. O próprio compartilhamento da imagem já não se caracteriza como uma forma de manipulação da imagem num recurso (aplicativo) que é digital? O que significam, mais especificamente, as palavras “manipulada”, “recursos” e “digitais”? Sobre os efeitos de sentido desses significantes, vamos analisar o registro em *print screen* do arquivo digital 6 no programa de visualização e edição do Windows 10, feito durante a nossa seleção do *corpus* para este trabalho (que, afinal, se dá ele também na materialidade digital):

Arquivo 7 – Print do visualizador/editor de imagens do Windows 10



Esse arquivo discursivo, registrado por meio de um *print screen* da tela de um notebook, está aberto no aplicativo “Fotos”, um visualizador e editor de imagens do Windows 10. Na barra de ferramentas superior desse programa há várias opções de ação ao centro representadas por ícones intuitivos. Mas o que interessa nesse registro, é mostrar como a manipulação digital nos acompanha de forma íntima e, muitas vezes, imperceptível. Vamos dirigir, então, nossa análise do arquivo 7 para a ferramenta “Editar e criar”, cuja aba de opções está aberta. A separação marcada entre os sintagmas “editar” e “criar” pressupõe que sejam duas ações distintas no processo de manipulação de imagens.

Sobre suas opções, destacamos algumas ocorrências discursivas que parecem ter semelhança com o discurso publicitário: há a repetição da estrutura “e muito mais” que instiga o desejo, a curiosidade, o “a mais” a ser descoberto e consumido; bem como estruturas verbais na segunda pessoa, sugerindo um diálogo direto com o usuário da ferramenta: “crie”, “dê”, “personalize”; em contraste com o árido comando tradicional de ferramentas informáticas marcado com verbos no infinitivo como “cortar” e “adicionar”. Ainda na instância verbal, chama a atenção a estrutura “adicionar um toque artístico”, que dá à manipulação digital um outro status estético para além da dicotomia “real” e “irreal”.

Já na instância iconotextual, há a presença das duas palavras “NOVO” em caixa alta e com fundo em vermelho, que soam como a oferta de novos produtos de mercado, instigantes justamente por sua novidade e frescor, uma vez que o “novo” é uma constante no mercado de serviços e produtos digitais. Vamos retornar agora, à análise da mensagem de *WhatsApp* presente no arquivo 6.

“A pedra flutuante existe, o barranco existe, as árvores existem, o céu existe e cada elemento está exatamente onde deveria estar.”

O primeiro ponto importante a ser destacado é a repetição da estrutura verbal “existe(m)”, que acompanha os substantivos concretos “pedra”, “barranco”, “árvores” e “céu” presentes em cada uma das quatro orações dispostas entre vírgulas que reforçam a ideia de “realidade” da “foto”, realçando os elementos “naturais” que a constituem muito além da mera descrição.

A primeira oração, “A pedra **flutuante** existe”, por sua vez, marca o absurdo lógico apreendido no primeiro olhar sobre a “foto [que] é real e não foi manipulada com recursos digitais.” O registro desse adjunto adnominal que marca o detalhe central de todo o desenvolvimento argumentativo sobre a imagem, parece ser irônico no sentido de prever já a reação de um leitor e sua constatação equivocada “Há uma pedra flutuante nesta foto! Como ela pode ser real e não ter sido manipulada por recursos digitais?” Seguindo esse raciocínio, tal relação de validação/descrição que se constrói entre a imagem e o texto que a ela se refere, nos remete ao famoso provérbio presente no imaginário popular: “uma imagem vale mais que mil palavras”, passível de ser reformulado à luz da reflexão sobre este

caso analisado: “uma imagem faz valerem as mil palavras que falam dela/por ela”, num processo de legitimação mútuo, como nessa mensagem analisada.

A última oração, por sua vez: “e cada elemento está exatamente onde deveria estar”, parece uma síntese, mais uma vez valorativa, de cada elemento enunciado anteriormente, o que fica evidente com o destaque a estrutura deôntica do futuro do pretérito “exatamente onde **deveria estar**”.

“A única coisa fora do lugar é o seu ponto de vista!”

Nesse enunciado, percebe-se de imediato a quebra da progressão argumentativa entre “[tudo o que] está exatamente onde deveria estar” X “a única coisa fora do lugar”. O que está construído discursivamente aqui, é um contraste entre os entes da natureza (pedra, barranco, árvores e céu) e o “ponto de vista” do sujeito, o que ecoa um discurso conservador e naturalista, de exaltação às leis naturais imutáveis e perfeitas em contraste com a imperfeição da perspectiva humana. Esses referentes, por sua vez, começam a expressar a especificidade da escolha desta “foto real” e não outra em seu lugar, uma vez que filiam tal argumentação/descrição a um cenário natural, voltado para a “verdade” do cosmos em contraste com a perspectiva humana que “está fora do lugar”.

“Experimente virar a foto de cabeça para baixo e entenda que assim também são os problemas da vida. Procure o ângulo certo que tudo fará sentido.”

Arquivo 8 – a imagem girada 180° é o argumento



Aqui está o clímax argumentativo do enunciado verbal, o qual propõe a “virada” de perspectiva do sujeito leitor quanto ao seu olhar para a imagem. A experiência estética de se “virar a foto de cabeça para baixo” e perceber que “tudo faz sentido”; reconhecer uma primeira falsa impressão e chegar ao “conhecimento verdadeiro” parece funcionar junto do (senão como o) argumento principal deste iconotexto que, de sua parte verbal seria: “assim também são os problemas da vida. Procure o ângulo certo que tudo fará sentido.”

Esse processo argumentativo pautado sobre um simulacro (a foto), portanto, produz a partir de seus elementos imagéticos e de sua progressão argumentativa, um caminho de “inverdade” (o primeiro olhar sobre a imagem) que chega à “verdade última”, ao “real” (o segundo olhar sobre a imagem de “cabeça para baixo”). A escolha dessa foto e não outra em seu lugar, portanto, é específica tanto por apresentar elementos “concretos” relacionados à natureza, ao cosmos e sua ordem “natural”, “imutável” e “perfeita”; quanto por apresentar uma estrutura ótica de reflexo da paisagem no espelho d’água abaixo do nível da pedra fotografada, o que permite o estranhamento estético da imagem ao ser girada 180° de sua “posição natural”.

Não pretendemos problematizar a foto e a sua veracidade num relativismo extremado, mas sim, mostrar as ilusões de se fundir esse caso estético específico da imagem em questão, com “os problemas da vida”, como se eles se resolvessem no perspectivismo simplista do “ângulo certo” para que tudo faça “sentido”. Ou seja, quais são as implicações de se sugerir que o “real” reside sempre lá numa imagem e que basta olhá-la “do ângulo certo” para que ela “faça sentido” usando um critério aparentemente objetivo (real x manipulada)? O que essa mensagem digital pode significar num contexto histórico em que se ganham eleições com *fake news*?

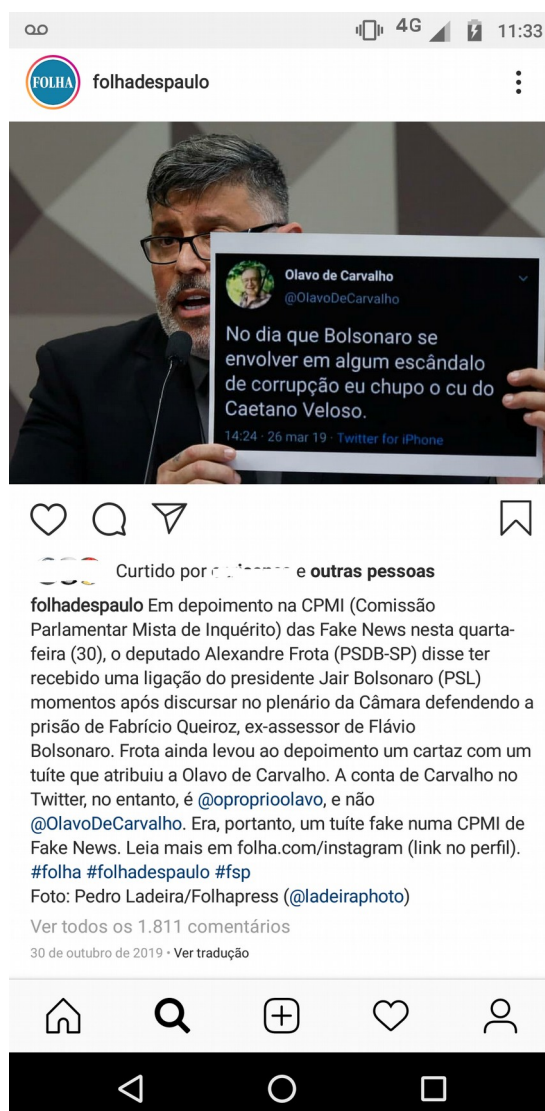
Além dessa sugestão, quais são as implicações políticas de se relacionar “os problemas da vida” com a ordem natural e imutável de tudo o que “está exatamente onde deveria estar”? Essa mensagem portanto, parece filiar-se a uma formação discursiva organicista e conservadora, que implica num entendimento de leis naturais no mundo social às quais devemos, numa postura resignada, “adequar o olhar” para que façam “sentido”. Ao mesmo tempo, reforça o seguinte relativismo disfarçado de lição de moral: “é tudo questão de perspectiva, se você não concorda

com essa corrente de *WhatsApp* que mostra as coisas naturais onde elas deveriam estar, você precisa adequar o seu ponto de vista distorcido”.

Por fim, o que significa o termo “tudo fará sentido”, nesse contexto histórico de crise política e econômica, na materialidade digital e “nos problemas da vida”? Que sentido é esse que se busca e do qual se fala? Em tempos de excesso de informação fragmentada, insegurança social e econômica, ódio político e fanatismo, as imagens parecem fornecer um bom conforto para o tal “fazer sentido”.

Quinta análise do grupo A - A CPMI das *Fake News* e a equivocidade digital

Arquivo 10 - “Um tuíte *fake* numa CPMI de *Fake News*”



Agora que já discutimos a forma-sujeito que alimenta um imaginário de unidade, racionalidade, liberdade e produtividade no digital e que, ao mesmo tempo, está assujeitada de inúmeras formas a essa ordem discursiva, pretendemos discutir um pouco mais a fundo a equivocidade digital, a abertura de sentidos das informações descontextualizadas e as formas com que o sujeito internauta efetua seus gestos de leitura, fechando através do imaginário, esses sentidos

A cenografia do gênero notícia na publicação do Instagram

O arquivo discursivo digital 10 (*Screenshot_20200105-113305*) é um registro da rede social *Instagram*, da cena genérica das publicações. Trata-se de uma notícia da Folha de São Paulo postada nessa rede social em 30 de outubro de 2019. O primeiro traço textual-discursivo a chamar atenção nesse arquivo digital é a cenografia em que se adapta o gênero notícia na cena genérica de publicações do *Instagram*: aqui, ela não possui título nem texto auxiliar do título: apenas a imagem e o *lead* no comentário da foto, ou seja, o primeiro parágrafo que oferece sucintamente o “onde”, “quando”, “quem” e “o quê” que contextualizam a imagem.

Contextualizando o acontecimento noticiado em imagem no Instagram

A informação aqui veiculada, por sua vez, refere-se à participação do deputado Alexandre Frota (PSDB-SP) na Comissão Parlamentar Mista de Inquérito das *Fake News* e destaca, dentre suas falas nessa comissão, seu desafeto com o presidente Jair Bolsonaro e um tuíte atribuído a Olavo de Carvalho. A CPI, por seu turno, segundo a publicação da página da Câmara dos Deputados no Youtube⁷⁹,

[...] investiga notícias falsas nas redes sociais e assédio virtual [e] se reúne, nesta quarta-feira, para ouvir depoimentos. A comissão investiga a criação de perfis falsos e a prática de *cyberbullying*.

A CPI das *Fake News* recebe o deputado federal Alexandre Frota (PSDB-SP). Ele é o primeiro depoimento à comissão de uma pessoa envolvida diretamente com casos de conflitos virtuais.

O convite a Frota foi feito pela deputada Luizianne Lins (PT-CE). Segundo ela, o colega se destacou no ativismo político digital pelo comportamento “polêmico”, com disposição para debater as condutas dos atores políticos nas redes sociais. Além disso, para Luizianne, Frota demonstra ser “conhecedor” dos bastidores da produção de conteúdo político para a *internet*, de modo que os seus relatos são valiosos para o trabalho da comissão.

79 Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=JOyJACT65lo> > Acessado em 10 jan. 2020.

Alexandre Frota foi eleito em 2018 para o seu primeiro mandato como deputado federal. Inicialmente filiado ao PSL, o parlamentar foi expulso do partido em agosto por fazer críticas ao presidente da República, Jair Bolsonaro. Dias depois, filiou-se ao PSDB.

Aos 21 minutos e 50 segundos do vídeo “CPMI das *Fake News* – Depoimento do deputado Alexandre Frota” publicado no endereço acima, o depoente inicia a enunciação registrada e noticiada em foto pela publicação da Folha de São Paulo no *Instagram* e aqui recortada para análise:

Alexandre Frota: “Eu quero falar pra vocês que o guru... o guru do Jair Bolsonaro, o cara que indica ministro, que trabalha em cima de ministro, ele e a... a milícia dele, fazem isso aqui, por exemplo. Eu espero que o Caetano tome cuidado. Vocês acham que pode? Seja ele, seja da milícia dele? Isso é... É certo?”

Deputado Espectador 1: “Não é o perfil dele, isso aí não é o perfil dele...”

Alexandre Frota: “Tudo bem que não é, mas é... da turma, é da turma, né?”

Deputado Espectador 2: “É *fake news*!”

Alexandre Frota: “Vamo lá...” [expondo o cartaz seguinte]

Deputado Espectador 3: “É o @propriooolavo o dele...”

Deputado Espectador 2: “Trouxe a *fake news*.”

A equivocidade da ordem do discurso digital

O que há de sintomático da ordem discursiva digital nessa notícia, portanto, é a **equivocidade** em que se insere o fato noticiado e o **absurdo aparente** que gera: “um tuíte *fake* numa CPMI de *Fake News*”. Vamos refletir primeiro sobre o equívoco: o que a análise materialista do discurso proposta por Michel Pêcheux nos mostra é que o sujeito, assujeitado aos esquecimentos constitutivos do discurso, quanto à evidência ideológica do sentido e à equivocidade natural da língua, é assim, inconsciente do seu caráter material e das memórias discursivas que o constituem no interdiscurso, falhando em certos casos, no seu objetivo pragmático de enunciação e sendo, muitas vezes, falado, tomado pelo discurso com a impressão de ser a fonte original de um dizer.

A partir dessa perspectiva discursiva, o que entendemos que ocorre na materialidade digital é um processo duplo: por um lado, a memória metálica dessa materialidade dá a impressão ao sujeito de que ele não está sujeito à falha da memória discursiva, por poder recuperar com “facilidade” (velocidade) uma publicação do *Twitter* por meio do ato digital de “pesquisar”; aprofundando sua ilusão de domínio imediato e completo dos efeitos de sentido do discurso. Ao passo em que a materialidade digital parece aumentar, então, esse imaginário de domínio do sujeito sobre os efeitos de sentido do discurso, ampliando seus esquecimentos constitutivos; por outro lado, essa mesma tecnologia também parece aprofundar a equivocidade intrínseca das línguas naturais por conta de sua nova ordem discursiva que é acelerada e fragmentadora do simbólico, cuja tônica é a da sua circulação, causa de “um sentido que se produz no efêmero, no agora.” (DIAS, 2018, p.29)

Entendemos que é esse processo duplo funcionando na ordem⁸⁰ da materialidade digital - a maior ilusão de domínio da informação junto a uma maior equivocidade da linguagem que se fragmenta e descontextualiza-se -; o que leva o deputado Alexandre Frota a mostrar em seu “depoimento um cartaz com um tuíte que atribuiu a Olavo de Carvalho” ignorando que “a conta de Carvalho no *Twitter*, no entanto, é @oproprioolavo, e não @olavodecarvalho”, no caso aqui analisado.

A causa daquilo que falha no sujeito pragmático

Dessa forma, a equivocidade da materialidade digital gerada pelo embricamento da memória metálica com a memória discursiva (passível de esquecimento e/ou deslizamento de sentidos por meio do interdiscurso), calhando na memória digital⁸¹, leva o deputado a falhar na sua intenção pragmática de colocar a face de Olavo de Carvalho em cheque: pressupondo a notória atitude belicosa do “filósofo autodidata” em seus tuítes, junto à aparência de um perfil autêntico, com a foto e o nome completo desse enunciador, Frota tinha, provavelmente, como intuito

80 “Uma vez que a análise de discurso visa a compreensão do real do sentido, nosso objetivo é o de compreender a ordem do discurso digital, ou seja, entender como o simbólico em sua relação com o político determina sentidos, mas também os sujeitos. Em suma, procurando compreender a ordem do discurso digital, a questão que colocamos é: como o digital significa?” (DIAS, 2018, p.63)

81 “A memória digital difere da memória metálica, mas não se desloca dela, pois se, por um lado, a memória metálica funciona pela quantidade, pela possibilidade de armazenamento e processamento dos dados, por outro lado, **a memória digital é um resíduo que escapa à estrutura totalizante da máquina** e se inscreve já no funcionamento do discurso digital, pelo trabalho do interdiscurso.” (DIAS, 2018, p.161. *Grifo nosso.*)

confrontar Olavo com “suas próprias palavras”, de forma que, se Bolsonaro parecia estar envolvido em um caso de corrupção (o caso “Queiroz, ex-assessor de Flávio Bolsonaro”), o “intelectual” haveria de cumprir com suas promessas de tom sexualizado e escorchantes.

Defendemos, portanto, que não foi simplesmente “maucaratismo” ou mera “negligência” do deputado federal ao levar “um tuíte *fake* numa CPMI de *Fake News*”. O sujeito empírico Alexandre Frota, sabendo ou não, que se tratava de um tuíte falso, fosse ele do “guru” ou de sua “turma” (os grupos de milícias digitais envolvidas na “criação de perfis falsos e a prática de cyberbullying”), já estava tomado pela equivocidade da ordem discursiva digital em seu gesto discursivo, haja vista ao fato de que essa imagem da publicação da Folha de São Paulo teve grande circulação nas redes sociais como meme.

Informação digital e imaginário

Sobre especificamente a noção de informação descontextualizada que circula pelas redes, trata-se, segundo GALLO (2018), de “um dizer que se produz em uma determinada discursividade, e que dela é retirado para ser transportado para outra discursividade, perdendo, nesse movimento, sentidos pré-construídos.” (p.349). Retomamos esse conceito para argumentar que, nos gestos de leitura dos sujeitos internautas, a estrutura responsável por reaver os “sentidos pré-construídos” perdidos na circulação da informação digital, é justamente o imaginário: que deixemos claro, não se trata aqui apenas do fechamento ideológico do sentido ao qual refere-se a noção originalmente elaborada do imaginário lacaniano por Althusser (2008 [1970]) e posteriormente por Pêcheux (1997c). Entendemos que o papel do imaginário na materialidade digital é mais ativo, indo além do fechamento ideológico do sentido, porque o sujeito internauta precisa recorrer a ele para preencher no “instantâneo” os pré-construídos faltantes da informação digital, como seu contexto imediato, sua autoria etc.

Nesse sentido, mais uma vez, é irrelevante para nossa perspectiva teórico-analítica determinar se Alexandre Frota sabia empiricamente que o tuíte não era de autoria de Olavo de Carvalho, uma vez que a equivocidade digital passou a ocorrer no momento em que a imagem do deputado com o referido cartaz na CPMI das

Fake News começou a circular nas redes sociais alimentada por e alimentado esse preenchimento imaginário da informação ao que se adéqua melhor às formações discursivas que constituem esses sujeitos internautas.

Por outro lado, é importante destacar sucintamente esse caminho sinuoso da informação digital: o tuíte da conta @olavodecarvalho feito em 26 de março de 2019 é transformado em um arquivo jurídico sendo rediscursivizado na materialidade de um cartaz e enunciado num depoimento oficial numa CPMI da câmara federal em 30 de outubro de 2019. No mesmo dia, esse ato de enunciação é registrado em foto e noticiado no perfil do *Instagram* da Folha de São Paulo, sendo rediscursivizado na materialidade de uma imagem digital enunciada como uma notícia nas redes sociais. A partir daí, essa imagem digital densa de cenas enunciativas e efeitos de sentido que vão se diluindo, se perdendo ao longo de sua circulação, passa a circular nas redes sociais como um meme.

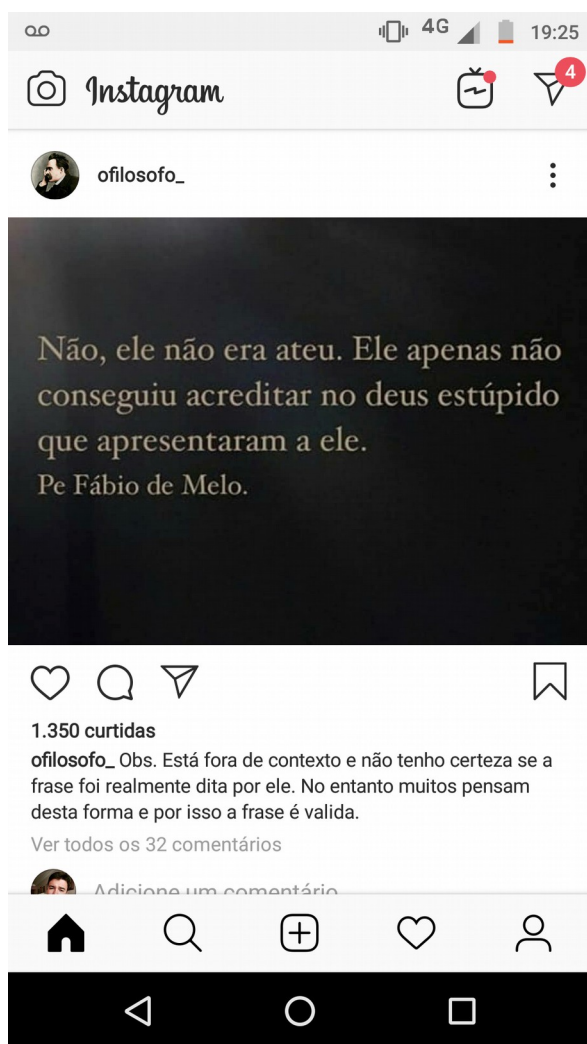
O absurdo aparente: do fato empírico ao estrutural

Se nosso raciocínio analítico faz sentido até aqui, condizendo com o funcionamento da materialidade digital, somos levados a nos explicarmos sobre o absurdo aparente em haver “um tuíte *fake* numa CPMI de *Fake News*.” Entendemos que é de fato contraditório, conforme aponta o texto jornalístico, que haja um conteúdo de falsa autoria proveniente das redes sociais e usado como evidência num depoimento em uma CPMI encarregada justamente de investigar casos de notícias e conteúdos falsos postos a circular na materialidade digital.

Contudo, indo além dessa lógica imediata da constatação do fato, entendemos que os sujeitos do discurso, mesmo sendo eles tomados pela posição institucional de “investigadores de *Fake News*”, estão assujeitados à equivocidade digital, que é, para nós, um processo estrutural amplo e latente nas condições de produção discursiva contemporâneas, constituído pela velocidade e pelo excesso de informação, o que desmistifica essas dicotomias lógicas e simples de informação “verdadeira” e “mentirosa”, uma vez que “o fenômeno é mais complexo que isso, pois ele envolve uma combinação calculada de observações corretas, interpretações plausíveis e fontes confiáveis em uma mistura” (DUNKER, 2017, p.38).

Longe de advogarmos o puro relativismo da realidade, ou uma forma-sujeito completamente alienada, queremos mostrar que esses fatores discursivos precisam ser levados em consideração para que não se continue reproduzindo um imaginário humanista sobre essa forma-sujeito da materialidade digital, que projeta nela a expectativa do ato sempre consciente de leitura e enunciação de um sujeito “bem letrado” e “bom leitor”, para o qual é simplesmente um absurdo haver “um tuíte *fake* numa CPMI de Fake News”. Para sustentarmos que esse processo da equivocidade digital, por sua vez, é amplo e estrutural, recortamos mais duas publicações das redes sociais, organizadas no seguinte arquivo para análise discursiva.

Arquivo 11 - “Está fora de contexto e não tenho certeza se a frase foi realmente dita por ele. No entanto muitos pensam dessa forma e por isso a frase é válida.”



O arquivo discursivo 11 é o compilado de dois *screenshots*: o da esquerda, (*Screenshot_20190624-192555*), feito da cena genérica de publicações do *Instagram* em 24 de junho de 2019; e o da direita, (*Screenshot_20181105-082644_Twitter*), feito da cena genérica do *Tweeter*, em 05 de novembro de 2018.

Análise de @ofilosofo_

A página @ofilosofo_ segue uma certa regularidade em suas publicações: muitas delas são frases de pensadores famosos das áreas da filosofia, sociologia, psicologia etc. Há também postagens mais satíricas que fazem intertextualidade com a materialidade digital e geram reflexões sobre o cotidiano. Foi dessa formação discursiva que recortamos a presente publicação para ser aqui analisada: uma imagem de fundo escuro com leve iluminação gradiente descendendo do seu canto superior direito, o que pode configurar uma cenografia que contextualiza o discurso religioso nela materializado, no sentido de que há a luz, o esclarecimento, descendo do céu à escuridão terrena.

A imagem pública do padre Fábio de Melo

O enunciado, por sua vez, “Não, ele não era ateu. Ele apenas não conseguiu acreditar no deus estúpido que apresentaram a ele” tem como suposto autor o “Pe. Fábio de Melo” que, segundo o artigo “11 curiosidades sobre a vida do padre cantor”⁸² publicado em 03 de abril de 2019 no site BOL da UOL, “além de ser sacerdote, também é escritor, apresentador, cantor, compositor e professor universitário.” Trata-se, assim, de um sujeito que, embora esteja inscrito institucionalmente na igreja católica, é dinâmico e moderno, uma voz de visibilidade da instituição, inclusive por tocar em temas espinhosos da perspectiva de sua formação ideológica:

Em 2015, um relato do padre tornou-se viral depois que ele contou, durante uma pregação na Canção Nova, sobre o seu encontro com a travesti Luana Muniz no aniversário da cantora Alcione. No relato, ele afirma que, inicialmente sentiu um desconforto, mas depois de tirar foto junto e perceber a emoção nos olhos de Luana, soube que ela havia

⁸²Disponível em <<https://www.bol.uol.com.br/listas/fabio-de-melo-curiosidades-sobre-a-vida-do-padre-cantor.htm>> Acessado em 09 jan. 2020.

criado um grupo para alimentar e acolher pessoas carentes, ajudando-as a retornar à vida. “Aquele que você enxerga e que, naturalmente, provoca um desconforto por ser tão diferente de nós, não sabemos quantas coroas da dignidade foram recolocados na vida daquela pessoa quando ele alimenta o próximo. **Você é cristão e nem sempre está disposto a cuidar de quem está doente, colocar dentro da sua casa e dar de comer.** Não cabe nenhum julgamento do lado de lá, cabe aqui. **Quando Deus coloca essas pessoas diante de nós, é para desmoronar os castelos de ilusão que nós criamos dentro. Como se o nosso cristianismo estivesse pronto. Como se nós já tivéssemos chegado ao último estágio dessa santidade que Deus nos convida. Não, eu ainda me envergonho dos que são diferentes de mim.** Eu ainda tenho medo de ir ao encontro daqueles que precisam de mim. E a palavra de Paulo é dura: a missão de vocês é junto daqueles que estão necessitados”, refletiu. (*Grifos nossos*)

É, portanto, por conta desse posicionamento diferenciado dentro da instituição católica, cujos enunciados têm efeito de sentido de humildade e autocrítica, que a figura pública do padre possui “sucesso nas redes”, de acordo com o referido artigo: “O padre é queridinho absoluto nas redes sociais. Aliás, justamente por reconhecer que sabe usar bem a ferramenta, acredita que deva a isso o fato de ter se tornado o sacerdote mais midiático do país.”

Buscamos até aqui explorar um pouco a formação imaginária que paira sobre o sujeito empírico padre Fábio de Melo, a qual inclusive nos dá mostras claras de como mudou a estrutura comunicacional dos aparelhos ideológicos de Estado, transportada para a materialidade digital na sociedade contemporânea; para podermos analisar a descrição da publicação de @ofilosofo_: “Obs. Está fora de contexto e não tenho certeza se a frase foi realmente dita por ele. No entanto muitos pensam desta forma e por isso a frase é válida.”

“A frase é válida”

Entendemos que esse enunciado explica o porquê de a circulação dessa fotomontagem ser possível e verossímil: assim como a imagem pública sobre Olavo de Carvalho condizia com o tuíte a ele atribuído por Frota, a imagem pública do padre Fábio de Melo condiz de certa forma com o enunciado crítico à instituição católica que circula em nome de sua autoria nas redes.

De qualquer forma, ainda que “a frase” esteja “fora de contexto” e não tenha sido “realmente dita” pelo padre, ela é passível de circular no digital e ser “válida” pelo fato de muitos pensarem “desta forma”. Ou seja, além de condizer com a

imagem pública de seu suposto autor, está de acordo com a formação imaginária dos “muitos” que “pensam desta forma.” Esse processo aqui descrito não é restrito à *pós-verdade*, pois explica a ordem do discurso digital em sua essência: algo circula nas redes sociais não porque é “verdadeiro”, mas sim por ser “válido”, ou seja, porque gera efeitos de sentido e afetos, sejam eles relacionados à identificação (como acontece com o ato de curtir) ou à rejeição (como ocorre com o discurso de ódio), de modo que sejam os imaginários desses sujeitos (as formações ideológicas que os constituem, a “forma” com que eles “pensam”) que irão preencher (“validar”) o que está “fora de contexto”.

Novamente, mais do que apenas fechar o sentido de um dizer numa evidência ideológica (PÊCHEUX, 1997c), embora isso também seja hipertrofiado na materialidade digital como será analisado adiante; o imaginário dos sujeitos internautas é antes e constantemente demandado a preencher o que está “fora de contexto” na informação digital, no sentido de que o discurso ganha a qualidade de informação justamente por conta da hipertrofia de sua circulação, “com um sentido que se produz no efêmero, no agora” (DIAS, 2018, p.29) o que faz com que ele perca “nesse movimento, sentidos pré-construídos.” (GALLO, 2018, p.349)

A “Falha de São Paulo”

Recortado da cena genérica de publicações da rede social *Twitter*, esse *tweet* de 04 de novembro de 2018 publicado pela página @folha_sp mostra, antes de mais nada, seu funcionamento como um hipergênero: traz ao mesmo tempo o breve “pio” (tradução livre da língua inglesa do gênero discursivo que possui no máximo 280 caracteres) comentando uma notícia adicionada a ele por meio de *hiperlink*, cuja cenografia organiza-se em um quadro retangular contendo uma imagem à esquerda, dividida em duas fotos de Jair Bolsonaro, seu título e o endereço de sua fonte. Vamos analisar em partes a massa compósita de informações visuais.

A página do Twitter

Em sua descrição⁸³, a página da Falha de S. Paulo se diz “um jornal a serviço dos memes” e arremata: “Não leve a sério o que você vê por aqui.” A genialidade e

83 Disponível em: <https://twitter.com/foiha_sp> Acessado em 09 jan. 2020.

criatividade dessa página de humor estão na proximidade fonológica entre as palavras “folha” e “falha”, a primeira remetendo ao famoso jornal paulista e a segunda remetendo àquilo que falha, no caso de um jornal, a veracidade dos fatos que noticia. Além disso, a foto de perfil da @folha_sp é muito parecida com o design gráfico da @folha, o “perfil oficial do jornal Folha de S. Paulo”.⁸⁴, sendo facilmente confundido pelo olhar rápido do sujeito internauta. Sua graça reside, assim, tanto dessa proximidade com o jornal paulista, gerando uma expectativa de leitura, quanto com sua capacidade discursiva de “jogar” com fatos reais rediscursivizando-os (com verossimilhança)⁸⁵ para gerar o humor sobre o qual adverte em sua descrição.

O tweet da Falha

O *tweet*, por sua vez, publicado pelo perfil Falha de S. Paulo em 04 de novembro de 2018, enuncia: “Pegaram o tweet que postamos ‘torcedores protestam contra bolsonaro’ em que eles gritam ‘EI JAIR VAI TOMAR NO C*’ e publicaram realmente achando q tavam criticando o bolsonaro hahahahaha e ainda citaram meu *Twitter* (Jair é o técnico do corinthians)”.

Esse *tweet* refere-se a uma publicação anterior feita por essa mesma página da Falha de S. Paulo, na qual circula um vídeo em que torcedores do Corinthians agridem verbalmente o técnico do time (Jair Ventura) por conta do mau desempenho do time em campo. A revolta da torcida é possível de ser recuperada por arquivos discursivos digitais que circularam nas redes nessa época, como o artigo publicado em 15 de novembro de 2018 no portal torcedores.com⁸⁶: “Torcedores pedem demissão de Jair e se preocupam com risco de queda do Corinthians”.

O vídeo da torcida e esse primeiro *tweet* que desencadeou a “falha”, contudo, não são possíveis de serem recuperados na memória metálica das redes digitais. Da

84 Disponível em: < https://twitter.com/folha?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor > Acessado em 09 jan. 2020.

85 “Verossimilhança: *subs. fem. 1. Qualidade do que é verossímil. 2.Ligação, nexos ou harmonia entre fatos, ideias etc. numa obra literária, ainda que os elementos imaginários ou fantásticos sejam determinantes no texto; coerência.*” Dicionário Google. Disponível em: <[86 Disponível em: < <https://www.torcedores.com/noticias/2018/11/torcedores-pedem-demissao-de-jair-e-se-mostram-preocupado-com-situacao-corinthians-no-brasileirao> > Acessado em 09 jan. 2020.](https://www.google.com/search?rlz=1C1NDCM_pt-BRBR788BR788&sxsrf=ACYBGNQS_rgN_30aWz_CYByowuixv-xdPyqhg%3A1581082442781&ei=Smc9XsWpL-fW5OUP_bSC8AQ&q=verossimilhan%C3%A7a&oq=verossi&gs_l=psyab.1.0.0i67i70i249j0i10i2j0i7.31916280.43973106.43975084...0.4..0.254.2403.0j17j1.....0.....1..gws-wiz.....0i71j0i131j35i39j0i67j0i70i249j0i10i70i249j0i30.yN88cYGFSGU>> Acessado em 07 fev. 2020.</p></div><div data-bbox=)

mesma forma, o *link*⁸⁷ da notícia equivocada não dá mais acesso à notícia publicada no “Blog do Esmael”, mas apenas ao aviso “Oops! That page can’t be found.” O apagamento dos arquivos digitais que compõem as condições de produção e o fio discursivo que atravessa esse *tweet* aqui analisado, longe de impossibilitar sua análise, apenas nos mostra outro traço da ordem do discurso digital e a natureza desse tipo de arquivo: é aqui que a informação começa a ficar fragmentada, incompleta e condensada, no sentido de que um mesmo *tweet* por meio do *hiperlink*, do hipertexto e do interdiscurso é atravessado por vários outros arquivos e materialidades digitais que, além de não serem recuperáveis, são geralmente interpretados em gestos de leitura rápidos e funcionalizados.

O que o *tweet* narra, portanto, é justamente a “falha” da informação digital, ou seja, sua equivocidade: pela proximidade na aparência da página “a serviço dos memes” com “O perfil oficial da Folha de São Paulo”, bem como pela desdiferenciação dos gêneros do discurso que circulam nas redes sociais (MAINGUENEAU, 2015, no caso, entre um “meme” e uma “notícia”), e pela velocidade de leitura e circulação da informação descontextualizada na materialidade digital (no caso, o nome Jair), o “Blog do Esmael”, portal das “**últimas** notícias da política do Brasil”⁸⁸, foi levado a compartilhar, por engano, um vídeo em que “torcedores protestam contra Bolsonaro”. O significante que talvez explique essa “falha” é o adjetivo “últimas”, que remete às notícias mais recentes da política do Brasil. Se essa corrida jornalística pelo “furo” de reportagem já era intensa antes da materialidade digital, imaginemos a pressão de produtivismo e velocidade à qual esses profissionais de comunicação não estão submetidos no presente.

O que essa página da Falha de S. Paulo parece efetivamente fazer para obter sucesso com humor, por fim, é justamente jogar com a equivocidade dos significantes que remetem a fatos reais (como os jogos discursivos com as palavras “falha” e “Jair”), mobilizando pressupostos até que eles se adéquam ao imaginário dos que “pegaram o *tweet* que postamos” e “publicaram realmente achando que

87 Disponível em: <<https://www.esmaelmorais.com.br/2018/11/no-rio-torcedores-protestam-contra-bolsonaro-assista/>> Acessado em 09 jan. 2020.

88 Disponível em <<https://www.esmaelmorais.com.br/2018/11/no-rio-torcedores-protestam-contra-bolsonaro-assista/>> Acessado em 09 jan. 2020.

tavam criticando o bolsonaro”. Ela é bem-sucedida, portanto, em jogar com as causas daquilo que falha na informação digital.

Equivocidade da informação digital e a autoria

Entendemos, por fim, que as três análises dispostas nessa seção possuem em comum a equivocidade da informação digital atravessada pela sua alta circulação, efemeridade, descontextualização e desdiferenciação dos gêneros discursivos em que se materializa. Isso demanda um preenchimento imaginário no gesto de leitura funcionalizado dos sujeitos internautas para produzir efeitos de sentido “no efêmero, no agora” e numa mistura não simples, portanto, entre “verdadeiro” e “falso” que **afeta diferentes formações ideológicas e discursivas**.

Há, contudo, uma categoria específica em comum a perpassar esses três casos discursivos aqui analisados: a de autoria, que, por sua vez, também se altera na ordem discursiva da materialidade digital, como argumenta DIAS (2018):

“[...] a circulação dos discursos passa por uma memória metálica (técnica) e tem como uma de suas características importantes, o compartilhamento ou a ‘repetição empírica’. De qualquer modo, como nos mostrou Orlandi (1998), a noção de autoria é determinada pela relação com a exterioridade (regras, instituições, etc.), hoje, essa determinação passa pela tecnologia digital. A questão da autoria diz respeito, portanto, às formas de existência do sujeito nas condições de produção da sociedade digital, nas quais, muitas vezes, não importa ‘quem fala’. Fala-se. A escrituração e comentarização dos dizeres *ad infinitum* produz uma forma de autoria determinada pelo digital e, cada vez mais, como preconiza Orlandi (2001), ‘o que há são versões’. Desaparecimento do sujeito da escrita ou uma segunda morte do autor?” (DIAS, 2018, p.49)

A materialidade digital altera a categoria de autor de modo que não importa exatamente “quem fala”: se esse dizer se encaixa no imaginário, é válido e, se é válido, “fala-se”. É nesse sentido que entendemos que no digital, “o que há são versões”, não pelo desaparecimento, mas pelo excesso de sujeitos “na escrita” por meio da “repetição empírica”, “escrituração e comentarização *ad infinitum*”. Isso causa, de fato, uma forma diferente de “morte do autor”, que não se dá mais apenas pelo fato de ele não ser o signo por excelência da interpretação de um texto (como propôs a “primeira morte do autor”), mas porque sua identidade no digital fica muitas vezes, indefinida.

Um balanço do que analisamos no grupo A

Nesse primeiro grupo de arquivos discursivos digitais, procuramos analisar como se constitui a relação do sujeito internauta com a materialidade digital e os discursos que nela circulam. Na primeira análise, assim, descrevemos um pouco da organização simbólica e enunciativa no digital e analisamos como o neoliberalismo interpela o sujeito do discurso através do digital chamando-o a ser produtivo numa mania constante de praticidade, ressignificando o gesto de leitura no digital.

Na segunda análise, por sua vez, discutimos como é esse processo de assujeitamento à materialidade digital e aos excessos de sua ordem discursiva, ao passo em que o sujeito tem sempre alimentado um imaginário de unidade, autonomia, liberdade e coesão do ego. Já na terceira análise, vimos como esses imaginários de linguagem e tecnologia anteriormente discutidos podem ressignificar o gesto de leitura de sujeitos internautas sobre os “dados” do *Big Data* a respeito de polêmicas públicas nas redes sociais.

Na quarta análise, discutimos quão naturalizada é a relação do sujeito internauta com as imagens e a manipulação das mesmas no digital, além de termos notado como é perigoso o relativismo simplista que se constrói discursivamente sobre as mesmas. Essa discussão, por sua vez, abriu brecha para a quinta e última análise desse grupo, na qual discutimos mais a fundo a abertura de sentidos da informação descontextualizada na materialidade digital que calha na equivocidade da língua e na memória digital (aquela memória que falha, mesmo sendo usada a tecnologia da memória metálica e exata, uma vez que quem a usa é o sujeito do discurso, o espinho na garganta da máquina).

Diante de tudo que foi discutido nesse primeiro grupo de análises sobre a abertura excessiva de sentidos da informação digital e os imaginários funcionando dentro dessa materialidade, processos e ilusões generalizados que atravessam a forma sujeito contemporânea das mais variadas formas e intensidades, sendo muitas vezes a causa (afinal, quão íntimo e generalizado é o uso de um *smartphone* hoje?); vamos encaminhar as análises agora para o sintoma dessa contradição sobredeterminada colocada por nós na hipótese do trabalho: a necessidade de fechamento de sentidos por parte dos sujeitos, que se manifesta na materialidade digital, e seus desdobramentos.

5.2 – Grupo B – A Hipertrofia do Imaginário na materialidade digital:

Nesse grupo, em continuação ao que discutimos até aqui, pretendemos analisar como se dá esse fechamento do imaginário do sujeito internauta na ordem do discurso digital e quais são alguns de seus efeitos sobre o seu gesto de leitura e enunciação nessa materialidade. Para isso, recortamos 8 arquivos discursivos da materialidade digital que foram organizados em 4 seções de análises.

Primeira análise do grupo B – O peixe Molinésia-Amazona e a hipertrofia do imaginário

Nessa análise, levando em consideração tudo o que foi discutido até aqui, pretendemos analisar e discutir com mais profundidade como se dá o processo de hipertrofia do imaginário do sujeito nas redes sociais. Para isso, recortamos uma notícia (que não é *fake news*, diga-se de passagem) da página do portal de notícias G1, no *Facebook*.

Arquivo 12 - “Que nível desse jornal”



Mais relevantes ▾

- Hermes**
Sonho de consumo das feminazis!
1 a Curtir Responder
- Edoayla**
Gente, a matéria é interessante, vale a pena ler!
NÃO é sobre humanos, nem a mais rara hipótese de comparação!
Ô gente louca!
1 a Curtir Responder 41
- Ver mais 2 respostas
- Edoayla** Sim Mauro! É como o velho d...
- Allan**
Que nível desse jornal. Querem usar um peixe pra fomentar feminismo e ideologia de gênero. Não é a toa que se chamam esquerdopatas. É problema de saúde mental mesmo.
1 a Curtir Responder 297
- Ver mais 186 respostas
- Mauro** O que a BIOLOGIA, a matéria t...

Escreva um comentário...

O arquivo discursivo 12, (*Screenshot_20190621-115525*), é o compilado de dois *print screens* que, por sua vez, apresentam duas cenas genéricas distintas da materialidade digital do *Facebook*: a cena da esquerda é a da publicação da página de notícias G1 e, a da direita, a cena genérica dos comentários a essa publicação.

Análise da cena genérica da publicação

A cena genérica da esquerda, coletada da página G1 – O Portal de Notícias da Globo (que funciona como um hipergênero jornalístico), estrutura a “publicação” da rede social *Facebook*. Dessa forma, assim como ocorre com a cena genérica do *Instagram*, há uma certa variedade na publicação de gêneros discursivos nessa página. Embora haja nela a denominação de “notícias”, pode haver também a presença de reportagens, editoriais, artigos de opinião e outros gêneros do campo discursivo jornalístico e de entretenimento, que se estruturam tecnicamente de forma igual nessa cena genérica digital, sendo perceptível a diferença entre esses gêneros discursivos apenas a partir das sutilezas de sua cenografia, ou seja, dos detalhes de sua adequação à organização técnica do ambiente eletrônico.

Análise da parte superior da cena genérica da publicação do Facebook

Na cena, portanto, há o ícone do jornal G1 em vermelho acompanhado do título da página na parte superior, seguido do registro da data e hora de publicação do conteúdo digital, que consta como dia 18 de fevereiro de 2018, às 23:35h. Logo à frente, há um ícone que representa o globo terrestre e significa que a presente publicação é de caráter público, ou seja, pode circular livremente, sem limites. A natureza da informação é representada iconicamente pelo mundo, num mito entre globalização e sua democratização/universalização. É importante lembrar que a linguagem icônica do digital é construída discursivamente.

Análise da parte inferior da cena genérica da publicação do Facebook

Na parte de baixo do layout da cena genérica, por sua vez, há os botões “curtir”, “comentar” e “compartilhar”, que seriam o chamamento, o convite da materialidade digital ao sujeito do discurso para que participe, se mostre

narcisticamente a um público imaginado e se sinta participando da produção de informação. Abaixo desses botões há os dados quantitativos de interação com a postagem, somando ao todo 3.095, sendo a maior quantidade referente a “curtidas”, seguidas de “uau” e, por fim, de “amei”, segundo a nomenclatura oficial da plataforma. Novamente aqui, há a questão dos afetos (HAN, 2019b) descarregados pelas massas digitais e quantificados por algoritmos a partir da *Big Data*.

A cenografia da notícia na cena genérica da publicação do Facebook

Nessa cenografia específica, a partir da ideia de que “o enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende enunciar” (MAINGUENEAU, 2015, p.123), no sentido de que “enunciar não é apenas ativar as normas de uma instituição de fala prévia [cena genérica]; é construir sobre essa base uma encenação singular” (p.122), já que “todo discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende suscitar a adesão dos destinatários instaurando a cenografia que o legitima” (p.123); o texto principal da publicação do *Facebook* é adaptado pela página G1, para tornar-se o texto auxiliar do título principal da notícia/reportagem compartilhada, recurso muito utilizado em gêneros jornalísticos nas redes sociais para adicionar informação ao enunciado sucinto e funcional dos títulos.

O texto auxiliar do título da notícia (também conhecido nos tabloides como a linha fina do título principal das matérias jornalísticas): “Apesar de milhares de anos de reprodução assexuada, o genoma das molinésias da Amazônia é notavelmente estável e a espécie sobreviveu”; adaptado na caixa de texto da publicação, portanto, configura o processo de adaptação cenográfica de diferentes gêneros do discurso em um mesmo dispositivo digital. Em outras palavras, há uma reorganização espacial do texto em ambientes digitais que se difere da sua organização tradicional nos tabloides impressos, embora por meio da cenografia, essas notícias digitais busquem mimetizar a organização tradicional do jornal físico.

O título da notícia/reportagem, por sua vez, destacado em negrito sobre uma tarja cinza, “Peixe fêmea da Amazônia se reproduz sem sexo e desafia teoria de extinção da espécie” aparece automaticamente com a adição do endereço da página completa da notícia do portal G1, o *hiperlink* característico da textualidade navegante (MAINGUENEAU, 2015) “<https://glo.bo/2ogDW6v>”.

A notícia compartilhada pelo G1 no Facebook

A notícia compartilhada reporta recentes descobertas do campo discursivo da biologia a respeito da sobrevivência e permanência do peixe **fêmea** da espécie molinésia-amazona, mesmo ela possuindo “milhares de anos de reprodução assexuada”, o que “desafia a teoria de extinção da espécie” que, por sua vez, não prevê adaptação biológica a esse tipo de reprodução.

Breve exposição do texto da notícia: a formação discursiva da ciência

O texto⁸⁹ da reportagem de divulgação científica, por sua vez, disponível no site do G1, na seção “Natureza”, foi traduzido e republicado a partir da postagem original feita pela BBC News. Ele trata de um estudo publicado na revista “Nature Ecology and Evolution” e traz trechos da entrevista com um dos seus autores, “o professor Manfred Schartl, da Universidade de Würzburg [Alemanha]”, que explica seus resultados e conclusões, além de reportar também a fala de outro especialista, “Laurence Loewe, professor assistente no Instituto para a Descoberta de Wisconsin [EUA]”, convidado a dar seu parecer científico e comentar sobre pesquisa noticiada.

O “**desafio**” do peixe fêmea à **teoria científica** da extinção da espécie, portanto, é de ordem genética: segundo a reportagem, “a teoria da evolução sugere que as espécies que se reproduzem de forma assexuada tendem a desaparecer rapidamente, uma vez que seu genoma acumula mutações mortais ao longo do tempo.” Isso ocorre pelo fato de que “a reprodução assexuada **dispensa o macho** e, em vez disso, cria novos descendentes contendo uma cópia exata do genoma da mãe - uma clonagem materna natural.” e, por isso, essa população de descendentes “apresentam uma variabilidade limitada” em termos de mutação genética.

A baixa variabilidade genética dos descendentes, por sua vez, não “permite que as populações respondam e superem as mudanças no meio ambiente e outras pressões seletivas”, podendo assim perpetuar-se. Contudo, a espécie da molinésia-amazona, “sobrevive há cerca de meio milhão de gerações - muito além do que a teoria sugeria”, segundo os resultados da pesquisa. Além disso, o mais

89 Disponível em: < <https://g1.globo.com/natureza/noticia/peixe-femea-da-amazonia-se-reproduz-sem-sexo-e-desafia-teoria-de-extincao-da-especie.ghtml> > Acessado em 03 jan. 2020.

impressionante é que “quando os cientistas procuraram indícios de decadência genômica a longo prazo [mutações genéticas ruins que se perpetuam nas espécies assexuadas], havia muito poucos.”

A **hipótese** do professor Schartl para explicar o caso geneticamente excepcional da molinésia-amazona é a de que “esse peixe preservou seu genoma híbrido e o que sabemos da criação de plantas ou animais é que, quando tentamos fazer algo melhor, criamos um híbrido”. Dessa forma, segundo parafraseado pelo discurso jornalístico, “ele **acha** que é esse ‘vigor híbrido’ que sustenta a sobrevivência persistente da molinésia-amazona.” Por fim, seu colega americano, Loewe, conclui: “Para descobrir como isso ocorre, **provavelmente** teremos que combinar muitos dos grandes avanços na genética evolutiva dos últimos 100 anos”.

É exposta, ao longo da reportagem jornalística, a formação discursiva da metodologia científica, na qual se discutem hipóteses teóricas em contraste com os dados empíricos coletados, além das dúvidas dos pesquisadores e suas projeções futuras, modalizadas discursivamente com teor de incerteza, com as palavras “acha” e “provavelmente”; além da explicação detalhada do caminho lógico-dedutivo da sua reflexão e de um breve histórico do conhecimento do campo discursivo da biologia.

A questão central da análise aqui proposta, por sua vez, é o fato de que todos esses fatores epistemológicos e narrativos, essa espessura discursiva se perde quando a notícia é materializada nas redes sociais, uma vez que o que circula é a imagem de um peixe, o título e seu texto auxiliar, somente, criando uma cenografia compacta e icônica, cujos não-ditos serão preenchidos pelos imaginários dos sujeitos internautas num gesto de leitura muitas vezes rápido e irrefletido.

Análise da cena genérica dos comentários

Sobre a cena genérica dos comentários, por sua vez, é importante ressaltar que são mostrados os “mais relevantes”, como consta no topo da imagem à direita. Essa ordem discursiva de disposição dos comentários não parece ser cronológica: a noção de “relevância” nessa formação discursiva algoritmizada e voltada para o consumo de informação, tem a ver com comentários que tiveram mais “interações”, sendo elas tanto icônicas (como “curtir” etc) quanto respostas escritas. Os comentários selecionados recortados filiam-se à ordem discursiva de “relevância”: o

terceiro comentário possui 297 reações icônicas e 186 respostas, ao passo que o segundo possui 41 reações e 11 respostas. É preciso esclarecer contudo, que os comentários recortados não estão dispostos da forma com que foram registrados na rede social: os mesmos foram organizados após registro inicial em *print screen*, de modo que os mais sintomáticos foram selecionados. A imagem da direita, portanto, sintetiza nosso gesto de leitura e recorte para análise dos enunciados discursivos mais relevantes para a pesquisa.

O que mais chama a atenção nessa cena genérica, por sua vez, é o enunciado do rodapé, inscrito dentro da caixa de texto: “Escreva um comentário...”. Mais do que uma simples orientação técnica, esse tipo de enunciado comum aos *apps* de redes sociais, tem como efeito de sentido o chamamento da materialidade digital ao sujeito internauta para exercer sua “liberdade” empírica (limitada, individualizada e narcísica) nas redes sociais, adaptado da segunda pessoa do imperativo (“escreve tu”), para uma sugestão eufemizada pelas reticências.

Análise do primeiro comentário

O primeiro comentário é enunciado da seguinte maneira: “Sonho de consumo das feminazis!” Nele, o sujeito internauta cola a “reprodução assexuada” do peixe amazônico, por meio do significante pejorativo “feminazi”, ao feminismo e às mulheres que com ele identificam-se e nele inscrevem-se ideologicamente. Essa associação entre temas de campos discursivos aparentemente tão distintos parece ser atravessada, no interdiscurso, por pré-construídos sobre esse movimento social nas discussões sobre gênero ocorridas nas redes sociais.

Esse enunciado, mesmo sendo passível de ser recuperado no interdiscurso, parece ser produto da hipertrofia do imaginário do sujeito internauta, tanto pelo fato de a cenografia da informação se dar de forma icônica, funcionalizada e condensada, o que demanda que esse sujeito preencha as aberturas de sentido da informação compactada com seu imaginário; quanto pelo fato de a natureza do tema tornar-se polêmica na formação discursiva desse sujeito, “ferindo” o papel ideal de gênero (o Sujeito patriarcal machista) e inflamando-o, no sentido de que é representada, na cenografia da notícia, uma “fêmea” que se reproduz “sem sexo”, ou seja, “dispensa o macho” e ainda “desafia teoria” científica.

Feminazi

O significante “feminazi” deriva da junção entre as palavras “feminista” e “nazismo” e, em tom pejorativo, tem como efeito de sentido o “autoritarismo” e a “violência” de mulheres feministas. É de comum ocorrência em polêmicas sobre questões de gênero nas redes sociais, consolidando-se numa formação discursiva crítica ao feminismo, o que esse internauta resgatou do interdiscurso.

O sonho de consumo

A metáfora “sonho de consumo”, por sua vez, tem como efeito de sentido possível o desejo oculto e verdadeiro das mulheres feministas: livrarem-se “do macho”, como na reprodução assexuada da molinésia-amazona. Essa imagem sobre o movimento feminista é também um forte pré-construído das formações discursivas críticas ao movimento que circulam nas redes sociais. Segundo o artigo de opinião de Isabela Aleixo, publicado no jornal O Globo⁹⁰, “Oito mentiras sobre o feminismo que ninguém deveria mais reproduzir”, a ideia de que “feministas odeiam homens” é um “(pré) conceito” no sentido de que “o que deve ser combatido é o sistema patriarcal que coloca o homem em situação de superioridade em relação a mulher”, de forma que as feministas não “odeiam os homens; apenas são contra o sistema que os coloca como seres superiores”.

A fragilidade do imaginário e a ordem do discurso digital

Mais uma vez, insistimos, a polêmica, esse imenso embate ideológico e discursivo nas redes sociais sobre os papéis de gênero, não se dá simplesmente porque há discordâncias ideológicas, científicas ou conceituais sobre os papéis sociais do “macho” e da “fêmea”. Essa polêmica existe e se fortalece pelo fato de ferir o Sujeito ideal e viril do patriarcado, aquele que interpela o sujeito a “ser homem”, o eu imaginário que se inflama⁹¹ ficando em “perigo”, ao qual o enunciador do primeiro comentário está assujeitado e no qual ele precisa se afirmar, interpelado

90 Disponível em < <https://oglobo.globo.com/celina/oito-mentiras-sobre-feminismo-que-ninguem-deveria-mais-reproduzir-23601472> > Acessado em 03 jan. 2020.

91 O imaginário segundo Safatle (2017) é a “maneira desesperada de dar forma a um desejo fundamentalmente opaco e desprovido de objeto, maneira de se defender dessa indeterminação angustiante fundamental que faz com que **todo vínculo à imagem seja frágil.**” (p.41).

também pela materialidade digital a “escrever um comentário”. Se a origem dessa inflamação do imaginário está relacionada ao campo discursivo da sexualidade, por outro lado, ela parece ser alimentada e aprofundada pela ordem do discurso digital com a aceleração e a dispersão com que faz circular a informação relacionada à ideia de “relevância” da rede social: aquilo que circula e promove interações digitais quantificadas em comentários e reações icônicas em abundância.

Análise do segundo comentário

O segundo comentário, por sua vez, é estruturado em três períodos exclamativos: “Gente, a matéria é interessante, vale a pena ler! NÃO é sobre humanos, nem a mais rara hipótese de comparação! Ô gente louca!” O vocativo “gente” parece não ser direcionado a um interlocutor específico, uma vez que, na cena genérica esse comentário não está colocado como “resposta” a outro interlocutor. Isso ocorre pelo fato de a materialidade digital permitir interações simultâneas e coletivas que perdem alguns traços pragmáticos da interlocução oral, como a entonação, a gesticulação e os turnos de fala intercalados, o que gera, muitas vezes, enunciados entrecruzados ou com destinatários incertos.

A opção “responder” a um comentário, nesse sentido, é uma tentativa da materialidade digital de manter minimamente organizada a interação enunciativa entre sujeitos internautas. Ainda assim, é possível identificar, no decorrer do enunciado do segundo comentário, que o mesmo dirige-se, de forma generalizada, aos comentários que associam a matéria jornalística à discussão de gênero por conta do tom irônico presente no trecho “a matéria é interessante! Vale a pena ler!” que, pelo não-dito, pressupõe que esses outros não a “leram”.

Embora esse tipo de comentário seja recorrente nas polêmicas online, (“você não leu a matéria!”), numa idealização tanto da leitura quanto do sentido óbvio e universal do discurso a ser “lido”, entendemos que essa “não leitura” recorrente do digital não é simplesmente a sua supressão, mas sim, a sua resignificação nessa materialidade, processo ao qual o sujeito internauta está assujeitado, embora, pelo esquecimento, permaneça idealizando “verdadeira forma correta” de leitura.

O que nos interessa mostrar aqui, discutindo sobre os efeitos de sentido e assujeitamento da leitura, não é simplesmente a sua “decadência” nas redes sociais,

nem seu relativismo, como se não houvesse leituras mais metódicas que outras; mas sim, que esse processo de leitura é ressignificado na materialidade digital demandando conhecimentos e letramentos que vão muito além do senso comum sobre o “uso do bom português” e a “boa interpretação de texto”, na idealização de que “ler a matéria inteira” basta para não haver equívocos e mal entendidos.

Os dois últimos enunciados, por sua vez, “NÃO é sobre humanos, nem a mais rara hipótese de comparação! Ô gente louca!”, referem-se ao que denominamos aqui como a hipertrofia do imaginário, só que parafraseada por uma outra formação discursiva: ela é aqui relacionada à “loucura”, à paranoia, ao absurdo. Por outro lado, a entendemos mais como uma reação de proteção relacionada aos afetos mais instintivos, como medo e raiva, segundo analisa Dunker (2017), bem como um sintoma do presente estado de coisas, cujas mudanças históricas e sociais são profundas e aceleradas, como demonstra D’Ancona (2018), trazidos na hipótese.

Análise do terceiro comentário

O terceiro comentário estrutura-se discursivamente da seguinte maneira: “Que nível desse jornal. Querem usar um peixe para fomentar feminismo e ideologia de gênero. Não é a toa que se chamam esquerdopatas. É problema de saúde mental mesmo.” Aqui encontram-se os elementos mais sintomáticos da hipertrofia do imaginário, tal qual a entendemos nesse trabalho: a deslegitimação das instituições sociais - “que nível desse jornal” -, a associação direta e irrefletida entre discursos de campos distintos - “querem usar um peixe para fomentar feminismo” -, a distorção da noção de “ideologia”, e a construção imaginária fortemente estruturada de um outro - “não é a toa que se chamam esquerdopatas. É problema de saúde mental mesmo.” Segundo Dunker (2017), ao analisar o que ele chama de “Pós-verdade cognitiva”, relacionada ao que entendemos aqui como o processo discursivo de hipertrofia do imaginário do sujeito através da materialidade digital:

Tendemos a achar que uma coisa é a ciência, com sua autoridade neutra e imparcial, e outra coisa é o que nós fazemos com a ciência, disputando ideológica ou politicamente suas implicações ou traduzindo suas descobertas em aplicações tecnológicas. Isso nos leva à ideia errônea de que a ciência se compõe de ideias claras e consensualmente estabelecidas e não de controvérsias e polêmicas que se transformam com o tempo.

A expressão nacional deste tipo de pós-verdade está ligada à emergência de um novo irracionalismo brasileiro – com sua disposição predatória contra professores, estudantes, artistas, aposentados e demais “parasitas” que não sabem o “valor do trabalho” e que não aceitam as “verdades óbvias” - presume uma geografia simples e bem dividida entre ciência e religião, ordem e baderna, fatos e opiniões. A “pós-verdade” não é, portanto, o regime das opiniões desenfreadas e do relativismo niilista, tal como se anunciava no pós-modernismo liberal. Sua estrutura cognitiva, propriamente regressiva, depende do mito da unidade da ciência, da força de sua autoridade normativa, justamente para que ela possa se aliar com as piores formas de metafísica. Por isso, Lacan dizia que, quando a ciência se aliar com a religião, aí sim, encontraremos o pior.

Conclusão: onde há polêmica e controvérsia de opiniões é porque estamos no campo da ideologia e da metafísica. Para a pós-verdade, a ciência silencia e a ideologia faz falar. Ali onde o multiculturalismo valoriza a polifonia de vozes e a diversidade de acentos, a pós-verdade se eleva como um trovão de ordem. (DUNKER, 2017, p.38-39)

A reflexão desenvolvida pelo autor, tomando como exemplo o campo discursivo científico, deixa claro que a causa da pós-verdade enquanto estrutura psicológica e discursiva de interpretações aparentemente absurdas e inflamadas, é justamente a necessidade desesperada do sujeito pragmático em apegar-se a uma referência imaginária de ordenação dos sentidos do real, ou seja, a hipertrofia da sua estrutura imaginária e, conseqüentemente, do seu assujeitamento ideológico. Essa necessidade exacerbada de apegar-se a uma referência de sentidos por parte do sujeito do discurso, parece ser fruto tanto da ordem do discurso digital, com seu funcionamento acelerado e fragmentado, quanto com as polêmicas e debates ideológicos inflamados que ocorrem nessa materialidade discursiva, intensificados pela sua lógica da “relevância”. Isso põe à prova e desestabiliza as certezas imaginárias do sujeito num contato constante e confuso com o Outro num estado de coisas com crises sociais, políticas, econômicas e migratórias.

A ideologia da “ideologia de gênero”

Um exemplo claro disso é o uso discursivo do termo “ideologia de gênero”: muito usado por formações discursivas conservadoras e religiosas, partindo do pré-construído de que há uma verdade normalizadora bíblica ou científico biológica sobre como devem ser os papéis sociais de gênero, esse “conceito”, segundo o

artigo “O que é ideologia de gênero” publicado no “portal de conteúdo cristão” Gospelprime⁹², na seção “sociedade”:

propõe que o ser humano tenha a liberdade de criar novas identidades de gênero e de escolher qualquer uma delas, desde que se sinta à vontade com essa escolha. Lembrando que, dentro desse “universo de ideias” muitas ciências foram desprezadas, como biológicas, genéticas, sociológicas e até mesmo históricas. [...]

Movimento lgbt

Essa nova ideologia da sexualidade humana foi expressa publicamente através do movimento LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais ou transgêneros), na década de 80. Ativistas acreditavam que só o termo gay não era suficiente para descrever a comunidade. A sigla LGBTQ foi registrada em 1996 para incluir o “queer” – aqueles que se acham “estranhos” e questionam sua identidade sexual. Existe ainda a sigla LGBTQI para os que consideram os intersexuais. E a mais recente, LGBTQIA que convida os “assexuais” ou simpatizantes para o movimento. Isso pode ficar mais confuso? A resposta é sim. Atualmente no Brasil, existem 70 identidades de gênero. Faz parte dessa lista as mais estranhas formas de relacionamento, incluindo o pansexual, indivíduo que se relaciona com “tudo e todos”. A educadora [Damares Alves fez um alerta](#) para a possibilidade de a zoofilia e a pedofilia se tornarem normais com esse ativismo.

O que é identidade de gênero?

De acordo com os adeptos desse movimento ideológico “é como a pessoa se identifica na sociedade”. Depois de homem e mulher, existem outras 70 “identidades inventadas”. Cada uma dessas identidades inspira novo estilo, comportamento, modo de vestir, corte de cabelo, linguajar. Cirurgia para troca de sexo também é uma opção de mudança. [...]

Doutrinação nas escolas

Esse debate se intensificou com a estruturação do Plano Nacional de Educação (PNE), em 2014. A proposta do Ministério da Educação (MEC) era incluir temas relacionados com a identidade de gênero e sexualidade nos planos de educação de todo o país.

A [prova do Enem](#) deste ano apresentou fortes tons ideológicos e foi alvo de críticas tanto de alunos como de educadores.

Para os defensores da ideologia de gênero essa inclusão é uma forma de diminuir o preconceito e de promover a igualdade entre as pessoas. A maioria da população, porém, encarou essa ideia como uma “desconstrução dos valores familiares” e “doutrinação esquerdista” dentro das escolas e universidades.

A [bancada evangélica](#) pretende acabar com essa doutrinação dentro das escolas. E o presidente eleito, [Jair Bolsonaro](#), já declarou que se depender dele, a [ideologia de gênero vai deixar de existir](#).

O “artigo” apresenta o conceito “ideologia de gênero” num contexto de “liberdade”, libertinagem (“um indivíduo que se relaciona com ‘tudo e todos’”), perigo (“possibilidade de a zoofilia e a pedofilia se tornarem normais com esse ativismo”) e relativismo em que “muitas ciências foram desprezadas” e no qual várias identidades e termos são inventados incessantemente, num nível de “confusão” insuportável: “no

⁹²Disponível em: < <https://www.gospelprime.com.br/o-que-e-ideologia-de-genero/> > Acessado em 04 jan. 2020.

Brasil existem 70 identidades de gênero.” Isso exposto, considerando a formação discursiva na qual se inscrevem o referido artigo e o terceiro comentário aqui analisado, parece ser esse o efeito de sentido do significante “ideologia”, como aponta Dunker (2017): tudo aquilo que vai contra a formação ideológica religiosa ou científica, imaginadas como as referências organizadoras do real por excelência.

Portanto, afetos gregários e primitivos como medo e raiva, bem como o risco da “desconstrução dos valores familiares” é que levam, possivelmente, um sujeito internauta a indignar-se com um jornal “esquerdopata” que “fomenta” problemas de “saúde mental”. É esse contexto também que leva a “ciência” e figuras públicas como a “educadora Damares Alves” e o “presidente eleito Jair Bolsonaro” a serem encarados como um necessário e urgente “trovão de ordem”, contra a “doutrinação esquerdista’ dentro de escolas e universidades”, “ali onde o multiculturalismo valoriza a polifonia de vozes e a diversidade de acentos” (DUNKER, 2017).

É nesse sentido que Luis Felipe Miguel, no texto *A reemergência da direita brasileira* (2018)⁹³, fala sobre a questão da sexualidade como um fator profundo de luta política e conservadorismo:

Há um caminho, em particular, de fusão do anticomunismo com o reacionarismo moral, que passa por uma leitura fantasiosa da obra de Antonio Gramsci e recebe o nome de “marxismo cultural”. [...] Por essa leitura, um passo fundamental para a derrubada do capitalismo e da “civilização ocidental” seria a dissolução da moral sexual convencional e da estrutura familiar tradicional. Afinal, “a família é a *cellula mater* da sociedade”; se destruída, faz todo o edifício romper. (p.22)

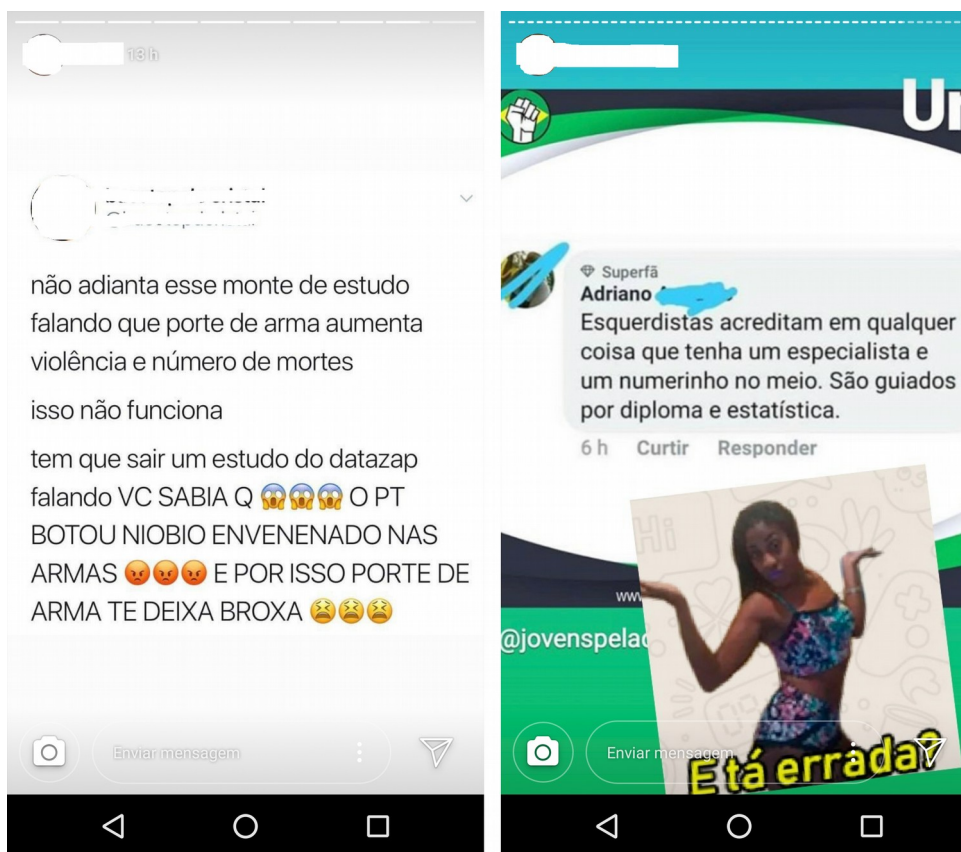
Por fim, devemos levar em consideração mais uma vez, que “nenhum dizer fica imune à tecnologia que o materializa” (GALLO, 2018, p.346). Dessa forma, a materialidade digital participa ativamente do processo de hipertrofia do imaginário dos sujeitos com sua lógica quantitativa da “relevância”, bem como com a fragmentação e aceleração da informação.

93 Ver *O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil*. (vários autores) 1ª ed. - São Paulo: Boitempo, 2018.

Segunda análise do grupo B – “Um estudo do datazap” sem “diploma e estatística” e a hipertrofia do imaginário

Nessa análise pretendemos dar prosseguimento às reflexões sobre os efeitos da hipertrofia do imaginário de sujeitos internautas nos embates ideológicos que ocorrem nas redes. Para tanto, recortamos dois arquivos discursivos *printados* do *story* do *Instagram* que materializam dizeres da formação discursiva bolsonarista em publicações “esquerdistas”, o que nos possibilita analisar os imaginários dessas duas formações ideológicas, bem como levantar alguns traços discursivos das chamadas *fake news*.

Arquivo 13 - “Tem que sair um estudo do datazap”



O arquivo digital desta presente análise é um compilado de dois *screenshots* de tela de celular, sendo o da esquerda (*Screenshot_20190623-105158*), feito em 23 de junho de 2019, e o da direita (*Screenshot_20190823-101949*), feito em 23 de agosto de 2019. Ambos apresentam a cena genérica do *Story* do *Instagram*, uma

modalidade de compartilhamento de conteúdo multimídia entre usuários da plataforma que mescla num espaço de circulação o privado e o efêmero, tendo em vista que as postagens dessa ferramenta da rede social duram apenas 24 horas. Nesse canal é comum o compartilhamento de trivialidades cotidianas dos usuários, notícias recentes e tudo mais que não possui status de importância para ser registrado de forma permanente (mas, ainda assim, passível de ser apagado) no mural principal de fotos/vídeos do perfil de usuário do *Instagram*.

Mistura-se aí uma relação de intimidade e, ao mesmo tempo, de fugacidade no consumo de imagens, uma vez que, paradoxalmente, o arquivo digital não permanece: ele possui validade preestabelecida nos stories. Parece tratar-se de um jogo de mostrar/esconder mais seletivo e menos público que a exposição/circulação de conteúdos do *Facebook*. Talvez por esse motivo também tenham se disseminado nessa ferramenta do *Instagram* os compartilhamentos de notícias, imagens e posicionamentos políticos de natureza polêmica, como forma de diminuir o confronto com o outro, comum em redes sociais de caráter mais público.

Análise do tweet sobre o “datazap”

Embora não seja perceptível na imagem, uma vez que a ferramenta *story* é programada para adequar automaticamente o fundo da publicação à paleta de cores da mesma, há dentro dele o *print* de um *tweet* que tornou-se viral e circula pelas redes sociais. Há, portanto, novamente um embricamento de cenas genéricas de enunciação (um *tweet* num *story*) que mostra como essas ferramentas digitais funcionam fazendo circular o arquivo digital e a informação pelas redes. Nesse sentido, é importante ressaltar que o *tweet* compartilhado no *story* do *Instagram* não possui o registro de data e hora de sua publicação. Sobre o enunciado do *tweet* viralizado, é exatamente o fato de ele circular pelas redes que o torna válido no sentido de que gera identificação e efeitos de sentido ao mobilizar certas memórias discursivas no interdiscurso das redes digitais. Vamos agora analisá-lo.

Isso não funciona

Em tom irônico, o *tweet* inicia-se deslegitimando “esse monte de estudo” que tratam dos impactos sociais sobre a legalização do porte de armas. Essa

deslegitimação, contudo, não tem a ver com a metodologia das pesquisas sociais, com os dados estatísticos ou com o posicionamento político e ideológico que os mesmos podem sustentar. Esse “monte de estudo” “não adianta” porque “não funciona”. E que funcionamento é esse, afinal?

Logo abaixo, há o uso irônico das palavras “data” e “zap” que referem-se a um possível estudo feito pelo *WhatsApp* (aplicativo no qual circulam muitas *fake news*⁹⁴): a partir do discurso indireto livre do qual o enunciado se utiliza com o verbo discendi “falando”, há uma mudança em sua cenografia. A caixa de texto fica alta e há o uso de *emoticons* que representam afetos como raiva e medo. Trata-se aqui de uma rediscursivização da estrutura básica e regular das *fake news* que circulam nas redes sociais, parodiando, assim, os aspectos visuais (o alerta da caixa alta) e afetivos desse fenômeno comunicacional da materialidade digital. Parece ser a mobilização desses afetos o que realmente “funciona” na comunicação digital.

“vc sabia q”

Os temas discursivos que aborda e sua escolha lexical, por sua vez, também parodiam essa estrutura básica das *fake news*, o que talvez explique o sucesso de circulação desse *tweet* pelas redes ao ativar a memória discursiva e a identificação crítica dos internautas que a compartilham. Nesse sentido, a estrutura sintática “VC SABIA Q” funciona tanto como um questionamento quanto como uma interpelação: o sujeito internauta é chamado pelo vocativo “vc” a inteirar-se de algo novo, urgente e que, ao mesmo tempo, não é reportado como sendo uma notícia oficial, mas possui a cenografia de uma denúncia íntima, de um aviso preocupado e verdadeiro, que soa mais como o alerta de um amigo próximo do que com as “mentiras da mídia vendida” noticiadas em tom formal e impessoal.

O PT botou nióbio envenenado nas armas

Antes de vir o complemento verbal, “O PT BOTOU NIOBIO ENVENENADO NAS ARMAS”, há três *emoticons* que expressam medo e surpresa. A escolha lexical dessa frase, por sua vez, “PT”, “NIOBIO” e “ARMAS” funciona por si só como uma

94 “*WhatsApp* bane ao menos 1,5 mi de contas no Brasil por robôs e *fake news*” Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/09/30/whatsapp-fake-news-robos-envio-em-massa-eleicoes-2018-contas-banidas.htm>> Acessado em 10 jan. 2020.

paródia crítica pelo fato de inscrever-se ironicamente na formação discursiva bolsonarista. As recorrentes menções ao “PT”⁹⁵ de bolsonaristas nas redes e as recorrentes menções do presidente tanto sobre o nióbio⁹⁶ quanto sobre a legalização do porte de armas⁹⁷ são recuperadas do interdiscurso nesse enunciado.

Embora reúna elementos lexicais da formação discursiva bolsonarista, por outro lado, o enunciado acima destacado constrói uma sentença ilógica e absurda inclusive para essa referida formação discursiva, jogando, assim, ironicamente com as palavras desse outro, uma vez que soa absurda essa aplicação do “metal exaltado por Jair Bolsonaro”. A paranoia ironicamente construída agrava-se com uma estrutura conclusiva: “E POR ISSO PORTE DE ARMAS TE DEIXA BROXA”.

A fina ironia aqui presente satiriza justamente o desejo de o sujeito se afirmar com virilidade através do “porte de armas” (e sua potência fálica): ele ficará broxa. Análogo ao que ocorre, portanto, com a hipertrofia do imaginário de sujeitos internautas interagindo com a notícia do site G1 sobre o peixe molinésia-amazona, essa paródia viral de uma notícia *fake* toca discursivamente também no perigo que corre e na fragilidade pela qual é acometido esse Sujeito patriarcal. “A gestão política da sexualidade”, portanto, junto à materialidade digital, “no cotidiano da publicidade, da propaganda e da produção cultural, constitui um ponto privilegiado desta reorganização” (PÊCHEUX, 2015, p.88) do imaginário hipertrofiado, desde as polêmicas sobre diversidade e igualdade de gênero que circulam nas redes até o desejo de afirmação de masculinidade pelo porte de armas.

Esquerdistas são guiados por diploma e estatística

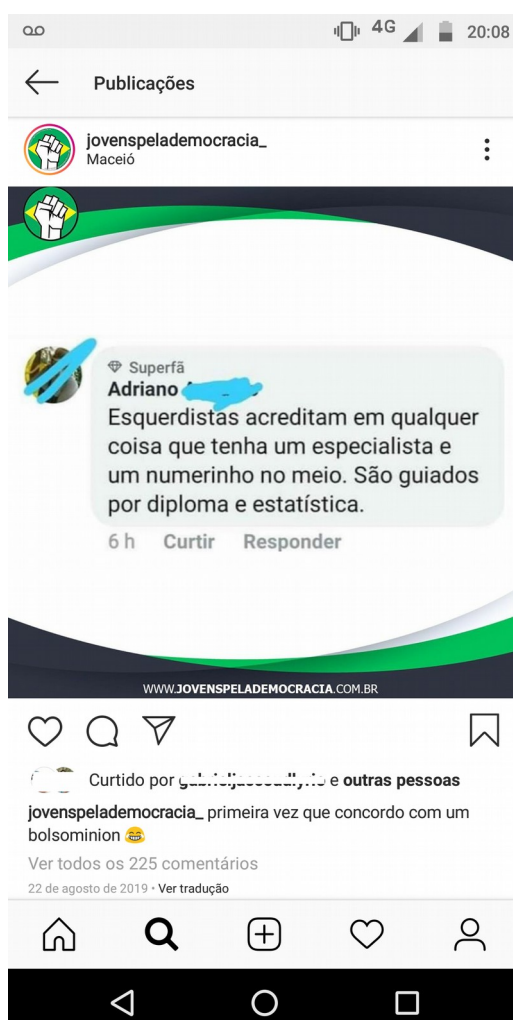
95“E o PT, hein? E o Lula?": Meme político saiu de série japonesa. Toda vez que alguma notícia negativa do governo de Jair Bolsonaro é publicada, apoiadores do presidente questionam nas redes sociais: "E o PT?", "E o Lula?". Críticos do mandatário passaram a responder de forma irônica, com um gif de um monstrengo repetindo as tais perguntas. Mas de onde veio essa criatura antipetista? No gif, um personagem surge do nada (com direito a efeito especial) e faz um movimento acrobático ao perguntar "E o PT, hein? E o Lula?". Eleitores contrários ao governo comparam a aparição magistral às dos apoiadores de Bolsonaro que comentam notícias do governo nas redes sociais.” Disponível em <<https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2019/06/25/e-o-pt-hein-e-o-lula-meme-politico-saiu-de-serie-japonesa.htm>> Acessado em 10 jan. 2020.

96“Nióbio: o que é o metal exaltado por Jair Bolsonaro” Disponível em <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/Dossie/noticia/2019/06/niobio.html>> Acessado em 10 jan. 2020.

97“Projeto de Bolsonaro deixa em aberto quais categorias poderão ter porte de arma de fogo.” Disponível em <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/06/26/projeto-de-bolsonaro-preve-ampliar-por-regulamento-o-numero-de-categorias-com-direito-a-porte-de-arma-de-fogo.ghtml>> Acessado em 10 jan. 2020.

O segundo arquivo digital, por sua vez, proveniente da cena genérica de um *story* do *Instagram*, forma-se, ele também, de um compósito de cenas enunciativas digitais: no *story* há uma publicação feita pela página @jovenspelademocracia_ em 22 de agosto de 2019 que, por sua vez, traz o *print* de um comentário do *Facebook*, além de um meme (“e tá errada?”) adicionado a ele para o seu compartilhamento.

Arquivo 14 – Cena genérica da publicação do *Instagram*



O arquivo 15 (*Screenshot_20200110-200840*), recortado acima, traz a publicação integral da página @jovenspelademocracia_, que descreve-se como um “movimento nacional de esquerda”⁹⁸, inscrevendo suas publicações nessa ampla formação ideológica. Já na publicação em questão, há o *print* de um comentário do

⁹⁸ Disponível em < https://www.instagram.com/jovenspelademocracia_/?hl=pt-br > Acessado em 10 jan. 2020.

Facebook de um “superfã”: trata-se de membros ativos em páginas dessa rede social, embora especificamente a página em que esse enunciado materializou-se e suas condições de produção estejam apagadas aqui. Esse sujeito internauta diz: “Esquerdistas acreditam em qualquer coisa que tenha um especialista e um numerinho no meio. São guiados por diploma e estatística.”

Primeira vez que concordo com um bolsominion

A esse dizer outro, a página “esquerdista” acrescenta o seguinte comentário: “primeira vez que concordo com um bolsominion.” Segundo o Dicionário Informal⁹⁹, a definição mais curta e listada como a primeira de *Bolsominion*¹⁰⁰, é “expressão pejorativa para designar pessoas politicamente alinhadas com os ideais de Jair Bolsonaro, o atual presidente do Brasil.”

Minions têm seu início na aurora do tempo

Entendemos que há mais efeitos de sentido apagados pelo esquecimento que podem ser retomados para refletirmos sobre essa palavra. Segundo a sinopse do filme “Minions” (2015, Universal Studios), disponibilizada pela Google Play¹⁰¹:

“Minions”, história da Universal Pictures e da Illumination Entertainment, **tem seu início na aurora do tempo. Surgindo como organismos unicelulares amarelos, os Minions evoluem ao longo do tempo, eternamente servindo o mais desprezível dos mestres.** Depois de várias parcerias mal sucedidas – que vão desde T. Rex a Napoleão – **os Minions se encontram em uma profunda depressão quando percebem que não têm mais a quem servir.** Mas um Minion chamado Kevin tem um plano: ao lado do adolescente rebelde Stuart e do pequeno e adorável Bob, ele decide sair pelo mundo à procura de um novo chefe malvado para que seus irmãos tenham a quem servir novamente. O trio embarca, então, em uma emocionante jornada que os levará a conhecer seu novo mestre em potencial, Scarlet Overkill (a vencedora do Oscar® Sandra Bullock), a primeira super vilã do mundo. Eles viajam da Antártida para Nova York, em 1960, e terminam em Londres, onde terão que enfrentar o maior desafio de suas vidas: **salvar todos os Minions... da aniquilação.** (*Grifos nossos*)

99 “O **dicionário** de português gratuito para *internet*, onde as palavras são definidas pelos usuários. Uma iniciativa de documentar on-line a evolução do português. Não deixe as palavras passarem em branco, participe definindo o seu português!” Disponível em < <https://www.dicionarioinformal.com.br/> > Acessado em 11 jan. 2020.

100 Disponível em < <https://www.dicionarioinformal.com.br/bolsominion/> > Acessado em 11 jan. 2020.

101 Disponível em < <https://play.google.com/store/movies/details?id=MZOK-pRpNV4> > Acessado em 11 jan. 2020.

Esses seres, cuja história alegoricamente inicia-se no começo dos tempos, sendo portanto atemporal, têm como único objetivo em sua existência, servir a um mestre. Essa alegoria construída na narrativa de um filme infantil parece metaforizar com exatidão a Ideologia proposta por Althusser (2008 [1970]) como processo a-histórico de interpelação do sujeito ideológico por um Sujeito (o mestre). Embora os minions evoluam ao longo do tempo (seja lá o que signifique essa “evolução” cronológica na presente alegoria aqui analisada), seu destino eterno é servir a esse mestre, seja ele quem for. Nas palavras de Althusser (*ibidem*), assim como o Inconsciente é eterno e não possui história, a Ideologia enquanto processo de chamamento do sujeito a enquadrar-se num imaginário também o é.

Por fim, esses personagens alegóricos da natureza humana “se encontram em uma profunda depressão quando percebem que não têm mais a quem servir” e seu clímax se dá quando se veem tendo que enfrentar o maior desafio de suas vidas”, que é salvarem-se da “aniquilação”. Essa “depressão”, causada pela perda da referência ao quê servir, parece ser a causa do que entendemos aqui como a hipertrofia do imaginário do sujeito contemporâneo, de modo que é constitutiva desse sujeito a necessidade de uma referência imaginária ordenadora do real (as ideologias historicamente construídas) e que, se a mesma se encontra desestabilizada, a tendência é a de haver esse processo em que o sujeito se vê desesperado para salvar-se da sua “aniquilação”.

A hipertrofia do imaginário na materialidade digital

Ao recuperarmos um pouco dos pré-construídos sobre a alegoria narrativa dos Minions que agrega sentidos à “expressão pejorativa” *bolsominions*, entendemos que não se trata simplesmente de um “sujeito burro, mal intencionado, ignorante, preconceituoso, homofóbico, misógino, racista, xenofóbico, que faz discurso de ódio contra minorias na *Internet*. Apoiador de torturador, de ditadores e ditaduras militares. Autoritário, extremista.”¹⁰², idealizado pelo imaginário humanista, como o oposto de um sujeito racional, equilibrado etc. Embora esse seja um grupo político heterogêneo e complexo e embora também a sociedade brasileira seja

102 Segunda definição de *Bolsominion*, com 597 curtidas. Disponível em <<https://www.dicionarioinformal.com.br/bolsominion/>> Acessado em 11 jan. 2020.

fundada em valores racistas, patriarcais e autoritários, o que facilita a identificação dos sujeitos com esse tipo de discurso, entendemos que a hipertrofia do imaginário da forma-sujeito contemporânea contribui para a sua constituição.

Esse processo específico da manipulação da hipertrofia do imaginário é exposto em profundidade no artigo “Sua tia não é fascista, ela está sendo manipulada”, publicado em 08 de outubro de 2018 no “portal de esquerda” Carta Maior¹⁰³, por Rafael Azzi um dia após o primeiro turno das eleições presidenciais daquele ano, o qual “viralizou” na *Internet* e nas redes sociais, inclusive como meme:

Você se pergunta como um candidato com tão poucas qualidades e com tantos defeitos pode conseguir o apoio quase que incondicional de grande parte da população? Você já tentou argumentar racionalmente com os eleitores deles, mas parece que eles estão absolutamente decididos e te tratam imediatamente como inimigo no mais leve aceno de contrariedade? [...] Pois bem, vou contar uma história.

O principal nome dessa história é um sujeito chamado Steve Bannon. [...] Ele tinha um site no qual expressava seus pontos de vista que flertavam com o machismo, com a homofobia, com a xenofobia, etc. Porém, o site tinha pouca visibilidade e seu sonho era que suas ideias se espalhassem com mais força pelo mundo.

Para isso, Bannon contratou uma empresa chamada Cambridge Analytica. Essa empresa conseguiu dados do *Facebook* de milhões de contas de perfis por todo mundo. Todo tipo de dado acumulado pelo *Facebook*: curtidas, comentários, mensagens privadas. **De posse desses dados e utilizando algoritmos, essa empresa poderia traçar perfis psicológicos detalhados dos indivíduos. Tais perfis seriam então utilizados para verificar quais indivíduos estariam mais predispostos a receber as mensagens: aqueles com disposição de acreditar em teorias conspiratórias sobre o governo, por exemplo, ou que apresentavam algum sentimento de contrariedade difuso ao cenário político atual.**

A estratégia seria fazer com que esse indivíduo suscetível a essas mensagens mudasse seu comportamento, se radicalizasse. **Como as pessoas passaram a receber as notícias e a perceber o mundo principalmente através das redes sociais, não é difícil manipular essas informações. [...] Posts no *Facebook* podem te fazer mais feliz ou triste, com raiva ou com medo.** E os algoritmos sabem identificar as mudanças no seu comportamento pela análise dos padrões das suas postagens, curtidas, comentários.

Assim, indivíduos com perfis de direita e seu tradicional discurso “não gosto de impostos” foram radicalizados para perfis paranoicos em relação ao governo e a determinados grupos sociais. A manipulação poderia ser feita, por exemplo, através do medo: “o governo quer tirar suas armas”. Esse tipo de mensagem

103 Disponível em < <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Eleicoes/Sua-tia-nao-e-fascista-ela-esta-sendo-manipulada-/60/41968> > Acessado em 11 jan. 2020.

estimula um sentimento de impotência e de não ser capaz de se defender. Estimula também um sentimento de “somos nós contra eles”, o que fecha a pessoa para argumentos racionais.

Sites e blogs foram fabricados com notícias falsas para bombardear diretamente as pessoas influenciáveis a esse tipo de mensagem. Além disso, **foi explorado também um sentimento anti-establishment, anti-mídia tradicional e anti “tudo isso que está aí”.** Quando as pessoas recebiam várias notícias de forma direta, e não viam essas notícias repercutirem na grande mídia, chegavam à conclusão de que a grande mídia mente e esconde a verdade que eles têm. [...]

O *Facebook* tomou medidas ativas para evitar que as campanhas de desinformação e manipulações ocorressem em sua rede social. Muitas contas *fake* e páginas que compartilhavam informações falsas foram retiradas do *Facebook* no período que antecede as eleições.

Mas não contavam com a capilarização e a popularização dos grupos de *WhatsApp*, um aplicativo de mensagens diretas entre indivíduos; por isso, não pode ser monitorado externamente. Não há como regular *fake news*, portanto. Fazer um perfil *fake* no *WhatsApp* também é bem mais fácil que em outras redes sociais e mais difícil de ser detectado. [...]

Pois bem, ele [Bannon] se encontrou em agosto com Eduardo Bolsonaro. Bolsonaro disse que o Bannon apoiaria a campanha do seu pai com suporte e “dicas de *internet*”, essas coisas. Bannon é agora um “consultor eventual” da campanha. **Era o candidato ideal para ele, por compartilhar suas ideias, no cenário ideal: um país passando por uma grave crise econômica com a população desiludida com a sua classe política. [...]**

Isso não é nenhuma novidade. A máquina de propaganda do nazismo alemão associava os judeus a ratos. O discurso era que os judeus estavam infestando as cidades alemãs como os ratos. Esse é um discurso que associa o sentimento de repulsa e nojo a uma determinada população, o que faz com que o indivíduo queira se identificar com o lado “limpo” da história. [...]

Agora é possível compreender porque é tão difícil usar argumentos racionais para dialogar com um eleitor do Bolsonaro? Agora você se dá conta do nível de manipulação emocional a que seus amigos e familiares estão expostos? (*Grifos nossos*)

Há aqui uma narração descritiva dos detalhes de um processo calculado e metódico de hipertrofia do imaginário de sujeitos internautas utilizando como ferramenta a materialidade digital. É justamente a alimentação de afetos performativos (HAN, 2018b) e pulsões afetivas agressivas (PÊCHEUX, 2015), como “medo”, “raiva” e “um sentimento de impotência e de não ser capaz de se defender” em um “país passando por uma grave crise econômica com a população desiludida com a sua classe política”, num sentimento protofascista de “anti-establishment, anti-mídia tradicional e anti ‘isso tudo isso que está aí’”; que gera as condições mais

extremas de hipertrofia do imaginário na materialidade digital. Se essa materialidade gera facilmente alterações nas estruturas imaginária e simbólica do sujeito, como tentamos mostrar até aqui, dependendo de como é usada, pode chegar a níveis extremos. Daí a necessidade urgente de se estudar esses processos discursivos.

Aspectos da formação discursiva do imaginário hipertrofiado

Dando prosseguimento à análise, entendemos, portanto, que é esse imaginário hipertrofiado que permite o enunciado crítico: “esquerdistas acreditam em qualquer coisa que tenha um especialista e um numerinho no meio. São guiados por diploma e estatística.” Aqui é importante notar que, ao contrário do que ocorre no caso da molinésia-amazona, analisado anteriormente, o sujeito do discurso cujo imaginário está hipertrofiado não “depende do mito da unidade da ciência, da força de sua autoridade normativa” para elevar-se “como um trovão de ordem”, como analisa Dunker (2017, p.39). Pelo contrário, a formação discursiva em que se inscreve esse sujeito o permite deslegitimar a ciência como mera futilidade.

Isso nos leva a concluir que a forma-sujeito do imaginário hipertrofiado e o discurso da pós-verdade (DUNKER, 2017) que ele torna possível, não depende do “mito” (da formação ideológica) da “unidade da ciência”: ele depende é de UM mito de unidade que lhe garanta a aparente supressão do “sentimento de impotência e de não ser capaz de se proteger” e lhe dê escape à sua “raiva”, ao seu “ódio” que, sendo causados pelas contradições estruturais do capitalismo tardio regido pela formação ideológica neoliberal, precisam da representação imaginária de um inimigo a ser derrotado.

Pontos em comum

Os dois arquivos digitais aqui recortados para análise, portanto, circulam nas redes sociais materializando algumas amostras discursivas sintomáticas do imaginário hipertrofiado e a formação imaginária simplista e ingênua que a “esquerda”, que os “esquerdistas” têm desse Outro, geralmente associado à “burrice”, ao “ódio” e à falta de senso, numa idealização humanista da forma-sujeito.

Por fim, se de um lado “isso não é nenhuma novidade”, no sentido de que “a máquina de propaganda do nazismo alemão” já sabia se utilizar dessas questões;

por outro, o sujeito que passou a “perceber o mundo principalmente através das redes sociais” tem muito ainda o que ser estudado e refletido.

Terceira análise do grupo B – A capa digital da revista Exame e a hipertrofia do imaginário

Essa análise sobre a hipertrofia do imaginário aproxima-se do que Fredric Jameson conceituou como *linguagem esquizofrênica*: “a relação de textualidade que o homem contemporâneo estabelece com a temporalidade” (EVANGELISTA, 2007, p.136) No nosso caso, interessa analisar como o imaginário hipertrofiado cola a materialidade da capa de de 2009 ao presente momento histórico por meio da leitura funcionalizada e rápida do sujeito internauta na materialidade digital.

Arquivo 15 - “Em 2009, #Exame era assim.”



O arquivo digital 16 (*Screenshot_20191231-090904*) registrado em 31 de dezembro de 2019, traz materializada uma publicação de capa da revista Exame (editora Abril) de 29 de julho de 2009. Temos aqui, portanto, o embricamento da materialidade impressa com a materialidade digital.

A capa da revista na publicação do Instagram

O design gráfico da capa da revista Exame publicada em sua conta do *Instagram* traz o contraste intenso entre o fundo branco e a grande exclamação em vermelho que ocupa quase todo o seu comprimento em grande destaque. Acompanhada dela, há a interjeição “UAU!” em caixa alta e letras garrafais no mesmo tom vermelho de atenção e destaque. Abaixo, por sua vez, em cor preta, há o enunciado explicativo da interjeição, aquilo responsável por causar a surpresa, já em letras menores e cor preta: “voltamos a crescer”. Em tipo ainda menor e mantendo a sobriedade explicativa da cor preta, há um parágrafo explicativo:

Olhe para os lados. Os fabricantes de carros e de eletrônicos batem recordes de produção. O varejo cresce. Milhares de empregos são gerados. O crédito está de volta. A confiança também. Para o Brasil, a crise parece ter ficado para trás.

“Confiança”, “crédito” e os “recordes de produção” dos “fabricantes de eletrônicos” são, já em 2009, um indicativo de que “a crise parece ter ficado para trás” no Brasil. Trata-se de elementos do capitalismo tardio que regulam o neoliberalismo: o mercado financeiro e a indústria de eletrônicos não estão aqui dispostos na formação discursiva da capa da revista como índices fortes de crescimento econômico por acaso. É nesse sentido que o digital é uma estrutura econômica que vem se consolidando ao longo das últimas décadas como uma das bases materiais das relações de produção e reprodução do capitalismo tardio.

A “crise”, por sua vez, parece estar relacionada à crise financeira de 2008¹⁰⁴, gerada a partir do endividamento em massa da população norte-americana por conta de políticas inconsequentes de incentivo de crédito, o que fez com que a maioria desses endividados perdessem sua moradia para hipotecar seus juros com essas instituições financeiras. Como as casas tomadas pelos bancos, por sua vez,

104 *cf.* p.12.

não tinham valor real de mercado para efetivamente saldar as dívidas, já que a população estava endividada em sem poder de compra, a crise agravou-se levando à falência várias dessas instituições financeiras e, posteriormente, estendeu-se a nível global, gerando recessão econômica em vários países, incluindo-se aí o Brasil.

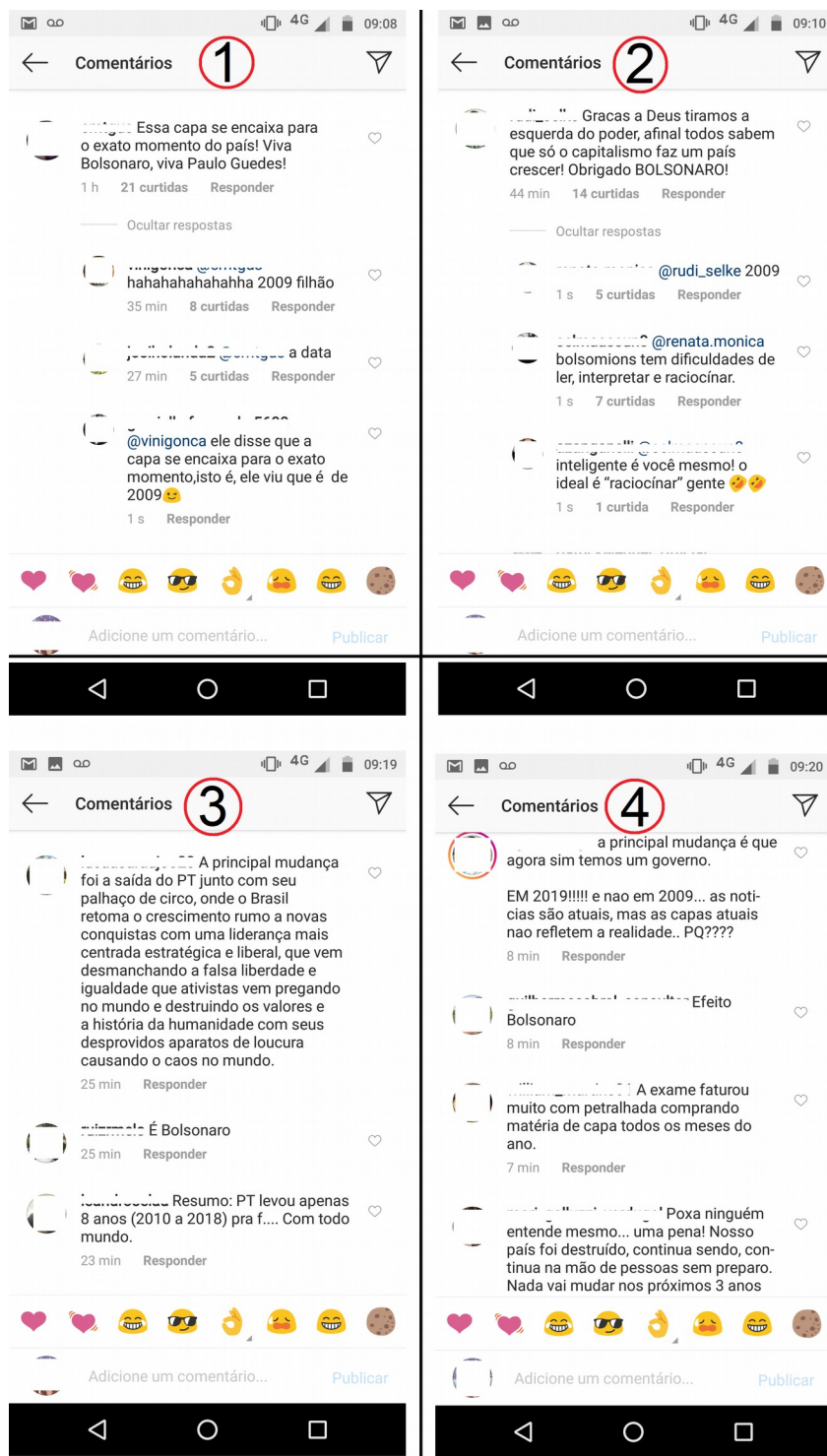
O significante “confiança” nesse contexto econômico, embora pareça inscrever-se numa formação discursiva de mercado e transações financeiras junto da palavra “crédito”, evidencia também como economia e afetos estão interligados numa formação social. Assim, a “confiança” do mercado em liberar e usar “crédito” também pode ser interpretada como “confiança” da população nas instituições. Entendemos, portanto, que afetos como esse não se ressignificaram ao longo dessa última década ao acaso e sem relação com a crise econômica estrutural que enfrenta o neoliberalismo presente.

A cena genérica da publicação do Instagram: do impresso ao expresso

O comentário da página da Exame no *Instagram* é o seguinte: “Um novo ano vem aí. Como era você há dez anos? Em 2009, #EXAME era assim. O Brasil (e todo o mundo) mudou muito de lá para cá, mas conta pra gente: quais foram as principais mudanças para você?” Há materializada aqui, uma nova forma de relacionamento das mídias tradicionais com seus leitores no digital se comparados, por exemplo, à “carta do leitor” que circula na materialidade impressa dessas revistas, sendo também um chamamento ao sujeito para que se expresse e se mostre: agora ele não precisa mais se dar ao trabalho de assinar a revista, escrever uma carta, postá-la nos correios, esperar que ela seja recebida, aberta, lida, triada, editada e publicada na edição do mês seguinte, para ser visto e lido.

Esse sujeito leitor agora pode enunciar instantaneamente e ser visto em tempo real de modo que, muitas vezes, nas redes sociais, consiga competir em visibilidade e números de seguidores e curtidas, com as páginas dessas mídias ditas “tradicionais”, que migraram de outras materialidades para a digital, num processo novo de retorno da recepção do público e de convergência das mídias.

Arquivo 16 – O “Efeito Bolsonaro”



O arquivo 16 é composto de 4 *screenshots* feitos também no dia 31 de dezembro de 2019, para registrar alguns comentários sintomáticos à publicação da revista Exame a partir da hipertrofia do imaginário que pretendemos analisar aqui.

Os *screenshots* 1 e 2, portanto, possuem um comentário principal no topo e três respostas diretamente feitas a eles, logo abaixo. Já os *screenshots* 3 e 4, por seu turno, possuem respectivamente três e quatro comentários “isolados”, com menos encadeamento semântico se comparados aos dois primeiros casos.

A cena genérica dos comentários do *Instagram* apresenta novamente a interpelação digital funcionando sobre o sujeito com o enunciado “adicione um comentário”, a qual vem juntar-se ao chamamento da revista para que o sujeito enuncie. A segunda regularidade, essa de caráter icônico e estético, é a possibilidade de o sujeito internauta dar uma resposta apenas icônica, possibilitada pela tarja que oferta *emoticons* sobre a caixa de texto.

Análise dos quadros 1 e 2

Os comentários principais, ao topo dos quadros 1 e 2, possuem certa regularidade discursiva sintomática da hipertrofia do imaginário nas redes sociais. São eles: “Essa capa se encaixa para o exato momento do país! Viva Bolsonaro, viva Paulo Guedes!” e “Graças a Deus tiramos a esquerda do poder, afinal todos sabem que só o capitalismo faz um país crescer! Obrigado BOLSONARO!”

Entendemos que ocorre aqui um funcionamento duplo do imaginário do sujeito internauta: o primeiro, como analisamos e discutimos na sessão anterior, é a demanda de que o imaginário preencha as lacunas contextuais da informação que circula no digital. Por mais que nessa publicação haja os dados contextuais básicos, como a fonte da informação (revista Exame) e a data de sua publicação (2009), a informação visual da capa é sucinta e está aberta a diferentes efeitos de sentido que podem ser colados ao presente, na tônica do gesto de leitura digital.

O segundo funcionamento desse imaginário hipertrofiado ocorre aqui na sua acepção tradicionalmente dada pela teoria do discurso: a do fechamento ideológico do sentido. Assujeitados, portanto, à formação ideológica da direita e ao personalismo político, com a necessidade de exaltar com “vivas” e agradecimentos a um personagem político tomado como o ordenador (imaginário) desse real sócio-histórico colapsado por crises estruturais, esses sujeitos fecham o efeito de sentido da capa da revista a esse significante “Bolsonaro”.

Dentre as respostas, duas chamam atenção em especial. No quadro 1, a terceira resposta ao comentário principal é enunciada em sua defesa às duas respostas anteriores que lembram a data da capa da revista: “ele disse que a capa se encaixa para o exato momento, isto é, ele viu que é de 2009.” Se o imaginário funciona como uma estrutura ordenadora do discurso que “encaixa” significantes para domar o simbólico e aliviar a angústia do *real* da história, estando hipertrofiado, o que vale como efeito de sentido é o seu “encaixe”, nada mais. É portanto, indiferente se o sujeito empírico efetivamente “viu” ou não que a informação da publicação é de 2009. O que interessa aqui, como processo discursivo, é esse “encaixe” do que “se ajusta bem à paisagem” (DUNKER, 2017, p.35).

No segundo quadro, por sua vez, há a resposta de um “outro” que chama a atenção: “bolsominions tem dificuldades de ler, interpretar e caciocinar.” Esse outro apresenta, ele também, uma imagem hipertrofiada, belicosa do “bolsominion”: constrói, pelo não-dito, a imagem de um “leitor ideal” com a “facilidade de ler, interpretar e raciocinar”. Mais uma vez aqui, esse imaginário de “leitor ideal” aparece em contraste com a materialidade digital: o que ele ignora pelo assujeitamento à ordem discursiva digital, é que essa materialidade ressignifica o gesto de leitura e seus processos de produção de sentidos, ao passo em que esse sujeito se sente mais coeso e bem informado que nunca.

Análise dos quadros 3 e 4

Os quadros 3 e 4 também possuem relações discursivas de sentido. A primeira e mais sintomática delas é a angústia reativa à “desordem” e que busca desesperadamente por uma organização do *real*:

1- A principal mudança foi a saída do PT junto com seu palhaço de circo, onde o Brasil retoma o crescimento rumo a novas conquistas com uma liderança mais centrada estratégica e liberal, que vem desmanchando a falsa liberdade e igualdade que ativistas vem pregando no mundo e destruindo os valores e a história da humanidade com seus desprovidos aparatos de loucura causando o caos no mundo.

2- A principal mudança é que agora sim temos um governo. EM 2019!!!! e não em 2009... as notícias são atuais, mas as capas atuais não refletem a realidade.. PQ????

3- Resumo: PT levou apenas 8 anos (2010 a 2018) pra f.... Com todo mundo.

O contraste entre as duas últimas décadas, aqui materializado nesses três comentários que respondem à pergunta da revista “quais foram as principais mudanças para você”; constrói-se discursivamente entre um passado de “circo”, desgovernado cuja liderança política levou pouco tempo para “f.... Com todo mundo”, “destruindo os valores e a história da humanidade com seus desprovidos aparatos de loucura causando o caos no mundo”; e um presente em que “o Brasil retoma o crescimento rumo a novas conquistas com uma liderança mais centrada estratégica e liberal” já que “agora sim temos um governo” que marca o ano de 2019 como um momento histórico de “profunda transformação”.

Se levamos em consideração que os enunciadores dos comentários (1) e (2) analisados acima, leram a descrição da foto publicada pela página da Exame, uma vez que a respondem textualmente com o trecho “a principal mudança”, entendemos que essa “leitura completa” da informação pouco efeito tem sobre os efeitos de sentido produzidos na sua interação com essa publicação digital, uma vez que para o sujeito do imaginário hipertrofiado, apenas vale o que “se ajusta bem à paisagem” que ele deseja e da qual precisa desesperadamente.

Além dessa memória histórica cheia de furos e apagamentos, simplista e maniqueísta, que apaga as contradições e complexidades da última década, o que entendemos como um sintoma da ordem do discurso digital correspondente à “linguagem esquizofrênica” (EVANGELISTA, 2007); é perceptível também uma outra regularidade discursiva relacionada agora a formas linguísticas extremamente sucintas e sistematicamente coladas a um significante:

4- É Bolsonaro

5- Efeito Bolsonaro

O comentário (4) é uma oração de predicado nominal que possui apenas o sujeito: a estrutura sintática que seria o predicativo desse sujeito da oração, “(a mudança) é Bolsonaro” está apagada, implícita no imaginário do seu enunciador. Além disso, esse predicativo cola-se a esse sujeito da oração a partir do gesto de leitura funcionalizado que esse enunciador faz da capa da revista.

Já o segundo comentário é uma frase nominal: não possui verbo, mas apenas um conceito, o “efeito” causado por Bolsonaro é colado à exclamação de surpresa e

euforia discursivizada na capa da revista Exame. Esse “efeito Bolsonaro”, portanto, não parece ser exatamente o de que “para o Brasil, a crise parece ter ficado para trás”. Ele parece, pelo contrário, ser efeito do imaginário hipertrofiado e profundamente assujeitado a esse significante, evocando-o como a um “trovão de ordem” (DUNKER, 2017, p.39).

Há também, especificamente no quadro 4, um comentário que expressa a lógica de desconfiança sobre as instituições, “um sentimento anti-establishment, anti-mídia tradicional e anti ‘tudo isso que está aí’”¹⁰⁵:

6- A exame faturou muito com petralhada comprando matéria de capa todos os meses do ano.

O posicionamento aqui se inscreve numa lógica seguinte: a única justificativa possível para qualquer arquivo discursivo que retome a memória histórica de que o “Brasil voltou a crescer” e “superou uma crise financeira” há dez anos atrás, é a de que houve beneficiamento financeiro da instituição que o veicula. O significante “petralhada” é sintomático da associação de uma “esquerda perigosa” à corrupção: segundo o dicionário online colaborativo *Dicionário Informal*¹⁰⁶, o primeiro significado para esse termo, com 1802 curtidas: “1- Petralha: Indivíduo que tem as atitudes do PT e dos Irmãos Metralha”; seguido de “2- Petralha”:

Indivíduo cuja mentalidade é tão atrasada, imoral, anti-ética, fora de lógica, bom senso e carecendo de um mínimo de leituras e estudos, que apoiam a bandidagem de Lula e de seus companheiros do PT. **Petralha** é, pois, a contração da palavra petista com a palavra metralha (dos irmãos metralhas, que roubavam e viviam atrás das grades, nos quadrinhos da Disney). (1302 curtidas)

Ambas as definições dadas acima pelo dicionário colaborativo online datam de 2007, um ano após o vazamento do escândalo do Mensalão, no qual o PT, então partido governista, estava envolvido. Essa data é significativa para mostrar que o atual “ódio ao PT e à esquerda” não é algo recente¹⁰⁷: muito pelo contrário, nutre-se

105 “Sua tia não é fascista, ela está sendo manipulada”, publicado em 08 de outubro de 2018 no “portal de esquerda” Carta Maior, por Rafael Azzi. Disponível em <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Eleicoes/Sua-tia-nao-e-fascista-ela-esta-sendo-manipulada-/60/41968>> Acessado em 11 jan. 2020.

106 Disponível em < <https://www.dicionarioinformal.com.br/petralha/> > Acessado em 13 jan. 2020.

107 “Não podemos reduzir tal fenômeno de avanço do pensamento e da ação política da direita aos acontecimentos que marcaram o ano de 2015, com as manifestações pró-*impeachment* da presidente Dilma Rousseff. Esse é um processo de reorganização das classes dominantes que lança suas raízes

no imaginário popular há mais de uma década desde os primeiros escândalos de corrupção do partido, mas irrompe com mais violência e força apenas 13 anos depois, após uma profunda crise econômica, novos escândalos, orquestras jurídico-políticas-midiáticas, grandes protestos nacionais e sua alimentação na materialidade digital, num processo complexo, dinâmico e contraditório que não pode ser desconsiderado ou simplificado, como muitas vezes faz a esquerda.

Por fim, há um comentário que expressa um estado de ânimo de descrença de desilusão absolutos, de um sujeito que parece viver o insuportável do qual o imaginário foge:

7- Poxa ninguém entende mesmo... uma pena! Nosso país foi destruído, continua sendo, continua na mão de pessoas sem preparo. Nada vai mudar nos próximos 3 anos.

Por fim, o imaginário hipertrofiado que preenche as lacunas da leitura digital e sua equivocidade, não é exclusivo dos “bolsominions” que “tem dificuldade de ler, interpretar”. Trata-se, sim, de um processo histórico amplo e não necessariamente novo: a materialidade discursiva em que ocorre é que funciona com uma ordem específica que buscamos analisar nesse trabalho, de modo que a temporalidade da materialidade impressa da revista não é a mesma no digital.

Quarta análise do grupo B – A imagem digital e o acontecimento a partir do imaginário hipertrofiado

Nessa última análise pretendemos analisar como se dá o gesto de leitura do sujeito do imaginário hipertrofiado sobre uma imagem que circula na materialidade digital e discutir, assim, como essa ordem discursiva age sobre o acontecimento: o embate entre um texto ou imagem a ser lido e uma memória.

em meados dos anos 80 [com o processo de abertura política] e que tem como uma de suas manifestações o surgimento de um novo *modus operandi* de ação político-ideológica. Essa representação política não partidária dos segmentos da direita liberal conservadora, atualizada, militante e, muitas vezes, truculenta, configura-se, portanto, como aparelhos privados de hegemonia, cuja ação foi ganhando amplitude e intensidade, assim como foi radicalizando seu discurso ao longo do tempo.” (CASIMIRO, Flávio. p.41-2) In: GALLEGOS, E. [et al.] **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. (Coleção Tinta Vermelha)

Arquivo 17 - “Essa foto me diz muito.”



O arquivo digital 17 (*Screenshot_20190528-145802_LI*) foi registrado no dia 28 de maio de 2019, a partir da cena genérica do *story* do *Instagram*. No caso específico dessa publicação, trata-se já de um *print* anterior: uma imagem postada no *Facebook* com um comentário relacionado a ela. Aqui, mais uma vez, há a especificidade da cenografia digital e a dinâmica do seu funcionamento: há várias camadas de imagens *mises-en-scène*, no sentido de que uma materialidade (a cena genérica do *post* do *Facebook*) se imbrica na outra (a cena genérica do *stories* do *Instagram*) numa espécie de compósito digital denso de significações em bloco.

Esse embricamento já traz em si um gesto de leitura e deslizamentos de sentido específicos do digital, uma vez que o ato anônimo do registro desse *frame* do *Facebook* já se constitui como uma escolha específica de algo a se enunciar. Seguindo esse raciocínio, o compartilhamento desse mesmo *print* nos *stories* do

Instagram se constitui como um segundo gesto técnico de enunciação, uma forma específica de mostrar e dizer sobre a imagem do *Facebook*.

Dentro do *print* do *Facebook*, há ainda mais uma camada de informação em imagem: a foto digital tirada na rua, durante os protestos do dia 26 de maio de 2019 convocados pelo e em apoio ao governo Bolsonaro; sobre a qual se fez o comentário presente logo abaixo. Pouco se sabe da origem dessa imagem, do caminho que ela fez por entre tais redes sociais, seu autor etc. no momento em que a mesma é captada pelo olhar de um internauta num *story* do *Instagram*. Embora essa “arqueologia digital” seja mais ou menos possível de ser feita por meio de programas de rastreamento de postagens nas redes, o que interessa aqui é refletir sobre o momento, o instante do olhar fugaz entre um sujeito internauta e a imagem.

A fotografia

Ao analisarmos especificamente a fotografia compartilhada no *Face*, são perceptíveis três pessoas à direita com camisetas que fazem menção ao chefe do poder executivo, Jair Bolsonaro: uma amarela com seu busto, outra preta com seu nome e uma terceira de cor amarela com detalhes em verde. À esquerda, há uma pessoa negra em situação de vulnerabilidade social que dorme na calçada sobre uma coberta azul e sob outra marrom.

O enquadramento da imagem, por sua vez, divide simetricamente as personagens descritas anteriormente, focalizando o espaço que as separa ao centro. A linha branca da fachada da loja ao fundo do cenário, bem como a perspectiva das suas linhas ao chão, que marcam a esquina da calçada, ajudam a separar visualmente as duas situações da foto. A imagem, portanto, produz um efeito de sentido simetricamente dicotômico, realçado ainda pela diferença de iluminação das três pessoas à direita em contraste com o rapaz negro deitado no chão à esquerda, com um fundo escuro e menos iluminado.

Há também o detalhe de que os fotografados à direita sorriem focalizando o olhar diretamente para a câmera em contraste com os olhos fechados e indiferentes à foto da pessoa negra que dorme ao chão. O contraste entre os semblantes nos rostos e a postura de participação e interação com o ambiente, portanto, é significativa.

Por quê então, uma escolha estética tão simetricamente dicotômica e não outra em seu lugar para ser posta em circulação?¹⁰⁸ O que a escolha desse ângulo específico, da maneira como se configurou a fotografia, diz sobre esse registro? Haveria algum inconsciente estético por trás dessa simetria? O que essa imagem intenciona mostrar? A gritante e absurda desigualdade social do país ou algo mais que pode ser captado em outros gestos de leitura?

A linguagem quantitativa

Outro fator a ser analisado é o paradigma da linguagem digital quantitativa Han (2018a). Na instância do *Stories*, há o dígito “4h”, aludindo ao fato de que já se passaram quatro das 24 horas de duração do arquivo compartilhado nessa mídia. Já na instância da cena genérica da postagem do *Facebook*, há dígitos mais interessantes quanto aos pontos de deriva do significante digital, aos quais retornaremos mais detidamente após a análise do comentário à imagem:

- Há o dígito 2.787 que alude à quantidade de interações não verbais com a imagem, acompanhado (na ordem decrescente da esquerda para a direita) dos ícones “curtir”; “triste” e “Grr”, segundo a nomenclatura oficial utilizada pelo *Facebook*;
- Há o dígito “615 comentários” (qual a finalidade de se quantificar comentários?);
- Há o dígito 24 que alude à quantidade de interações não verbais com o comentário escrito abaixo da imagem, acompanhado (na ordem decrescente da esquerda para a direita) dos ícones “Grr”; “curtir” e “amei”, segundo a nomenclatura oficial utilizada pelo *Facebook*.

O comentário à publicação do Facebook

Sobre a parte verbal, o enunciado presente na caixa de comentários é dividido em dois períodos: “Essa foto me diz muito. ENQUANTO uns dormem outros lutam pelo bem do seu país.” No primeiro período há a referência explícita à imagem da foto e um significante em aberto: o advérbio “muito”. A frase, portanto, sem o

108 Sobre essa questão específica acerca a circulação da foto, não se trata de buscar “desvendar” a veracidade dessa imagem ou sua forma estética original, mas sim questionar por que essa forma dicotômica é a que obteve sucesso para a circulação nas redes sociais.

complemento verbal, sem o objeto sintático que é efetivamente dito, fica apenas com a intensidade adverbial em aberto do “muito”. Trata-se do imaginário do sujeito que, da mesma forma com que fecha a interpretação da imagem em sua fugaz apreensão, fechará também o sentido do significante “muito”, à deriva de significações. É importante registrar que não há amarração entre os dois períodos por meio de um síndeto: a constatação é objetiva, curta e direta e, talvez isso também, explique a viralização desse comentário.

A paráfrase que desdobra o intenso “muito” que é dito, adicionando à frase anterior o objeto sintático que nela falta, é feita no período seguinte, com a conjunção “enquanto”, marcada em caixa alta e regendo a sintaxe de subordinação entre “uns dormem” e “outros lutam pelo bem do país.” Tal estrutura subordinada temporal possui caráter argumentativo de comparação dicotômica e maniqueísta entre dois grupos imaginários em contraste, o que parece reproduzir de forma automatizada e irrefletida o gesto de leitura da disposição imagética da foto, de modo que a caixa alta do advérbio pode significar o “absurdo evidente” da coexistência de ambas realidades.

A falta da vírgula entre a oração subordinada e a principal desse segundo período, por sua vez, parece ser algo mais do que o mero desconhecimento da regra gramatical se levamos em consideração a ordem do discurso digital: mesmo que muitas vezes equivocadas, as vírgulas costumam ser usadas para marcar pausas prosódicas na escritoralidade digital, o que imitaria uma situação de fala oral. Sustentamos, portanto, que a falta de vírgula entre essas orações, bem como a falta de um síndeto entre os períodos desse comentário sejam sintoma também da velocidade, intensidade e da funcionalidade da linguagem digital, tanto na leitura/consumo de imagens quanto na sua enunciação.

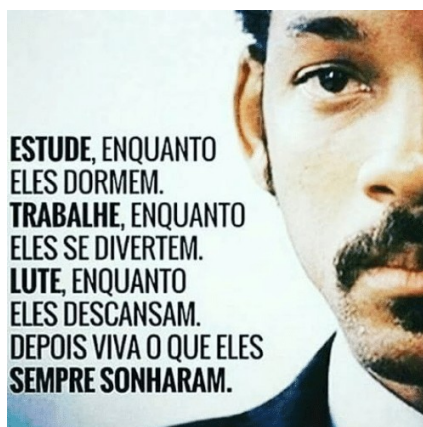
No segundo período, por fim, há significantes que se abrem em novos pontos de deriva ao parafrasearem o dito anterior: “dormem” em contraste antitético a “lutam” e “bem” em um possível contraste com “mal”, presente pelo não-dito.

As condições de produção do enunciado

Considerando-se as condições de produção¹⁰⁹ dos protestos pró governo do dia 26 de maio, o significante “bem do país” parece relacionar-se com os projetos do ministro da Justiça, Sergio Moro, denominado “pacote anticrime”, e do ministro da Economia Paulo Guedes, de austeridade do orçamento público e privatização irrestrita dos bancos estatais e da Petrobrás. Houve também nesse protesto reivindicações contra o Supremo Tribunal Federal (STF) (dentre elas, seu fechamento) e contra o “centrão” da Câmara Federal, representado pelo presidente da casa, Rodrigo Maia, que foi alvo preferencial por conta de seus desentendimentos políticos com o chefe do executivo, Jair Bolsonaro.

Pesquisando o pré-construído no Google: uma busca da memória digital através da memória metálica

Arquivo 18 – A “luta à procura da felicidade”¹¹⁰



Esse é o caminho do sucesso

Uma rápida pesquisa¹¹¹ dessa estrutura frasal na ferramenta de buscas da Google - “enquanto uns dormem outros” - se faz oportuna para o entendimento dos

109 Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48422111>> “7 conclusões após os protestos pró Bolsonaro” (27/05/2019). Acessado em 20 jun. de 2019.

110 Disponível em: <<https://me.me/i/estude-enquanto-eles-dormem-trabalhe-enquanto-eles-se-divertem-lute-9668733>> Acessado em 20 jun. de 2019.

111 Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=enquanto+uns+dormem+outros&rlz=1C1NDCM_ptBRBR788BR788&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=fEVM8pYU74NIIM%253A%252CFpi_hveNIQrKmM%252C_&vet=1&usg=AI4_kTil33ef2KG2ER4tH2VJXU2y34fw&sa=X&ved=2ahUKEwiUidar0fjiAhX7GrkGHStsBToQ9QEWAHoECAAQBA#imgrc=_&vet=1> Acessado em 20 jun. de 2019.

espaços e formações discursivas em que circulam variações desse dizer e que discursos ele reverbera. Dois dos cinco primeiros resultados da busca (e considerando-se aqui o trabalho dos algoritmos dessa plataforma de selecionar o que está “em alta” circulação) foram recortados.

O arquivo 19 (primeiro resultado geral do *Google Imagens*) é um iconotexto que reúne um enunciado verbal de estrutura similar à do comentário analisado, junto do rosto do empresário negro norte-americano Chris Gardner, personagem principal do filme *À procura da felicidade* (2006)¹¹², interpretado por Will Smith. Na trama, o pai de família que vive em São Francisco (EUA) nos anos 80, enfrenta sérios problemas financeiros a ponto de ser deixado pela esposa e perder o apartamento alugado, sendo forçado a ir morar com o filho pequeno em abrigos populares.

Após empreendimentos fracassados e muito esforço, Chris consegue um emprego numa agência financeira, na qual se destaca por sua alta produtividade a ponto de ser promovido a sócio de seus patrões. Atualmente, o “milionário” é referência no mundo dos negócios por seu mérito e experiência, como mostra a matéria publicada pelo site *Infomoney*¹¹³: “De sem-teto a milionário: homem que inspirou o filme *À Procura da Felicidade* divide seu maior conselho”.

O enunciado verbal da imagem, por sua vez, traz repetidamente a estrutura sintática subordinada temporal com a presença de três conjunções “enquanto”. Os significantes “estude”, “trabalhe” e “lute” parecem compor, numa mesma formação discursiva, um grupo semântico comum para o significante “lutam” do comentário presente no *print* do *Facebook* aqui analisado. Essas palavras estão em contraste com os significantes “dormem”, “se divertem” e “descansam”, as quais podem ser atribuídas a uma mesma formação discursiva do significante “dormem”, relacionado implicitamente ao homem negro à esquerda da imagem *printada* do *Facebook*.

Há repetidamente, também no enunciado do arquivo 19, a separação imaginária entre o “você” implícito na estrutura verbal das orações, e “eles”. Trata-se, em resumo, de uma separação imaginária entre quem se “esforça” e quem “não se esforça”, um contraste entre um “estilo de vida” calculado entre esforço e

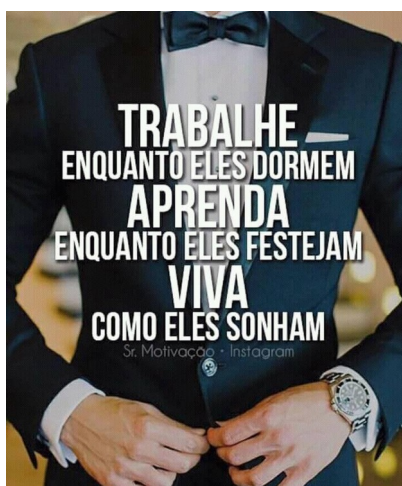
112 Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-54098/vod/>> Acessado em 20 jun. de 2019.

113 Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/carreira/gestao-e-lideranca/noticia/6941877/de-sem-teto-a-milionario-homem-que-inspirou-o-filme-a-procura-da-felicidade-divide-seu-maior-conselho->> Acessado em 20 jun. de 2019.

privações contra outro libidinal e desregrado (que se supõe ser a vida do homem negro à esquerda da imagem compartilhada no *Facebook*), contraste esse que definiria o merecimento exclusivo de se viver uma “vida de sucesso” e “de sonhos”.

Reverberam possivelmente no comentário da imagem do *Facebook*, portanto, os discursos da meritocracia e do *Self Made Man*, presentes na formação discursiva do neoliberalismo atual, voltados para o “sucesso” na gestão de negócios, riscos, empreendedorismo, mercado financeiro e com uma explicação moral e individual para as desigualdades materiais entre os sujeitos de uma formação social.

Arquivo 19 - “Frases de sucesso” do “Sr. Motivação”



A segunda imagem destacada dos 5 primeiros resultados da pesquisa no *Google Imagens* é proveniente de uma página do *Facebook* denominada “Frases de Sucesso”¹¹⁴. Contudo, como consta na mesma, ela parece ser proveniente da página do *Instagram* “Sr. Motivação”¹¹⁵. Esse segundo arquivo digital serve como comprovação empírica das variações de fotomontagem e estrutura verbal que funcionam nessa mesma formação discursiva descrita anteriormente e que alimentam o imaginário social, dentro da materialidade digital. A do arquivo 19, em específico, faz referência a bens de consumo, afirmação de classe social e sucesso, como o *smoking*, o relógio em evidência e a postura ereta do tronco em

114 Disponível em: <<https://www.facebook.com/frasesdesucesso/photos/trabalhe-enquanto-eles-dormem-aprenda-enquanto-eles-festejam-viva-como-eles-sonh/1705084929781179/>> (15.225 seguidores). Acessado em 20 jun. de 2019.

115 Disponível em: <<https://www.instagram.com/sr.motivacao/?hl=pt-br>> (135 mil seguidores). Acessado em 20 jun. de 2019.

conformidade com as mãos num movimento decidido, calculado e sutil de fechar o segundo botão do traje.

Enfim, “enquanto uns dormem outros lutam pelo bem do seu país”, simples!

Retornando ao enunciado do comentário à imagem do *Facebook*, presente no arquivo 17, portanto, parece haver a separação imaginada entre o grupo que abdica dos prazeres da vida pessoal para lutar de forma sofrida (como também no mito cristão) pelo “caminho de sucesso” do país, pelo “Brasil dos sonhos”, exclusivo apenas para os que lutam por ele; e o grupo que “dorme”, “festeja”, “descansa” e “se diverte”, supostamente indiferente quanto ao futuro do país. Aqui, a formação discursiva neoliberal coloniza de forma sutil e bem recheada por fotomontagens que circulam nas redes, o imaginário social e os discursos do campo político que circulam na materialidade digital, gerando indignação contra a “prostração indiferente” dos que não se “esforçam” pelo “bem do seu país.”

A equivocidade da linguagem quantitativa

Se esse gesto de leitura e essa reação indignada à fotografia são possíveis, como definir entre as 2.787 reações icônicas à foto postada, nas reações de “curtir” de “Grr”’s, o que exatamente elas curtem e expressam “raiva” na imagem? Quantas dessas interações poderiam ter curtido a “brava luta” dos “merecedores do Brasil sonhado” e demonstrado indignação contra a “indiferença” dos que vivem uma vida libidinal e desregrada quanto ao “bem do país”? De forma igual, dentre as 24 reações ao comentário feito abaixo da foto, quantos desses “Grr’s” não reafirmam a postura de indignação e discordância do mesmo?

Imagem, imaginário e acontecimento

A partir dessa análise, entendemos que a indignação causada pelo absurdo representado na fotografia compartilhada no *Facebook* varia de acordo com a formação ideológica em que se inscreve o sujeito internauta que se depara com ela, uma vez que esse acontecimento discursivo movimenta memórias e pré-construídos diferenciados que são mobilizados para a significação da mesma.

O que ocorre de mais sintomático nesse comentário que viralizou nas redes, é a forma sucinta com que discursiviza a reação desse sujeito à foto “que diz muito”. Esse “muito” que é dito, não é colocado em palavras pelo sujeito, é apenas desdobrado em uma frase de efeito - “enquanto uns dormem outros lutam pelo bem do seu país” -, tomada de pronto desse pré-construído discursivo que circula pelas redes sociais por meio de fotomontagens. Essa *fórmula discursiva* parece emergir do imaginário hipertrofiado na velocidade da memória metálica da máquina, à qual esse sujeito do está assujeitado e que “face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.” (PÊCHEUX, 2010 [1983], p.52)

O que podemos concluir a partir disso, é que esse acontecimento discursivo no digital, quando se trata do sujeito do imaginário hipertrofiado, ao invés de ressignificar sua filiação ideológica, como no caso dessa fotografia compartilhada no *Facebook*, parece apenas reforçar sua estrutura imaginária submetida à memória repetitiva da máquina, automatizada no gesto de leitura desse sujeito internauta.

Não queremos dizer com isso, por outro lado, que o acontecimento discursivo na materialidade digital jamais trará abertura para a ressignificação de uma formação imaginária, para a alteridade e reflexão crítica. O que precisa ser discutido em profundidade, contudo, é o funcionamento desse gesto de leitura que apenas reforça uma estrutura imaginária cristalizada e fechada para o acontecimento, uma vez que segue produzindo efeitos preocupantes na formação social contemporânea.

Um balanço do que analisamos no grupo B

Nesse segundo grupo, procuramos analisar como se constitui a hipertrofia do imaginário na materialidade digital, tomada como sintoma, dentre outros fatores históricos e sociais, da ordem discursiva dessa materialidade e da forma como o sujeito contemporâneo está assujeitado a ela. Na primeira análise, assim, foi possível perceber como o discurso do imaginário hipertrofiado se materializa nas redes a partir de uma filiação ideológica inflamada a uma matriz ordenadora do real (como os valores cristãos e o mito de unidade da ciência), do descrédito a instituições jornalísticas, de um imaginário fortemente construído sobre um outro tido

como um inimigo e, no caso específico analisado, do tema da sexualidade que inflama a fragilidade imaginária do sujeito.

Na segunda análise, levantamos algumas características básicas da estrutura discursiva das *fake news*, parodiadas em um *tweet* que circulou nas redes, bem como, em complementação à primeira análise, foi possível averiguar mais uma vez a gestão da sexualidade como fator de hipertrofia do imaginário. Além disso, ficou claro que para o sujeito do imaginário hipertrofiado, não apenas a ciência ou a religião são tomadas como estruturas ordenadoras do *real*, mas sim qualquer discurso que se adéque bem à paisagem (DUNKER, 2017), trazendo conforto, segurança e explicações fáceis sobre esse *real*.

Na terceira análise, vimos como o imaginário hipertrofiado do sujeito vem preencher os sentidos da informação rapidamente lida no digital. Foi possível também e discutir o imaginário de “leitor ideal” que circula nas redes, incapaz de perceber que esse outro gesto de leitura, muito mais que o simples contrário de uma “leitura completa”, é consequência da sua resignificação na materialidade digital e na formação ideológica neoliberal, tal qual foi analisado no grupo A.

Na quarta análise, por fim, foi possível levantar como imagens e fotomontagens alimentam o imaginário hipertrofiado do sujeito em rede. Nesse sentido, “a imagem seria um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar” (PÊCHEUX, 2010 [1983], p.51), uma vez que tanto seu processo de produção quanto o de leitura, são ideológicos e, portanto, discursivos. Assim, mesmo que essa imagem seja “real” e não tenha sido “manipulada por recursos digitais”, sua materialidade alimenta o imaginário hipertrofiado, “pois é a imagem que é pesada, imóvel, obstinada (**por isso a sociedade se apoia nela**), e sou ‘eu’ que sou leve, dividido, disperso e que, como um ludião, não fico no lugar, agito-me em meu frasco” (BARTHES, R., 2017 [1980], p.17-18. *Grifo nosso.*)

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre o meu trajeto de escrita

Penso ser importante tecer algumas considerações sobre como foi a minha experiência ao longo desses dois anos de reflexão, estudos e escrita deste presente texto, por um motivo duplo. Primeiro porque entendo que toda análise de um discurso é também uma autoanálise: é o momento de o sujeito analista se colocar como sujeito de suas palavras, incômodos e questões ao longo da escrita. E não se trata aqui de um sujeito com poderes sobrenaturais sobre a interpretação: o sujeito analista está também sujeito à ideologia, ao discurso e aos seus esquecimentos constitutivos.

Em outras palavras, eu sou apenas mais um sujeito assujeitado a essa lógica da aceleração, da otimização constante, do encanto com a tecnologia e com as formas estéticas de impacto que circulam nas redes sociais, sobre as quais discutimos e tentamos gerar algum estranhamento (eu e meu orientador, com sua voz sempre se fazendo presente entre as minhas(!?) palavras) ao longo dessa dissertação. Dessa forma, foi possível perceber com a minha vivência, como o neoliberalismo, através da ferramenta digital, colonizou até mesmo os espaços críticos a ele, como a universidade e, mais especificamente, a pós-graduação, hoje regida por uma ordem ideológica de pontuação e produtividade que, muitas vezes, nos adocece (aos professores e alunos, pois estamos juntos nessa situação).

Sobre a questão das palavras e as vozes que passam por entre elas, vejo o segundo motivo para tecer algumas considerações sobre meu trajeto de escrita. É interessante pensar como uma dissertação de mestrado, mas também o texto, de modo geral, nada mais é do que mais um dispositivo da cultura humana criado para alimentar essa unidade imaginária de um sujeito autor. O que quero dizer com isso, é que após escrever um texto tão longo, percebemos o quão “mágico” é o efeito lógico, cronológico e racional de organização que as estruturas coesivas de um texto têm sobre todas as ideias dispersas, as leituras esvoaçadas em lembranças dos teóricos e suas passagens geniais, as agonias e alegrias, as descobertas e frustrações pelas quais passamos nesses dois anos.

Mas, se por um lado o processo de escrita alimenta essa unidade imaginária de um sujeito, por outro, ele é também terapêutico. Nesse sentido, há um alívio imenso em reelaborar o *real* da vida cotidiana e sua temporalidade acelerada, no tempo da escrita. Dessa forma, mais do que a capacidade de somar palavras, a escrita é o constante exercício de reflexão sobre si mesmo, num outro lugar e num outro tempo. E entendo que é exatamente esse exercício o que está se perdendo na atualidade, justamente porque a escrita, o trabalho com o simbólico, demanda tempo (ou a suspensão dele).

Sobre meu trajeto de estranhamentos

O ano era 2003. Cheguei da escola na incumbência de fazer uma entrevista para responder a um questionário da disciplina de língua portuguesa, cujas questões giravam em torno da escrita na *Internet*. À época, se não me falha a memória, a grande preocupação e discussão que existia sobre as tecnologias digitais e a *Internet* era sobre o “uso correto do bom português”.

Parecia causar espanto o fato de que o espaço virtual 1.0, por não possuir dispositivos de regulação da escrita e postagem de textos, permitisse a circulação de comentários e textos em blogs, mensagens de e-mail e do antigo MSN que não seguissem as normas-padrão do português brasileiro, diferente da imprensa tradicional, dos gêneros escolares e epistolares anteriores a essa tecnologia, onde havia grande circulação de discursos escritos até então.

Na atualidade, contudo, 17 anos depois, a preocupação relativa à língua/linguagem parece ser de outra ordem: quais são os efeitos políticos, históricos, sociais e epistemológicos dessa nova forma de estar na linguagem? Pouco ou quase nada espanta mais a questão da variação linguística digital. Ela foi assimilada e nos acompanha intimamente ao longo do dia em trocas e interações pessoais e institucionais. Ocorre que as mudanças dessa segunda década do século XXI vão além de abreviações e vírgulas fora do lugar.

Essas mudanças nos usos da linguagem que começaram em doses homeopáticas e se entranharam no nosso cotidiano, viraram mais do que a “decadência da alfabetização” no país. Muito pelo contrário, é consensual que se lê e escreve muito mais em tempos de Web 3.0. Essas pequenas mudanças, por sua

vez, geraram uma nova forma de estar na linguagem e na percepção temporal, com uma nova estrutura simbólica, imaginária, cognitiva e afetiva. Essas mudanças têm impacto profundo no mercado de trabalho, nas relações humanas e na política. Sem desmerecê-las, seria bom e acalentador que as regras gramaticais seguissem como a única preocupação sobre a linguagem digital.

É importante ressaltar também que me incomodo com essas questões do digital há, pelo menos, seis anos. Ano após ano, desde 2013, acompanhando por alto, na pressa dos olhos de quem passa o dedo pelas imagens digitais do celular, e participando, também por alto, de protesto após protesto que toma as ruas de Vitória, a favor de governo, contra governo, a favor de pauta, contra pauta, que se afirma ou compete, muitas vezes, em tamanho de número, quantidade de participantes, apenas. Há pelo menos seis anos, venho acompanhando por alto, com as leituras ínfimas e fragmentadas que uma única pessoa é humanamente capaz de fazer no oceano de nós e textos que é a rede; as notícias e suas discussões e polêmicas entre comentários no *Facebook*, com seus *links*, preciosismos e narcisismos.

Há pelo menos seis anos, venho estranhando aquilo. Algo de estranho à natureza do sujeito reside ali e convive conosco, refletindo nossos próprios problemas, limitações e imaginações. Impressões. Há seis anos tenho vivido impressões sobre a coisa. Mas, pelo contrário, falar dela, elaborar frases, lógicas, caçar sentidos navegando pelo buscador do Google, descrever e refletir sobre a vírgula que se escreve transforma a impressão em outra coisa muito mais estranha e ao mesmo tempo palpável, compreensível. Só essa experiência de começar a dizer mais que só pressentir, já valeu a pena na jornada desse trabalho. Talvez seja o que Lacan chamou de “fala plena”, aquela que se faz obrigada a começar a ser entendida por quem mesmo diz. Vira algo mais que só a impressão evanescente que alimenta a imaginação “infantil” do olhar para as telas digitais.

Sobre descrever e interpretar

Passar pelo processo de interpretar e ao mesmo tempo, descrever, portanto, me permitiu ouvir com calma minhas próprias palavras, ver com calma meus próprios olhares, raciocinar com calma meus próprios raciocínios. Saí da posição de

internauta que consome, embora incomodado, para a posição (talvez) de internauta que incomoda, embora continue consumindo serviços e conteúdos digitais até para o pequeno ato de rebeldia. Coisas de estruturas.

É nesse sentido que entendo a grande importância de ter trabalhado à luz do que foi deixado por Michel Pêcheux: a reflexão sobre as estruturas e aquilo que nelas falha, a reflexão sobre as ilusões do humanismo sobre a tecnologia e a informática, o materialismo histórico e seu método dialético que não se prende a estruturas estáticas e busca sempre ir além de eventos empíricos particulares, como as interações pragmáticas em rede, buscando entre elas, regularidades, sintomas comuns. Foi isso o que tentamos realizar nesse trabalho, reunindo um *corpus* a princípio disperso, impossível, desconexo, ilógico, “sem” método.

Acredito que esse tenha sido o maior desafio do trabalho: reunir os arquivos recortados do digital em um *corpus* tanto quanto recortar esses arquivos do universo digital em rede, para descrever e interpretar uma coisa que não sabíamos ainda bem o que era e que só se concretizou no processo mesmo de análises e, depois, de construção desse *corpus*. Esse batimento, portanto, entre descrever e interpretar, também é um batimento entre a teoria e a prática na análise materialista do discurso, sempre aberta a refazer caminhos metodológicos, o que não condiz com sua fama de ser “muito estruturalista, travadona”.

Sobre a hipótese da contradição sobredeterminada entre a abertura e o fechamento de sentidos na materialidade digital

A partir das análises que fizemos sobre esse *corpus*, por sua vez, pudemos constatar alguns processos discursivos que são sintomáticos do presente estado de coisas constituído pela tecnologia digital. A primeira delas, é o fato de que as materialidades discursivas, em particular a materialidade digital que analisamos aqui, mais que apenas a materialização do discurso em contraste dialético com suas condições de produção, também têm profunda influência na constituição da forma-sujeito e na maneira com que ela se relaciona com os discursos e a memória histórica. Em outras palavras, entendemos que no presente, o digital interpela junto ao neoliberalismo o indivíduo a ser sujeito do discurso. Isso não significa que todos os internautas das redes “são neoliberais”. Significa, sim, que as nossas práticas

nessa materialidade (de leitura, de enunciação, de memória, de produtividade etc) servem bem a essa formação ideológica para além da indústria da tecnologia, do mercado financeiro e do *Big Data*, sem que nos demos conta disso.

Foi esse processo que buscamos explorar nas análises do grupo A, recortando arquivos discursivos do universo digital que materializam a construção discursiva desses imaginários aos quais o sujeito internauta está assujeitado: de otimização e aceleração da vida por meio da tecnologia e de que a linguagem (incluindo-se aí todas as suas modalidades) é apenas uma ferramenta de troca de informações a ser consumida e, assim sendo, quanto mais compacta e impactante for a sua apresentação estética, melhores serão seus resultados, o que, por sua vez, mascara a equivocidade da linguagem digital (quantitativa, do dígito).

Também foi possível discutir nas análises desse grupo como é naturalizada a relação do sujeito contemporâneo com as imagens que circulam nas redes sociais e suas formas de “manipulação”, o que vai muito além das *fake news*, uma vez que essa manipulação digital da imagem é aceita e incentivada nessa materialidade por conta de uma mania de otimização estética da vida contemporânea.

Fechamos esse grupo, então, analisando três casos nas redes sociais em que ocorre o que entendemos pela abertura de sentidos da informação digital e os pontos de deriva específicos do significante que circula de forma acelerada e fragmentária nessa materialidade. Pontos de deriva esses preenchidos pelo imaginário dos sujeitos internautas sobre a imagem pública (o *ethos*) de duas *figuras públicas* (essa metáfora não se dá por acaso) e de uma instituição jornalística.

Já a hipertrofia do imaginário, por sua vez, parece estar relacionada a essa mania de otimização e aceleração do sujeito alimentada pelo seu contato com o digital e à abertura de sentidos da informação que nele circula descontextualizada. Esse processo, atrelado à crise estrutural do capitalismo tardio, é que parece ser transplantado para a discussão política. Em outras palavras, a materialidade digital é prática e útil ao sujeito pragmático pela exatidão e velocidade com que funciona a memória metálica, resolvendo muitas de suas demandas cotidianas, mas não dá conta, como nenhuma outra materialidade discursiva, de significar o real da história e do discurso, embora alimente esse imaginário de exatidão e unidade do sujeito através de discursos travestidos de “dado” e “informação” que, por sua vez,

acalmam a sua necessidade do imaginário por um “trovão de ordem” (DUNKER, 2017) que “explique” e “resolva” esse presente *real* histórico.

Foi esse processo que buscamos explorar nas análises do grupo B, a partir das quais ficou clara a fixação do imaginário hipertrofiado em alguns significantes específicos, como “esquerdopatas”, “bolsominions”, “feminazi”, “ideologia de gênero”, “efeito bolsonaro”, e em algumas fórmulas discursivas, como “ENQUANTO uns dormem outros lutam pelo bem do seu país”. É importante ressaltar aqui, por fim, que, conforme levantamos na hipótese, os processos analisados nos grupos A e B estão em relação dialética de causa e sintoma que se interferem mutuamente, sendo, possivelmente, a causa estrutural e latente que talvez torna possíveis tanto o discurso da “pós-verdade” (DUNKER, 2017), quanto o sucesso na circulação das *fake news*.

A partir dessas reflexões iniciais, seria interessante desenvolver futuramente, análises aprofundando as nuances específicas de interação com o digital, da estrutura imaginária e das contradições e heterogeneidades desses grupos políticos e massas digitais de sujeitos internautas filiados a diferentes formações ideológicas (pelas quais passamos de relance nesse presente trabalho). Pretendíamos com isso, de nossa parte, mostrar que qualquer sujeito do discurso é passível de ter sua estrutura simbólica e imaginária reorganizadas na materialidade digital.

Sobre as idealizações

Por fim, é importante dizer que a reflexão crítica aqui proposta sobre o digital não visa o saudosismo pelo passado racionalista típico da alta modernidade (século XIX), que excluiria o afetivo, o estético e o imaginário da linguagem e do político, nem mesmo um pessimismo generalizado sobre novas formas de estar na linguagem digital. Trata-se, sim, de uma revisão crítica do narcisismo tecnocrata e teleológico erigido justamente por essa modernidade e que calha numa idealização ao mesmo tempo política, econômica, comunicacional e epistemológica sobre a tecnologia digital.

Dentre esses idealismos humanistas do digital, penso que os dois primeiros (a idealização política e econômica) já sejam algo que começa a ser repensado e discutido na opinião pública, no sentido de que é notória a não liberdade plena de

ação política dos sujeitos nas redes, tendo em vista a vigilância de dados e algoritmos de direcionamento de conteúdo; bem como é perceptível o processo de monetização de serviços digitais, marketing digital e o monopólio de mercado por empresas do ramo. Essa primeira tomada de consciência é o que Lucia Santaella¹¹⁶ (2016) coloca como o *Pós-digital*, no sentido de que o “termo passou a ser usado para descrever tanto o desencantamento com os sistemas de informação digital e *gadgets* midiáticos quanto este período em que nossa fascinação com esses sistemas e dispositivos tornou-se histórica.” (p.84). E a autora continua:

De fato, depois do fenômeno Snowden, entre outros, na sua revelação dos sistemas digitais de vigilância pervasiva, o desencantamento deixou de ser um fenômeno de nicho para se tornar tão pervasivo quanto a vigilância. Em suma, trata-se agora de uma posição que pode ter um impacto sério em todas as práticas culturais e de negócios que se baseiam em recursos eletrônicos de redes e nos serviços de *internet*. O que se pode garantir, por enquanto, é que essa posição tem afetado sobremaneira as práticas artísticas e a crítica da cibercultura. (SANTAELLA, 2016, p.84)

Diante disso, nosso dever como sujeitos que buscam essa prática de reflexão “crítica da cibercultura”, é o de levar esse conhecimento para fora dos muros do “nicho” acadêmico e, principalmente, para a sala de aula por meio de um letramento digital que ensine mais do que apenas o uso prático dessas ferramentas: que ensine também o aluno a refletir sobre sua relação com essa materialidade. É assim que podemos ressignificar as idealizações imaginárias comunicacional e epistêmica que ainda persistem sobre o digital, o que demanda um trabalho mais profundo de reflexão sobre a linguagem e as formas contemporâneas de construção do conhecimento, na relação cotidiana dessa forma-sujeito do presente estado de coisas, com o *real*. Acredito que seja neste “tronco que está o coringa do baralho”.

116 Professora titular na pós-graduação em Comunicação e Semiótica, na pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (PUC-SP) e livre-docente em Ciências da Comunicação pela USP.

7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado** (*Notas para uma pesquisa*). (p.251-294). In.: **Sobre a Reprodução**. - 2ª ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008 [1970].
- BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. - [Edição especial]. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017 [1980].
- BAUMAN, Z. **Prefácio**. (p.7-24). In.: **Modernidade Líquida**. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CASTELLS, M. **Prefácio: Articular mentes, criar significado, contestar o poder**. [p.11-26]; **6. A transformação do mundo na sociedade em rede** [p.161-178]; **7. Para além da indignação, a esperança: Vida e morte dos movimentos sociais em rede** [p.179-181]; **Posfácio à edição brasileira** [p.182-186]. In.: **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- COURTINE, J.J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. - São Carlos: EdUFSCAR, 2014 [1980].
- D'ANCONA, M. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. - 1ª ed. - Barueri: Faro Editorial, 2018 [2017].
- DIAS, C. **Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. - 1ª ed. - Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- DIAS, C. **Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus**. REVISTA ESTUDOS LINGUÍSTICOS, São Paulo, 44 (3): p. 972-980, set.-dez. 2015. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1030>> Acesso em 28 nov. 2018.
- DUNKER, C. **Subjetividade em tempos de pós-verdade** [p.9-41]. In.: DUNKER, C. [et. al] **Ética e Pós-verdade**. - 1ª ed. - Porto Alegre: Dublinense, 2017.
- EVANGELISTA, E. **Teoria Social Pós-Moderna: introdução crítica**. - 1ª ed. - Porto Alegre: Sulina, 2007.
- FIGUEIRA, L. **Não há discurso sem ideologia(s)**. [p.243-259]. In.: PAULA, L. [org.] **Discursos em perspectiva: humanidades dialógicas**. - 1ª ed. - Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014. - (*Série Estudos da Linguagem*)

- GALLEGO, E. [et al.] **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil.** - 1ª ed. - São Paulo: Boitempo, 2018. (Coleção Tinta Vermelha)
- GALLO, S. **Discurso e novas tecnologias de informação** [p.345-356] In.: NAVARRO, P. e BARONAS, R. (orgs.) **Sujeito, texto e imagem em discurso.** - 1ª ed. - Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- HAN, C. **No enxame: perspectivas do digital.** - 1ª ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2018a. [2013]
- HAN, C. **Psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder.** 1ª ed. - Belo Horizonte, MG: Editora Âyiné, 2018b. [2014]
- HARVEY, D. **A loucura da razão econômica: Marx e o capital no século XXI.** - 1ªed. - São Paulo: Boitempo, 2018.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação.** - 3ª ed. - São Paulo: Cortez, 2004.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso e Análise do Discurso.** - 1ª ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MAINGUENEAU, D. **Michel Pêcheux: três figuras.** p.79-91. In.: BARONAS, R. e KOMSEU, F. (orgs.) **Homenagem a Michel Pêcheux: 25 anos de presença na análise do discurso.** Campinas, SP: Mercado das letras, 2008.
- MALDIDIER, D. **A Inquietação do Discurso: (Re)ler Michel Pêcheux hoje.** Tradução: Eni P. Orlandi. -1ª ed. - Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.
- MARICATO, E. [et. al] **Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram o Brasil.** - 1ª ed. - São Paulo: Boitempo : Carta Maior, 2013. (Coleção Tinta Vermelha)
- MORAES, D. **Crítica da mídia e hegemonia cultural.** - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2016.
- ORLANDI, E. **Segmentar ou recortar?** p.9 - 26. In: **Linguística: questões e controvérsias.** - 1ª ed. - Uberaba: Faculdades integradas de Uberaba, 1984.
- PÊCHEUX, M. **Análise automática do discurso (AAD-69).** (p.61-161). In.: GADET, F. [et al.] **Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux.** - 3ª ed. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997a.
- PÊCHEUX, M. **Ler o arquivo hoje** [p.55-66] In.: ORLANDI, E. [org.] **Gestos de leitura: da história no discurso** - 2ª ed. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997b. [1982].

- PÊCHEUX, M. **O Discurso: estrutura ou acontecimento?** Tradução: Eni P. Orlandi. - 4ª ed. - Campinas: Pontes Editores, 2006.
- PÊCHEUX, M. **Papel da memória.** (p.49-56). In.: ACHARD, P. [et al.] **Papel da memória.** - 3ª ed. - Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** - 3ª ed. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997c. [1975]
- SAFATLE, V. **Introdução a Jacques Lacan.** - 4ª ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- SANTAELLA, L. **Temas e dilemas do pós-digital: A voz da política.** - 1ª ed. - São Paulo: Paulus, 2016.
- SOUZA, J. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato.** - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Leya, 2017.
- TIBURI, M. **Como conversar com um fascista.** - 13ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2018. [2015]
- ZIZEK, S. **O violento silêncio de um novo começo.** [p.15-25]. In.: HARVEY, D. [et. al.] **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas.** - 1ª ed. - São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.
- ZIZEK, S. **Primeiro como tragédia, depois como farsa.** - 1ª ed. - São Paulo: Boitempo, 2011, [2009].
- ZIZEK, S. **Como Marx inventou o sintoma?** (p.297-330). In: **Um mapa da ideologia.** - 1ª ed – Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.